

TATIANA LIMA DE ALMEIDA

***HUPOMNÊMATA: REGISTRO DE HISTÓRIAS DE VIDA DE ADOLESCENTES
EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL COMO ESCRITA DE SI***

**Campinas
Faculdade de Educação – UNICAMP
2011**

TATIANA LIMA DE ALMEIDA

***HUPOMNÊMATA: REGISTRO DE HISTÓRIAS DE VIDA DE ADOLESCENTES
EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL COMO ESCRITA DE SI***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Orientadora: **Prof^a Dra. Áurea Maria Guimarães**

Universidade Estadual de Campinas

Campinas

Faculdade de Educação – UNICAMP

2011

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

AL64h Almeida, Tatiana Lima de.
Hupomnêmata: registro de histórias de vida de adolescentes em acolhimento institucional como escrita de si / Tatiana Lima de Almeida. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientadora: Áurea Maria Guimarães.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Foucault, Michel, 1926-1984. 2. História de vida. 3. Caderno de notas. 4. Cuidado de si. 5. Instituição social. I. Guimarães, Áurea Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

11-014/BFE

Título em inglês: Hupomnêmata: record life stories of teens in residential care as self writing

Keywords: Foucault, Michel, 1926-1984; Life history; Writing pad; Self care; Social institutions

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Áurea Maria Guimarães (Orientadora)

Profª. Drª. Dirce Djanira Pacheco e Zan

Prof. Dr. Marcio Aparecido Mariguella

Prof. Dr. Odilon José Roble

Data da defesa: 25/02/2011

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: tati_tla@yahoo.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Hupomnêmata: registro de historia de vida de adolescentes em acolhimento
institucional como escrita de si**

Autor: Tatiana Lima de Almeida
Orientadora: Áurea Maria Guimarães

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
defendida por Tatiana Lima de Almeida e aprovada pela
Comissão Julgadora.

Data: 25 de fevereiro de 2011

Assinatura: Áurea M. Guimarães
Áurea Maria Guimarães - Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:

[Assinatura]

[Assinatura]

Dedico este trabalho à minha família Aelson, Edwiges, Leonardo, Pedro, Julia, Jefferson, Davi, Lázaro e, em memória, à minha avó Irene.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos adolescentes que participaram deste processo comigo, por se revelarem tão receptivos e participativos.

À minha Orientadora, Prof^ª. Áurea Maria Guimarães, pelo incentivo, pela paciência, pela orientação, mas, principalmente, por acreditar em mim e neste trabalho.

Aos membros da banca, Prof^ª. Dirce Djanira Pacheco e Zan, Prof^º. Márcio Aparecido Mariguela, Prof^º. Odilon José Roble, por aceitarem participar e contribuir na construção deste trabalho.

À minha mãe, Edwiges, por me ajudar com minhas angústias, pelo apoio e incentivo desde o projeto inicial e, ainda, pela exaustiva revisão sem a qual este trabalho não teria a mesma qualidade.

Ao meu marido, Aelson, por ser tão companheiro ao me incentivar, tolerando e suprimindo minha ausência junto aos filhos.

Aos meus filhos, Léo, Pedro, Julia e Jefferson, por se mostrarem tão carinhosos e especiais.

A meu irmão, Davi, e ao Lázaro, por toda ajuda nos momentos difíceis.

À Eduarda, que cuidou tão carinhosamente de meus filhos.

Aos colegas do grupo VIOLAR, Jú, Elise, Teresa, Zé, Ivani, Nathália, que contribuíram com a discussão e reflexão acerca deste trabalho.

À minha colega, Carol, que viabilizou minha entrada na entidade para a realização dos encontros.

Aos coordenadores e funcionários do abrigo, que me receberam com respeito e atenção durante o período de realização das atividades.

Às enfermeiras, Viviane, Fernanda e Roseane, que cuidaram tão atenciosamente de minha avó para que eu pudesse me dedicar à escrita.

À minha avó, Irene, que sempre esteve e permanecerá tão presente em minha vida.

À UNICAMP, aos funcionários e professores da FE, em especial à Prof^ª. Dra. Rosely Palermo Brenelli e à Nadir, da secretaria da pós-graduação.

Ao CNPQ, por ter possibilitado e financiado esta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação abordou a questão de adolescentes em acolhimento institucional, e buscou averiguar em que medida os registros das histórias de vida de jovens abrigados constituem uma escrita de si. De acordo com o Instituto de Pesquisas Avançadas (2003), o censo nacional de abrigos revelou a existência de cerca de 20.000 crianças e adolescentes abrigados no Brasil, sendo que 87% têm família. O período estimado de abrigamento varia entre sete meses a cinco anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) indica em seu Art. 101, Parágrafo único, que o abrigo só deve ser utilizado como recurso para a proteção de crianças e adolescentes em caráter provisório e excepcional, utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta. No entanto, o que se observa, atualmente, são crianças e adolescentes que permanecem durante anos em entidades aguardando voltar para suas famílias de origem ou serem encaminhados para famílias substitutas. Esse longo período de permanência em instituições de acolhimento compromete a manutenção dos vínculos familiares e, conseqüentemente, a continuidade de uma memória ou uma história de vida registrada. Em geral, os registros feitos sobre a história de vida desses sujeitos são realizados em prontuários pelos adultos que os acompanham, no entanto, na maior parte dos casos não há registros sobre os desejos, as impressões, as lembranças. O embasamento teórico utiliza o referencial de Michel Foucault sobre a escrita de si, que afirma esta atividade como o registro de movimentos interiores, pensamentos, desejos e ações daquele que escreve. Foucault remete a ideia de *hupomnêmata*, que na Antiguidade, era utilizado pelos Gregos como forma de registro material da memória e assumia a forma de diários e cadernos constituídos a partir de diferentes elementos como desenhos, lembranças, reflexões. Para Foucault (2006a) a escrita de si configura um cuidado de si que permite a constituição do sujeito. O trabalho foi realizado por meio da construção de diários com adolescentes abrigados, no município de São Paulo. As atividades consistiram em quinze encontros regulares temáticos nos quais estes jovens puderam registrar conteúdos como: lembranças, impressões e sentimentos. Este processo foi descrito, neste trabalho, no formato de uma narrativa e utilizou a teoria da História Oral de Vida de José S. B. Meihy (1991) que propõe a transcrição, textualização e transcrição do material obtido. No decorrer do texto é possível entender de que maneira a técnica de Meihy foi adaptada para esta proposta possibilitando um formato diferente de construção do trabalho. Tal processo permitiu a criação de espaços nos quais possibilitou-se o aparecimento dos sujeitos.

Palavras-chave: Michel Foucault; acolhimento institucional; histórias de vida; *hupomnêmata*; escrita de si; cuidado de si.

ABSTRACT

This dissertation addressed the issue of adolescents in residential care, and sought to ascertain the extent to which records the life stories of young people are housed in a self writing. According to the Institute for Advanced Research (2003), the national census revealed the existence of shelters for some 20.000 children and adolescents sheltered in Brazil, and 87% have family. The estimated period of institutionalization varies from seven months to five years. The Status of Children and Adolescents indicates in its article 101, paragraph one, the shelter should only be used as a resource for the protection of children and adolescents in a provisional and exceptional basis, usable as a way to transition to placement in a foster family. However, what is observed today are children and adolescents who remain in institutions for years waiting for their families back home or being sent to foster families. This long period of stay in institutions committed to maintaining family ties and therefore the continuity of a memory or a history of life recorded. In general, the records made on the life history of these subjects are held in records by the adults who accompany them, however, in most cases there are no records on the desires, perceptions and memories. The theoretical referential use of Foucault's writing about himself, says that this activity as the registration of interior movements, thoughts, desires and actions of the person writing. Foucault refers *hupomnêmata* the idea that in ancient times, was used by Greeks as a way to record material from memory and took the form of diaries and notebooks made from different elements such as drawings, memories, reflections. For Foucault (2006a) writing for oneself a self care that allows for subjectivity. The work was accomplished through the construction of sheltered daily with adolescents, in São Paulo. The activities consisted in fifteen thematic regular meetings in which these young people were able to record content such as: memories, impressions and feelings. This process was described in this work in a narrative form and used the theory of Oral Life History of Joseph S. B. Meihy (1991) proposes that transcription and trans textualization of the material. Throughout the text one can understand how the technique was adapted for this Meihy proposal allowing a format other than construction work. This process allowed the creation of spaces where possible to the appearance of the subjects.

Keywords: Michel Foucault; residential care; life histories; *hupomnêmata*; self writing; self care.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Asilo dos Expostos Sampaio Viana.....	04
Figura 2 - Roda dos Expostos – São Paulo.....	10
Figura 3 - Roda dos Expostos de Salvador, também conhecida na cidade como a Roda dos Enjeitados.....	11
Figura 4 - Amas de Leite da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e as crianças por elas cuidada.....	12
Figura 5 – Ilustração de uma mãe colocando o filho na Roda	14
Figura 6 – Bilhete deixado pela mãe.....	15
Figura 7 – Livro de “Matrícula dos Expostos”.....	16
Figura 8 – Folha de “Matrícula do Exposto”.....	17
Figura 9 – Livros de Matrícula dos Expostos na prateleira do Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.....	18
Figura10 – Janusz Korczak.....	25
Figura 11 – Monumento em homenagem à Janusz Korczak.....	27
Figura 12 - Foto das mãos dos adolescentes durante atividade de registro de histórias de vida.....	40
Figura 13 – Desenhos das mãos dos adolescentes 1	84
Figura 14 – Desenho das mãos dos adolescentes 2	85
Figura 15 – Mosaico de <i>hupomnêmata</i>	113
Figura 16 – Texto e desenho de Felipe.....	455

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - História da institucionalização de crianças e adolescentes no Brasil	04
1. História da institucionalização de crianças e adolescentes no Brasil.....	06
1.1. A Roda dos Expostos.....	09
1.2. A chegada da Filantropia.....	19
1.3. O Código de Menores de 1927 – A Doutrina da Situação Irregular...	22
1.4. Contribuições de Janusz Korczak para o Brasil.....	24
1.5 Doutrina da Segurança Nacional e o Estado de Bem Estar.....	28
1.6 Doutrina da Proteção Integral.....	30
2. Conjuntura atual.....	33
2.1. Lei 12.010/09, a “Nova Lei da Adoção”	34
2.2. As instituições de acolhimento e o atendimento a crianças e adolescentes hoje.....	35
2. CAPÍTULO II - O desenvolvimento da metodologia	40
1. A escolha da instituição.....	48

2. A casa.....	51
3. A população atendida.....	53
4. O funcionamento do abrigo.....	54
5. A rotina.....	56
6. O início das atividades / encontros.....	57
6.1. O preparo do material.....	58
6.2. O Primeiro encontro: “Quem sou eu?”.....	59
6.3. Segundo encontro: “Árvore da família”.....	65
6.4. Terceiro encontro: “Meus desejos e sonhos”.....	69
6.5. Quarto encontro: “Meus amigos”.....	73
6.6. Quinto encontro: “Minha música favorita”.....	77
6.7. Sexto encontro: “Lembranças e expectativas”.....	80
6.8. Sétimo encontro: “O meu dia a dia”.....	85
6.9. Oitavo encontro: “O que leio no jornal”.....	90
6.10. Nono encontro: “Na escola...”.....	92
6.11. Décimo encontro: “Poesia: ‘O menino que mora do outro lado da rua’”.....	94
6.12. Décimo primeiro encontro: “Os meus medos”.....	99
6.13. Décimo segundo encontro: “Fotos da minha casa”.....	102
6.14. Décimo terceiro encontro: “Criando um personagem”.....	106
6.15. Décimo quarto encontro: “Minha bandeira pessoal”.....	107
6.16. Décimo quinto encontro, o último dia: “Eu, agora”.....	109

7. A escrita e a descrição da pesquisa.....	111
3. CAPÍTULO III – Os <i>hupomnêmata</i>.....	113
1. <i>Hupomnêmata</i> de Ana Clara.....	114
1.1. Transcrição de Ana Clara.....	156
1.2. Textualização de Ana Clara.....	160
2. <i>Hupomnêmata</i> de Bella.....	163
2.1. Transcrição de Bella.....	210
2.2. Textualização de Bella.....	216
3. <i>Hupomnêmata</i> de Bianca.....	221
3.1. Transcrição de Bianca.....	246
3.2. Textualização de Bianca.....	249
4. <i>Hupomnêmata</i> de Edward.....	252
4.1. Transcrição de Edward.....	268
4.2. Textualização de Edward.....	269
5. <i>Hupomnêmata</i> de Felipe.....	270
5.1. Transcrição de Felipe.....	306
5.2. Textualização de Felipe.....	311
6. <i>Hupomnêmata</i> de Gabriel.....	315
6.1. Transcrição de Gabriel.....	341
6.2. Textualização de Gabriel.....	345
7. <i>Hupomnêmata</i> de Pity.....	348

7.1. Transcrição de Pity.....	375
7.2. Textualização de Pity.....	377
8. <i>Hupomnêmata</i> de Scot.....	380
8.1. Transcrição de Scot.....	413
8.2. Textualização de Scot.....	415
9. <i>Hupomnêmata</i> de Thaís.....	418
9.1. Transcrição de Thaís.....	448
9.2. Textualização de Thaís.....	452
4. CAPÍTULO IV - Histórias de vida como escrita de si.....	455
Considerações finais.....	470
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	472
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	477
REFERÊNCIAS DE FIGURAS.....	478
ANEXO I	480
ANEXO II.....	481

INTRODUÇÃO

Este estudo consiste na reflexão sobre uma proposta de prática acerca de histórias de vida como escrita de si entre adolescentes abrigados. O conceito de escrita de si foi proposto por Michel Foucault e caracteriza-se como uma técnica de si, uma vez que possibilita o cuidado de si.

A prática que propus foi a de realizar atividades com um grupo de nove adolescentes de uma instituição de acolhimento criando um espaço no qual eles pudessem escrever e desenhar sobre as suas histórias a partir do ponto de vista do sujeito. Para tanto, não considerei registros de histórias contidos em prontuários ou outros documentos da instituição. A ideia foi viabilizar momentos de práticas de liberdade nas quais os adolescentes pudessem lembrar, relembrar, trocar experiências, vivenciar momentos, pensamentos, sentimentos, trazendo para seus livros de registro o que identificavam como mais significativo, permitindo desta forma um espaço de constituição e de aparecimento do sujeito.

Estes livros de registro foram nomeados de *hupomnêmata*, que segundo Foucault eram utilizados na Grécia antiga como cadernos pessoais, com registros diários, constituídos de elementos heterogêneos como lembranças, impressões, coisas ouvidas, faladas e reflexões.

Segundo Foisil (1997), a partir da metade do século XVII, na França e Inglaterra, tornou-se hábito a escrita de diários pessoais constituídos de impressões sobre o mundo, sobre sentimentos e pensamentos. Para ela, é comum a utilização destes diários e livros de razão em pesquisas que visam sobretudo “...menos a vida privada que a atitude ante a vida privada, e não só a narrativa, mas também os silêncios; não só o discurso, mas igualmente a sua aridez ou até a sua ausência” (FOISIL, 1991, p. 331).

No entanto, não busquei uma investigação sobre discursos, narrativas e silêncios surgidos durante os encontros. Ao invés disto, propus a criação de espaços para estas escritas, sem recorrência a análises psicológicas ou sociais a respeito de seus conteúdos.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro resgata a história do atendimento à infância e à adolescência no Brasil desde o período colonial até os dias de hoje. Desenvolve-se em uma organização cronológica mostrando a criação da Roda dos Expostos, a criação dos internatos e as mudanças na legislação nacional entre os séculos XIX e XX, até chegar às atuais instituições de acolhimento.

O segundo capítulo revela a metodologia utilizada no processo de construção dos *hupomnêmata* a partir da minha experiência, da participação dos adolescentes e de nossa interação. A contribuição destes adolescentes passou a integrar a própria metodologia de trabalho criada e empregada nesta dissertação, pois de forma alguma essa pesquisa foi um processo imune ou imparcial em relação à população pesquisada.

No capítulo três são apresentados os *hupomnêmata* em desenhos, traços, escritas, sonhos, lembranças, medos, esperanças e outros sentimentos expressados pelos adolescentes, escritos no papel e inscritos em suas almas. Ao final de cada *hupomnêmata* foram colocadas as textualizações das falas dos adolescentes, reunindo os fragmentos

textuais e verbais registrados durante os encontros.

O quarto e último capítulo discute o entrelaçamento do trabalho realizado com a teoria de Foucault sobre a escrita de si e os *hupomnêmata*, circulando brevemente pelas ideias de Michel Onfray sobre a escultura de si e de Celéstin Freinet a respeito do Livro da Vida.

Neste quarto e último capítulo, revelo ainda, de que forma me apropriei da teoria de José Carlos Sebe Bom Meihy, transformando-a até que assumisse um outro formato condizente às especificidades dos encontros, das atividades, dos adolescentes e ao meu estilo de trabalho. Nas considerações finais descrevo o que este trabalho significou para mim.

Desejo que esta escrita ofereça possibilidades diversificadas de leitura, fomentando a criação de novos espaços de escrita e expressão em ambientes diversos, que sejam espaços para práticas de liberdade nos quais os sujeitos possam, em relação com os outros, de forma não egocêntrica, protegidos por sua ética constituída por meio desta liberdade, vivenciar a constituição de si por si.

CAPÍTULO I

História da institucionalização de crianças e adolescentes no Brasil



Fig. 1 – Asilo dos Expostos Sampaio Viana

Um dia, em uma determinada circunstância, eu, acompanhada de meus três filhos, encontrei uma das meninas (quatro anos) do abrigo no qual realizei esta pesquisa. Ela se afastou do educador por alguns minutos para falar comigo. Aproximou-se, olhou para a minha filha caçula, que, apesar de ser dois anos mais nova, tinha a sua altura, e travamos o seguinte diálogo:

- “Tia, ela é sua filha?”
- “Sim,... ela é minha filha.”
- “Você é mãe dela?”
- “Sim,... eu sou mãe dela.”
- “Eu não sou filha.”

Poderia dizer que experiências como esta marcam o sentido desta história, uma história que tenta dar vez e voz à história do outro, uma história que muitas vezes não pode ser contada, simplesmente pelo fato de que não pode ser lembrada.

Qual a história de cada um? Quem conta sua própria história conta o que se lembra, imbuído da fala daqueles que a acompanharam em algum momento deste percurso. A lembrança do outro, a história do outro, a memória do outro, a memória da mãe e do pai participam do processo de constituição do sujeito.

Mas, e quem não tem esse outro? Quem não tem perto de si aquele que viu o seu

nascimento, que acompanhou os seus primeiros passos, a sua primeira enfermidade, com quais recursos este sujeito se constitui? Em que medida as instituições de abrigo projetam modelos que engessam outras possibilidades de existência, por não fazerem parte das experiências das crianças e jovens que lá habitam, criando uma “falta” a ser preenchida pelo resto de suas vidas? Podemos pensar em abrigos que rompam com a moral neles vigente ou com os sentidos aos quais já estamos familiarizados? Abrigos que possibilitem o surgimento de uma “estética da existência”, nos termos de Foucault, a partir de experiências que promovam o atendimento de necessidades tanto individuais quanto coletivas?

Sobre a “estética da existência”, Foucault diz:

...na Antiguidade a vontade de ser um sujeito moral, a busca de uma ética da existência eram principalmente um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo. (FOUCAULT, 2006d, p. 289-290)

1. História da institucionalização de crianças e adolescentes no Brasil

Crianças escravas, crianças indígenas, crianças trabalhadoras, crianças colonizadas, crianças abandonadas à própria sorte. No período colonial brasileiro, a condição de infância e juventude não teve resultados muito diferentes de uma guerra propriamente dita.

A Igreja Católica incumbia-se de catequizar os índios e, conseqüentemente, seus

filhos, assim como de oferecer a educação para os filhos dos colonos. Com a chegada dos jesuítas ao Brasil, a Igreja estabeleceu aldeamentos, também conhecidos como “missões”, com o objetivo de afastar os índios de suas lideranças, converter os nativos ao cristianismo e, ao contrário do que ansiava a Coroa portuguesa, evitava a escravização indígena pelos colonos.

A Companhia de Jesus, que fora fundada em 1534, tinha como proposta oficializar a catequese como forma de salvação e civilização dos índios. O conflito entre jesuítas e Portugal chegou ao ponto em que em 1759 os padres jesuítas foram expulsos do Brasil.

Entre 1550 e 1553 os colonizadores criaram as “Casas dos Muchachos”, onde eram abrigados os “Curumins” ou “meninos da terra”. Com o tempo estas casas tornaram-se úteis também para o acolhimento de órfãos e enjeitados de Portugal. Estes espaços eram utilizados para o aprendizado dos índios, até o século XVII, por meio de um modelo disciplinar rígido.

Philippe Ariès (1984) afirma que já no século XV o sentimento em relação à infância cresceu consideravelmente e isso revelava a preocupação com sua existência, assumindo um lugar central na família.

Maria Luiza Marcílio (1998) descreve que o início da proteção à criança abandonada no Brasil surgiu no período colonial. A responsabilidade por esses cuidados era das Câmaras Municipais, que por meio de convênios, delegavam serviços especiais de proteção à criança a outras instituições, sobretudo às Santas Casas de Misericórdia.

Não diferentemente da situação indígena, os filhos de escravos negros também engrossavam a população de crianças órfãs e abandonadas, principalmente após a Lei do Ventre Livre. A escravidão no Brasil teve três grandes marcos: a Lei do Ventre Livre, a do

Sexagenário e a da Abolição. O que nos interessa são o primeiro e o último. A lei do Ventre Livre determinou que crianças, filhas de escravos, tornar-se-iam pessoas livres após a maioridade, no entanto, permaneceriam sob a guarda dos senhores de engenho até completarem dezoito anos. Neste período, comumente, esses filhos de escravos eram abandonados e acabavam acolhidos em instituições de caridade.

Após a Abolição da escravatura, a miséria e a pobreza alimentaram este grupo de crianças institucionalizadas.

Curumins, negros, filhos de prostitutas, filhos de famílias pobres, filhos fora do casamento, crianças que eram abandonadas ou retiradas de seus pais tornaram-se um incômodo aos olhos da sociedade. A Igreja Católica encarregara-se de acolher e doutrinar esses sujeitos, mas os esforços necessitavam de melhores condições e maior organização, por isto foram criadas as Casas dos Expostos por volta de 1726. Nestas Casas foram instaladas as Rodas dos Expostos.

De acordo com Rizzini e Rizzini (2004) o Brasil passou a constituir uma longa tradição de internação de crianças e jovens em instituições asilares:

Desde o período colonial, foram sendo criados no país, colégios internos, seminários, asilos, escolas de aprendizes artífices, educandários, reformatórios, dentre outras modalidades institucionais surgidas ao sabor das tendências educacionais e assistenciais de cada época. (RIZZINI e RIZZINI, 2004, p. 22)

1.1 A Roda dos Expostos

Nos séculos XIV e XV, na Europa, foram instaladas nos brefotrófios¹ as Rodas dos Expostos. Um cilindro oco com uma abertura em um de seus lados era colocado nos muros das Santas Casas, preso a um sistema giratório ele permitia que a criança fosse colocada pelo lado de fora e recolhida pelo lado de dentro. O sistema procedia da seguinte maneira: a genitora ou outrem encarregado de “abandonar” a criança na Roda a colocava na parte interior, em seguida girava a roda até que a parte da abertura se direcionasse para o lado interior da instituição, finalmente esta pessoa deveria tocar um sino que chamaria a atenção de algum funcionário ou freira para o fato de haver uma criança na roda. A criança era recolhida e cuidada pela Casa dos Expostos sem que a pessoa responsável pelo abandono fosse identificada: “A origem desses cilindros rotatórios vinha dos átrios ou vestibulos de mosteiros e de conventos medievais, usados para outros fins, como o de evitar o contato dos religiosos com o mundo exterior.” (MARCÍLIO, 1998, p. 57).

¹ De acordo com Maria Luiza Marcílio (1998) eram denominadas desta forma as instituições para crianças pobres e abandonadas.



Fig. 2 - Roda dos Expostos – São Paulo

No período colonial, foram instaladas no Brasil três *Rodas*, em 1726, na cidade de Salvador, em 1738, no Rio de Janeiro e, em 1789, no Recife. As três continuaram a funcionar mesmo após a Independência do Brasil.

Em 1825, foi instalada uma *Roda* na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, pois o município apresentava o maior índice de exposição de crianças.

Após este período foi elaborada a Lei dos Municípios, cujo princípio geral era baseado na proposta de que se o município possuísse uma Santa Casa de Misericórdia, estaria isento da sua responsabilidade pelas crianças abandonadas. Com isto, os municípios de Cachoeira (BA), Campos (RJ), Cuiabá (MT), Desterra (SC), Olinda (PE), Pelotas (RS), Porto Alegre (RS) e Vitória (ES), por possuírem em suas comarcas as Santas Casas de Misericórdia, instalaram cada um a sua Roda dos Expostos.



Fig. 3 – Roda dos Expostos de Salvador, também conhecida na cidade como a Roda dos Enjeitados

No Brasil, a *Roda* foi uma forma de manifestar um dos primeiros indícios de tolerância da sociedade para com os “filhos dos pecadores”. A criança acolhida sem o reconhecimento e julgamento dos pais teria maior chance de sobrevivência, uma vez que muitas, antes da existência da *Roda*, eram abandonadas em ruas, praças, portas de casas, submetidas ao frio, ao calor, aos ataques de animais e na maioria das vezes não sobreviviam.

No Brasil, uma vez recebidas nas Santas Casas de Misericórdia seriam batizadas e encaminhadas às Amas de Leite contratadas que, além de fornecer-lhes o alimento necessário, encarregavam-se de seus cuidados, educação e encaminhamento para possíveis lares adotivos.



Fig. 4 - *Amas de Leite da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e as crianças por elas cuidadas*

A seleção das Amas de Leite não estabelecia critérios rígidos e em sua maioria eram camponesas ou mulheres das classes sociais mais baixas da sociedade e seus salários eram muito baixos.

De acordo com Kuhlmann e Rocha (2006, p.599), “Houve uma forte resistência das amas em relação às noções básicas para melhor alimentação, aplicação correta dos medicamentos às crianças, limpeza, entre outras necessidades, fatores que aumentavam os índices de mortalidade infantil”. Esses índices eram atribuídos às condições de moradia e higiene das amas.

Segundo os autores, o Relatório do Irmão Mordomo dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo indica que em 1909, de 126 crianças entregues às amas de sítio, 22 faleceram, de 1909 a 1912, de um total de 652 crianças, houve 178 óbitos. A maior parte dos casos se óbito ocorriam com as amas dos sítios, ou seja, aquelas que levavam as crianças para suas casas.

A própria instituição passou a questionar e reconhecer o irrisório auxílio fornecido às amas de leite, concluindo que não seria suficiente para os cuidados com as crianças. No entanto, com o alto índice de mortalidade destas crianças encaminhadas às Amas de Leite, as Santas Casas deixaram de entregá-las para serem cuidadas em suas casas:

“Diante da constatação das altíssimas taxas de mortalidade das crianças expostas nas casas das amas, alguns médicos chegaram a propor que os bebês não saíssem dos hospitais de expostos, onde deveriam receber alimentação artificial.” (Marcílio, p. 67)

Nos arquivos do Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo há relatos de que algumas mães abandonavam seus filhos na Roda e, logo em seguida, se ofereciam para serem Amas de Leite daquelas crianças, ou seja, dos próprios filhos, sem precisar declarar abertamente sua maternidade. Desta forma, não correriam o risco de serem julgadas pela sociedade por seus “pecados” (prostituição, traição, miséria). Segundo Maria Luiza Marcílio:

“Seria ele um meio encontrado para garantir o anonimato do expositor e assim estimulá-lo a levar o bebê que não desejava para a roda, em lugar de abandoná-lo pelos caminhos, bosques, lixo, portas de igreja ou de casas de família, como era de costume, na falta de outra opção. Assim procedendo, a maioria das criancinhas morreriam de fome, de frio ou mesmo comida por animais, antes de serem encontradas e recolhidas por almas caridosas.” (MARCÍLIO, 1998, p. 51).



Fig. 5 - Ilustração de uma mãe colocando o filho na Roda

Muitas mães deixavam bilhetes ou pertences para depois identificarem seus filhos:

Os pais deixavam-lhes sinais para futuras identificações, no caso de terem intenção de reaver a criança. Pedacos de madeira ou metades de moeda, para tanto partidas, por exemplo, eram deixados junto com o bebê na hora

do abandono. Mais tarde, podiam-se juntar as duas partes, comprovando a identificação dos pais. Essa prática seria preservada na Europa até fins do século XIX e transposta para o Brasil tradicional. (MARCÍLIO, 1998, p.23)

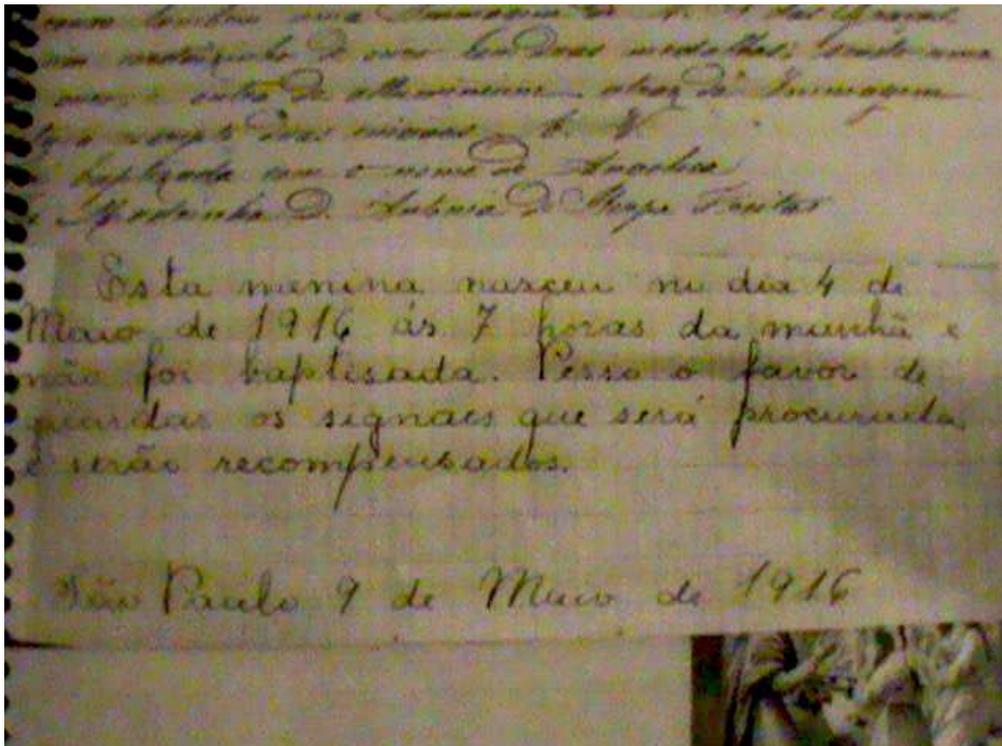


Fig. 6 – Bilhete deixado pela mãe – “Esta menina nasceu no dia 4 de Maio de 1916 às 7 horas da manhã e não foi baptizada. Pello o favor de guardar os signais que será procurada e serão recompensados. São Paulo 9 de Maio de 1916”

Estes pertences eram guardados e os bilhetes muitas vezes anexados no Livro de Matrícula dos Expostos. Este livro continha dados como data de entrada, de batismo, de saída, local para o qual foi encaminhado e outras informações pertinentes.

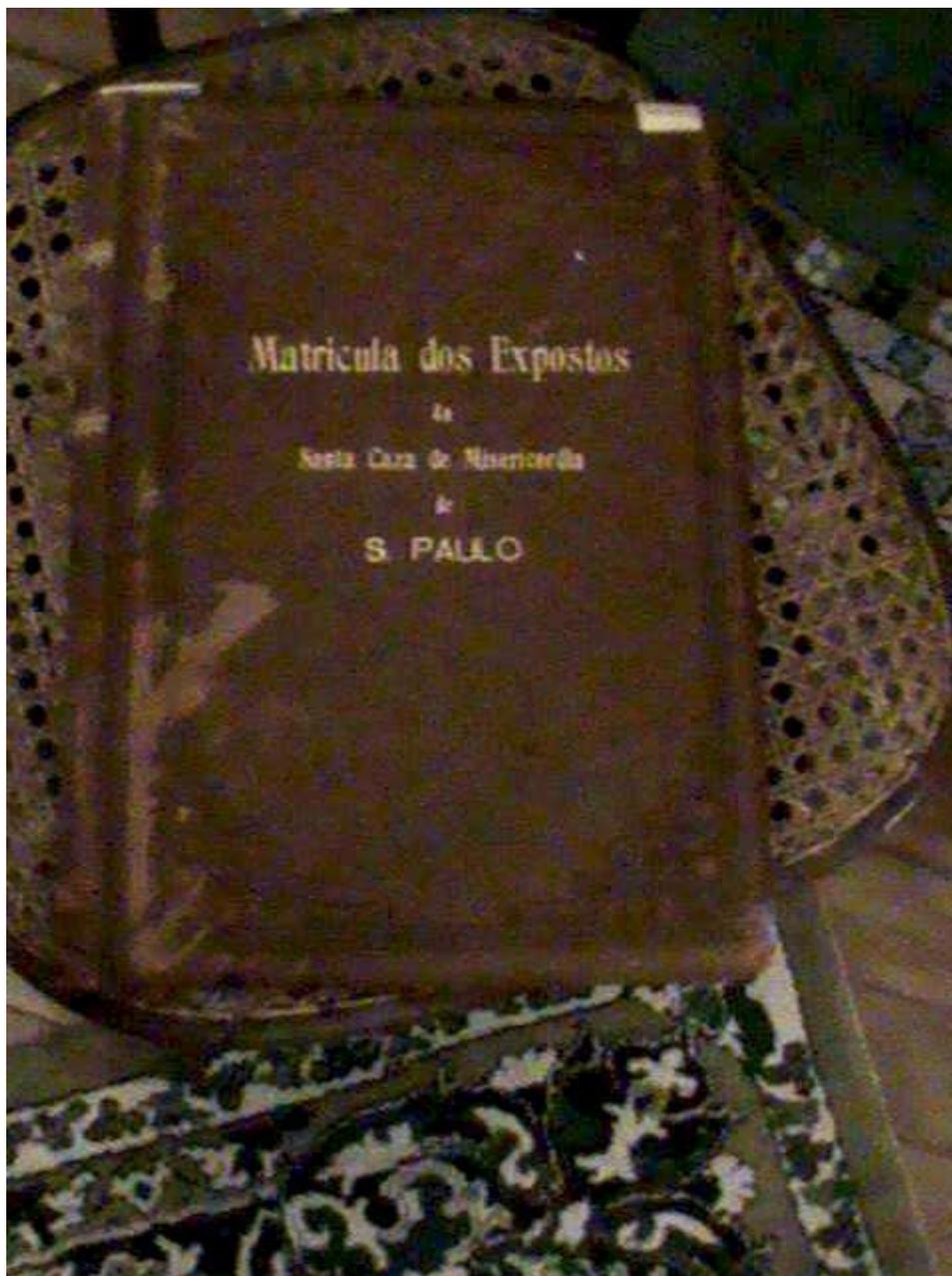


Fig.7 – Livro de “Matricula dos Expostos”

4017

72

Matricula do Exposto *Mafalda*

CAHIDO NA RODA			BAPTISADO			FALLECIDO			SAHIDA		
Anno	Mez	Dia	Anno	Mez	Dia	Anno	Mez	Dia	Anno	Mez	Dia
1933	Abri	1º									

Observações

No dia de Abril de 1933, foi posta na roda uma criança de 15 dias mais ou menos.

Cruzei como signal um papel da Maternidade escrito: Maria dos Santos Rua Santo Andre 92 A filha Mafalda.

Foi baptizada com o nome Mafalda.
Foi Madrinha D. Victorina da Silva.

Removida para o Asylo Sampaio Vianna em 5 de Setembro de 1936.

PREÇOS CONFERIDOS EM CARTÃO DO PRATO DE 3 BOLS.

Ilmo. e Exmo. Sr. *Maria da Silva*

Comunico-vos que, dentro do prazo legal, sob pena de Multa de 500\$000, deverá ser registado neste cartão, pelo Sr. Aguiar de Barros, 8, o nascimento de voss. filh. *Mafalda*.

Maternidade, em 1º de *Abri* de 1933

Cartão de Paz da Bella Vista, 92 de *Abri*

Telefone: 2-25-45

Depositar, das 9h das 17h, Domingos e Férias das 9h as 12h

Humberto Martinelli

O Crie Paracaria de quem não se lembra mais. Imagem de Maria Juva no mesmo dia.

Fig. 8 – Folha de “Matricula do Exposto”



Fig. 9 – Livros de “Matrícula dos Expostos” na prateleira do Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

Todas as Casas dos Expostos, no entanto, ao invés de possibilitar mais digna condição de vida às crianças, reproduziam dentro de suas paredes o mesmo descaso observado no cotidiano das ruas. O sistema de amas mercenárias e os problemas enfrentados nesses locais, como falta de higiene, iluminação precária, pouca ventilação, ausência de berços e móveis, levavam a um altíssimo índice de mortalidade. Mesmo diante das terríveis estatísticas, este modelo gozaria de prestígio, ultrapassando o período colonial.

1.2. A chegada da Filantropia

A filantropia surgiu como modelo assistencial fundamentado na ciência. A ela atribuiu-se a tarefa de organizar a assistência dentro das novas exigências sociais, políticas econômicas e morais (MARCÍLIO, 1998, p. 76). Entretanto, isto não significa o atendimento das necessidades sociais, de fato:

O modelo conservador trata o Estado como uma grande família, na qual as esposas de governantes, as primeiras damas, é que cuidam dos “coitados”. É o paradigma do não direito, da reiteração da subalternidade, assentado no modelo de Estado patrimonial (...). Neste modelo, a assistência social é entendida como espaço de reconhecimento dos necessitados, e não de necessidades sociais. (SPOSATI, 2001, p.76).

Reforçada pelo movimento higienista e jurídico, passou a delimitar as formas de atendimento a infância e definiu a condição de “menores”. O Estado começou a participar do planejamento e implementação das políticas de atendimento a esta população (MARCÍLIO, 1998, p. 29).

Ao Estado caberia um papel interventor diante das mazelas sociais. A pobreza deveria ser combatida pela ameaça que representa à ordem do país. Começavam a ser vistas como desperdício de vidas a alta taxa de mortalidade infantil e o aumento de crianças e jovens nas ruas, bem podendo a nação aproveitá-los.

O utilitarismo e o higienismo tornavam-se as referências para a construção de um

sistema social produtivo. O primeiro como forma de otimizar as ações e os cuidados para prover o bem estar da população e o segundo revelando a necessidade de manter determinadas condições de salubridade no ambiente da cidade nas quais a higiene passa a ser uma questão social. Foi neste período que a divulgação das pesquisas de Pasteur² revelaram que a causa das doenças estavam relacionadas à contaminação por meio de microorganismos.

Higienistas e eugenistas³ fortaleciam-se uns aos outros no sentido de “limpar” a sociedade das reproduções ditas mal sucedidas, ou seja, das crianças indesejadas pela sociedade.

De acordo com Masiero (2005), para o eugenista Renato Ferraz Kehl era necessário controlar o instinto humano para poder, no futuro, alcançar uma raça nobre, equilibrada moral e fisicamente.

Os programas de controle da natalidade e controle do crescimento populacional, melhor dizendo, da população “pobre”, ganharam força e embasamento teórico, difundindo a ideia de que pessoas consideradas “inferiores” não deveriam superlotar o mundo. Até a atualidade se dissemina esta ideia. É comum observarmos nos serviços de atendimento e assistência social a crianças e adolescentes a atuação de profissionais que encaminham as mães para programas de planejamento familiar, com a constante preocupação que ela continue reproduzindo filhos e superlotando as instituições de acolhimento.

Diferentes áreas de conhecimento passaram a cobrar do poder público a

2 Louis Pasteur (1822-1895), cientista francês lembrado por suas notáveis descobertas das causas e prevenções de doenças.

3 Galton definiu eugenia como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente, José Roberto Goldim (1998). Eugenia UFRGS. Página visitada em 2009-01-28.”

implementação de leis para a proteção e assistência a crianças e adolescentes:

“...saber filantrópico privado e governamental – elaborado, entre outros, por médicos, juízes, promotores, advogados, psicólogos, padres, pastores, assistentes sociais, sociólogos e economistas – deve ser anotada como parte da história da caridade com os pobres e a intenção de integrá-los à vida normalizada.” (PASSETI, 2000, p. 350)

A filantropia, embasada no Iluminismo, preconizava a valorização da razão, a preocupação com a condição humana e a obstinação pela criação de um modelo social ordenado e disciplinado: “O combate à mortalidade infantil representa o primeiro campo de intervenção da filantropia em favor da infância desvalida.” (MARCÍLIO, 1998, p. 69).

A biologia, por meio de Pasteur, atingia o terreno microscópico e, com isso, a compreensão de moléstias diversas tão comuns à época. A esterilização do leite passava a ser a exigência básica na alimentação das crianças. Estas descobertas tornaram a figura das amas de leite obsoleta, as crianças órfãs e abandonadas passaram receber alimentação artificial.

Em 1948 foi desativada a última Roda chegando ao fim da *Era da Roda dos Expostos*, no Brasil.

Crescia o número de associações protetoras da infância, que procuravam levar para as famílias mais pobres orientações acerca dos cuidados com os pequenos. Instauravam-se campanhas de conscientização pública, através da distribuição de folhetos, edição de livros educativos, entre outros. A vida familiar ganhava atenção dos filantropos que a concebiam como estrutura primordial para o bom desenvolvimento da criança.

Esta também é uma época de criação de leis de proteção a infância. Aos pais que

não garantissem condições salubres para seu filho seria passível a suspensão do pátrio poder (hoje denominado poder familiar) e o estabelecimento da tutela. O Poder Judiciário passa a controlar a vida familiar coibindo atos perniciosos a infância. A psiquiatria ganha terreno através de laudos que pudessem diagnosticar desvios de conduta ou personalidade nos membros da família. A medicina atribuiu a si a função profilática e social, enquanto a assistência pública procurou garantir a eficácia de sua política.

Na medicina disseminavam-se os conceitos frenológicos⁴ que de acordo com Sonia Alberti afirmavam “...poder encontrar os males da formação moral da sociedade na estrutura e na configuração cerebrais dos indivíduos que a compunham” (2003, p. 58), desta forma auxiliando a medicina, em especial a psiquiatria na classificação das pessoas com transtornos de conduta ou de personalidade.

A filantropia, portanto, impulsionou a criação e a aprovação de leis de proteção a infância.

1.3. O Código de Menores de 1927 – A Doutrina da Situação Irregular

Em 1901, no Rio de Janeiro, sob uma configuração político social instável, ainda em adaptação ao panorama da República, é inaugurada a Colônia Penal Agrícola. No ano seguinte, em São Paulo é construído o Instituto Disciplinar de São Paulo e a Colônia

4 Teoria que afirma ser capaz de determinar o caráter, características da personalidade, e grau de criminalidade pela forma da cabeça.

Correcional, na antiga fazenda de Morgado Matheus, entre a Avenida Celso Garcia e o leito do Rio Tietê.

Já em 1924, em consonância com a Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança, surgia o Juízo Privativo dos Menores Abandonados e Delinquentes da Comarca de São Paulo, de acordo com a Lei Estadual nº 2059. Regulamentava-se a internação para os menores abandonados e pervertidos⁵, por no mínimo três anos e no máximo sete anos de reclusão. Para os infratores, aplicava-se a condução para os Institutos Disciplinares da Capital, Taubaté ou Mogi Mirim.

Em 1927, é criado no Rio de Janeiro o primeiro Juízo de Menores do Brasil e aprovado o Código de Menores. O Juizado de Menores era um órgão centralizador do atendimento oficial ao Menor no Distrito Federal (RIZZINI e RIZZINI, 2004, p. 29). Por um lado, o Código de Menores garantia a internação e proteção dos menores e, por outro, poupava a população da convivência indesejada com esses meninos. Cuidavam da vigilância, regulamentação e intervenção sobre a população de menores abandonados e delinquentes. Insistia-se ainda na elaboração de um modelo não punitivo, mas disciplinar.

Intento à parte, embora a punição fosse pelos mecanismos jurídicos do Código de Menores, dentro dos muros das instituições predominava a opressão física e moral. As punições constituíam o alicerce do processo disciplinador, como nas colônias orfanológicas⁶ do século XIX, gerando abusos e violência por parte dos funcionários.

Frente a esta situação, é inaugurado em 1931 o Serviço de Reeducação, com o fim

5 No Código de Menores de 1927 fica estabelecido como sendo “o infante exposto aqueles até sete anos de idade encontrados em situação de abandono; vadios, os que se recusavam à instrução ou trabalho, passando seu tempo ociosamente nas ruas; menores mendigos, os que pediam esmolas; e libertinos, os envolvidos em obscenidades”.

6 Colônias rurais instaladas em fazendas para receber crianças órfãs filhas de escravos, onde o objetivo principal era a educação de ex-escravos.

de controlar a agressividade dos procedimentos punitivos dos estabelecimentos para jovens e crianças abandonadas e infratoras.

Novas repartições são construídas, como o Departamento de Assistência Social e o Serviço Social de Assistência e Proteção ao Menor, subordinadas à Secretaria de Justiça e Negócios do Interior. Em 1938, mudam-se os nomes para semelhantes serviços, surgem o Departamento de Serviço Social e o Serviço Social de Menores.

Em 1941, Getúlio Vargas instalou o SAM, Serviço de Assistência a Menores. De acordo com Maricondi (1997, p. 9), funcionava de forma parecida com o sistema penitenciário, correcional, repressivo e estava subordinado diretamente ao Ministério da Justiça: “Nos anos 60, às vésperas do regime militar, o SAM mergulhou em decadência e seu estilo repressivo e humilhante revelou-se à opinião pública. O SAM entrou para a história como 'Universidade do Crime' e 'Sucursal do Inferno’” (MARICONDI, 1997, p. 9 e 10).

O período contemplado pelo Código de 1927 foi denominado pelo jurista argentino Ubaldino Calvento como Doutrina da Situação Irregular e seguiu até 1979 com a promulgação do Novo Código de Menores.

1.4. Contribuições de Janusz Korczak para o Brasil

No Brasil foi criada a Associação Janusz Korczak do Brasil que, além de fortalecer trabalhos de formação para educadores e organizações, promoveu a Instalação da Casa da Criança e do Adolescente de Arujá/SP. A instituição nasceu com a proposta de desenvolver

o modelo pedagógico do autor.

Judeu polonês, pediatra, autor de livros infantis e pedagogo, Janusz Korczak, codinome de Henryk Goldszmit, entrou para a história do acolhimento de crianças judias órfãs e abandonadas em um período crucial na história da ditadura nazista.



Fig. 10 - Janusz Korczak

Na Polônia, tornou-se diretor do orfanato Dom Sierot e teve a oportunidade de criar uma espécie de república das crianças, com um parlamento, tribunal e jornal próprios.

Após a Primeira Guerra Mundial fundou outro orfanato, Nasz Dom (Nosso Lar) onde pode continuar o trabalho já realizado no Dom Sierot, construído e mantido por doações de caridade destinadas às crianças dos bairros pobres de Varsóvia. O jornal elaborado pelas crianças acompanhava semanalmente o jornal judeu Nasz Przegląd.

Em 1942, teve a difícil tarefa de enfileirar suas duzentas crianças e partir pelas ruas

de Varsóvia para os vagões que os levariam aos fornos crematórios nazistas. Este acontecimento ocorreu em meio à liquidação do gueto de Varsóvia e tornou-se um marco na história de Janusz Korczak.

Influenciava, direta ou indiretamente, por meio de sua escrita, suas ações, seus modelos. No Brasil, a repercussão de seu trabalho determinou fundamentos importantes na elaboração de programas, ações e políticas públicas destinadas a infância e juventude.

O ano de 1978 foi declarado pela UNESCO, o “Ano Korczak”, celebrando o centenário de seu nascimento. Na ocasião, o governo polonês aprovou e financiou o Instituto Científico de Proteção e Educação Janusz Korczak.

O instituto se propôs a receber crianças de diferentes lugares para que cresçam em um ambiente democrático no qual educadores e professores possam observar e participar de experiências com as crianças e adolescentes seguindo a proposta de Korczak. Segundo declaração de Rafael Scharf:

“Ele era, na mais profunda acepção do termo, um homem simples, toda afetação lhe era estranha. É certo que ele não imaginava que seu nome seria célebre, e é por isto que cada vez que o glorificamos publicamente, inaugurando um monumento em sua homenagem, eu me pergunto qual seria o seu comentário se sua boca de pedra pudesse falar .” (SCHARF, 2000, s/p).



Fig. II - Monumento em homenagem à Janusz Korczak

Korczak propôs três instrumentos que permitiam às próprias crianças, em conjunto com a equipe de trabalho, administrar o local: o jornal “O Semanário”, o Parlamento e o Tribunal.

Por meio de O Semanário, principal meio de divulgação do que acontecia na instituição, era possível saber quem ia ao cinema, trocar objetos e até divulgar listas de queixas, rezas e arrependimentos. De acordo com Korczak a transparência possibilitava a democracia, que só aconteceria quando todos tivessem acesso à informação.

O Parlamento era eleito mediante um plebiscito, e o peso dos votos era igual para todos os componentes. Nele, discutiam-se as normas para horários de chegada e saída, atrasos, férias e até opiniões sobre outros colegas.

No Tribunal, todos poderiam ser julgados e as penas eram aplicadas por meio de apostas: se alguém mentia muito, a aposta era de que ele deveria conseguir mentir só três vezes naquela semana... Mais do que punições eram incentivados o perdão e a reparação do erro. (BAPTISTA, 2006, p. 49)

1.5 Doutrina da Segurança Nacional e o Estado de Bem Estar

No século XX, prosseguem os debates em torno de infância e, mais recentemente, de juventude. O modelo democrático e liberal em oposição à rigidez das instituições filantrópicas, pautadas na disciplina e severidade, instituiu ordem diversa, ampliando o debate social, político e jurídico. Assim, em 1959, surgiu a Declaração dos Direitos da Criança, adotada pela Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). A criança e o jovem, independente de seu credo, raça ou classe social, tornavam-se seres em desenvolvimento que necessitam de respeito e cuidados especiais frente aos países que assinaram a declaração.

Surgia o Welfare State, o Estado do Bem Estar Social, interferindo no formato da Política Nacional do Bem Estar do Menor (PNBEM), que em 1964 é executada pela Fundação Nacional do Bem Estar do Menor (FUNABEM). A FUNABEM distribuiu-se pelos estados através da FEBEM –Fundação Estadual do Bem Estar do Menor- e tinha como proposta se opor ao modelo repressor do SAM constituído por castigos físicos e punições excessivas para disciplinar os adolescentes internados. No entanto, acabou por repetir este modelo, mesmo com diversas reformulações em seu sistema.

Em 1979, promulgada a Lei 6697, entrou em vigor o Novo Código de Menores, repudiado pelos setores progressistas envolvidos com educação e infância. Os internatos passaram a seguir o regime estatal militar. Ex-internos eram em sua maioria encaminhados

para o serviço militar e para o trabalho em órgãos públicos.

Junto às manifestações sociais e o fim da ditadura militar iniciam-se os questionamentos às modalidades de institucionalização no Brasil. Surge a Frente Nacional de Defesa dos Direitos da Criança.

A imprensa passou a veicular protestos de meninos e meninas internados, expressos em rebeliões. Os anos 80 marcaram o início da Doutrina da Proteção Integral e foi caracterizado pelo processo de discussão e redação da Lei que viria a substituir o Código de Menores de 27 e de 79, o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA. (RIZZINI e RIZZINI, p.47).

No âmbito internacional, as Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção de Jovens Privados de Liberdade, conhecida também como Regras de Beijing, surgiu como forma de aprimorar a Declaração dos Direitos da Criança (1959) elaborada pela ONU. A principal contribuição deste novo conjunto de regras foi estabelecer diretrizes para que o sistema de justiça de infância e de juventude respeitasse os direitos e a segurança dos jovens, fomentando o seu bem estar físico e mental.

Em 1988, o Brasil elaborou sua Constituição Federal e no Art. 227 determinou a garantia dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes brasileiros:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (ART 227, CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 1988)

Em 1989, a Assembléia Geral da ONU aprovou o tratado que visa a proteção de crianças e adolescentes de todo o mundo, a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, e teve como princípios gerais a participação da criança na sociedade como sujeito de direitos, a proteção à sobrevivência e ao desenvolvimento da criança, o interesse superior da criança e a não discriminação.

1.6 Doutrina da Proteção Integral

Em 1990, celebrou-se a Cúpula Mundial de Presidentes em favor da infância e no Brasil foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) por meio da Lei 8.069 de 13 de julho de 90, como forma de regulamentar o artigo 227 da Constituição Federal. O Estatuto da Criança e do Adolescente é um conjunto de princípios e regras de direitos humanos para proteção integral de cidadania.

O ECA é dividido em dois livros, o primeiro trata de proteção de direitos fundamentais da pessoa em desenvolvimento e o segundo determina os órgãos e procedimentos protetivos, criando mecanismos de proteção nas áreas de educação, saúde, trabalho e assistência social. São os direitos fundamentais previstos nesta Lei: I – Direito à Vida e à Saúde; II – Direito à Liberdade e à Dignidade; III – Direito à Convivência Familiar e Comunitária; IV – Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer; V – Direito à Profissionalização e à Proteção no Trabalho.

Nesta nova fase, a criança e o adolescente passam a ser considerados pessoas em

fase de desenvolvimento, deixando de responder penalmente por seus atos. As normas transgredidas, a partir de agora, seriam denominadas “Atos Infracionais” e os adolescentes, com idade entre 12 e 18 anos incompletos, seriam submetidos às Medidas Sócio-Educativas. As crianças de 0 a 12 anos incompletos não responderiam a essas infrações.

A partir desse momento, a legislação prevê que o cuidado com abrigos e entidades de atendimento às crianças em situação de risco, abandono, violência, estaria subordinado aos municípios. Os adolescentes autores de ato infracional permaneceriam sob a custódia do Estado, através das Fundações do Bem Estar do Menor (FEBEM), atualmente denominada Fundação CASA.

Às crianças e adolescentes que tivessem seus direitos violados, o ECA previu as seguintes medidas de proteção:

Art. 101. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;

II - orientação, apoio e acompanhamento temporários;

III - matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental;

IV - inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;

V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;

VI - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos;

VII – abrigo em entidade;

VIII – colocação em família substituta

Parágrafo único. O abrigo é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade.

(BRASIL, 1990, Art. 101)

O abrigo passou a ser caracterizado como o penúltimo recurso para a aplicação das medidas de proteção, como um dos recursos a ser aplicado. No entanto, o que se observa é a falta de políticas públicas voltadas para a geração de renda, saúde, educação, esporte, lazer, assistência social, transporte, assim como outras suficientes e adequadas para que estas crianças e adolescentes permaneçam com suas famílias. A falta de trabalhos direcionados para essas famílias ocasiona o abrigamento de crianças e adolescentes durante muitos anos, e nesse aspecto encontramos diferentes pesquisas que indicam os efeitos prejudiciais do abrigamento prolongado. De acordo com Motta e Almeida (2004):

Na institucionalização não há lugar para as necessidades individuais, poucas oportunidades para trocas afetivas, sendo que muitas vezes esta realidade indesejável é determinada pelo acúmulo de tarefas das pessoas envolvidas com o trabalho institucional. (MOTTA & ALMEIDA, 2004, p. 18)

Em 2003, no Brasil, duas grandes pesquisas tomaram como foco a problemática do abrigamento. Uma delas, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e denominada Levantamento Nacional de Abrigos tratou do tema no âmbito nacional. Outra, realizada pelo Núcleo de Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente (NECA) do Programa de Pós Graduação da PUC-SP e pela Associação dos Assistentes Sociais, como também os psicólogos do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo (AASPTJ-SP), buscou traçar um panorama dos abrigos no município de São Paulo.

Os dados levantados pelas duas pesquisas foram de extrema importância para a reelaboração de políticas públicas voltadas a esta população. De acordo com o Censo Nacional de Abrigos, existem cerca de 20.000 crianças e adolescentes abrigados no Brasil,

sendo que 87% têm família. O período estimado de abrigamento varia entre sete meses a cinco anos. Os motivos do abrigamento, em sua maioria, constituem as categorias pobreza (24,2%) e abandono (18,9%). Já na pesquisa do município de São Paulo os índices são de 22,3% de abandono e/ou negligência e 18,8% por problemas relacionados a saúde, a situação financeira precária, a falta de trabalho e de moradia da população (BAPTISTA, 2006, p. 42).

A situação de pobreza interfere com maior força em nível nacional, e com menor intensidade na cidade de São Paulo, e neste ponto é possível comparar o nível de desenvolvimento sócio econômico que é inversamente proporcional ao número de abrigamentos.

2. Conjuntura atual

Em 2006, o Brasil elaborou o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito da Criança e Adolescente à Convivência Familiar e Comunitária. Diferentes grupos de trabalhos iniciaram suas discussões, um deles o Grupo de Trabalho Nacional Pró Convivência Familiar e Comunitária empenhou-se em desenvolver e difundir os parâmetros para o aprimoramento dos serviços de acolhimento para crianças e adolescentes culminando na publicação do Manual de Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, em fevereiro de 2008.

Os princípios gerais destas orientações técnicas envolvem a excepcionalidade e a

provisoriamente do afastamento do convívio familiar; a preservação e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários; a garantia de acesso e respeito à diversidade e não discriminação; a oferta de atendimento personalizado e individualizado; a garantia de acesso e respeito à diversidade e não discriminação; a garantia de liberdade de crença e religião; e, o respeito à autonomia da criança, do adolescente e do jovem. Portanto, como forma de garantir a oferta do atendimento adequado a crianças e adolescentes todas as instituições de acolhimento deverão, de acordo com as orientações técnicas, elaborar um Projeto Político Pedagógico (PPP).

2.1. Lei 12.010/09, a “Nova Lei da Adoção”

Legisladores e organizações de proteção a infância e juventude colocaram em pauta a elaboração de uma nova lei que reformulasse alguns pontos do Estatuto da Criança e do Adolescente, estabelecesse novas diretrizes para o Sistema de Acolhimento nacional e para os processos de adoção. Foi criada a Lei 12.010 de 03 de agosto de 2009, conhecida popularmente como a “Nova Lei da Adoção”. Seu objetivo principal foi o aperfeiçoamento da sistemática prevista para garantia do direito a convivência familiar e comunitária a todas as crianças e adolescentes.

Esta lei se fundamentou na ideia de que o Estado deve priorizar a orientação, o apoio e a promoção da família natural, junto à qual a criança e o adolescente devem permanecer, sendo afastados desta convivência apenas em casos extremos. O texto alterou e

acresceu razoavelmente o conteúdo do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990.

Desta forma o texto do artigo 101 do ECA, após a alteração, passou a vigorar com o seguinte formato:

Art. 101. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 98, a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;

II - orientação, apoio e acompanhamento temporários;

III - matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental;

IV - inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;

V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;

VI - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos;

VII – acolhimento institucional;

VIII – inclusão em programa de acolhimento familiar;

IX - colocação em família substituta.

(BRASIL, 2009b, Art. 101)

No entanto, o que se observa nos dias de hoje são crianças e adolescentes que permanecem durante anos em entidades aguardando voltar para suas famílias de origem ou serem encaminhados para famílias substitutas, submetidos a um processo lento e doloroso de espera, o que nos leva a considerar que o abrigamento não deveria ser a primeira alternativa de proteção para a criança ou para a família.

2.2. As instituições de acolhimento e o atendimento a crianças e adolescentes hoje

A discussão em torno da legislação e dos planos e políticas governamentais para a sua efetivação revelaram um significativo avanço na última década. A preocupação com a situação de desenvolvimento físico, mental, psíquico, social e espiritual dos acolhidos passou a ser uma discussão recorrente entre os profissionais e autoridades do Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil.

Os nove princípios a serem adotados pelas entidades que desenvolvem programas de acolhimento familiar⁷ ou acolhimento institucional⁸ estão descritos no Art. 92 do ECA:

- I – preservação dos vínculos familiares e promoção da reintegração familiar;
 - II – integração em família substituta quando esgotados os recursos de manutenção na família natural ou extensa;
 - III – atendimento personalizado e em pequenos grupos;
 - IV – desenvolvimento de atividades em regime de co educação;
 - V – não desmembramento do grupo de irmãos;
 - VI – evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados;
 - VII – participação na vida da comunidade local;
 - VIII – preparação gradativa para o desligamento;
 - IX – participação de pessoas da comunidade no processo educativo.
- (Brasil, 2009b, Art 92)

7 De acordo com as Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, CNAS e CONANDA, Brasília, 2009, p. 48: serviço que organiza o acolhimento, na residência de famílias acolhedoras, de crianças e adolescentes afastados da família de origem mediante medida protetiva. O acolhimento deve ocorrer paralelamente ao trabalho com a família de origem, com vistas à reintegração familiar.

8 De acordo com as Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, CNAS e CONANDA, Brasília, 2009, p. 29: serviço que oferece acolhimento, cuidado e espaço de desenvolvimento para grupos de crianças e adolescentes em situação de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção.

Este detalhamento e preocupação com as ações mostram uma necessidade de reformulação no sistema de acolhimento brasileiro de maneira que ofereça condições mínimas que garantam os direitos fundamentais da criança e do adolescente reconhecendo-os como pessoas em fase de desenvolvimento, portadores de direitos, criando para eles espaços nos quais seja fomentada e fortalecida a autonomia e a participação na construção de sua história.

As organizações voltadas ao atendimento desta população, assim como suas equipes de trabalho, apesar de contarem com algumas diretrizes, necessitam de um potencial criativo que forneça subsídios para as ações diárias. A elaboração do Projeto Político Pedagógico pode orientar e estabelecer espaços físicos e não físicos dentro das instituições para que os acolhidos reflitam, construam e até se posicionem em relação ao seu percurso de vida.

O manual de Orientações Técnicas, de 2008, pontua que dentro deste planejamento pedagógico o abrigo deve, dentre diferentes aspectos, contemplar a ação da organização de registros sobre a história de vida e desenvolvimento de cada criança e adolescente:

Devem ser organizados registros semanais de cada criança e adolescente, nos quais conste relato sintético sobre a rotina, progressos observados no desenvolvimento, vida escolar, socialização, necessidades emergentes, mudanças, encontro com familiares, dados de saúde, etc. A equipe técnica do serviço de acolhimento deverá organizar prontuários individuais com registros sistemáticos que incluam: histórico de vida, motivo do acolhimento, anamnese inicial, data de entrada e desligamento, documentação pessoal, informações sobre o desenvolvimento (físico, psicológico e intelectual), condições de saúde, etc. Além dessas, o prontuário deve conter as informações obtidas sobre a família de origem e resumo do trabalho desenvolvido com vistas à reintegração familiar (visitas, encaminhamentos, acompanhamento em grupo, encontros da família com a criança ou adolescente, preparação para a reintegração, etc.) Esses registros devem ser consultados apenas por profissionais

devidamente autorizados e os serviços de acolhimento devem ter uma política clara de confidencialidade desses dados, observada por todos os profissionais.

(BRASIL, 2009a, p. 21)

A história de vida passa a ser uma preocupação e, dessa maneira, a origem das crianças, os acontecimentos anteriores e durante o processo de institucionalização se configurarão como um tesouro pessoal e familiar a ser preservado e carregado consigo.

A Lei 12.010 de 2009 estabelece que todo adotado tem o direito de conhecer a sua origem biológica e ter acesso irrestrito ao seu processo judicial após os dezoito anos de idade.

Estas são as garantias mínimas oferecidas por este sistema, mas cabe aqui um passo além: para onde vão as histórias sentidas e percebidas pelo próprio sujeito? De que forma se abrem espaços nos quais é possível o aparecimento do sujeito?

Em seu texto “A escrita de si”, Michel Foucault (2006a) refere-se ao exercício da “escrita de si” como um processo por meio do qual os sujeitos ao relatarem suas vivências e experiências constroem, no decorrer de suas vidas, uma maneira de relacionar-se consigo mesmo e com o mundo. Poder escrever, ler e reler, se reconhecer ou não naquela escrita, constituem-se técnicas que o sujeito aplica a si mesmo governando a própria vida, refletindo sobre si e sobre o mundo, envolvendo um “cuidado de si” que não se faz sem o outro. Enfim, construindo o que Foucault denomina uma “estética da existência”.

Foucault traz da literatura grega o termo *hupomnêmata*, uma espécie de caderneta de anotações na qual eram registrados um conjunto de coisas lidas e ouvidas. Segundo

Foucault (2006a), os gregos utilizavam os *hupomnêmata* como forma de constituir a si mesmo, apropriando-se, de modo singular, de um já dito, ouvido ou lido.

A proposta principal deste trabalho foi a construção de *hupomnêmata*, com adolescentes abrigados, como forma de registrar suas histórias de vida a partir de livros ou diários que constituíssem um material inscrito em suas almas. Para tanto, a maior análise deste trabalho focou-se no processo de construção.

Para Madaleine Foisil (1991) é comum a utilização destes diários e livros de razão em pesquisas que buscam entender a dinâmica de funcionamento dos indivíduos, no entanto, este trabalho dirigiu-se para um outro sentido, o sentido em que não se faz relevante o que o jovem falou ou deixou de falar, mas sim que ele tenha conseguido se expressar naquilo que é significativo para ele e que o constitui como um sujeito dentro de um espaço que viabilize a prática da liberdade.

O próximo capítulo descreverá em forma de narrativa o processo de construção do registro de histórias de vida com adolescentes resultando nos *hupomnêmata*.

CAPÍTULO II

O desenvolvimento da metodologia



Fig. 12 - Foto das mãos dos adolescentes durante atividade de registro de histórias de vida

A idéia inicial desta dissertação foi buscar uma metodologia de trabalho que auxiliasse no entendimento dos sistemas familiares de adolescentes abrigados. O objetivo do projeto original era elaborar o genossociograma das famílias, buscando avaliar o processo de reintegração familiar, ou seja, o desacolhimento desses jovens e as possibilidades de retorno à família de origem. A partir das leituras realizadas durante as disciplinas que frequentei no mestrado e das discussões realizadas no grupo de pesquisa Violar, comecei a questionar alguns pontos da minha proposta.

A técnica do genossociograma foi proposta por Anne Ancelin Shutzemberger⁹ em sua obra *Meus antepassados: vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossociograma* (1997). A psicóloga e psicodramatista Fátima Fontes utilizou esta metodologia no trabalho de famílias de adolescentes autores de ato infracional, resultando em sua dissertação de mestrado denominada *A força do afeto na família*, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Minha proposta consistia em transpor essa ideia para adolescentes abrigados. Pensava em trabalhar com o genossociograma, em minha dissertação de mestrado, abordando a prática diária de trabalho em abrigos e buscando suprir a ausência de técnicas e metodologias, utilizando, portanto, o genossociograma adaptado às necessidades do abrigo. Tal abordagem permitiria oferecer uma alternativa de avaliação técnica para entender a dinâmica de funcionamento e de estabelecimento de vínculos afetivos e sociais

⁹ Psicóloga e professora da Universidade de Nizza, na França.

de um sistema familiar. Ou seja, uma técnica de fácil acesso às equipes técnicas das entidades, que permitisse maior agilidade nas avaliações psicossociais e consequentes encaminhamentos que se fizessem necessários.

No entanto, refletindo sobre meu trabalho nos abrigos, constatei que meu desejo maior era trabalhar com a história de vida de adolescentes abrigados, mas não a história relatada nos prontuários e sim a história contada e construída por eles próprios.

Revisitei minha experiência mais remota, mais precisamente meu último ano na Faculdade de Psicologia, em 2001, quando saí à procura de campo para estágio em psicologia institucional e encontrei um abrigo com trinta e duas crianças e adolescentes de zero a quatorze anos. Minha proposta de produção durante o estágio fora a confecção de livros individuais que contassem as histórias de vida destas crianças e adolescentes. Para tanto realizara encontros grupais dividindo-os por faixas etárias de zero a dois anos, três a seis anos, sete a dez anos, onze a quatorze anos. A confecção dos livros durou seis meses.

No “grupo dos bebês”, como eu denominava o grupo com crianças de zero a dois anos, o livro era confeccionado a partir de atividades gráficas como o registro dos pés e das mãos com tinta guache em papel sulfite, pedaços de cabelo guardados pela instituição após o primeiro corte, cartõezinhos de natal e de dia das crianças recebidos junto com presentes.

O segundo grupo, de crianças de três a seis anos, denominado por mim, na época, de o “grupo dos pequenos”, já permitia a realização de atividades mais complexas. Além do registro dos pés e das mãos, fizemos o contorno do corpo em papel *kraft*, desenhos livres, pinturas com os dedos e com pincéis, colagem de figuras de revistas e jornais.

O terceiro grupo, e maior, foi o mais participativo e envolvido no trabalho. Eram crianças de sete a dez anos, que aguardavam ansiosamente pelos encontros semanais. Deste

grupo surgiram trabalhos que expressavam sentimentos muito profundos em relação às suas histórias de vida.

O quarto grupo, o “grupo dos grandes”, revelou certa resistência no início, mas no decorrer dos encontros foi se desenvolvendo com maior interesse dos participantes. O resultado do trabalho consistiu em livros individuais que foram guardados e depois levados por cada um deles.

No entanto, meu interesse pela história de vida dessas crianças e adolescentes não parou por aí. Após meu estágio e minha formatura, passei a trabalhar como psicóloga em dois abrigos, concomitantemente. Busquei uma formação específica para o trabalho nestas instituições e, com isso, passei a participar de um grupo de discussão chamado “Dialogando com Abrigos”, promovido por uma OSCIP (organização da sociedade civil de interesse público) que desenvolve o trabalho de capacitação de entidades e profissionais nesta área. Os encontros desse grupo de discussão fomentaram a conversa entre abrigos e juiz da vara da infância e juventude, entre abrigos e conselho tutelar, abrigos e adultos com histórico de abrigamento, sendo este último o mais significativo. Esta experiência me trouxe informações até então totalmente desconhecidas por mim.

Havia um adulto com histórico de abrigamento, um pedagogo e professor universitário, que contou-nos sua história a partir do momento que fora separado de sua mãe, por volta de dois anos de idade. Após a separação da mãe, ele e seus irmãos teriam sido acolhidos pela antiga FEBEM -Fundação Estadual do Bem Estar do Menor. Um dos irmãos fora adotado por uma família estrangeira. Os que permaneceram no Brasil cresceram em abrigos, convivendo juntos no início e separados depois, devido às normas de segmentação por idade e gênero, da época.

O que mais me impressionou, o que mais me indignou, foi quando ele nos contou que, apesar de se conhecerem, de conviverem em espaços comuns, ninguém revelara que eram irmãos e que estavam ali, lado a lado. Nesse momento, comecei a refletir sobre como o papel do adulto que cuida é fundamental para a vida dessas crianças abrigadas e como a omissão em cuidados ou em informações pode mudar todo o rumo de uma vida.

Prosseguindo com sua história, o professor relatou-nos que, após crescer e se tornar um adulto, tivera acesso ao seu processo e, somente após ter lido sua história registrada naqueles papéis, descobrira que tinha irmãos. Emocionado ao descobrir esses fatos, sentara-se nas escadas do Fórum, chorando.

Em busca de sua família, encontrara uma irmã com quem relatou ter estabelecido apenas uma relação de “cordialidade”.

Alguns meses depois, busquei mais formação junto a este professor e passei a integrar um de seus grupos de pesquisa na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo intitulado: *Recuperação de fontes seriais para a historiografia da criança institucionalizada no Estado de São Paulo*, em parceria com a antiga FEBEM (atual Fundação CASA), o Arquivo do Estado de São Paulo e a FAPESP.

Durante esta experiência, dentro do prédio do Arquivo da FEBEM, segurei em minhas mãos um prontuário bastante empoeirado, fino, que estava por cima de outros prontuários. Em sua capa, no campo a ser preenchido com o nome da criança, havia o número mil quinhentos e pouco, não me recordo bem. Ao folheá-lo, li em seu histórico que esta criança, denominada por um número de ordem, faleceu aos três meses de vida, institucionalizada, sem ter tido nome de mãe, nome de pai, e nome próprio, além de não haver nenhuma anotação sobre estes seus três meses de vida, sobre a sua existência.

Este fato me inquietou tanto que passei a me envolver no projeto de capacitação junto àquela OSCIP. Em conjunto, passamos a elaborar aulas e material de apoio sobre diferentes temas para a formação dos profissionais de abrigo. Dentre tais temas, um dos que mais me atraía era o material sobre a aula de organização de arquivos em abrigos. Não era uma aula apenas sobre como organizar papéis, mas sim sobre como construir e marcar a história nestes papéis.

Quando ingressei no mestrado da Faculdade de Educação da Unicamp, passei a rever o projeto que apresentara no exame de seleção. As leituras realizadas durante o curso, as reuniões com meu grupo de pesquisa, VIOLAR, fizeram com que eu buscasse uma metodologia de trabalho capaz de potencializar as histórias de vida de crianças e jovens abrigados.

Foi meu encontro com a História Oral de Vida que me possibilitou trilhar outro caminho metodológico, oferecendo aos sujeitos de minha pesquisa uma oportunidade para eles próprios narrarem suas histórias. A História Oral de Vida, proposta por José Carlos Sebe Bom Meihy, é um tipo de História Oral e remete ao conceito de registro da experiência pessoal a partir de entrevistas livres (1994, p. 06).

Na concepção de Meihy, as entrevistas devem obrigatoriamente ser gravadas e, portanto, há a necessidade de um gravador como instrumento de trabalho, diferentemente do meu trabalho, no qual as falas foram registradas em caderno, por mim ou nas próprias produções dos adolescentes.

Outro ponto diferencial nesta etapa do trabalho é que Meihy (1994, p. 06) afirma que a individualização é um ponto fundamental deste processo, enquanto que no trabalho com os adolescentes do abrigo, optei em realizar registros individuais de histórias de vida

em encontros coletivos.

Para Meihy, o conteúdo adquirido durante a entrevista é transcrito, textualizado e transcriado pelo pesquisador. A transcrição é “a passagem fiel do que foi dito para a grafia” (MEIHY, 1991, p. 30). Para o historiador Alberto Lins Caldas, esta “transcrição é literal, rigorosa, passando-se para o papel tudo o que foi dito, inclusive todos os erros, repetições, vazios e silêncios (...)” (1999, p. 103).

Surgiu, nesta dissertação, outro ponto de diferenciação, em relação à Meihy. As transcrições dos encontros, incluídas neste capítulo, estão parcialmente alteradas por mim, tornando-as mais compreensíveis ao leitor.

A textualização é para Meihy:

(...) anulação da voz do “entrevistador, dando espaço a fala do narrador. (...) Consta desta tarefa a reorganização do discurso, obedecendo à estruturação requerida para o texto escrito. (...) Faz parte do momento de textualização a rearticulação da entrevista de maneira a fazê-la compreensível, literalmente agradável. (MEIHY, 1991, p. 30)

A transcrição, para o autor, caracteriza a recriação da atmosfera da entrevista, trazendo as sensações provocadas durante o encontro (MEIHY, 1991, p. 30). Esta quarta e última etapa não foi aqui realizada nesta ordem, mas sim, em minha concepção, como uma forma de transcrição da transcrição, uma vez que a ação de transcrever não seguiu fielmente os critérios de execução. Esta discussão sobre a transcrição será retomada no capítulo quatro, no qual trataremos da discussão teórica e das considerações finais.

Outro encontro também aguçou meu pensamento, minha alma e minha curiosidade,

devido à sua proximidade com as histórias de vida contadas por crianças e jovens abrigados. Refiro-me às leituras de alguns textos de Michel Foucault em que ele desenvolve os temas do “cuidado de si”, da “escrita de si” e dos *hupomnêmata*.

Os *hupomnêmata*, segundo Foucault, eram utilizados pelos gregos como um livro da vida, “constituíam a memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas” (FOUCAULT, 2006a, p. 147). Configuravam um material construído a partir da leitura, da escrita, da meditação, do diálogo consigo e com os outros.

Foucault descreve os *hupomnêmata* não como um livro de memórias, mas como um material que, mais do que escrito, deveria estar inscrito na alma, captando o já experienciado, o já dito, reunindo o que se ouve, e o que se lê com o objetivo da constituição de si.

Foi neste sentido que esse conceito chamou-me a atenção, um livro da vida ou de vida no qual adolescentes abrigados pudessem escrever sobre si como “cuidado de si” e a construção deste “si”, sujeito, compreendida a partir daquilo que eles próprios captassem em seu dia a dia. Um livro que pudesse conter não a história real e oficial, mas a história sentida e entendida, de forma a possibilitar que esse material permitisse a constituição de si.

Para isso, não me interessava saber a história registrada em prontuários ou relatórios, passou a me interessar os registros realizados a partir das vivências. Quis apreender como o sujeito capta e seleciona suas experiências registrando-as e contando-as para os outros.

A partir deste ponto foi possível traçar diretrizes para um trabalho de campo.

Neste novo caminho metodológico que escolhi, a proposta inicial foi discutir a criação de espaços nos quais adolescentes que vivem em instituições de acolhimento

pudessem pensar e escrever sobre suas histórias de vida. Para isso propus a criação de um livro individual a ser produzido em atividades grupais. Nestes livros seriam registrados lembranças, sentimentos, expectativas e o registro de vida a partir do ponto de vista dos adolescentes que participariam das dinâmicas.

Como já exposto no capítulo I, em abrigos, é comum encontrar prontuários em que as histórias são escritas pelos funcionários que atendem os abrigados. Geralmente, em um prontuário constam documentos civis, guia de acolhimento, relatórios de encaminhamento, relatórios técnicos, registros, receitas de acompanhamento aos serviços de saúde, matrícula em escola, dentre outros.

A questão que se coloca nesta dissertação é: onde e como registrar a história percebida e reconhecida pelo adolescente? O resgate da ideia de *hupomnêmata* foi justamente pensar em um material no qual estes adolescentes pudessem se inscrever, se constituir como sujeitos por meio de sua execução e interação com os demais participantes do grupo.

1. A escolha da instituição

Apesar de já ter trabalhado em diferentes abrigos, a minha opção foi por procurar uma entidade na qual eu nunca tivesse entrado, em que eu não conhecesse os adolescentes e suas histórias de vida.

Uma colega de faculdade já havia, anteriormente, oferecido espaço para campo de pesquisa no abrigo em que trabalhava. Entrei em contato com ela, que prontamente se disponibilizou a conversar com a diretoria.

Chegando ao endereço indicado, estacionei o carro do outro lado da rua e por alguns segundos fiquei observando a casa. Uma bela casa em um bairro comercial da zona norte da cidade de São Paulo, na frente um jardim com grandes árvores e uma grande janela de vidro na parede da sala. O portão de madeira tinha uma mensagem montada com adesivos dourados “Feliz Ano Novo”. Agradou-me o fato da instituição não ter placas indicando o tipo de atendimento ou o nome do abrigo. Se o abrigo deve ser equiparado a uma casa, não deve ter letreiros ou placas.

Fui recebida pela cozinheira que me conduziu pela casa, até que eu encontrasse a psicóloga da instituição, minha colega de faculdade.

Sentamos em sua sala para conversar e expus o projeto para que ela avaliasse a viabilidade. A psicóloga contou-me a história da entidade e seu funcionamento.

O abrigo é mantido por uma igreja evangélica norte-americana e o diretor reside nos Estados Unidos. No Brasil, a organização possui apenas esta casa que é administrada por uma gerente, com o apoio de uma equipe técnica composta por uma psicóloga, uma assistente social, um coordenador e um captador de recursos. Na linha de frente, ou seja, no cuidado direto com as crianças e adolescentes, a entidade conta com uma equipe de dez educadores, uma cozinheira e duas auxiliares de serviços gerais.

Os educadores são profissionais com ensino médio completo e experiência no trabalho com crianças; trabalham em plantões no sistema de doze por trinta e seis horas, isto é, trabalham doze horas e folgam trinta e seis. Sendo assim, trabalham um dia sim e um

dia não, sucessivamente. Nesta modalidade de escalas, formam-se quatro turnos de trabalho. No período diurno duas equipes de três educadores e no período noturno duas equipes de dois educadores. Esta forma de trabalho supre a necessidade de funcionamento vinte e quatro horas por dia.

A cozinheira e as auxiliares de serviços gerais trabalham de segunda a sábado no horário comercial e são chamados de equipes operacionais pela administração do abrigo.

Ao andar pela casa, fui apresentada a todos que estavam ali naquele dia, uma quarta-feira, por volta de onze horas da manhã. Estavam todos bastante envolvidos em suas atividades, mas conseguiam parar para dar atenção à visitante. Uma das crianças segurou em minha mão e me acompanhou por toda a casa. Era uma menina de três anos, com olhos bem vivos, lábios grandes e delicados e o cabelo cheio de trancinhas. Neste dia, não estavam na casa os adolescentes, grupo que iria participar das atividades.

Fui apresentada à gerente, que me recebeu com um grande sorriso desejando que eu fosse bem vinda. Conversamos sobre os encontros e Carol me ofereceu a biblioteca para realizá-los. Este espaço caracterizava-se por uma sala ao lado da garagem, montada por divisórias. Dentro havia algumas prateleiras com muitos livros em ótimo estado de conservação, um tapete de EVA grosso com uma mesa ao centro e quatro “pufs” em forma de almofadas grandes ao redor da mesa. No canto da sala, havia uma mesa com computador, impressora e uma cadeira com rodinhas. Nas paredes, alguns cartazes com o aviso “Não pise de sapato na EVA”. Achei o espaço bastante aconchegante para os encontros.

2. A casa

Cabe aqui uma descrição mais detalhada da casa, o abrigo. Na entrada, após o portão de madeira há um corredor que segue até a porta da sala. Esta sala é ampla, com dois ambientes, sendo que logo na entrada há um conjunto de sofás de três lugares e uma estante com uma televisão de vinte e nove polegadas; ao lado alguns “pufs” coloridos em formato quadrado. Na segunda parte da sala há uma mesa de mármore com quatro cadeiras, uma mesa baixa com outra televisão grande e um videogame. A janela, antes vista de dentro, oferece uma boa luminosidade e visão da parte externa da casa. A parede do fundo da sala é forrada com pedras e no meio da sala há uma lareira com acabamento em tijolos a vista.

Ao sair da sala, um pequeno corredor leva ao refeitório e ao lavabo. Em frente ao lavabo, há um portão para proteção de escadas e uma porta com abertura para a escada. O refeitório é amplo, com três mesas grandes para refeição, um balcão para servir os alimentos e um filtro de água. Há também um armário embutido no qual são guardados medicamentos, prontuários individuais de saúde, livro de ponto de funcionários, livro ata, e livros do primeiro ano de vida do bebê. Uma das educadoras explicou-me que estes livros dos bebês são cadernos pequenos nos quais são anotados diariamente dados sobre alimentação, desenvolvimento, sono, dentre outras coisas.

Do refeitório saem três portas, uma para uma pequena sala onde foi montada uma brinquedoteca, outra para a cozinha e outra para o corredor que leva aos quartos.

A brinquedoteca conta com dois armários de brinquedos pedagógicos, uma lousa na

parede e uma mesa pequena com seis cadeiras ao redor e alguns armadores para bebês. Desta sala há uma porta que sai para o quintal e uma janela.

A cozinha tem um portão com cerca de um metro de altura separando-a do refeitório. Uma pia de mármore com quatro metros de comprimento, um fogão e duas geladeiras. Ao lado da porta que sai para a lavanderia, uma estante com frutas e legumes.

Seguindo pelo corredor que sai do refeitório há três dormitórios e um banheiro. O primeiro dormitório é o menor, nele ficam os meninos em três camas beliche. Há também armários sendo um para cada dois. O banheiro do corredor é utilizado apenas pelos meninos.

O segundo quarto é o dos bebês, chamado também de berçário, neste quarto há seis berços e uma cama pequena. Os armários são embutidos e há uma cômoda com um trocador em cima. Ao lado da porta, há uma poltrona na qual as educadoras são orientadas a dar mamadeira para os bebês.

O último quarto do corredor é o maior, além de ser uma suíte. Este é o quarto das meninas e o seu banheiro é utilizado por elas e para banho dos bebês. Neste quarto há beliches e uma pequena cama. Os armários são embutidos, mas também há guarda-roupa e uma cômoda.

À frente do lavabo e descendo a escada, há uma grande área externa com capacidade para quatro carros. Desta área se estendem uma sala grande utilizada como despensa, uma sala para uso dos educadores, a biblioteca, a sala da equipe técnica, a sala da gerente, um espaço com churrasqueira, balcão e pia e um banheiro. Após esta parte construída há um portão de saída para o fundo dando acesso ao quintal, um grande espaço com terra, grama, árvores, dentre elas pé de mexerica e pé de romã. No fundo, uma

pequena construção com dois quartos pequenos utilizados como depósitos de doações e ferramentas.

Percorrendo todos esses espaços e procurando ter uma escuta sensível a todos os sons, ruídos, palavras senti que esta casa além de ser funcional, organizada, trazia algumas marcas “invisíveis” nas quais se misturavam afeto, cuidado, tristeza, esperança, rebeldia. Tornava-se cada vez mais urgente para mim ouvir as histórias que traziam vida a esta casa.

3. A população atendida

Durante o período de desenvolvimento das atividades, a entidade acolhia crianças e adolescentes com idade entre zero a dezesseis anos. No início, eram dezenove e com o decorrer dos meses, com a entrada de um menino, o número passou a ser de vinte crianças e adolescentes.

Eram quatro bebês de zero a um ano, sendo dois meninos e duas meninas; dois meninos de um a dois anos; uma menina de três anos, um menino de cinco anos, uma menina de nove, um menino de dez, uma menina de onze, duas meninas e um menino de doze, uma menina e um menino de treze, um menino de quatorze, dois de quinze e uma jovem de dezesseis.

Neste conjunto de acolhidos, alguns fazem parte de grupos de irmãos.

Para o desenvolvimento das atividades, propus um grupo composto por todos aqueles que tivessem doze anos ou mais, fechando desta forma o critério de escolha do

público-alvo apenas para os adolescentes.

4. O funcionamento do abrigo

Para o início dos encontros, solicitei à equipe do abrigo que nenhuma informação referente às crianças me fosse passada, a não ser nome, idade e irmãos na instituição. Insisti em afirmar que o meu maior interesse era saber das histórias deles a partir deles mesmos. No entanto, algumas informações sobre a instituição seriam necessárias para que eu pudesse compreender o que eles construiriam nos encontros a partir da relação que mantinham com a instituição.

Cuidadosamente, a psicóloga me forneceu dados sobre a metodologia do trabalho utilizada pela equipe.

Por ser uma entidade mantida por uma organização religiosa cristã, todos ali acolhidos comungam na mesma igreja evangélica próxima ao abrigo. As crianças e adolescentes estudam em escolas da rede pública de ensino e realizam atividades extracurriculares em organizações não governamentais da comunidade, no entorno da instituição.

Dentro do abrigo recebem todos os cuidados básicos necessários, tais como: alimentação, vestuário, acompanhamento escolar, medicação; realizam atividades lúdicas e pedagógicas e estão submetidos a um sistema disciplinar categorizado em níveis de

comportamento.

Os níveis de comportamento são definidos em quatro estágios nos quais as crianças maiores de oito anos e os adolescentes são categorizados para revelar a sua adequação ou não às normas da casa.

O nível I é o inferior e nele estão aqueles que mentem, falam palavrões, agredem física ou verbalmente. Neste nível as pessoas ficam proibidas de sair para passeios e atividades lúdicas, também não podem brincar, jogar ou assistir televisão. Como forma de restabelecer a disciplina, são obrigadas a realizar diariamente a “Lição de nível 1”, geralmente composta pela escrita de tabuadas de zero a dez, dez vezes seguidas.

O nível II está acima de I, mas ainda estão proibidos de sair ou participar de atividades lúdicas. Neste nível, a lição não é obrigatória.

O nível III é considerado um nível bom, no qual a criança ou adolescente apresenta um bom comportamento e é merecedor de prêmios como sair, participar de atividades propostas pelos educadores e ou voluntários na instituição.

Nível IV é o melhor nível, todos aqueles que estão nele devem servir como exemplo de comportamento para os demais. Neste estágio, eles recebem prêmios ainda melhores do que o nível III e para estar nele um dos aspectos principais é a boa colaboração com o funcionamento da casa.

Quem controla os níveis são os educadores, orientados pela equipe técnica. Um educador tem autonomia de baixar qualquer pessoa de nível se entender que ela desrespeitou algumas das regras da casa, no entanto, a avaliação para verificar se alguém pode subir de nível deve passar por todos os educadores. Desta forma, se uma criança ou adolescente pretende subir de nível deve pedir a um dos educadores que abra uma

“solicitação”. Esta solicitação é um formulário no qual o educador do dia coloca o nome da criança ou adolescente, o nível em que ela está e o nível para o qual ela pretende subir, não sendo permitido pular estágios, quem está no nível I pode solicitar ir para nível II, quem está no II para o III e quem está no III para o IV.

Uma vez aberta a solicitação, este formulário passará pelas mãos dos quatro plantões seguidos, permitindo assim que todos os plantões possam avaliar o comportamento da pessoa em questão. É importante ressaltar que esta avaliação deve considerar apenas aquele plantão e não fatos ocorridos anteriormente.

Dentro da instituição, há discordâncias sobre a eficácia dos sistemas de níveis. Alguns funcionários consideram que os níveis estimulam o bom comportamento dentro dos abrigos, mas outros questionam a sua forma disciplinar. Uma das funcionárias, ao me explicar o funcionamento dos níveis, relatou: “Para mim estes níveis não formam caráter, eles distorcem o caráter.”.

5. A rotina

A rotina do abrigo começa cedo. Às cinco e trinta acordam aqueles que têm aula no período da manhã ou cursos extracurriculares. Os bebês permanecem na casa e passam por atividades de estimulação, por volta das dez horas. O horário de almoço ocorre entre onze e trinta e treze horas e é quando alguns chegam e outros saem para as escolas.

O coordenador da casa faz o traslado das crianças menores de carro.

As consultas médicas e odontológicas são realizadas na Unidade Básica de Saúde próxima ao abrigo. As crianças e os adolescentes realizam psicoterapia individual ou em grupo com psicólogos voluntários ou em instituições de atendimento neste seguimento.

Em outras especialidades médicas os casos mais sérios são acompanhados pela Santa Casa de Misericórdia e suas equipes multiprofissionais.

6. O início das atividades / encontros

Os encontros iniciaram em janeiro de 2010 prosseguindo até meados de junho do mesmo ano.

As atividades foram previamente planejadas contemplando uma dinâmica de grupo ou alguma outra atividade pertinente ao tema e um segundo momento de confecção do material. No entanto, a partir do primeiro encontro, observei a necessidade de reformular todas as atividades tendo em vista que neste grupo havia um adolescente com deficiência física nos membros inferiores e uma adolescente com deficiência intelectual.

A proposta passou a configurar uma sequência de atividades capaz de ser acompanhada por todos.

6.1. O preparo do material

Pensando na maneira como seria possível organizar o material que fosse produzido por cada sujeito, optei por comprar pastas catálogos com o objetivo de oferecer maior mobilidade e ao mesmo tempo proteção à produção dos adolescentes, de forma que eles pudessem colocar e tirar o que sentissem vontade, trocando a ordem, ou até mesmo acrescentando coisas, se fosse o caso. Para cada adolescente havia uma pasta.

Em uma sacola grande reuni os materiais que considerei como permanentes e aqueles que seriam utilizados em todos os encontros. Neste conjunto coloquei: romãs de lã, bexigas coloridas, canetas hidrocor, canetas esferográficas, barbante, cola, tesoura simples, tesoura para artesanato, cartolinas de diferentes cores, papel sulfite, jornal, lápis de cor, giz de cera, régua, pincéis, guache, apontador, fita dupla face, TNT, EVA, dois potes de alumínio para dispor as canetas e lápis.

Este material fez parte de todos os encontros e na medida em que era utilizado a reposição era feita imediatamente, desta forma eles sabiam que poderiam, se desejassem, contar com aqueles instrumentos.

6.2. O Primeiro encontro: “Quem sou eu?”

Neste primeiro encontro, marcado para as nove e meia, cheguei quinze minutos mais cedo para organizar a sala e o material. A biblioteca já estava aberta e organizada. Entrei e distribuí o material sobre a mesa, deixando tudo à vista. Aos poucos foram chegando os adolescentes.

A primeira a entrar na sala foi a Bella, que me cumprimentou demonstrando certa timidez e curiosidade. Em seguida foram entrando os demais e se sentando ao redor da mesa. Eu estava sentada no tapete de EVA em um dos lados da mesa, já sem os meus sapatos. O último a entrar foi Scot, que parecia um pouco distraído, tentando focar a atenção na atividade. Todos estavam arrumados, alguns com os cabelos molhados, e foi possível perceber sua preocupação com a boa apresentação naquele momento.

Propus uma roda de apresentação na qual cada um diria seu nome e idade.

Bella, dezesseis anos, pediu para começar, disse sorrindo seu nome e idade; na sequência, apresentaram-se: Pity, treze anos; Felipe, quinze anos; Gabriel, doze anos; Ana Clara, treze anos; Thaís, quatorze anos; Bianca, doze anos; e Scot, quinze anos. Percebi que Thaís balançava o corpo para frente e para trás, continuamente.

Expliquei o objetivo e a proposta do trabalho a ser realizado nos encontros. Informei que se tratava de um trabalho de pesquisa, que seria apresentado na universidade no formato de uma dissertação de mestrado. Felipe me perguntou o que seria isso e expliquei a diferença entre a graduação e a pós graduação. Esclareci, ainda, que a participação deles

deveria ser voluntária, podendo participar dos encontros apenas aqueles que desejassem. Perguntei, então, se alguém não se sentia à vontade para participar. Olharam-se entre si, parecendo esperar uma resposta do grupo. Todos decidiram permanecer. Felipe me perguntou se ao final eu escreveria um livro, respondi que o trabalho final da dissertação é parecido com um livro.

Falei para o grupo que o material disposto na mesa era para ser usado da forma que eles quisessem e que nesse dia, como era um encontro de apresentações, a proposta era de que colocassem no papel quem eles são e que contassem sobre si, por meio da escrita, do desenho, da pintura, da colagem ou da maneira de sentissem vontade.

Houve silêncio, olharam-se entre si parecendo esperar que o outro começasse primeiro. De repente, Pity pegou uma folha e perguntou:

- Posso usar o que quiser?

Respondi:

- O que quiser.

Em seguida, iniciou um desenho. Aos poucos, todos foram procurando no material disponibilizado aqueles que os interessavam.

Felipe:

- Posso usar só o lápis preto?

Respondi:

- O que quiser.

Ana Clara escolheu alguns lápis de colorir e começou a escrever pintando por cima das frases. Thaís permanecia balançando o corpo, mas, agora, com uma folha de sulfite e um lápis preto na mão.

Gabriel perguntou-me:

- Tem que ser tipo assim uma biografia da vida?

Esclareci:

- Pode ser uma biografia bem resumida.

Percebi que Gabriel estava procurando uma maneira de colocar no papel o que ele queria dizer. Procurou folhas de diferentes cores. A primeira página foi jogada fora e em seguida iniciou a escrita com lápis preto em uma folha de cartolina verde.

Bianca apagou várias vezes seu desenho, parecia não ficar satisfeita com o resultado.

Felipe terminou e perguntou a Thaís se ela queria ajuda, ela aceitou.

Thaís levantou-se e sentou ao lado de Felipe. Este foi anotando a fala dela em uma folha da qual Thaís copiou seu texto, em outra folha. Ficou evidente a dificuldade de escrita de Thaís, no entanto, mesmo todos já tendo terminado seus trabalhos, aguardavam pacientemente que ela concluísse sua cópia. Durante este período de espera, Scot escolheu na biblioteca uma revista em quadrinhos e ficou lendo em um dos cantos da sala.

Quando Thaís finalizou seu trabalho, perguntei quem gostaria de falar sobre o que desenhou e escreveu. Bella se prontificou:

- Quem sou eu? Sou Bella, dezesseis anos, moro numa instituição há muito tempo e sou um pouco tímida, às vezes sorridente, às vezes muito brincalhona. Gosto muito de ir ao shopping assistir um cinema ou tomar casquinha, gosto de ir ao Playcenter, ao Hopi Hari, ir para o clube, de sair com os amigos, etc. Também, sou educada com quem é comigo, honesta, não gosto de falsidade. Gosto muito dos meus irmãos e de quem mora comigo. Não gosto de quando estou lendo e me atrapalham, ou quando

ouço rádio ou quando estou fazendo outra coisa. Gosto, às vezes, de ficar sozinha. Gosto muito de mexer na internet e tirar muitas fotos. Gosto também de ir à praia.

Em seguida, Bianca disse que não falaria sobre o seu desenho. Respondi que ela poderia ficar à vontade e que só falasse quando quisesse.

Gabriel pediu para ler:

- Bom dia! Meu nome Gabriel H. dos S., tenho doze anos, data de nascimento 31/03/1997. Sou filho de A. P. dos S.; nome do pai, não sei. Primeiro vou falar as minhas qualidades boas e ruins. Sou uma pessoa inteligente. Sou uma pessoa que sabe ouvir. Sou uma pessoa sorridente, alegre. Sou uma pessoa simpática. Segundo, vou falar as minhas qualidades ruins. Sou uma pessoa que pede as coisas, tipo objetos. Sou uma pessoa que não sabe ouvir!!! PS: Tenho quatro irmãos: Edward R. dos S., quatorze anos, P. V. dos S., onze anos, J. P., cinco anos, Maria não sei o que, zero anos. PS: somos filhos de pai diferentes, só de mãe igual... Fim!

Pity interrompeu, como se quisesse muito a vez para falar:

- Sou eu, sou eu, sou eu... Oi, meu nome é Pity da S. R., eu sou uma pessoa sorridente e triste. Eu gosto de jogar bola, eu gosto de mexer no computador e gosto de ir à praia e gosto de ir ao clube escola.

Sorriu. Perguntei quem mais gostaria de falar e Felipe se prontificou.

- Meu nome é Felipe, tenho quinze anos, gosto de jogar bola, andar de bicicleta e me divertir muito. Sou feliz, estudo, estou na 8ª. série. Moro na instituição faz treze anos, gosto de onde eu moro e de mim mesmo.

Em seguida, perguntou à Thaís se ela queria ajuda para ler e ela aceitou.

- Quem sou eu. Thaís. Minha madrinha é legal comigo, gosto das minhas irmãs, da

minha escola e das tias, gosto de que vou começar a trabalhar. Eu vou de perua para a escola, gosto de todos, gosto de minha professora, de nadar, do pessoal do Bola de Neve, de ouvir música, jogar vôlei.

Ana Clara:

- Agora sou eu. Eu tenho 12 anos, aqui é muito bom, “mara”, gosto muito da minha cama, é muito fofa. Gosto muito da minha irmã. Tem Bianca, que tem doze, e a Thaís, que tem treze anos.

Scot continuava no canto, mas, agora, olhando para o grupo. Mas, seu olhar parecia estar longe, como se estivesse em outro lugar. Perguntei:

- Scot, que mostrar o seu?

Scot:

- Ah! Sim. Meu nome é Scot e gosto muito de desenhar.

Solicitei que eles deixassem comigo seus trabalhos. Gabriel me perguntou quando eu voltaria. Informei a data do próximo encontro que seria dali a dois dias e perguntei se o horário de nove e meia estava bom para eles ou se seria muito cedo. Gabriel falou que é um horário bom, pois, depois da “atividade”, almoçam e à tarde, como estão em férias, vão ao clube escola.

Felipe perguntou se havia acabado e informei que sim; despedimo-nos e eles saíram da sala. Quando ele se levantou, com certa dificuldade, observei sua deficiência nas duas pernas. Elas são bem menores, desproporcionais em relação ao tronco e aos braços, fazendo com que ele ande devagar e balançando o corpo a cada passo.

Permaneci sozinha guardando os materiais na bolsa e fiquei impressionada com a participação de todos e a educação deles. Na verdade, acho que esperava um grupo mais

rebelde, com mais resistências aos encontros e às atividades propostas. Mas, ao contrário disso, encontrei pessoas receptivas e bem adaptadas às atividades.

Constatei estar com um grupo de oito adolescentes, sendo um com dificuldade para andar, outra com dificuldade para ler e escrever e um bastante organizado e organizador, Gabriel.

Nesse momento, a pergunta que me ocorreu foi: “Como pensar atividades nas quais todos possam participar, sem deixar ninguém de fora? Será que Thaís acompanhará textos mais elaborados? Será que Felipe realizará dinâmicas de grupo que envolvam atividades físicas?”.

Saí da biblioteca e a psicóloga do abrigo veio até mim para perguntar se havia corrido tudo bem. Eu disse que sim, mas que estava pensando em adaptar algumas das atividades programadas. Ela me perguntou se eu gostaria que Thaís saísse do grupo para facilitar as atividades de escrita. Respondi que considerava importante que ela permanecesse, pois mesmo não estando no meu planejamento nem na escolha da população para a pesquisa trabalhar com adolescentes com deficiência intelectual ou física, Thaís faz parte do grupo, e, independentemente de sua condição, é uma adolescente que tem sua história para construir e contar.

Carol, a psicóloga, ainda me informou que havia mais um adolescente, o Edward, que naquele dia estava ausente, pois tinha ido fazer um teste em uma escola de futebol. Contou que, geralmente, Edward não aceita participar das atividades propostas pelo abrigo e que provavelmente ele não participaria dos encontros. Respondi que tudo bem, que ele poderia escolher, já que a participação seria voluntária.

6.3. Segundo encontro: “Árvore da família”

Neste dia todos entraram na sala rapidamente e começaram a procurar o que os interessasse, no material sobre a mesa. Enquanto o grupo conversava, uns mostravam coisas para os outros. Percebi que havia uma pessoa a mais, sentado no canto, encostado na parede, vestindo um boné preto com um cifrão dourado grande na frente. Sorrindo, me olhava quieto. Cumprimentei-o e, antes que eu pudesse perguntar seu nome, Gabriel interview:

- Esse é o Edward, ele é meu irmão, ele não estava da outra vez.

Expliquei a Edward o objetivo do trabalho e informei-o de que sua participação deveria ser voluntária. Ele disse que gostaria de participar, mas que em alguns momentos poderia estar ausente devido às atividades de futebol, cursos e outras saídas para a casa da tia.

Propus que fizéssemos uma caminhada pelo quintal do abrigo, local com diversas árvores frutíferas, como descrito anteriormente. Observamos as árvores e eles foram me contando sobre cada uma delas. Scot e Pity mostraram a árvore de caqui, subiram para pegar um fruto, mas perceberam que ainda não estavam suficientemente maduros para a colheita.

Gabriel foi apresentando-me cada planta em um vaso e mostrou-me a terra que estava preparando para mudas de maria-sem-vergonha. Perguntei:

- Porque você escolheu a maria-sem-vergonha?

Gabriel respondeu:

- Porque ela pega fácil e fica com várias cores diferentes, é bem bonito.

Bianca mostrou o pé de mexerica e disse que é a sua fruta favorita.

Voltando para a biblioteca a proposta foi de que eles construíssem uma árvore da família, utilizando-se ou não dos modelos impressos que eu havia levado.

Nesta árvore da família, deveriam colocar as pessoas que eles consideravam como sendo de suas famílias, mesmo que fossem pessoas sem parentesco biológico. Gabriel perguntou:

- Você quer que a gente faça tipo assim a árvore genealógica da nossa família?

Expliquei:

- Que vocês façam a árvore com as pessoas que vocês consideram que fazem parte da família de vocês, mesmo que estas pessoas não tenham vínculo familiar.

Bella concluiu:

- Ah! Que a gente faça a árvore da família perfeita, quem faz parte da nossa família que a gente considera a nossa família.

Quando terminaram, solicitei que cada um apresentasse sua família. Felipe pediu para falar primeiro:

- A minha família sou eu, o Digão, que é meu padrinho, a Ana, que é minha madrinha, o Marcos, a Eliana, o Viti, o Toni e a Vilma.

Perguntei:

- Quem são esses outros?

Felipe respondeu:

- São tios que trabalham aqui no abrigo.

Bella pediu que eu escrevesse com a minha letra “Família Perfeita” na folha, acima de sua árvore da família:

- A minha família perfeita é o Vinícius, meu amigo, Yasmin e Sabrina, minhas amigas da escola, Alexandre, meu irmão, Miriam, do abrigo, Paulo, do abrigo, Olívia e Zélia, educadoras do abrigo, Leandro, meu irmão, Bianca, Fernanda e Bruna, educandas, tia Tereza, que não trabalha mais aqui, Ryan e Megan, os diretores do abrigo, Sandra, a minha madrinha, André, Sabrina, Nana, Léo e Bruna, da escola.

Observei que Bella não se incluiu na árvore da família.

Scot descreveu:

- A minha família sou eu, o meu pai, Fernando, a minha mãe, Sueli, e o meu avô, Sinfuroso.

Pity entreviu:

- E eu, né? Ele é meu irmão e eu sou irmão dele. A minha árvore sou eu, Fernando, Sueli, Sinfuro, Aclipina e Jorge.

Perguntei:

- Quem são Aclipina e Jorge?

Pity explicou:

- Minha avó e o Jorge é padrinho do Gabriel, ele leva a gente para a igreja todos os domingos. Aqui no abrigo nós somos: eu, o Scot, a Fernanda e a Bruna, quatro irmãos. Mas, temos mais três irmãos, a Andreza, o Tiago e o Anderson, que não moram aqui. A Andreza já saiu daqui.

Gabriel completou, apontando, primeiramente para Edward:

- Nós também somos irmãos. Na minha árvore genealógica estão o Paulo, que é meu outro irmão, o Edward, o João Pedro, meu irmão que já foi adotado, a Maria, minha avó, Terezinha, Lú, Olívia e Reinaldo, todos educadores daqui do abrigo, a Stephany, que é minha prima, a Miriam, minha tia, e o Diego, que é educador daqui, também.

Edward falou:

- A minha família é nós aqui, o Felipe, o Scot, a Rose, minha tia, o Pity, o Gabriel, o Paulinho e eu.

Bianca, primeiramente, indicou como irmãs Ana Clara e Thaís, depois completou a família:

- Nós três também somos irmãs. A minha família sou eu, no meio, minha mãe, Carmem R., meu irmão, Josimar, meu irmão, Ricardo, minha irmã, Ana Clara, minha irmã, Thaís, minha irmã, Amanda, e, também, a Jaqueline. Aqui embaixo, meu pai, Evinaldo, a minha avó, Altina, e o meu avô, Francisco.

Ana Clara descreveu:

- A minha família é a Thaís, a Bianca, a Amanda, o Ricardo, o Josimar e Aline. Os irmãos por parte de mãe são: Amanda, de seis anos, a Jaqueline, de 18 anos, Aline, de 20 anos, o Ricardo, de 22 anos, e o Josimar, de 15 anos. Os irmãos por parte de pai e mãe, a Bianca, 12 anos, Ana Clara, 13 anos, Thaís, 14 anos, estes são meus irmãos por parte de pai e mãe, mas aqui no abrigo só estamos eu, a Bianca e a Thaís.

Thaís estava balançando o corpo para frente e para trás. Neste encontro foi Bianca que auxiliou Thaís na escrita dos nomes. Perguntei se ela queria ajuda para a leitura ou se ela gostaria de ler. Pediu que eu lesse os nomes que estavam escritos em sua árvore:

- Aline, Ana Clara, Thaís, Pity, Jaqueline e Bianca.

Ao final Felipe me perguntou:

- E a sua família?

Interroguei:

- O que você quer saber?

Felipe completou:

- Você tem pai e mãe?

De repente, um turbilhão de perguntas vindas de todos os lados: se eu era casada, se morava com meus pais, se tinha filhos, quantos, quais as idades, se tinha irmãos, quantos, se eu morava com meus filhos. Primeiramente, fiquei pensando se deveria responder a todas as perguntas, mas me senti tranquila para responder, pois aquele era um espaço no qual todos eles estavam falando de suas vidas e contando-as para mim. Não encontrei motivos suficientes para negar as informações, já que de certa forma eu estava inserida no grupo, não como psicoterapeuta e nem como pesquisadora isenta, mas como alguém que participava da construção dessa contação de histórias de vida. Senti-me muito à vontade para contar sobre a minha família e partilhar com eles a mesma experiência, como um gesto de respeito, reconhecendo que eles estavam ali não como objetos de uma pesquisa, mas como pessoas com histórias para serem contadas e ouvidas, com seus desejos e curiosidades.

6.4. Terceiro encontro: “Meus desejos e sonhos”

Pensando naquele movimento de indagações e vontades de saber e de viver a história do outro, programei para o terceiro encontro uma atividade que propusesse a fala e a escrita dos desejos, dos sonhos de cada um.

Levei um rolo de barbante e, em uma roda, sentados no chão, segurei a ponta e propus que cada um jogasse o rolo para um dos colegas, segurando a parte do barbante que chegava até eles. Quando jogassem o barbante, deveriam falar qual seu maior desejo. Ao final, o rolo de barbante deveria fazer o caminho inverso e a pessoa que recebeu o barbante, ao devolvê-lo, deveria lembrar qual o desejo daquele que o jogou para ele. No entanto, não revelei, no início, que teriam que lembrar dos desejos do colega.

Iniciei a dinâmica jogando para Pity. Pity jogou para Scot e falou sobre seus desejos:

- Meu desejo é ter um casarão e ter um carro e ter uma vida boa.

Scot jogou para Edward e falou:

- Eu quero sair daqui e construir a minha própria família.

Edward jogou para Bella e contou:

- Quero ser jogador de futebol.

Bella jogou para Bianca, dizendo:

- Quero ter uma família, ser atriz ou auxiliar de cozinha. Quero que todo mundo daqui seja mais unido, que possa realizar seus sonhos. Quero ter a minha própria casa.

Bianca pegou o rolo, jogou-o para Felipe e em seguida falou:

- Meu sonho é ter uma família e meu desejo é ser professora de Educação Física e

cuidar de crianças.

Foi a vez de Felipe, antes de jogar o rolo para Thaís:

- Meu sonho é ser feliz e ser engenheiro civil.

Thaís não sabia para quem jogar e me entregou o rolo. Falei que poderia entregar para Ana Clara ou para Gabriel, pois os dois ainda não tinham falado. Optou por jogar para Ana Clara e explicou que a escolheu por ser sua irmã. Falou:

- Eu quero ganhar uma família e trabalhar de cozinheira.

Ana Clara jogou para Gabriel, dizendo:

- Eu quero ter a minha família, meu sonho é ser bailarina, ganhar uma família, não ser separada da irmã. Eu gosto da minha irmã.

Gabriel foi o último:

- Meu desejo é fazer uma faculdade de Educação Física e ser alguém na vida. Meu sonho é ser pai, ter dois filhos: mulher e homem. Quero rever a minha mãe e conhecer o meu pai, porque eu não sei quem é.

Quando pedi para o rolo voltar de mão em mão, na ordem inversa, sendo que cada um deveria lembrar o que o colega falou, riram. Todos ficaram olhando uns para os outros, mas, finalmente, conseguiram lembrar.

Em seguida, propus que eles escrevessem ou desenhassem sobre seus sonhos e desejos.

Pity escreveu e perguntou se poderia sair, achei que ele estava agitado. Foi ao banheiro e não retornou mais nesse dia.

Ana Clara falou que gostou muito dessa atividade e que gostaria de continuar ali naquele dia, os demais se manifestaram afirmando ter vontade de continuar naquele

encontro.

Pensei em deixar livre para fazerem algo que fosse da vontade deles, mas pediam para que eu indicasse algo, uma tarefa, uma atividade. Então, improvisando, pedi que eles imaginassem que eram objetos e que desenhassem esses objetos. Minha pergunta foi:

- Se vocês fossem um objeto, que objeto seriam e porque seriam este objeto?

Muniram-se logo de papel, lápis, canetas *hidrocor*, giz de cera e começaram a desenhar.

Gabriel demorou mais tempo para desenhar, admitiu estar com dificuldade para pensar que objeto seria.

Edward contornou a mão, me entregou a folha e disse:

- Eu seria uma mão. Posso sair?

Respondi que sim. Percebi que ele não estava mais alí, desinteressou-se. Os demais permaneceram envolvidos em seus desenhos.

Quando todos terminaram, Felipe pediu para ser o primeiro a contar e, apesar de seu desenho ter sido feito apenas com lápis preto, me impressionou muito, devido à sua fala:

- Queria ser um diamante, porque é precioso, que todo mundo luta por ele.

Bella disse:

- Eu seria um estojo, porque as pessoas guardam coisas importantes, coisas para ninguém ver. Um rádio, porque ele toca as músicas que eu gosto e eu queria tocar as músicas que as pessoas mais gostam.

Foi a vez de Gabriel:

- Eu seria uma tesoura. Para podar as pessoas. (Risos)

Bianca:

- Eu seria uma televisão para passar programas legais.

Ana Clara falou e continuou pintando seu desenho:

- Eu queria ser uma rosa. Eu queria ser uma estrela.

Foi a vez de Thaís:

- Eu queria ser um copo de água para beber.

Perguntei:

- E você, Scot?

Ele respondeu:

- Uma latinha de refrigerante, para eu ficar tomando e ir passando de lata em lata como se fosse uma alma do refrigerante.

Pareceu que já estavam satisfeitos e mais tranquilos. Foi como se ao falarem de seus sonhos e desejos tivessem aberto um espaço de criação no qual eles precisavam fazer ou dizer algo mais. Talvez desenhar e se imaginar como objetos tenha sido concreto o bastante e os fez voltar à rotina rapidamente.

6.5. Quarto encontro: “Meus amigos”

Nesse dia Edward não esteve presente. Gabriel contou-me que o irmão tinha ido para a casa da tia. Explicou que são três irmãos no abrigo, mas que Edward vai para a casa de uma tia passar os finais de semana, férias e feriados, enquanto Gabriel e Paulo

costumam ir para a casa de outra tia. As duas tias são irmãs da mãe dos três e se dividem para dar atenção a eles.

Com os adolescentes na sala, propus que cada um escrevesse filipetas com os nomes de seus amigos e as colocasse dentro de uma bexiga. Em seguida, cada um encheu seu balão e fechou-o com um nó. Jogamos todas as bexigas para cima e cada um pegou a primeira que caiu perto de si. Todas as bexigas eram da mesma cor, vermelhas. Solicitei que cada um estourasse a bexiga, lesse os nomes que lá estavam e, em seguida, fizessem uma sugestão sobre quem havia enchido aquele balão. Foram lendo, um a um, e todos reconheciam a escrita do outro, algumas vezes indicavam que haviam identificado pela letra, outras vezes pelo nome dos amigos.

Sugeri, então, que colocassem no papel os nomes ou imagens de pessoas que consideravam serem suas amigas e que pensassem o significado da amizade para si.

Thaís pediu que eu escrevesse para ela os nomes dos amigos, enquanto os demais faziam seus trabalhos.

Bella pediu para iniciar a apresentação:

- Para mim, amizade significa você compartilhar seus momentos com ele e você confiar nele. Meus amigos são Alexandre, Bruna Gomes, Inácia, Monalia, Gabriel, André, Yasmin, Mayara, Bianca, Tatiane, Letícia, Natalia, todos esses são da escola; Ana Clara e Bianca, do abrigo; e Stefani e Juliana, da escola, também.

Gabriel pediu para falar:

- Amigo é aquele que acompanha você quando você tá passando algo difícil, diz: faz isso, faz aquilo, dá conselhos. Meus amigos são Eduardo, Igor, Matheus, Arthur, da escola; e o Paulo, o Eduardo, o João Pedro e a Maria, da minha família e a Miriam,

do Solid Rock.

Ana Clara falou:

- Os meus amigos são Fabiana, Fernanda, Bianca, Bruna, Thaís, Jéssica, Paloma, Jaqueline, Aline, Amanda, Josimar, Pity, Irailde, Tia Nega, Tia Terezinha, Tia Quesia, Tio Tuca, Ana Carolina, Carla, Donata. Amigo, para mim, é aquela pessoa que confia e que te dá carinho.

Foi a vez de Thaís:

- É. Amigo é que nem ela falou, te dá carinho.

Perguntei:

- Thaís, quer que eu leia os nomes dos seus amigos?

Respondeu:

- Quero.

Li:

- Fernanda, Fabíola, Thaís, Tainá, Ingrid, Jalfa, João, Bianca, Erik, Gustavo, Fernando, Audrey, Pamela, Andressa, Jaqueline, Amanda, Josimar, Pity, Aline, Ana Clara, Jessica, Tia Nenê, Nega, Tia Kessy, Tia Teresa, Jade, Josele, Gustavo.

Thaís confirmou:

- É, são eles mesmos.

Foi a vez de Felipe:

- Vou falar agora os meus amigos que eu nunca vou esquecer: o Wellito, de apelido Cagão, Bruno, o risonho, Leonardo, o Neguinho. Da escola: Pedro Fonseca, o Paulo Menó, o Jeferson, que o apelido é Chaves; o Artur, o Boi. Na escola CECA, o Paulo Gordinho e os meus amigos de agora, em 2010, o Scot, o Leonardo e o Douglas.

Pity disse:

- Meu amigo é o meu irmão Tiago, Amigo, para mim, significa irmão.

Bianca:

- Os meus amigos são Ana Clara, minha irmã, Thaís, minha irmã, Nathalia, Milena, Jenifer, Fabiano, Bianca, Sara. Os meninos são o Matheus, outro Matheus, o Manoel, Eduardo, Alaor, Kaique, Pity, Felipe, Gabriel, Quevin, João Vitor, Rafael. Os tios e tias que são meus amigos são: a Priscila, a Bia, o Caio, a Acacia, a Lucia, a Sonia, a Priscila, a Cristiana, a Larissa, a Luana e a Ana.

Scot estava lendo uma revista no canto da sala quando todos se voltaram para ele e fez-se um silêncio. Ele disse:

- Ah! Sou eu! Esta aqui é a minha irmã, que sempre me ajuda nos momentos tristes.

Amigo é aquele que te consola, que te dá carinho.

Entreguei a cada um deles um pedaço de papel em branco e solicitei que escrevessem o nome da música e da banda que mais gostavam.

Felipe escolheu a música Melancolia, da banda Apocalipse 16. Scot, O Homem Chora, da banda Ao Cubo. Gabriel disse que não lembrava o nome da música e que o traria depois. Pity falou que a sua música favorita era Garota Radical, mas que não lembrava o nome da banda. Ana Clara escolheu a música Bad Romance, da cantora Lady Gaga. Thaís pediu para Felipe lembrar o nome da música do cantor Akon que ela gostava de ouvir, Felipe falou que era a música Beautiful e Thaís pulou entusiasmada. Bella escolheu a música Recomeçar, da banda Restart. Bianca disse que no abrigo eles não ouvem músicas e que por isso não lembrava dos nomes das músicas. Perguntei se alguém sabia qual era a música preferida do Edward, pois ele não estava presente e Bella falou que ele também

gostava da música Recomeçar, do Restart.

Felipe perguntou o que eu faria com os nomes das músicas. Conteí que no encontro seguinte traria as músicas para ouvirmos. Bella disse:

- Para ouvirmos aqui?

Respondi que sim e ela, então, disse:

- Mas, aqui não tem aparelho de CD, o som que tinha quebrou.

Respondi:

- Não tem problema, trarei o som.

Após eles saírem, fiquei imaginando de que maneira eles ouvem música no abrigo se o som estava quebrado. Será que ouvem?

6.6. Quinto encontro: “Minha música favorita”

Levei um CD com todas as músicas escolhidas por eles no encontro anterior. Levei, ainda, as letras das músicas em papel impresso. Músicas em inglês foram acompanhadas pela tradução. Ouvimos todas as músicas, acompanhando-as com as letras.

Cada um teve o seu momento, o momento em que a sua música escolhida foi ouvida por todos. E, no geral, conheciam todas as músicas, mas cantavam com maior emoção quando ouviam a sua música. Gabriel, Pity e Bianca não estavam presentes.

Thaís ficou muito agitada e alegre após ouvir a música Beautiful.

Propus que cada um descrevesse o que a música escolhida significava para si. Ao final, solicitei que contassem o que escreveram.

Felipe iniciou:

- Minha música preferida é Apocalyps 16, Melancolia. A música Melancolia significa para mim que a vida é simples. Temos comida, casa, roupa, tecnologia e tudo que serve para o seu corpo, mas mesmo assim a vida é dura. Tendo tudo isso as pessoas reclamam da vida, pensando que não têm o suficiente para agradá-la. Então, pensa que ela mesma está sofrendo, mas a música explica que só tem uma pessoa que entende o sofrimento das pessoas, que é Jesus, porque ele sim sofreu de verdade, mas mesmo assim ele venceu o sofrimento e no dia certo ele vai vir nos levar para o céu e aí vai ser um no dia e aí todo sofrimento vai acabar.

Scot:

- Essa música (O Homem Chora) é como um aviso para ninguém entrar no mundo do crime e fala de um traficante que depois de ter feito muita coisa errada se corrige, morrendo, mas sem conseguir seu perdão.

Ana Clara:

-Eu não queria ter um romance e nem ter um romance mau. Prá mim ela (Lady Gaga) tá falando que ela quer um romance ruim e que ela tem um romance mau.

Edward não quis falar sobre a música, mas disse que era esta mesma a sua música preferida, a mesma música de Bella.

Bella:

- Bom, prá mim essa música fala que ele teve um relacionamento e terminou, que

prá ele talvez fosse melhor, mas que não que ele vai esperar voltar. E ele sabe que não vai ter mais volta. E ele estava pensando em tudo que ele queria dizer à pessoa que ele ama, mas não teve coragem. E que ele não vai importar porque está tudo acabado e a história dos dois teve um fim.

Perguntei:

- Thaís, você quer mostrar o que fez?

Ela respondeu:

- Sim, para mim a música é ótima, bom, legal.

Perguntei ao grupo como eles fazem para ouvir música no abrigo. Felipe respondeu que eles não podem ouvi-las, pois é uma instituição evangélica e não é permitido ouvir músicas do “mundão”. Fiquei curiosa para saber como eles conheceram as músicas escolhidas e ouvi as respostas.

Thaís:

- Eu ouço música no rádio da tia da cozinha.

Bella:

- Eu, na escola, no final de semana no radinho da tia Nenê.

Felipe:

- É, também no rádio do carro quando o tio leva a gente para a escola. Na verdade não podemos, mas a gente dá um jeitinho.

Percebi que eu havia quebrado uma regra da instituição, levei músicas não permitidas para eles ouvirem. Mas, eu não havia sido informada sobre esta regra e não pensei em perguntar. Senti-me na obrigação de procurar a administração do abrigo e contar sobre a atividade. Fiz isso, expliquei que havia levado as músicas.

6.7. Sexto encontro: “Lembranças e expectativas”

Neste dia todos estavam presentes, coloquei duas cartolinas na mesa e solicitei que todos colocassem as duas mãos em uma delas e as contornassem. Foram testando, alguns ocupavam espaços maiores, com mais espaços entre os dedos, outros se continham em partes menores da cartolina, até que todos conseguiram posicionar-se.

Propus que desenhassem ou escrevessem coisas que já fizeram, com as mãos, ou lembranças de coisas feitas não necessariamente com as mãos. Desenharam, escreveram, aguardaram os colegas cederem espaços, os desenhos estavam próximos e o espaço era pequeno. Scot e Edward utilizaram os mesmos materiais e fizeram traços no mesmo estilo de desenho. Ana Clara e Thaís também trabalharam juntas. Bianca recortou e pintou pequenos pedaços de papel e os colou no meio do desenho. Todos estavam concentrados. Ao terminarem solicitei que falassem sobre as suas experiências.

Scot quis mostrar o seu desenho primeiro:

- Eu fiz pão, fiz pizza, esfiha, baguete e bolo de prestígio, fiz várias vezes. Minha vida é feita de pão.

Felipe:

- Aprendi a escrever, joguei vôlei, aprendi a nadar, capoeira, lutar boxe, pão e a parada de mão. E a usar para eu ser feliz.

Bella:

- Já dei um abraço em uma pessoa, já joguei vôlei, já fiz bolo, já fiz pão, cozinhei, mexi na internet, dobrei a minha roupa, arrumei o meu armário.

Gabriel:

- O que eu fiz com a minha mão esquerda: tirei foto dela, peguei as minhas roupas, arrumei o meu material escolar, apertei o botão da televisão.

Pity:

- Lavei louça, joguei pebolim, joguei bola.

Thaís:

- Fiz continha, estudei, comi, ajudei a tia, tomei o meu remédio, brinquei de vôlei, dancei e nadei.

Bianca:

- Mexi no computador, já fiz as minhas unhas, joguei vôlei, já coloquei o sapato, penteei meu cabelo.

Chamei Edward e ele respondeu:

- Aprendi a cobrar lateral.

Chamei Ana Clara:

- “Ana Clara”, eu fiz o meu nome.

Propus:

- Agora vou pedir para vocês fecharem os olhos e imaginarem coisas que ainda gostam de fazer. Todos fecharam menos Gabriel.

Gabriel:

- Qualquer coisa?

Respondi:

- Sim, qualquer coisa.

Gabriel:

- Com as mãos?

Respondi:

- Com as mãos ou de outra forma. Depois coloquem no desenho, junto às lembranças, na forma de desenho, de escrita ou colagem, como quiserem.

Gabriel ficou parado, de olhos arregalados e com um leve sorriso no rosto. Quando os demais terminaram solicitei que falassem sobre suas expectativas.

Felipe:

- Tenho vontade de montar uns prédios e ser o melhor engenheiro. Não o melhor, mas um dos bons. Já que essa chuva está derrubando tudo, fazer uns prédios que nunca irão cair. E viajar pelos Estados Unidos.

Edward:

- Quero andar de avião, para a Europa. Eu vou fechar contrato com a Europa, para ir jogar lá. Vou começar ganhando um salário mínimo e depois vai aumentar.

Scot:

- Quero levantar uma padaria e levantar mais pães.

Bella:

- Estudar bastante para realizar o meu sonho. Trabalhar muito para ter uma casa própria. Ah!... E cuidar dos meus sobrinhos.

Pity:

- Eu vou arrumar um carro.

Bianca:

- Eu quero cozinhar, eu quero me arrumar, eu quero desenhar, ler livro, eu quero cuidar de crianças.

Thaís:

- Ter um trabalho, estudar, ter uma casa, ajudar a minha madrinha, minha irmã, fazer pão, emagrecer, fazer balé.

Chamei Ana Clara e ela respondeu:

- Não quero falar.

Chamei Gabriel:

- Eu não consegui pensar em nada assim tão de repente.

Solicitei que todos colocassem as mãos sobre a cartolina, em cima de seus desenhos para que eu tirasse outra fotografia.

Ao final, aproveitei a presença de todos para falar sobre o nome fictício que eles deveriam ter em minha pesquisa. Propus que cada um escolhesse o nome a ser utilizado na dissertação para que não fossem identificados.

Cada um escolheu seu nome e alguns justificaram. F. contou que sempre quis se chamar Felipe; J. escolheu Scot devido ao filme do X-Men; S. escolheu Bianca por achar um nome lindo; F. escolheu Bella, pois é a protagonista do filme Lua Nova; R. disse apenas que gostaria de ser chamado de Pity; C. escolheu Thaís, por ser o nome de uma amiga da escola; K. escolheu Ana Clara e disse que gostaria que este fosse o seu nome; L. escolheu Gabriel por causa do anjo Gabriel; T. ofereceu duas opções, Edward ou Cristiano, sem maiores preferências, mas Gabriel interferiu e falou que Edward é o namorado de Bella no filme Lua Nova e que, como eles não podem namorar no abrigo, escolheram um casal de filme. Edward e Bella não quiseram comentar o assunto. Com isso encerrei o encontro.

Ao chegar em casa, fiquei olhando para aquelas duas cartolinas com os desenhos dos adolescentes e me perguntei como faria naquele momento para colocar nos livros um trabalho coletivo. Fiquei receosa em recortar os desenhos e desfazer a montagem que eles haviam construído coletivamente. Dessa forma, optei por tirar fotos das cartolinas antes de recortá-las, colocando nos livros as fotos do trabalho em grupo acompanhados dos desenhos individuais.



Fig. 13 – *Desenhos das mãos dos adolescentes 1*



Fig. 14 – Desenho das mãos dos adolescentes 2

6.8. Sétimo encontro: “O meu dia a dia”

Para trabalhar com a rotina dos adolescentes, pensei em levar algo concreto que os

fizesse lembrar do que fazem em seu dia a dia. Lembrei da dificuldade do Gabriel em sair do papel para pensar em algo abstrato.

Montei um relógio artesanal com cartolina e levei para que fosse possível manipular os ponteiros de acordo com as lembranças.

Neste dia não estavam presentes Bianca e Edward. Coloquei o relógio sobre a mesa e comecei a girar os ponteiros de cartolina mostrando como eles poderiam explorar as horas.

Pity:

- Mas eu não sei ver horas!

Respondi:

- Tudo bem. Quem mais não sabe ver horas no relógio de ponteiro?

Ana Clara:

- Eu.

Thaís:

- Eu também.

Procurei tranquilizá-las:

- Não tem problema, a gente dá um jeito.

Comecei a ensinar para os três as horas a partir do ponteiro pequeno. Expliquei como o ponteiro maior conta os minutos, mas houve um estranhamento, principalmente por parte de Thaís. Propus que utilizássemos apenas o ponteiro menor, contando o dia de zero a doze, duas vezes.

Ofereci um tempo livre para que eles mexessem no relógio, logo depois pedi que eles escrevessem em um papel a rotina do dia a dia deles.

Felipe:

- A rotina nas férias ou na escola?

Nesse momento reconheci que realmente a rotina é bem diferente no período escolar e no recesso. Portanto, sugeri que escrevessem sobre o período de férias, pois estavam em férias escolares, mas que aqueles que tivessem vontade também poderiam escrever sobre o período de aula.

Enquanto eles elaboravam suas escritas, observei como a interferência deles trazia dados importantes para as atividades, e mais do que nunca percebi que as atividades deveriam ter diretrizes, mas não poderiam ter um modelo fechado. Tratava-se de escrever sobre a vida deles e, neste caso, são eles que sabem sobre os detalhes e o que realmente é importante escrever.

Thaís pediu-me para escrever sobre sua rotina, ela foi falando e eu fui escrevendo. Quando todos terminaram, propus que aqueles que desejassem acrescentar o que mais gostariam de incluir nestas rotinas o fizessem.

Felipe foi o primeiro a apresentar:

- Felipe: Nas férias: no começo das férias eu saio com minha madrinha passo até a metade das férias com ela e depois volto para minha casa. Na minha casa a rotina é: de manhã eu acordo nove horas; se não tiver nada para fazer em casa eu saio e procuro uma coisa para distrair pela manhã. Volto à tarde para almoçar, que é quase meio dia; depois do almoço descanso e quando não descanso eu saio de casa de novo, três horas como uma coisa leve e às seis eu janto. Depois do jantar eu assisto TV até ficar cansado e umas dez e meia vou para o quarto e espero o sono para dormir. De manhã vou para o curso e de tarde vou para a escola; volto da escola,

janto e depois assisto TV até ficar cansado e depois vou dormir. No período de aula: de manhã vou para o curso e de tarde vou para escola, volto da escola janto e depois assisto TV até ficar cansado e depois vou dormir. A rotina está boa para mim. As coisas que eu gostaria na minha rotina: nas férias, aproveitar o dia, sair de bicicleta, mexer no computador e ser livre, conforme o respeito; ir à escola quando eu quiser. Eu fiz uma poesia: O amor é tudo, só tem coisas boas, está faltando no mundo e principalmente nas pessoas.

Gabriel:

- Eu escrevi três rotinas: rotina do dia a dia, rotina da semana na escola e rotina da casa da minha tia. A rotina do dia a dia: oito e trinta eu acordo, nove horas tomo café, dez horas eu desço para brincar, onze e trinta almoço, doze e vinte descanso, três horas tomo lanche, cinco horas é o jantar, sete e trinta compartilhamos o nosso dia com as pessoas (roda de conversa), oito horas tomo banho, nove horas é o lanche da noite, nove e quinze quem tem 12 anos para baixo vai dormir, onze horas os de 12 anos para cima vão dormir. Rotina da semana na escola: cinco e trinta eu acordo para me trocar, seis horas tomo café, seis e quarenta e cinco vou para a escola, sete horas é hora de bater a hora da primeira aula, quatro e dez termina a escola vou embora, cinco horas tomar banho, cinco e dez jantar. Rotina da casa da minha titia: onze horas tomar café, onze e trinta vejo televisão, doze horas eu ajudo a minha vovó arrumar a casa, duas horas eu almoço, oito horas eu janto, onze horas eu tomo banho, duas horas vou dormir. O que eu quero fazer mais vezes: ir mais para o McDonald's e para o cinema e fazer compras.

Scot:

- Nas férias eu acordo, tomo café de manhã, eu desço para brincar e à tarde às vezes eu saio ou vou para a casa dos padrinhos. Nos dia de aula eu acordo tomo café e vou para o curso, volto, almoço, vou para o curso, volto, janto, assisto TV e depois durmo. Gostaria de comer mais besteiras como salgadinho, pipoca, pizza.

Bella:

- Nas férias: acordo, escovo meus dentes, lavo meu rosto, arrumo minha cama e tomo café, depois ajudo a tia Nenê na cozinha, almoço, vou descansar, depois do descanso vou ajudar a fazer o lanche da tarde e depois vou mexer na internet. Nos dias de aula: acordo de manhã vou trabalhar até quatro e trinta, depois volto para casa me troco e vou à escola. O que eu sinto falta na minha rotina: ir ao shopping fazer compras e assistir cinema, sair mais com meus amigos, ficar o dia inteiro na internet, ir a muitas festas.

Ana Clara:

- Dia a dia: nestas férias eu saí muito para o clube escola, gostei muito de ir para o clube escola, lá eu nadei muito, descii no toboágua e gostei. Tive muito medo, mas agora eu não tenho mais medo, agora eu gosto de descer, até agora só abre a piscina de sábado e de domingo, mas não vou poder ir porque eu estou no nível I. A minha rotina está muito boa, o que tem faltado nas minhas férias é sair mais.

Pity:

- Meu dia: eu acordo, eu tomo banho e café, eu almoço, eu oro, eu leio, eu vou para a escola, volto e vou dormir. O que eu queria mais na minha rotina é ir no Hopi Hari, na Playlandia e no Shopping.

Intervi:

- Agora irei ler o da Thaís, como ela me pediu: acordo cedo e é maior ruim, vou para a minha escola, aí eu tomo meu banho, me arrumo, eu tomo meu lanche e escovo o meu dente, eu vou para a escola de perua da escola, eu chego lá faço a lição e é a hora do meu recreio e onze e trinta, por aí, já estou chegando. Aí, eu espero o João chegar, ele leva o meu amigo e ele me leva. Eu me troco, lavo as mãos vou para o meu curso e lá no curso eu vou conhecer meus amigos que chegaram e quando eu chego eu tomo lanche lá. Subo para a minha sala para falar com meus amigos. Eu janto lá, depois eu venho para cá e escovo o meu dente, depois tomo o meu remédio. Depois do almoço tenho que tomar o meu remédio e a tia chega, eu tomo o meu banho, o tio faz a roda de conversa, a gente fala sobre o nosso dia e depois eu tomo outro remédio e tomo o meu lanche. Tem alguns dias que eu ouço música, passo roupa. Tem alguns dias que eu passo a minha roupa, pinto a minha unha, peço para a Bella pintar a minha unha.

2.6.9. Oitavo encontro: “O que leio no jornal”

Quando programei esse encontro lembrei que um dia meu avô me entregou uma caixa com jornais e revistas, dizendo-me que os comprou no dia em que eu nasci para que eu soubesse o que foi notícia naquele dia, naquela semana e naquele mês. Isso me remeteu à ideia de levar jornais para que eles identificassem as notícias que chamavam a atenção de cada um. Era uma forma também de registrar eventos que ocorreram durante o período de

construção dos livros.

Levei uma caixa com jornais referente ao período de um mês. Espalhei os jornais pela mesa e propus a leitura de acordo com o interesse de cada um. Todos estavam presentes nesse encontro.

Folhearam, trocaram, leram em conjunto por uns vinte minutos. Pedi que recortassem e colassem em um papel uma notícia, escrevendo sobre o motivo da escolha. Sugeri que colocassem a data da edição da notícia para que no futuro pudessem lembrar em que época aquilo aconteceu.

Felipe:

- Escolhi esta notícia porque fala das férias e que eu gosto de férias e tem um monte de atividades legal. E tem o verão e eu gosto de verão e eu gosto bastante de férias.

Bella:

- High School Musical, porque eu gosto do filme.

Ana Clara:

- O lixo, os desperdícios. Aconteceu na quarta feira, dia 27 de janeiro de 2010.

Scot:

- Eu escolhi a morte na estrada, me chamou a atenção o capotamento.

Edward:

- É mais um cara lá no meu time.

Thaís:

- É a reportagem.

Bianca:

- Foi antes de ontem que aconteceu isso. As pessoas ficaram assustadas por causa da

crise.

Gabriel:

- Sexta feira, 5 de fevereiro de 2010, Crise na Europa, eu não entendi muito.

6.10. Nono encontro: “Na escola...”

Novamente todos estavam presentes. Como este seria o último encontro no período de férias e depois continuaríamos os encontros em outro horário, pensei em lembrar com eles as coisas que gostavam e que não gostavam na escola. Quando falei da escola todos responderam em conjunto: “Ah!”. Como se não quisessem lembrar que o início das aulas seria na semana seguinte. De repente, todos falavam ao mesmo tempo: “eu gosto disso, eu gosto daquilo”. Deixei que eles conversassem por alguns minutos. Solicitei que escrevessem sobre o que conversassem.

Thaís pediu para que eu escrevesse e, enquanto ela falava, os demais ficavam ouvindo, como se não soubessem o que iriam escrever.

Thaís:

- Teve meus amigos, falei com eles, amanhã a minha amiga vai ficar no mesmo coral que eu. Eu estive hoje na sala de computador, eu vi quais são as regras, amanhã eu vou ter coral e eu vou ficar feliz porque a minha amiga vai fazer coral comigo na

mesma sala, a Thaís. Gosto de cantar a música do Roberto Carlos “...como é grande o meu amor por você...”. E também gostei porque a minha amiga Fernanda come no mesmo horário que eu e eu fico feliz. E eu gostei porque troquei de nível, fui para o nível quatro. Eu tenho duas professoras e a minha professora já passou continha de menos e de mais, e ela achou legal eu e meus amigos também. Hoje fui na pediatra e na minha psicóloga, mas é perto da minha escola e da próxima vez que eu for falar com ela, ela irá levar o som para eu ouvir música com ela. A minha professora vai me dar uma caixa de lápis, um anel e um corretivo. Ela falou se eu gostava de anel e eu falei que sim e ela vai me dar. E no ano que vem eu vou começar a trabalhar lá, de fazer pão. E vou poder falar com os meus amigos e falar com eles e brincar com eles. Hoje eu fiz bastante lição.

Quando Thaís terminou de contar a sua história, cada um pegou uma folha e iniciou a sua escrita. Rapidamente escreveram e começaram a ler.

Scot:

- Gostava de pão com manteiga, picolé, sorvete e cachorro quente.

Felipe:

- Eu gostava do pré por que eu brincava muito, aprendia muitas coisas e fazia muitas amizades. Eu gostava muito da primeira a quarta série por que aprendi a ler e continuei fazendo muitas amizades e me divirto muito.

Edward apenas desenhou e ficou ouvindo os colegas.

Gabriel:

- O que eu como na escola, pão com manteiga, nugget's, sorvete, hot dog.

Ana Clara:

- Minha comida na escola: lá na escola eu gosto de comer nuggets, pão com geléia, gosto também de comer sorvete de chocolate e de morango e também comer sorvete de creme junto com chocolate e com morango.

Bella:

- O que eu gosto na escola? Nugget's, pão com carne, gosto de suco, bolacha de leite, bolacha recheada.

Pity:

- Coisa boa que eu gosto: eu gosto de jogar bola, eu gosto de comer, eu não gosto de fazer lição, mas eu faço coisa que eu não gosto.

Bianca:

- Comidas que eu gosto da escola: primeiro nuggets, segundo mingau, terceiro sorvete, quarto pão com carne, quinto suco, sexto hot dog.

Bella relatou ter vontade de escrever mais sobre as lembranças dela na escola.

Sugeri que ela escrevesse livremente e depois as trouxesse para mostrar para o grupo, se fosse o caso. Encerramos o encontro.

6.11. Décimo encontro: “Poesia: ‘O menino que mora do outro lado da rua’”

Continuando o tema das instituições, pois no encontro anterior falamos sobre a escola, pensei em conversarmos sobre o abrigo, sobre a instituição em que moram, não diretamente, mas por meio de uma poesia.

Escolhi o poema “O menino que mora do outro lado da rua” ou o “Lamento de uma criança institucionalizada”, dos autores Lídia Weber e Marcus Weber (1999):

Para você menino, que mora na frente do internato, tem casa, flores e jardim
Para mim, que vivo dentro da instituição, só tem um corredor sem fim
Você é acordado com um beijo suave no rosto
Eu acordo com o som estridente da campainha do posto
Para você tem leite, yogurte e margarina
Para mim tem *chafé* e pão amanhecido na cantina
Depois do café você brinca com seu irmão
Eu pego o balde e a vassoura para limpar o chão
Você tem um quarto com *videogame* e computador em rede
Eu fico no quintal olhando as manchas na parede
Para você, sua mãe serve o almoço com bife, arroz e feijão
E eu, fico todos os dias na fila do *bandejão*
No domingo sua mãe escolhe uma roupa especial
Aqui no internato nada é de ninguém, tudo é sempre igual
Você deita em seu quarto quando está cansado
Eu fico sentado na escada porque meu quarto tem cadeado
O teu pai, quando sai e quando volta, sempre te abraça
Eu sempre invento partidas e chegadas mas a tristeza não passa
Se você chora à noite sua mãe vem para te afagar
Se eu tenho um pesadelo, só tenho o travesseiro para abraçar
Para você tem dia das mães e dos pais sempre com festa
Para mim é só uma grande ausência que resta
Sua família leva você à escola, ao judô e para passear
A minha família, há três anos não vem me visitar
Você tem uma bela rotina de uma família em ação
Eu não tenho ninguém, sou filho da solidão
O seu maior desejo é o novo brinquedo da televisão
O meu maior sonho é ter uma família do coração

Entreguei uma cópia impressa para cada um. Li o poema para o grupo e solicitei que escrevessem sobre o que sentiram durante a leitura.

Scot:

- Internato é uma palavra antiga, agora se fala instituição. Orfanato é igual a

instituição. Esse problema me faz refletir muito sobre quando eu cheguei ao orfanato.

Felipe:

- Eu acho que prá mim não tem nada a ver o poema do menino que mora do outro lado da rua, por que o que tem mãe e pai só acontece coisas boas e o que não tem mãe e nem pai ele é triste por que pensa que não tem nada de bom na vida dele, mas só de ele ter onde morar e ter a vida já é muito bom. E se os pais não nos aceitam e não nos amam eu tenho certeza que tem alguém que nos ama que é o nosso pai Deus.

Bella:

- Prá mim a maioria é mentira e algumas são verdade. Nós temos a maioria das coisas que o “menininho” tem. Então, não tem nada a declarar mais e não tem o que reclamar.

Gabriel mostrou a folha do poema na qual havia escrito a lápis logo à frente de cada frase: verdade, mentira, mentira, mentira, mentira, mentira, mentira, mentira, verdade, mentira, mentira, mentira, mentira, verdade.

Bianca:

- Primeiro, hoje em dia não se diz internato e nem instituição; segundo eu acordo com “vamos levantar” e eu não acordo com a campainha; terceiro para mim tem leite, yogurte e margarina; quarto eu deito no quarto e depois vou para o quintal; quinto para mim tem dia das mães e dos pais; sexto, bom prá mim tudo que está escrito nesta poesia tem coisa que é verdade tem coisa que é mentira.

Thaís:

- Achei que ele está falando no horário e que cada um tem que ter a sua família, que cada um tem que ter o seu quarto e também que ter uma família juntos, unidos. Só lembrei-me de ter uma família.

Pity leu a história que escreveu:

- Era uma vez a Dede. Estava em um circo e eu também estava com um moço que me convidou para ir lá. Mais tarde chegou um cara com algodão doce, depois eu pedi um também para mim e o homem não queria me dar. Passou um homem e me ofereceu, eu falei que não porque eu queria um para mim, depois o homem me perguntou “qual o nome da sua irmã” e eu falei “Dede”. O homem me perguntou onde ela está e falei que ela estava vendo o balão subir no circo. Depois fomos para casa e o homem chegou na minha casa e falou que tínhamos que ir para o abrigo e nós fomos para o abrigo. Fim.

Ele contou a história que lembrou referente ao dia em que foi abrigado.

Terminamos e os adolescentes foram saindo da sala, Bella permaneceu, ela estava com alguns papéis na mão, nos quais estavam escritas pequenas histórias de coisas que aconteceram na escola. Bella contou-me que escreveu em seu quarto e que gostaria de colocá-las no livro. Leu-as para mim:

- Casos da escola: na escola Afrânio Peixoto, estava eu, Nana, Monão e Bruna, nós sempre fazemos juntas as lições, fui mostrar o caderno para professora de matemática e ela falou que estava errado o resultado. Eu me esqueci de falar para professora a explicação e para ver se estava errado aí a professora falou “nossa você não sabe fazer uma conta não?”. No Afrânio Peixoto: estava na classe e o amigo do Caio estava lá na terceira aula, bateu o sinal e todo mundo foi. Aí, ele aproveitou

para pichar nossa sala. Deu bafafá e pensaram que fui eu que tinha caguetado, ele quase apanhou. Na escola da Casa Verde, Barão, estava eu, Yasmin e Sabrina, nós estávamos andando junto e passou o Renan e esbarrou com tudo em mim. Eu ia deixar quieto porque sabia que era uma brincadeira, mas eu queria ver até onde isso ia, e dei um empurrão nele, ele virou e me deu um soco na minha boca, só que ele só iria ameaçar, mas sem querer ele me deu um soco. Na escola da Casa Verde, Barão: estava brincando, zoando com os meus amigos, nesse dia estava menstruada. Conversa vem conversa vai, aí fui jogar o papel no lixo, olhei prá trás a cadeira estava cheia de sangue. Muito mico. Sorte que minha irmã estudava na mesma escola que eu. Na escola Barão: eu estava pendurada na mesa da Yasmin e o Renan pegou um cartão de crédito no chaveiro, ou pegou e falou “passa cartão”, eu corri atrás dele só que não deu, sentei na minha mesa e falei que eu ainda pegava ele, mas eu tava brincando, eu não gosto dessa brincadeira. Na hora que ele foi na minha mesa eu dei um tapa na cara dele.

Em seguida recortou cada história com a tesoura artesanal, deixando-as com efeitos nas bordas, em seguida colou-as em papéis coloridos dando outro formato estético para os textos. Quando terminou comentei que essas lembranças e escritas são justamente o que eu gostaria de alcançar com este trabalho, que eles pudessem escrever coisas que foram significativas, espontaneamente.

Após o encontro refleti sobre como apenas agora, nesta estágio dos encontros, alguns conteúdos mais espontâneos haviam surgido: primeiro a poesia de Felipe; agora, as histórias de Bella e a história do abrigo de Pity. Tive a impressão de que todo esse processo, até então, fora apenas um aquecimento ou um exercício para deixar surgir o que

realmente fazia sentido para eles. Como diria Foucault, o que realmente estava inscrito em suas almas.

6.12. Décimo primeiro encontro: “Os meus medos”

Estavam presentes Felipe, Ana Clara, Gabriel, Thaís, Bianca, Bella e Pity. Nesse encontro minha ideia era falar sobre os medos e, para isso, lembrei-me de um livro que gosto muito, “O livro dos medos”, organizado por Heloísa Pietro.

Li o livro para o grupo. Gabriel falou que já o conhecia, pegando na prateleira da biblioteca o exemplar do abrigo. Após a leitura solicitei que escrevessem ou desenhassem no papel os seus medos.

Gabriel:

- Tenho medo de perder a minha mãe, da Solid Rock fechar, do meu padrinho J. não querer ser meu padrinho, da minha tia não me adotar, etc.

Pity:

- Tenho medo de rato e cobra. E eu fiz uma poesia: homem com homem, mulher com mulher, faca sem ponta, galinha sem pé.

Bianca:

- Os meus medos: tudo que eu tenho medo, primeiro eu tenho medo de alguém me matar, segundo eu tenho medo de ser violentada, terceiro eu tenho medo de assaltarem minha casa, quarto eu tenho medo da cobra jibóia e sucuri me

enforcarem, quanto tenho medo de me ameaçarem.

Ana Clara:

- Meu medo: eu tenho medo de rato e nojo de barata. Quando eu vejo algum rato eu saio correndo, tenho muito medo mesmo de verdade, se eu ver uma barata eu saio correndo, se um dia eu ver uma barata eu não sei o que eu vou fazer com a barata. Agora, se for um barata e um rato junto eu não sei o que eu vou fazer mesmo, de verdade. Já tenho medo de rato e nojo de barata. O que eu vou fazer? Alguma coisa. Vou ficar com mais nojo da barata e medo do rato. O que eu vou fazer?

Felipe:

- Medo eu não tenho, mas preocupações sim, elas são: eu não ser ninguém na vida e, as pessoas que eu amo gosto ou conheça, seria muito ruim se acontecesse uma coisa desagradável.

Bella:

- Do que eu tenho mais medo? Primeiro, não gosto de altura, tenho muito medo, segundo, tenho medo de levar um tiro, terceiro de perder minha família, quarto de perder alguns dos meus amigos.

Thaís, que havia me pedido para escrever enquanto ela falava, pediu que eu lesse para o grupo sobre seus medos:

- Eu tenho medo de alguma pessoa passar em cima de mim, que nem carro, ônibus. Tenho medo de alguma pessoa me enforçar e me machucar. Tenho medo de alguma pessoa aproveitar de mim. Tenho medo de alguma pessoa me pegar e me machucar. Tenho medo de pessoas estranhas. Tenho medo de barata, de cobras, de formigas, de mosquito da dengue. E a minha comida hoje foi boa, comi bastante berinjela. Eu

estou com a perna machucada, o pernilongo me picou e eu cocei e ficou sangrando. Todas essas marcas são porque eu apanhei de cinta. Meu aniversário é dia quatro de setembro, eu gostaria de ir ao show do Akon. Estas outras bolinhas eu queimei no ferro e essas outras eu queimei fritando ovo. A minha professora perguntou o que eu queria fazer no carnaval e eu falei que vou dançar aqui mesmo.

Após a leitura de todos, explicitiei a proposta para o próximo encontro. A ideia seria que cada um tirasse cinco fotos de lugares da casa onde moram, lugares que fossem importantes para eles. No próximo encontro eu as traria reveladas e falaríamos sobre elas. Para isso, saíram um por vez da sala para baterem as fotos.

Antes do encontro eu havia pedido autorização à equipe técnica do abrigo para tirar as fotos dos ambientes, tomando os devidos cuidados para que nenhuma pessoa fosse exposta.

O primeiro a tirar as fotos foi Pity. Quando retornou à sala descarreguei as imagens em meu computador e criei uma pasta com o seu nome. Para evitar que as fotos se misturassem procedi da mesma forma com os demais.

Alguns tiraram mais fotos do que o combinado, mas escolhemos as fotos de acordo com a preferência deles.

Thaís tirou vinte e três fotos, no entanto, a maioria continha pessoas expostas, como crianças e funcionários do abrigo. Expliquei para ela que nesta atividade não poderíamos expor as pessoas e que teríamos que usar as demais fotos.

Combinei com o grupo que retornaria com as fotos já no encontro seguinte.

6.13. Décimo segundo encontro: “Fotos da minha casa”

Levei as fotos reveladas, no entanto, Scot estava presente e não havia tirado as suas fotos por estar ausente no encontro anterior. Propus que ele tirasse as fotos logo no início do encontro.

Edward não estava presente, assim como no encontro anterior, por isso não havia fotos dele.

Entreguei as fotos de cada integrante e propus que utilizassem uma folha para colar cada foto, nesta mesma folha deveriam escrever o que aquele lugar da casa significa para si.

Scot retornou com as fotos na máquina para que ele tivesse a oportunidade de participar da atividade naquele dia, sugeri que ele desenhasse as folhas imaginando as fotografias nelas, com a proposta de trazê-las no encontro seguinte.

Os adolescentes trabalharam em cada papel descrevendo suas fotos, cada um à sua maneira. Ao final apresentaram.

Bella:

- Gosto muito da internet, ouvir minhas músicas etc. Eu amo demais a minha cama. Eu gosto de ficar lendo nela, ouvindo música nela ou ficar conversando. Gosto da cozinha porque eu ajudo a tia Nenê. Eu gosto muito dessa mesa e Puff, porque eu sento para ler ou ficar esperando minha vez na internet ou para conversar. Gosto da penteadeira porque eu me olho no espelho e também me penteio. Gosto da brinquedoteca porque ouço rádio, fico lendo é aonde gosto de ficar sozinha. Gosto da sala porque assisto a meus programas favoritos.

Gabriel:

- Eu tenho cinco cantos que eu mais gosto e esse é o meu primeiro, meu armário. Porque eu gosto do meu armário e sempre quando as pessoas vão ver o meu armário as pessoas falam que eu sou organizado com as minhas coisas. E isso faz eu gostar do meu armário. Como eu disse, eu tenho cinco cantos que eu mais gosto e esse é o segundo canto, o meu quarto “minha cama”. Porque essa é a cama onde durmo, onde eu converso com as pessoas quando eu estou triste. Esse é o meu terceiro canto que eu gosto, a cozinha onde a gente se alimenta com aquela comida. Eu gosto muito desse canto, porque eu como daquela comida gostosa e bem feita com amor e carinho. Esse é o meu quarto, canto que eu mais gosto. A sala, o lugar que a gente fica mais tempo na televisão, eu gosto porque a gente assiste o que a gente quiser, com uma condição: menos novelas e programas não apropriados para a gente. Aqui é a parte da frente da casa, o quinto lugar que eu mais gosto, o perfil da natureza. É tão bonito e sempre bom, nós temos um ar puro e saudável, e esse é o lugar que eu fico esperando a minha tia chegar e o meu padrinho.

Felipe:

- Esse lugar é bom porque eu gosto de computador. Esse lugar eu brinco muito porque é a garagem, ele é muito bom porque é um lugar de lazer. Esse lugar é bom porque brinco, converso e assisto TV, é muito bom ficar nesse lugar que é a sala. Esse lugar é bom porque eu tomo banho escovo os dentes e me limpo para ficar bonitinho. Esse lugar é bom porque eu descanso muito e faço meu lazer no quarto. Esse lugar é bom porque eu faço um tempo de lazer. Esse lugar é bom porque eu faço uma atividade muito boa que é atividade de circo. No circo eu faço parada de

mão e eu gosto muito disto, o meu grupo é herói. Dones, Rodrigo e eu, me divirto muito com eles e com o pessoal do circo, o circo fica lá no clube escola.

Pity:

- Porque é um grande lugar para brincar. Porque e um bom lugar para subir na árvore. É um bom lugar para perder a bola para o vizinho. É um bom lugar para empinar pipa. É um bom lugar para falar com a tia Miriam.

Bianca:

- Esta é a sala da casa, esta é a minha sala, eu gosto da minha sala porque eu assisto televisão, jogo videogame, assisto filmes e faço a roda de conversa. Esta é a biblioteca, esta é a biblioteca eu gosto dela porque a tia Tatiana me dá aula e porque eu leio livro e mexo no computador. Este é o quarto, este é o meu quarto, este é o quarto das meninas, eu gosto dele por que eu durmo e guardo a minhas roupas que uso, tomo banho porque o banheiro é junto com o quarto. Gosto da brinquedoteca porque eu faço o álbum.

Ana Clara:

- Porque eu tirei foto. Porque eu gosto muito da sala, gosto também de assistir televisão, gosto também de ficar lá fora, também gosto de olhar prá fora. Este é o refeitório, gosto muito de ficar no refeitório, gosto também de ficar na janela quando eu estou na janela eu fico olhando para o cachorro, quando eu olho para o cachorro ele fica latindo, gosto também de ficar andando prá lá e prá cá. Este é o meu quarto, gosto também de ficar no espelho, é muito bom ficar se olhando no espelho, quando eu passo brilho gosto muito de ficar olhando no espelho, o que eu mais gosto do quarto é a minha cama e o espelho, é muito bom dormir neste quarto. Esta é a

biblioteca gosto dela quando eu estou ouvindo rádio, gosto também de ficar na biblioteca ouvindo minha música, muita música, eu gosto também de ficar ouvindo rádio com minha irmã, quando minha irmã está ouvindo rádio gosto de ficar ouvindo, gosto de ficar ouvindo rádio quando a Thais e a Bianca estão ouvindo. Este é o meu canto que eu durmo, esta cama que está em cima da minha é da Fernanda, a cama de baixo é a minha e gosto muito dela, gosto muito da minha cama. Ela é muito boa de deitar, quando eu estou deitada na minha cama vem o sol bem no meu rosto.

Thaís:

- Porque eu gostei do meu urso e gostava da música dele, que ele cantava. Ele não canta mais porque quebrou. Porque eu gosto da Branca de Neve por causa do filme. A cama, porque eu gosto, porque é minha, porque eu gosto do ursinho. Porque eu gosto do meu cachorro, que eu ganhei de presente de uma tia.

Scot:

- Meu canto preferido, portinha da cozinha. Meu canto preferido porque eu sempre fico lá. Sempre que eu passo, paro lá para conversar com a tia. Um dos meus cantos preferidos, o sofá, gosto porque é um bom lugar para dormir. Esse é o lugar que eu empurro os bebês, lindos. Eu gosto de ficar empurrando o carrinho, gosto de ficar dirigindo. Gosto de empurrar o João Pedro. Esse lugar é só para tocar violão. E eu fiz uma poesia: Amor é uma flor que nasce entre espinhos. Amor é fogo que arde sem se ver.

Mais uma vez um conteúdo espontâneo incorporou o material do livro. Logo em seguida, Gabriel relatou:

- Carnaval eu fui lá para o sítio de Bertioga, daí tem um lago onde tem cisne e pato e a gente dá pão para eles. E daí apareceu uma cobra preta e pegou o peixe pela cabeça e ficou balançando. A gente tirou foto.

Anotei a fala de Gabriel para colocar no livro.

6.14. Décimo terceiro encontro: “Criando um personagem”

Neste dia o grupo estava pequeno, participaram da atividade Felipe, Scot, Ana Clara, Bianca e Pity. Levei o livro O menino maluquinho de Ziraldo Alves Pinto (2009).

Realizei a leitura. Escolhi este livro, pois, ele desperta de diferentes maneiras a imaginação do leitor. Solicitei que cada um criasse, a partir de sua imaginação um personagem, com um nome e uma história. Ao final, cada um apresentou sua obra.

Felipe:

- Um dia, João com seus quinze anos não sabia o que queria ser no futuro então ouviu uma coisa muito engraçada na rua, então ele pegou essa coisa engraçada e a transformou em uma piada, hoje com vinte e sete anos, já é um dos melhores piadistas da cidade de São Paulo e tem muitas amizades.

Scot:

- Fiz um desenho.

Pity:

- Era uma vez um cachorro que latia todos os dias e ele não podia ver um osso que

ele pegava, ele ficou feliz para sempre.

Bianca:

- Minha pulseira quebrou e fiquei triste, minha imaginação não tinha mais dinheiro para comprar outra.

Ana Clara:

- A mãozinha que não parava de mexer para lá e para cá.

6.15. Décimo quarto encontro: “Minha bandeira pessoal”

Scot e Edward não estavam presentes. Bella trouxe algumas folhas com fotos e textos digitados por ela. Contou que é um trabalho do curso que está frequentando no qual deveria falar sobre sua vida. Resolveu tirar uma cópia para colocar em seu livro. Perguntei se ela gostaria de ler para o grupo e ela o fez:

- Minha vida: Meu nome é Bella, tenho dezesseis anos, moro numa instituição. Estudo no segundo ano. Não moro com meus pais, por que minha mãe morreu e o meu pai não sei onde está, mas pretendo procurá-lo. Na instituição, moro a onze anos na instituição. Todos meus irmãos passaram, menos um que não passou. O nome dessa instituição se chama Solid Rock Church Brasil. Os diretores se chamam Ryan e Meagan. No total de crianças que moram são vinte. Meus sonhos: meu sonho desde criança foi ser atriz, mas agora não sei o que quero fazer. Estou meio confusa

no que eu faço, se faço faculdade ou não. Por que agora atualmente não sei o que quero da minha vida. Minha família: tenho cinco irmãos, contando comigo somos em seis, todos trabalham. Os nomes dos meus irmãos são: A., O., L., M. e A.. Atualmente, meus dois irmãos moram com os amigos de infância. Um é casado, uma tem um filho e outra irmã mora com minhas tias, tios e primas (os). Atualmente: estou trabalhando no Mc Donald's e fazendo curso no SENAC. Estou gostando muito, estou adorando muito trabalhar, arranjei amigas, e fui destaque do mês. No SENAC é bom, estou aprendendo mais. E é muito bom.

Quando terminou a leitura, Bella colocou folha a folha em seu livro.

Como programação para este dia levei várias bandeiras de países impressas em papel, espalhei-as sobre a mesa e propus que cada um escolhesse a que gostou mais. Alguns escolheram as mesmas bandeiras. Em seguida, com um Atlas Geográfico, realizamos a consulta para descobrir a qual país pertencia cada bandeira. Conversamos um pouco sobre os costumes dos países pesquisados e a língua falada por sua população. Na sequência sugeri que cada um elaborasse sua bandeira pessoal, na qual deveriam representar suas características.

Desenharam suas bandeiras e teceram pequenos comentários.

Felipe:

- Tamos nessa. A amizade de quando eu era criança, hoje eu tenho quinze anos, e me lembro de quando eu era criança. Tinha muitos amigos, brincava muito e com tudo isso sempre fui feliz. Porque até hoje eu me considero criança, porque é muito bom ser feliz.

Bella:

- Você é a razão de eu estar nesse país!

Gabriel:

- Cada um tem seu gosto.

Pity:

- A vida do Brasil é nossa.

Bianca:

- A vida é uma escalada, mas a vista é ótima.

Ana Clara:

- A vida é muito loca, vida loca, um beijo e um abraço Ana Clara, a vida é loca mais é escalada, um beijo e um abraço Ana Clara, a vida é uma boa escalada e loca, um beijo e um abraço Ana Clara, Deus é bom para mim, te amo Deus, Deus é bom para mim, te amo Deus, Deus te amo.

Thais:

- É segredo, meu amigo que pediu, o Fernando da escola, ele é corinthiano.

6.16. Décimo quinto encontro, o último dia: “Eu, agora”

Neste último encontro estavam presentes Felipe, Bella, Scot, Gabriel, Thaís e Bianca. Expliquei que como fechamento das atividades, faríamos uma conversa sobre os encontros e o que esse espaço significou para eles. Após realizarmos a roda de conversa, solicitei que cada um colocasse no papel como se sentia naquele momento, ou seja, “como

eu estou agora?”.

Felipe:

- Quem sou eu. Eu sou uma pessoa muito feliz, gosto de onde eu moro, gosto da minha família, amo muito a Deus.

Scot:

- Hoje eu posso dizer: sim eu venci na vida. Sou uma pessoa feliz. Estudando fazendo curso e tudo o que gosto de fazer. Eu tenho orgulho de chegar a uma pessoa com necessidades e perguntar se ela precisa de ajuda, porque com certeza eu vou fazer o melhor.

Bella:

- Como me vejo hoje? Hoje eu percebo que eu mudei, por conta de trabalho, estudo, acho que fiquei muito responsável, mais madura. Eu acho que estou vendo outro lado da vida, olho as pessoas com outro olhar. Não sei se é porque é meu último ano, então vejo que tenho que ser mais firme. É assim que me vejo hoje.

Gabriel:

- Quem sou eu hoje! Eu sou Gabriel H. dos S., tenho treze anos, moro no abrigo, minha mãe se chama A. P. dos S., não conheço meu pai, mas com tudo isso de problemas eu já sou um adolescente, eu já tenho maturidade e muita. Eu sou uma pessoa que não sabe escutar o não, mas a cada dia que passa eu tento escutar “não pode; não faz; não vai; não, vai sim; etc”. Eu quero morar com meus pais, mas eu acredito que Deus quer que eu more no abrigo, eu acho que cada um tem um propósito na terra, como eu não sei qual é meu propósito na terra... Você sabe qual é o seu?

Bianca:

- Quem sou eu: Eu sou a Bianca C. J. de F. E me considero como uma pré-adolescente, tenho doze anos e moro no abrigo, faço aniversário no dia oito de dezembro, eu estudo na escola Toledo Barbosa, e vou para o Biasi. Eu gostaria muito de conhecer meus irmãos e ser adotada por pessoas que me amem. Vou para a psicóloga e para a igreja, tenho níveis de comportamentos, às vezes vou para casa da minha madrinha e ganho presentes, vou para o sítio, tenho visitas e muitas pessoas vem nos visitar.

Ao final agradei a todos pela participação nos encontros. Bianca solicitou que as atividades não fossem encerradas, os demais também manifestaram o desejo de continuar.

Combinei com o grupo que eu conversaria com a equipe do abrigo sobre a possibilidade de continuarmos a fazer as atividades, no entanto, não mais como um trabalho de pesquisa, mas como um trabalho voluntário meu.

Informei aos adolescentes que conforme tratado anteriormente, os livros ficariam com eles, mas para a minha pesquisa seria necessário escanear as imagens e textos.

7. A escrita e a descrição da pesquisa

Após o término dos encontros, o desafio era como escrever e descrever cada atividade, cada passo da pesquisa para colocar no papel a construção dessa trajetória.

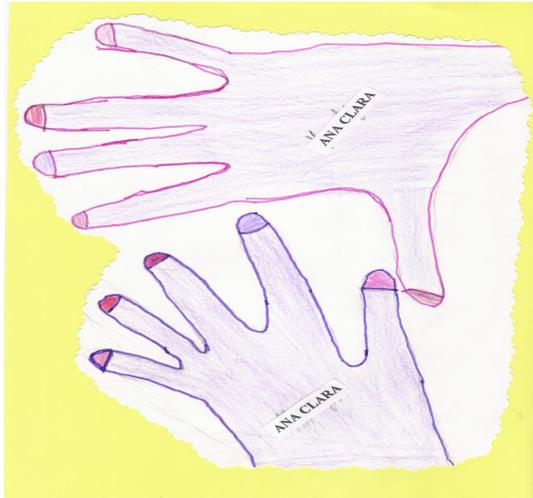
Em diferentes momentos, pessoas me perguntaram o que eu pretendia com este

trabalho. Eu, buscando palavras para responder a essas questões sobre meu objetivo, sentia necessidade de explicar apenas que o que realmente me interessou na pesquisa: muito mais do que o produto final, o processo. O processo no sentido da abertura de um espaço para que a voz dos adolescentes pudesse emergir e falar sobre a sua história, sobre as suas formas de vivência e sobrevivência. Pensando em Foucault, seria : de que forma este processo se caracterizaria como uma “tecnologia de si”.

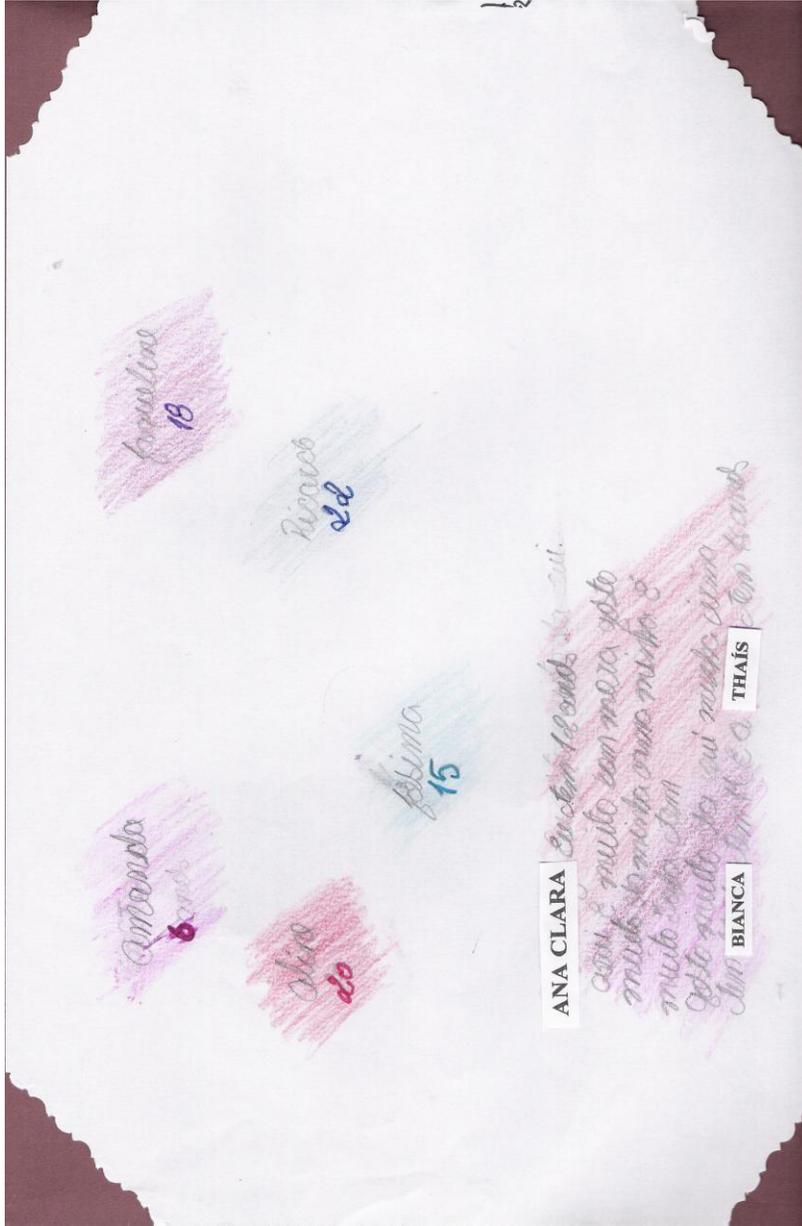
Fica claro para mim que esse detalhamento longo de cada etapa revela aos poucos como o espaço de escrita dos *hupomnêmata* foi se construindo. As leituras anteriores, as lacunas e dúvidas nas quais tropecei, as pessoas que foram permeando essas histórias, as falas, perguntas e sugestões dos adolescentes, as ações e reações destes jovens tinham interferência no planejamento dos encontros seguintes e até nas improvisações, quando determinadas atividades não cabiam naquele momento.

Descrever todo o processo e o espaço físico foi a forma que encontrei de dividir com o leitor a construção da metodologia utilizada na pesquisa. Um trabalho sobre o registro das histórias em um abrigo, contado a partir de uma história.

1. *Hupomnêmata* de Ana Clara

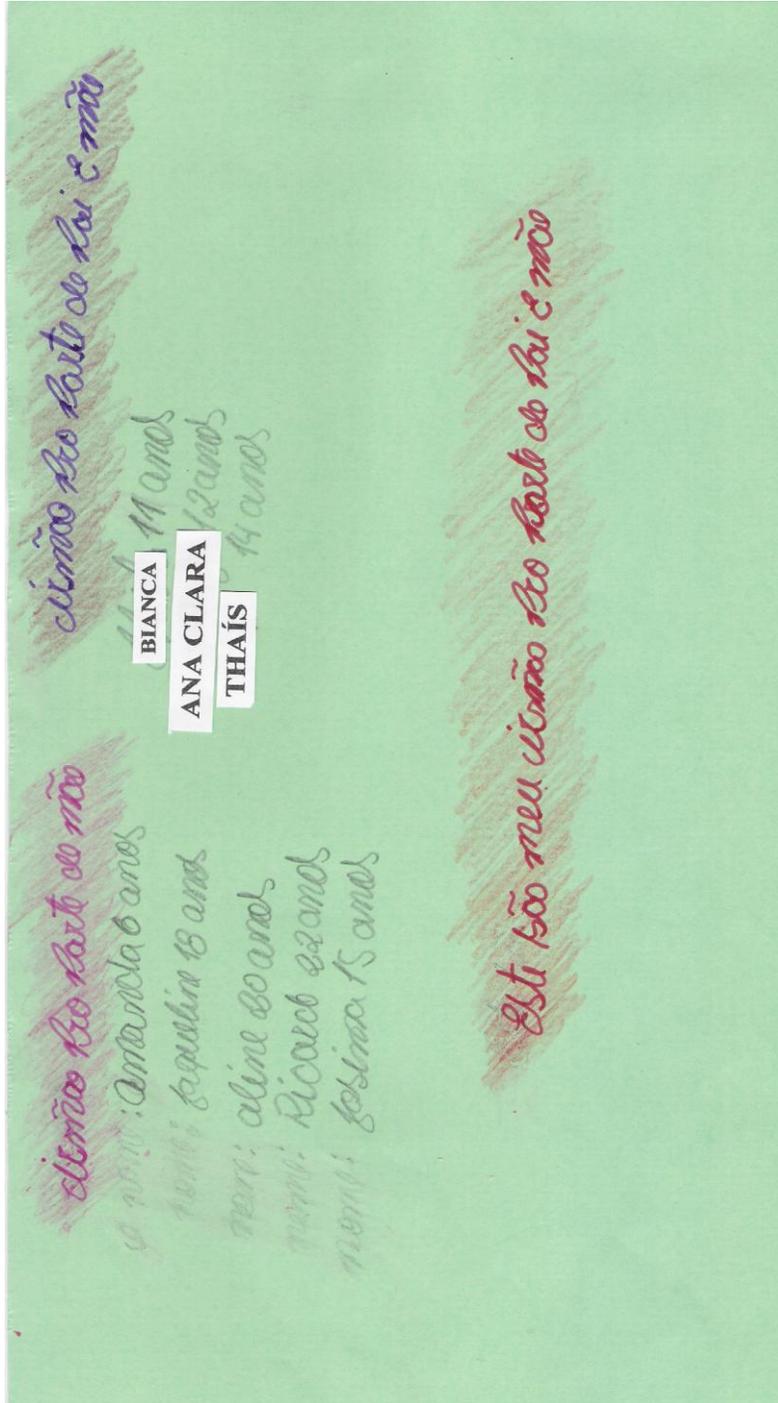


HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 01

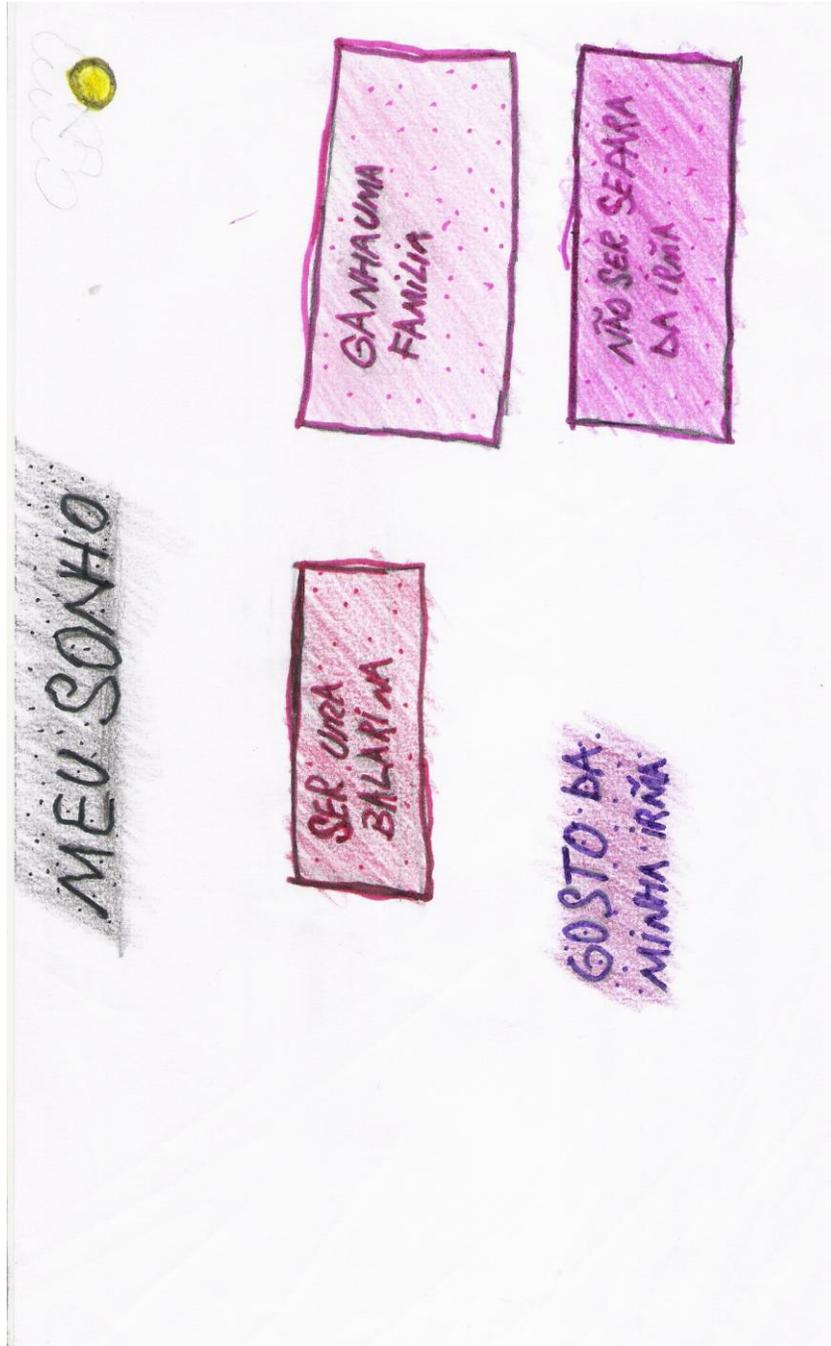


HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 02



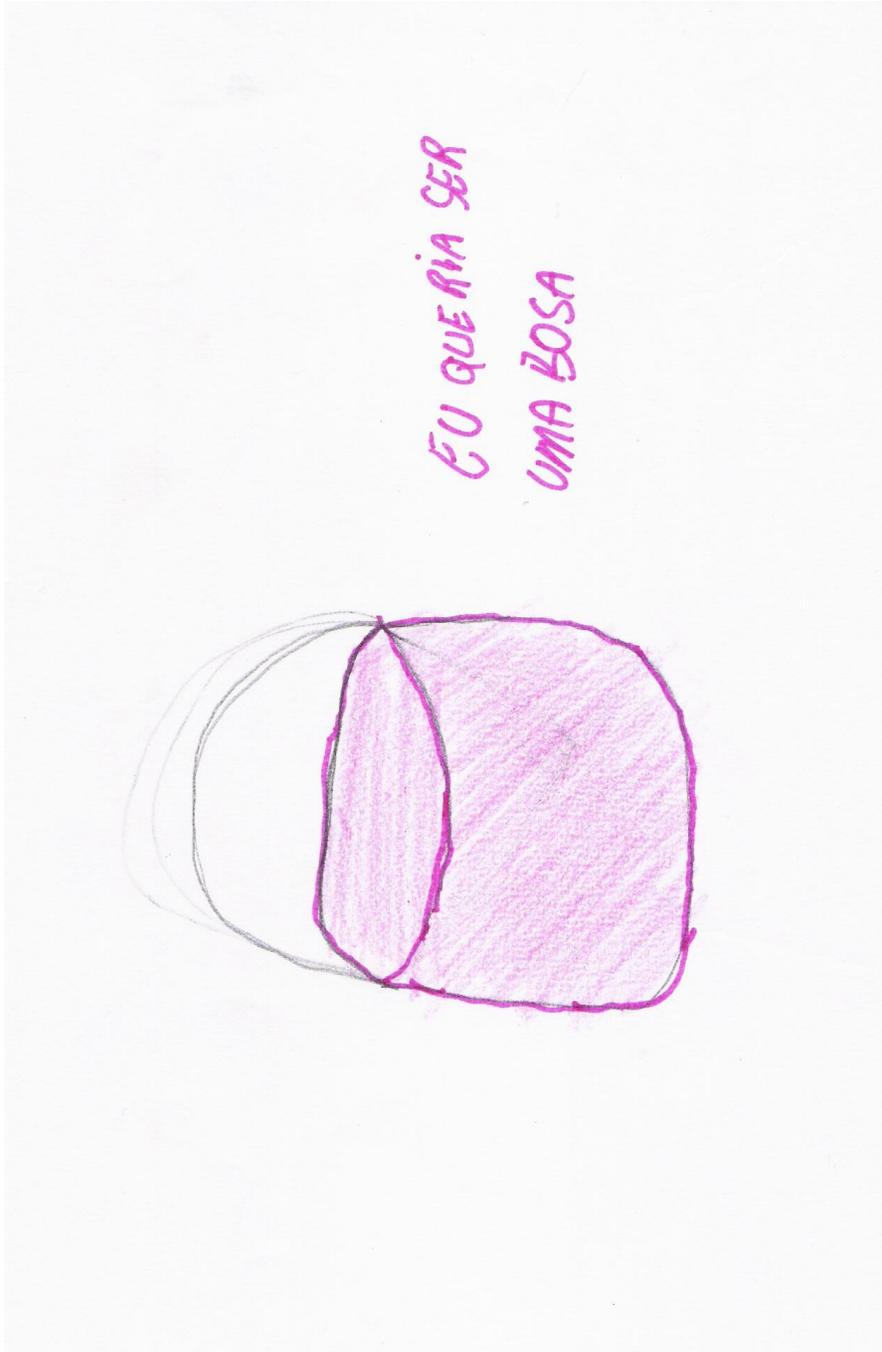




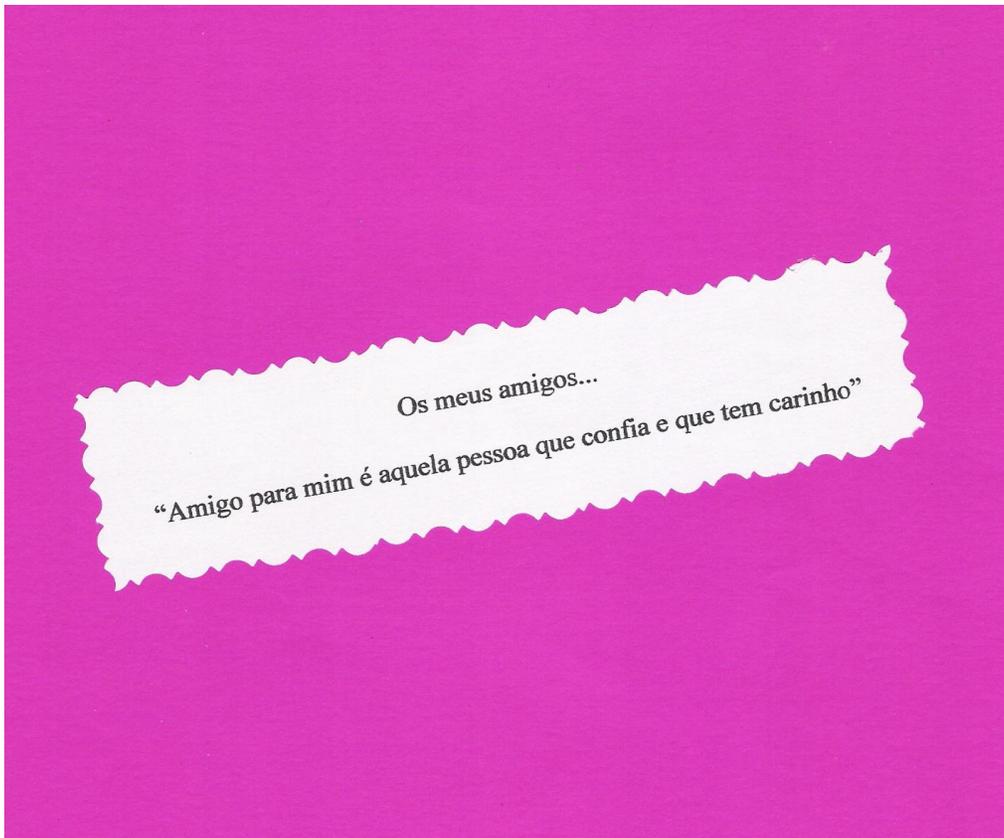


HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 06





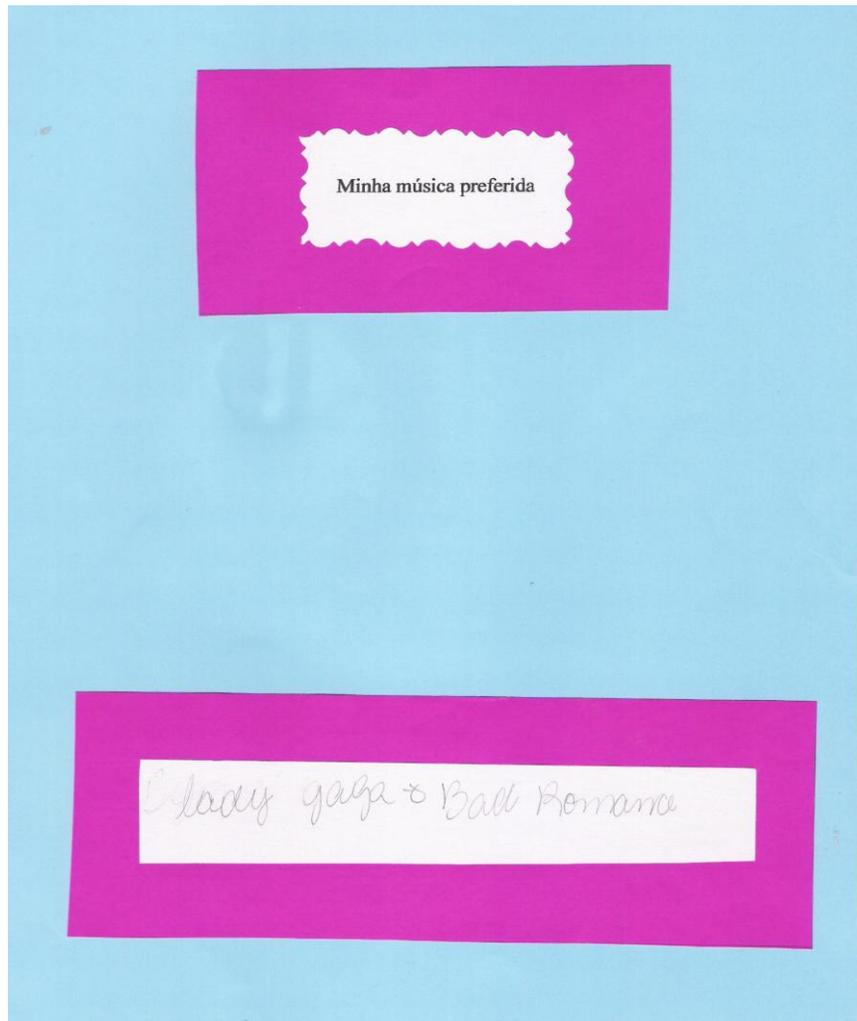




HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 10



HUPOMNĚMATA ANA CLARA – PÁG. 11



Minha música preferida

Lady Gaga - Bad Romance

Bad Romance

Lady Gaga

Composição: Lady GaGa / Red One

Oh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh!
Caught in a bad romance
Oh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh!
Caught in a bad romance

Rah-rah-ah-ah-ah-ah!
Rama-ramama-ah
GaGa-oooh-la-la!
Want your bad romance

Rah-rah-ah-ah-ah-ah!
Rama-ramama-ah
GaGa-oooh-la-la!
Want your bad romance

I want your ugly
I want your disease
I want your everything
As long as it's free
I want your love
Love, love, love I want your love

I want your drama
The touch of your hand
I want your leather-studded kiss in the sand
I want your love
Love, love, love I want your love
(Love, love, love I want your love)

You know that I want you
And you know that I need you
I want it bad, your bad romance

I want your love and
I want your revenge
You and me could write a bad romance
(Oh-oh-oh-oh-oooh!)
I want your love and
All your lover's revenge
You and me could write a bad romance

Oh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh!
Caught in a bad romance
Oh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh!
Caught in a bad romance

Rah-rah-ah-ah-ah-ah!
Rama-ramama-ah

HUPOMNĚMATA ANA CLARA – PÁG. 13

GaGa-ooH-la-la!
Want your bad romance

I want your horror
I want your design
'Cause you're a criminal
As long as your mine
I want your love
(Love, love, love I want your love)

I want your psycho
Your vertical stick
Want you in my rear window
Baby you're sick
I want your love
Love, love, love
I want your love
(Love, love, love I want your love)

You know that I want you
('Cause I'm a freak bitch baby!)
And you know that I need you
I want a bad, bad romance

I want your love and
I want your revenge
You and me could write a bad romance
(Oh-oh-oh-oh-oooh!)

I want your love and
All your lover's revenge
You and me could write a bad romance

Oh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh!
Caught in a bad romance
Oh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh!
Caught in a bad romance

Rah-rah-ah-ah-ah-ah!
Rama-ramama-ah
GaGa-ooH-la-la!
Want your bad romance

Walk, walk fashion baby
Work it
Move that bitch crazy

Walk, walk fashion baby
Work it
Move that bitch crazy

Walk, walk fashion baby
Work it
Move that bitch crazy

Walk, walk passion baby
Work it
I'm a freak bitch, baby
I want your love

HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 14

And I want your revenge
I want your love
I don't wanna be friends
J'veux ton amour
Et je veux ton revanche
J'veux ton amour
I don't wanna be friends
Oh-oh-oh-oh-oooh!
I don't wanna be friends
(Caught in a bad romance)
I don't wanna be friends
Oh-oh-oh-oh-oooh!
Want your bad romance
(Caught in a bad romance)
Want your bad romance!
I want your love and
I want your revenge
You and me could write a bad romance
Oh-oh-oh-oh-oooh!
I want your love and
All your lovers' revenge
You and me could write a bad romance
Oh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh!
Want your bad romance
(Caught in a bad romance)
Want your bad romance
Oh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh-oooh-oh-oh-oh!
Want your bad romance
(Caught in a bad romance)
Rah-rah-ah-ah-ah-ah!
Rama-ramama-ah
GaGa-oooh-la-la!
Want your bad romance

HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 15

[Mau Romance]

Oh-oh-oh-oh-oooh!
Oh-oh-oooh-oh-oh!
Presa em um romance mau

Oh-oh-oh-oh-oooh!
Oh-oh-oooh-oh-oh!
Presa em um romance mau

Rah-rah-ah-ah-ah!
Roma-roma-ma!
Ga-ga-oooh-la-la!
Quero o seu romance mau

Rah-rah-ah-ah-ah!
Roma-roma-ma!
Ga-ga-oooh-la-la!
Quero o seu romance mau

Eu quero sua repulsão
Eu quero sua doença
Eu quero seu tudo,
Contanto que seja de graça
Eu quero seu amor
(Amor, amor, amor, eu quero o seu amor)

Eu quero o seu drama
O toque da sua mão
Eu quero o seu beijo sujo de couro na areia
Eu quero o seu amor.
Amor, amor, amor
Eu quero o seu amor,
(Amor, amor, amor, eu quero o seu amor)

Você sabe que te quero
E sabe que preciso de você
Eu quero o seu mau, mau romance

Eu quero o seu amor e
Eu quero a sua vingança
Você e eu poderíamos escrever um mau romance
(Oh-oh-oh-oooh!)
Eu quero o seu amor
Todo o seu amor é vingança
Você e eu poderíamos escrever um mau romance

Oh-oh-oh-oh-oooh!
Oh-oh-oooh-oh-oh!
Presa em um romance mau

Oh-oh-oh-oh-oooh!
Oh-oh-oooh-oh-oh!

HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 16

Preso em um romance mau

Rah-rah-ah-ah-ah!
Roma-roma-ma!
GaGa-oo-la-la!
Quero o seu romance mau

Eu quero o seu pavor
Eu quero o seu design
Porque você é um criminoso,
Contanto que seja meu
Eu quero o seu amor
Amor, amor, amor
Eu quero o seu amor

Eu quero a sua obsessão,
O seu adesivo vertiginoso
Quero você no meu quarto
Quando você está doente
Eu quero o seu amor,
Amor, amor, amor
Eu quero o seu amor,
Amor, amor, amor, eu quero o seu amor

Você sabe que quero você
(Porque eu sou louca, querido!)
E sabe que preciso de você
Eu quero o seu mau, mau romance

Eu quero o seu amor e
Eu quero a sua vingança
Você e eu poderíamos escrever um romance mau
(Oh-oh-oh-oh-oooh!)
Eu quero o seu amor
Todo o seu amor é vingança
Você e eu poderíamos escrever um romance mau

Oh-oh-oh-oh-oooh!
Oh-oh-oooh-oh-oh!
Preso em um romance mau

Oh-oh-oh-oh-oooh!
Oh-oh-oooh-oh-oh!
Preso em um romance mau

Rah-rah-ah-ah-ah!
Roma-roma-ma!
GaGa-oo-la-la!
Quero o seu romance mau

Rah-rah-ah-ah-ah!
Roma-roma-ma!

HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 17

GaGa-oo-la-la!
Quero o seu romance mau

Ande, ande com a moda, baby
Treine
Mexa aquela vagabunda louca

Ande, ande com a moda, baby
Treine
Mexa aquela vagabunda louca

Ande, ande com a moda, baby
Treine
Mexa aquela vagabunda louca

Ande, ande com a moda, baby
Treine
Mexa aquela vagabunda louca

Eu quero o seu amor
E eu quero a sua vingança
Eu quero o seu amor,
Eu não quero que sejamos amigos

Eu quero o seu amor
E eu quero a sua vingança
Eu quero o seu amor,
Eu não quero que sejamos amigos
Oh-oh-oh-oooh!
Eu não quero que sejamos amigos
Preso em um romance mau
Eu não quero que sejamos amigos
Oh-oh-oh-oooh!
Quero o seu romance mau
Preso em um romance mau
Quero o seu romance mau!

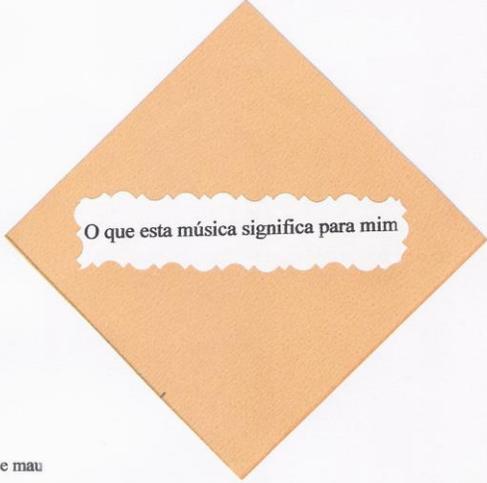
Eu quero o seu amor
E eu quero a sua vingança
Você e eu poderíamos escrever um romance mau
Oh-oh-oh-oooh!
Eu quero o seu amor
E eu quero a sua vingança
Você e eu poderíamos escrever um romance mau

Oh-oh-oh-oooh!
Eu quero o seu romance mau
Preso no seu romance mau
Eu quero o seu romance mau

Oh-oh-oh-oooh!
Eu quero o seu romance mau

Preso no seu romance mau

Rah-rah-ah-ah-ah!
Roma-roma-ma!
Ga-ga-ooh-la-la!
Quero o seu romance mau



O que esta música significa para mim

Bad Romance

Eu não soulo ter com Romance
Full

nem com um Romance meu

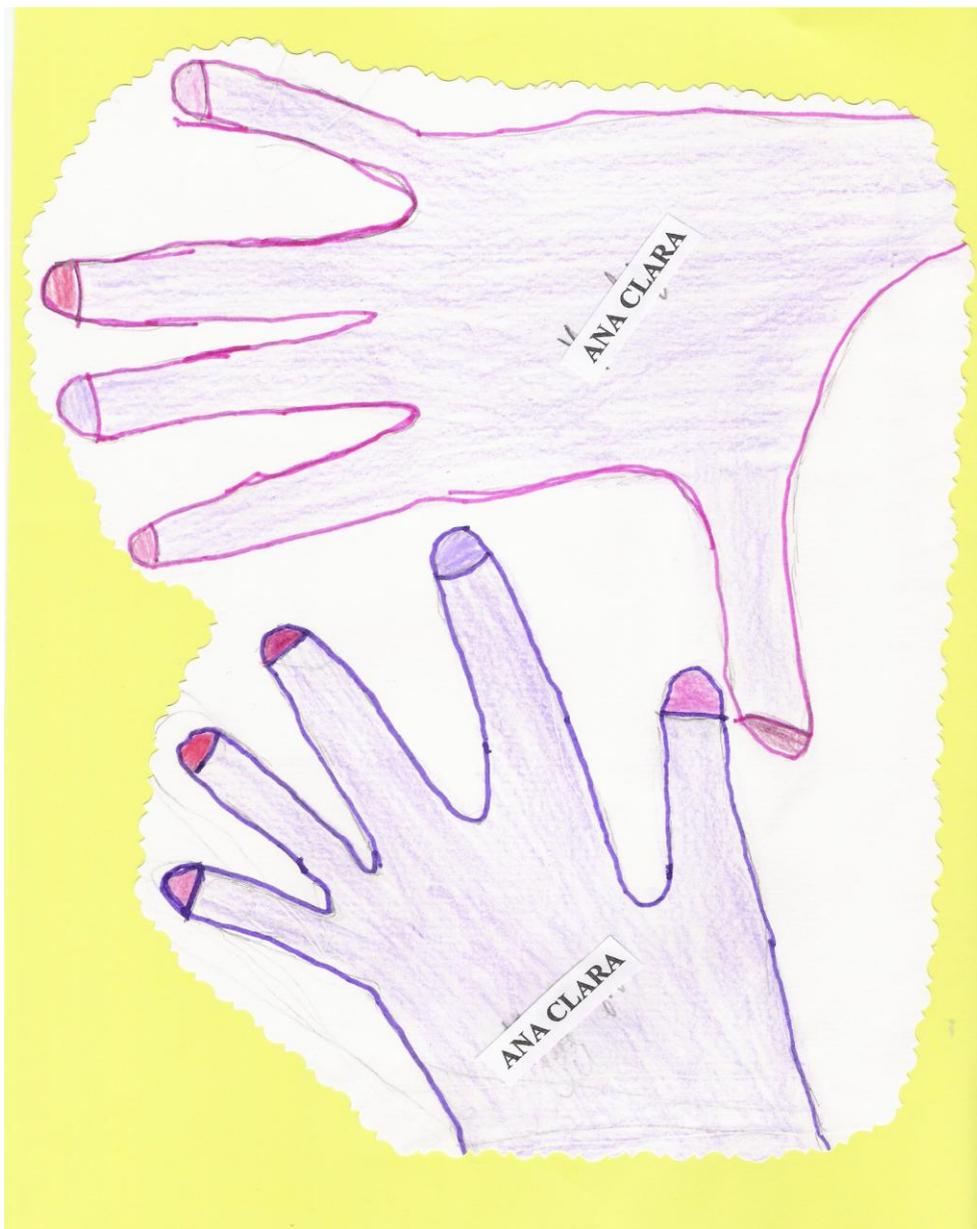
Por mim Ela Está Galada

que Ela soulo comia Romance

Justo e soulo tem com

Romance meu

HUPOMNĚMATA ANA CLARA – PÁG. 19



HUPOMNĚMATA ANA CLARA – PÁG. 20



DIA-DIA

Neta pra eu ter muito Ao-Clube-Escola gostei muito de ir pra

o Clube Escola lá eu madeis muito desi no taboag. E gosti

muito de ir no taboag. Oute eu tia muito mais mais agora

eu não tem mais mais mais agora eu gosto de dell do lá

agora bô abi a fiima de taboag. Lá demig mais não ver

pode ir porque eu esta no nível I

misma notia esta muito clara
o euitem notamos minha
deia notado Louis



ANA CLARA

NOTICIA

Material que o paulistano entrega para ser reciclado não é totalmente aproveitado e vai parar nos at

Desperdiço reduz ainda mais a margem de lixo reciclável em SP; coleta seletiva dá conta de menos de 1% de todo o lixo produzido

MARINA BARROS
DA REPUBLICA

Boa parte do lixo que o paulistano separa, lava e guarda pensando que será reciclado vai parar no aterro, misturado no lixo comum.

Ontem, a aposentada Ilka Piquet, 73, moradora da Vila Madalena (zona oeste), separava embalagens de vidro, papel e isopor para serem levados pelo caminhão de coleta seletiva.

Mas, por uma sucessão de falhas e de falta de fiscalização por parte da prefeitura, uma parte desse material, em média 35%, não será reaproveitado.

Muitos dos caminhões, por exemplo, fazem uma compactação excessiva do lixo, quebrando vidro e fundindo plásticos — o que impossibilita a separação. Além disso, alguns itens, como embalagens de xampu ou papel de presente, não têm compradores.

Há mais falhas. Ontem, na Vila Madalena, bairro da dona Ilka, o caminhão da coleta seletiva não passou — o lixo foi levado pelo caminhão de lixo comum, portanto, direto para o aterro.

A concessionária Logg, responsável pela coleta, disse que o veículo de recicláveis saiu da rota prevista. Até o fechamento



Recicladores separam o lixo em cooperativa; falhas na coleta e compactação excessiva prejudicam aproveitamento do material

desta edição, a empresa desobedeceu a razão, mas informou que haverá punição administrativa para os funcionários.

Mas, segundo moradores, o caminhão de coleta seletiva não passa por lá desde o início deste ano. “É uma grande sacanagem, o tempo que a gente perde para nada”, disse a farmacêutica Cléne Camillo, 46.

O desperdiço reduz ainda mais a margem de lixo reciclável da cidade, que em 2008 foi de 7% do lixo domiciliar passado de reciclagem e menos de

1% do total produzido.

Apenas pouco mais da metade dos paulistanos têm coleta seletiva na porta de casa — os outros 5 milhões precisam transportar o próprio lixo até um posto de coleta.

Na cooperativa de triagem da Vila Leopoldina (zona oeste), o desperdiço, segundo a coordenadora Jacy Cardoso, é de 40%.

Ela diz que um dos problemas é que as empresas que coletam o material entregam o lixo. Se o caminhão chega muito cheio, com mais de 3,5 toneladas, nem

deixam descarregar. As garrafas vem moladas, o plástico dentro da lata, os papéis destruídos, tudo umassado”, diz.

Por falta de compradores, a cooperativa não aproveita, por exemplo, embalagens de xampu, de cachorro e de mostarda, papel de presente e potes de gel. Isopor está sendo colocado em empilhadas na triagem da Se (centro) aguardando comprador. Lá, porém, o desperdiço é menor, cerca de 18%.

Na da Mooca (zona leste), onde o feijão chega a 50%, há

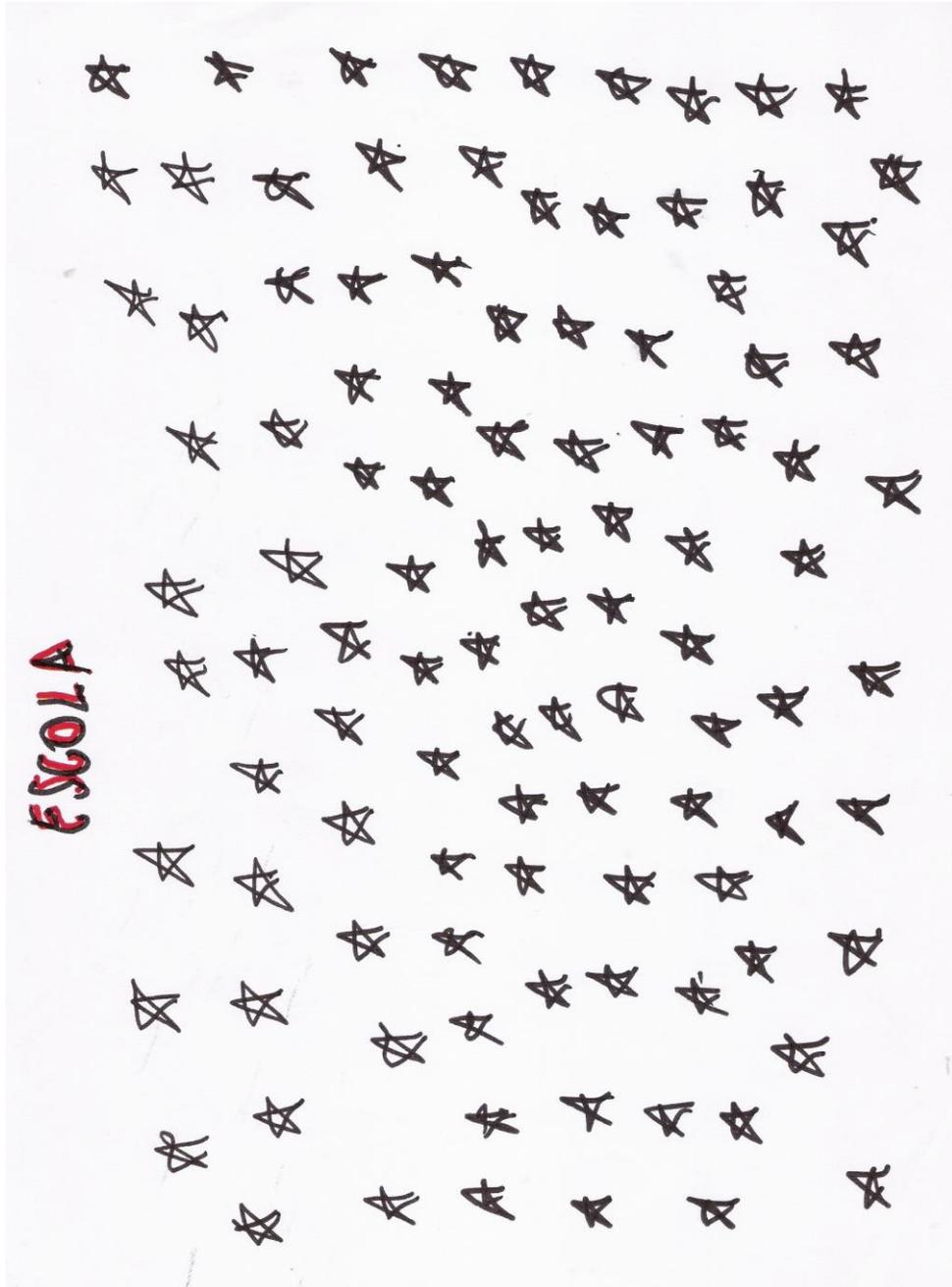
um amontoado de galões plásticos na mesma situação. Dados do Instituto Folia, que atua no setor, indicam que 35% do lixo reciclado é desperdiçado.

As 10 centrais de triagem da capital, cooperativas que operam em locais cedidos pelo poder público, são cadastradas pela Limpur (Departamento de Limpeza Urbana) e também a coleta da prefeitura, além do que elas mesmas coletam.

LEIANE MANS C3

MINHACOMIDA DA ESCOLA

Nó Escola eu gosto de comer
marrigelão não com gelado
gosto também de comer
barras de chocolate e
de marzipão e também
gosto de comer bolachas
de leite e também com
barras de leite frito
com chocolate e com
marzipão



HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 27

Lidia e Marcus Weber

Para você menino, que mora na frente do internato, tem casa, flores e jardim
Para mim, que vivo dentro da instituição, só tem um corredor sem fim

Você é acordado com um beijo suave no rosto
Eu acordo com o som estridente da campainha do posto

Para você tem leite, yogurte e margarina
Para mim tem *chafé* e pão amanhecido na cantina

Depois do café você brinca com seu irmão
Eu pego o balde e a vassoura para limpar o chão

Você tem um quarto com *videogame* e computador em rede
Eu fico no quintal olhando as manchas na parede

Para você, sua mãe serve o almoço com bife, arroz e feijão
E eu, fico todos os dias na fila do *bandeirão*

No domingo sua mãe escolhe uma roupa especial
Aqui no internato nada é de ninguém, tudo é sempre igual

Você deita em seu quarto quando está cansado
Eu fico sentado na escada porque meu quarto tem cadeado

O teu pai, quando sai e quando volta, sempre te abraça
Eu sempre invento partidas e chegadas mas a tristeza não passa

Se você chora à noite sua mãe vem para te afagar
Se eu tenho um pesadelo, só tenho o travesseiro para abraçar

Para você tem dia das mães e dos pais sempre com festa
Para mim é só uma grande ausência que resta

Sua família leva você à escola, ao judô e para passear
A minha família, há três anos não vem me visitar

Você tem uma bela rotina de uma família em ação
Eu não tenho ninguém, sou filho da solidão

O seu maior desejo é o novo brinquedo da televisão
O meu maior sonho é ter uma família do coração

HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 28

Bom dia meu amor que esta
Escreto neste papel eu mim
tem coisa que kedado tem
coisa que e mentira

ANA CLARA

MEU MEDO

EU TENHO MEDO DE RATO E NOSO DE BARATA
QUENDO EU VE SO ALGO RATO EU SAIO CORREDO
TENHO MUITO MEDO MESMO DE VERADE
SI EU VER UMA BARATA EU SAIO CORREDO
SI UM DIA EU VER UMA BARATA EU
NÃO SER O QUE EU VOU FAZE COM
A BARATA AGORA SER FOR UM
BARATA EU UM RATO SOTO EU
NÃO SER O QUE EU VOU FAZER
MESMO DE VERADE SA TENHO MEDO
DE RATO E NOSO DE BARATA
ONQUE EU VOU FAZE ALGO NA
COISA VOU FICA COM MAIS
NOSO DA BARATA E MEDO DO RATO
O QUE EU VOU FAZER SI EU
TENHO EU VOU FAZER SI EU
NOSO DE BARATA

HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 30



Porque eu li a Foto porque eu gosto
muito da Sala gosto também gosto
de assistir a tv gosto também de
gosto de ficar do lado também
gosto de olhar da pra fora

HUPOMNĚMATA ANA CLARA – PÁG. 31



ESTÉ a o Repetitoriu gósto mulo cu Zecar
mulo a o Repetitoriu gósto tradim cu
Zecar a o funda, unand cu estau
a o funda cu Zico a oack para o
cachorro unand cu alba a o
cachorro a o Zecar a oack
gósto tradim cu Zecar a oack
a o a o a o a o

HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 32



ESTE É O MEU QUARTO gosto também
de ficar me espelhar e muito bom
ficar e alho não espelhar gosto
muito de ficar alho e espelhar
quando eu não sei gosto muito
de ficar alho de não espelhar
e que eu mais gosto de quando
eu minha casa e a espelhar
e muito bom demais este quarto



esta é a Biblioteca gosto dela
quando estou ouvindo rádio
gosto também de ouvir na Biblioteca
ouço minha música muito
música eu gosto que passa
na rádio gosto também
de ouvir rádio com
muita música

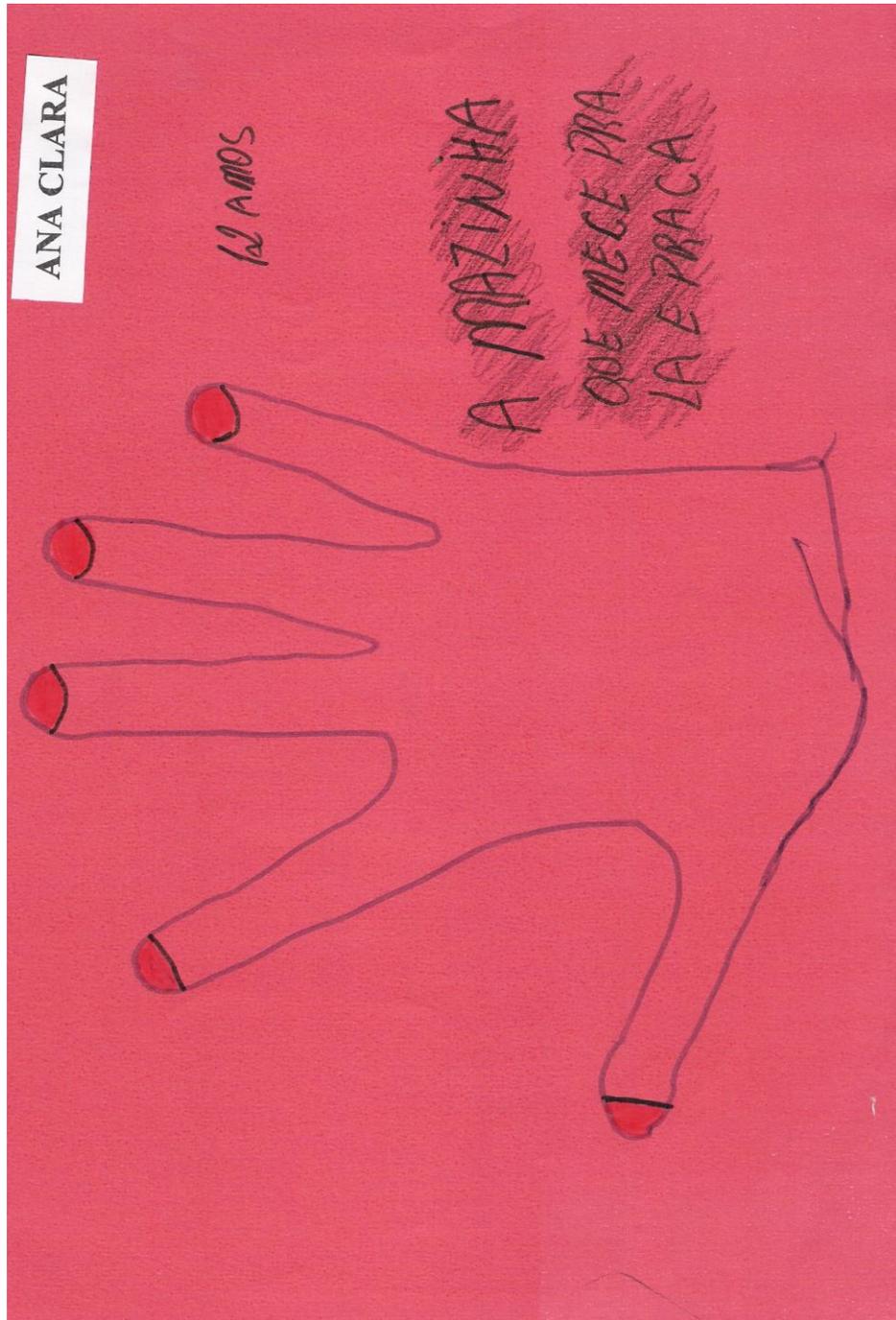
quando ouvindo rádio
isto é rádio gosto
de ouvir rádio

gosto de ouvir rádio
quando a Carol e a Sheila
isto é rádio

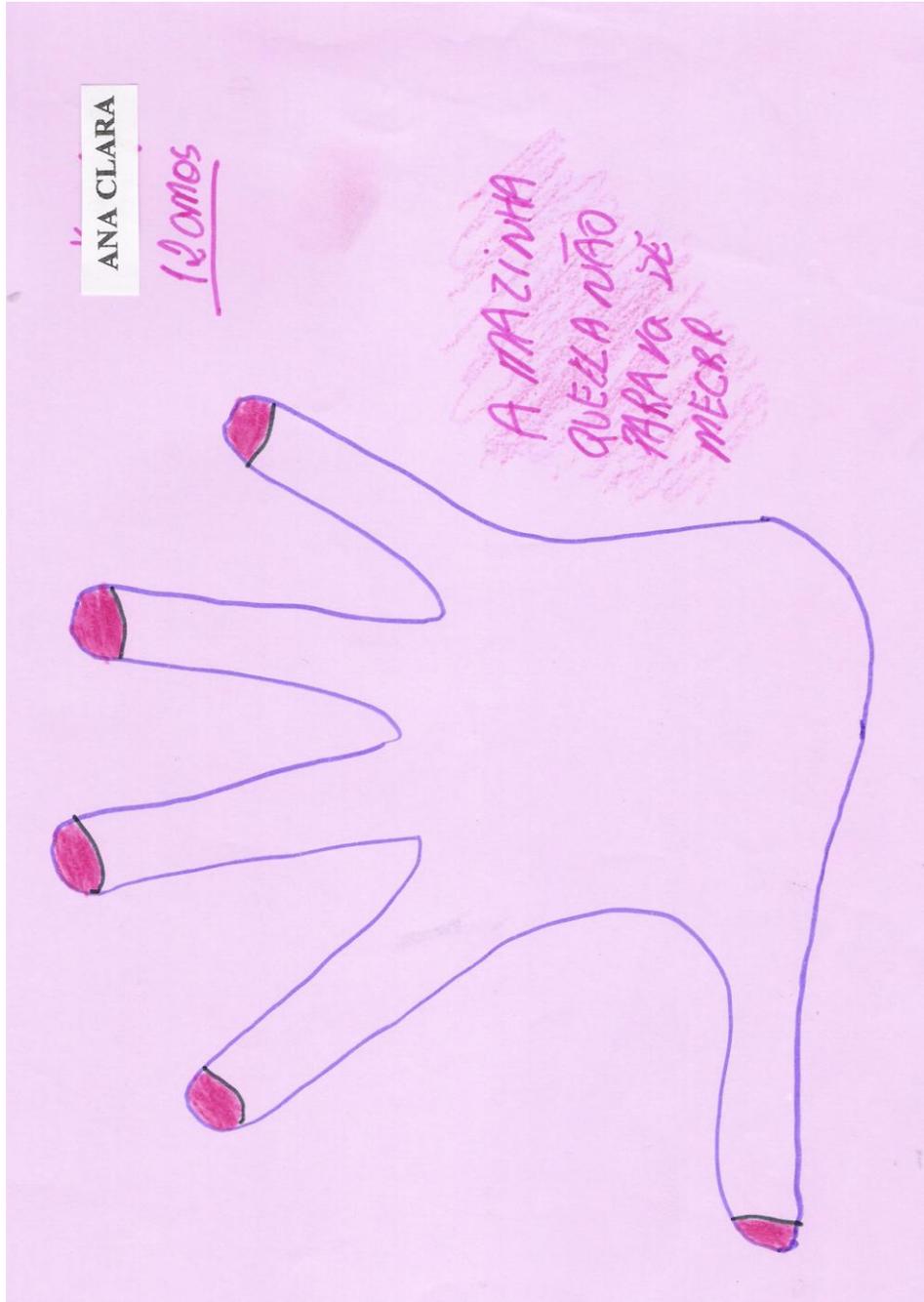
HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 34



ESTE é o meu quarto que eu quero
Está como que esta Encuro da minha
e da Segunda a cama de Baixo
na minha gosto muito dela
gosto muito da minha cama
ela é muito Bem de dormir
quando eu estou desistido
da minha cama minha e tal é um bom lugar



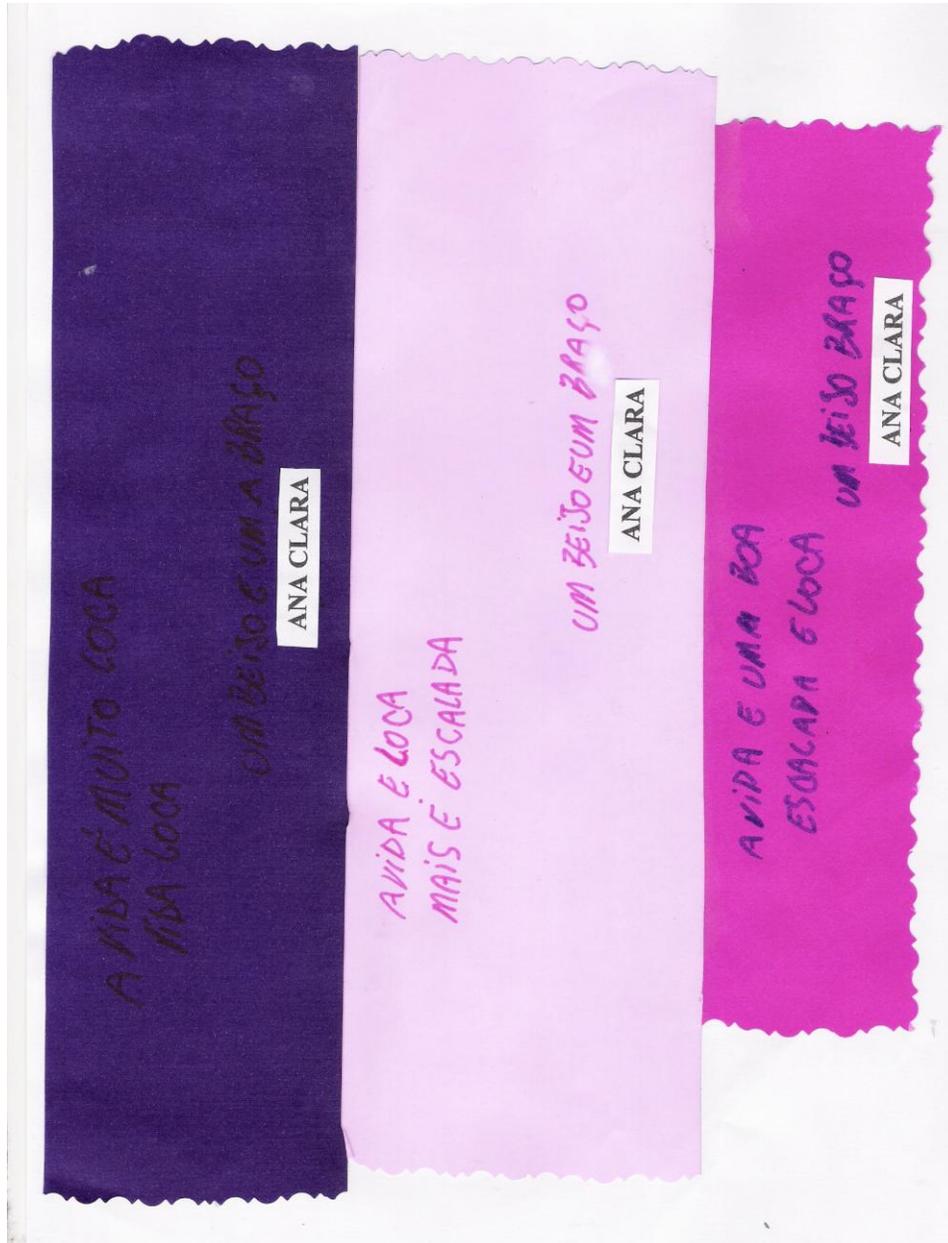
HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 36



HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 37



HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 38





HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 39



HUPOMNÊMATA ANA CLARA – PÁG. 39



1.1. Transcrição Ana Clara

Atividade: “Quem sou eu?” (1º encontro)

Ana Clara: Ana Clara. Eu tem 12 anos, aqui é muito bom mara gosto, muito da minha cama minha é muito fofa tem, gosto muito da minha irmã, tem Bianca tem 14 e a Thaís tem 14 anos.

Atividade: “Árvore da família” (2º encontro)

Ana Clara: Thaís, Bianca, Amanda, Ricardo, Josimar, Aline. Irmão pro parte de mãe: amanda 6 anos, jaqueline 18 anos, aline 20 anos, ricardo 22 anos, josimar 15 anos. Irmão pro parte de pai e mãe: bianca 11 anos, ana clara 12 anos, thaís 14 anos. Este são meu irmão pro parte de pai e mãe.

Atividade: “Meus desejos e sonhos” (3º encontro)

Ana Clara: Ter minha família. Meu sonho ser uma bailarina, ganhar uma família, não ser separada da irmã, eu gosto da minha irmã.

Pesquisadora: Se você fosse um objeto qual seria?

Ana Clara: Eu queria ser uma rosa. Eu queira ser uma estrela.

Atividade: “Meus amigos” (4º encontro)

Ana Clara: Meu amigos, Fabiana, Fernanda, Bianca, Bruna, Thaís, Jéssica, Paloma, Jaqueline, Aline, Amanda. Josimar, Ricardo, Irailde, Tia nega, Tia Terezinha, Tia Kesia, Tio tucá, Ana Carolina, Carla, Donata. Meus melhores amigos. Amigo pra mim é aquela pessoa que confia e que tem carinho

Atividade: “Minha música favorita” (5º encontro)

Ana Clara: Lady gaga- Bad romance. Eu não queria ter um romance e nem ter um romance mau.

Pesquisadora: O que esta música significa para você?

Ana Clara: Pra mim ela esta falando que ela quer um romance ruim e que ela tem um romance mau.

Atividade: “Lembranças e expectativas” (6º encontro)

Ana Clara: “Ana Clara”

Atividade: “O meu dia a dia” (7º encontro)

Ana Clara: Dia – dia. Nesta feria eu sai muito pro clube escola gostei muito de ir para o clube escola lá eu nadei muito desi no toboaga e gostei muito medo mais agora eu não tem mais medo mais agora eu gosto de deser até agora só abri a piscina de sábado e de domingo mais não vou poder ir porque eu esto no nível I.

Pesquisadora: O que mais você gostaria de fazer no seu dia a dia?

Ana Clara: Minha rotina está muito boa o que tem fatado nas minha feria fatada sais.

Atividade: “O que leio no jornal” (8º encontro)

Ana Clara: Notícia, 27 de janeiro de 2010, Os lixos, os desperdícios, aconteceu na quarta feira, dia 27 de janeiro de 2010.

Atividade: “Na escola...” (9º encontro)

Ana Clara: Minha comida na escola, lá escola eu gosto de comer nuggets pão com geleia gosto também de comer sorvete de chocolate e de morango e também comer sorvete de creme junto com chocolate e com morango.

Atividade: “Os meus medos” (11º encontro)

Ana Clara: Meu medo. Eu tenho medo de rato e nojo de barata quando eu vejo algo rato eu saio correndo tenho muito medo mesmo de verdade si eu ver uma barata eu saio corredo si um dia eu ver uma barata eu não ser o que eu vou fazer com a barata agora se for um barata e um rato juto eu não ser o que eu vou fazer mesmo de verdade já tenho medo de rato e nojo de barata o que eu vou fazer alguma coisa vou ficar com mais nojo da barata e medo do rato o que eu vou fazer si eu tenho eu vou fazer si eu nojo barata.

Atividade: “Fotos da minha casa” (12º encontro)

Ana Clara: Porque eu tirei foto. Porque eu gosto muito da sala gosto também gosto de assisti tele gosto também de gosto de ficar lá fora também gosto de olhar pra fora. Este é o refeitório gosto muito de ficar muito no refeitório gosto também de ficar na janela quando eu estou na janela eu fico olhando para o cachorro quando eu olho pro cachorro ele ficar

latindo gosto tambem de ficar andando pra la e pra ca. Este é o meu quarto gosto também de ficar no espelho e muito bom ficar se olhando no espelho gosto muito de ficar olhando o espelho quando eu passo brilho gosto muito de ficar olhando no espelho o que eu mais gosto de quarto e a minha cama e o espelho e muito bom dormir neste quarto. Esta é a biblioteca gosto dela quando eu estou ouvindo radio, gosto também de ficar na biblioteca ouvindo minha musica muita musica eu gosto tambem de ficar ouvindo radio com minha irmã, quando minha irmã esta ouvindo radio gosto de ficar ouvindo, gosto de ficar ouvindo radio quando a Thais e a Bianca estão ouvindo radio. Este é o meu quarto que eu durmo, está cama que esta em cima da minha e da Fernanda a cama de baixo e a minha gosto muito dela, gosto muito da minha cama. Ela é muito bom de deitar quando eu estou deitada na minha cama vem o sol bem no meu rosto.

Atividade: “Criando um personagem” (13º encontro)

Ana Clara: 12 anos, a mazinha que mexe pra la e pra ca, a mazinha que ela não parava de mexer.

Atividade: “A minha bandeira pessoal” (14º encontro)

Ana Clara: A vida é muito loca, vida loca, um beijo e um abraço Ana Clara, a vida é loca mais é escalada em beijo e um abraço Ana Clara, a vida é uma boa escalada e loca, um beijo e um abraço Ana Clara, Deus é bom para mim, te amo Deus, Deus é bom para mim, te amo Deus.

Atividade: “Eu agora” (15º encontro)

Ana Clara: Deus te amo.

1.2. Textualização Ana Clara

Meu nome é Ana Clara, tenho 12 anos. Aqui é muito bom, “mara”, gosto muito da minha cama, ela é muito fofa. Gosto muito da minha irmã, Bianca, ela tem 14, e da Thaís, que tem 14 anos.

Minha família é formada por: Thaís, Bianca, Amanda, Ricardo, Josimar, Aline. Meus irmãos por parte de mãe são: Amanda, 6 anos, Jaqueline, 18 anos, Aline, 20 anos, Ricardo, 22 anos, Josimar, 15 anos. Irmãos por parte de pai e mãe, são: Bianca, 11 anos, Ana Clara, 12 anos, Thaís, 14 anos.

Desejo ter minha família. Meu sonho é ser uma bailarina, ganhar uma família e não ser separada da irmã, porque eu gosto dela.

Se eu fosse um objeto, seria uma rosa. Eu queira ser uma estrela.

Meu amigos são: Fabiana, Fernanda, Bianca, Bruna, Thaís, Jéssica, Paloma, Jaqueline, Aline, Amanda. Josimar, Ricardo, Irailde, Tia Nega, Tia Terezinha, Tia Kesia, Tio Tucá, Ana Carolina, Carla, Donata. Eles são meus melhores amigos. Amigo para mim é aquela pessoa que confia e que tem carinho.

Minha música favorita é da Lady gaga: Bad romance. Eu não queria ter um romance e nem ter um romance mau. Para mim, ela está falando que quer um romance ruim e que

ela tem um romance mau.

Nestas férias eu saí muito para o Clube Escola, gostei muito de ir para lá. Nadei muito, desci no toboágua e gostei muito. Tinha medo, mas agora eu não tenho mais; agora eu gosto de descer. Agora só abre a piscina aos sábados e de domingos, mas não vou poder ir porque estou no nível I.

Minha rotina está muito boa. O que tem faltado nas minhas férias é sair.

No dia 27 de janeiro de 2010, quarta-feira, li no jornal sobre o lixo, os desperdícios.

Na minha escola eu gosto de comer nuggets, pão com geléia; gosto também de comer sorvete de chocolate e de morango e também comer sorvete de creme junto com chocolate e com morango.

Eu tenho medo de rato e nojo de barata. Quando vejo algum rato, saio correndo, tenho muito medo mesmo, de verdade. Se um dia vir uma barata, saio correndo, não sei o que vou fazer com a barata. Agora, se for um barata e um rato junto eu não sei o que eu vou fazer mesmo, de verdade. Já tenho medo de rato e nojo de barata. Como eu vou fazer alguma coisa? Vou ficar com mais nojo da barata ou medo do rato?

Eu tirei fotos da minha casa. Essa é porque gosto muito da sala, de assistir televisão; gosto também de ficar lá fora; também gosto de olhar para fora. Esse é o refeitório, gosto muito de ficar no refeitório, gosto também de ficar na janela olhando para o cachorro, quando eu olho para o cachorro ele ficar latindo, gosto também de ficar andando para lá e para cá. Esse é o meu quarto, gosto também de ficar no espelho, é muito bom ficar se olhando no espelho quando eu passo brilho; o que eu mais gosto do quarto é a minha cama e o espelho; é muito bom dormir neste quarto. Essa é a biblioteca, gosto dela quando eu estou ouvindo rádio, gosto também de ficar na biblioteca ouvindo minha música, muita

música; também gosto de ouvir rádio com minhas irmãs, a Thais e a Bianca. Esse é o meu quarto, onde eu durmo, esta cama que está em cima da minha é da Fernanda; a cama de baixo é a minha, gosto muito dela. Ela é muito boa de deitar, quando eu estou deitada na minha cama vem o sol bem no meu rosto.

A maozinha que mexe para lá e para cá, a maozinha que não parava de mexer.

A minha bandeira pessoal seria: “A vida é muito louca, vida louca, um beijo e um abraço Ana Clara. A vida é louca, mas é escalada, um beijo e um abraço, Ana Clara. A vida é uma boa escalada e louca, um beijo e um abraço, Ana Clara. Deus é bom para mim, te amo Deus, Deus é bom para mim, te amo Deus.

Hoje eu amo a Deus.

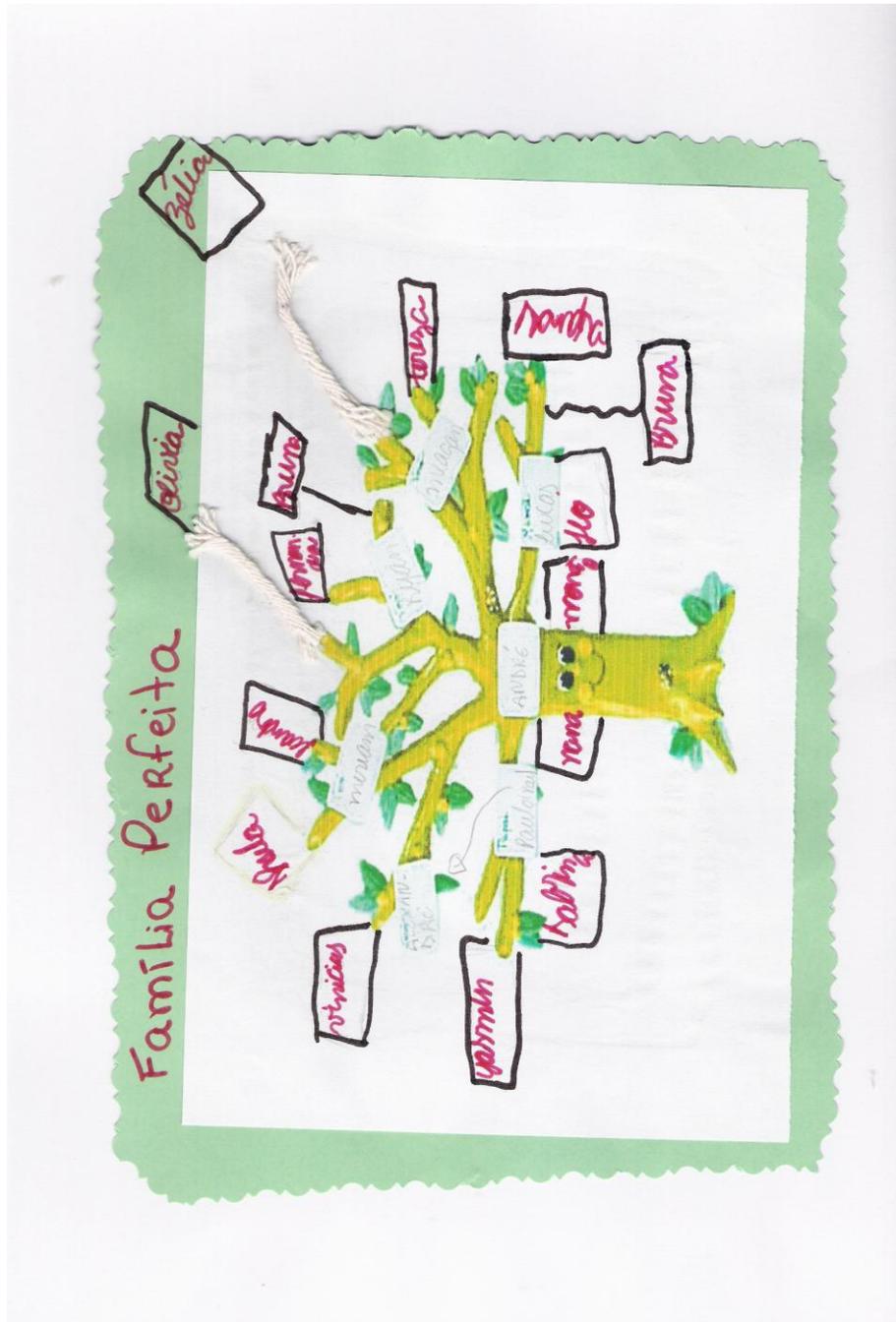
2. *Hypomnēmata* de Bella



QUEM SOU EU?

SOU **BELLA** de Souza, 16 anos, moro numa instituição há muito tempo. É sou um pouco tímida, as vezes sorridente, as vezes muito brincalhona, gosto muito de ir ao shopping assistir um cinema ou tomar casquinha, gosto de ir ao playcenter, ao hop hari, ir para o club, de sair com os amigos, etc. também sou educada com quem é comigo, honesta, não gosto de mentira e falsidade. gosto muito do meu irmão e de quem me atrapalhem ou quando estou tendo quando estou fazendo outra coisa, gosto as vezes de ficar sozinha. gosto muito de mexer na internet e tirar muitas fotos. gosto também de ir a praia

HUPOMNĚMATA BELLA – PÁG. 02



HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 03



Meus sonho, meus desejos

“Ter uma família, ser atriz ou auxiliar de cozinha.”



meus sonhos !

BELLA

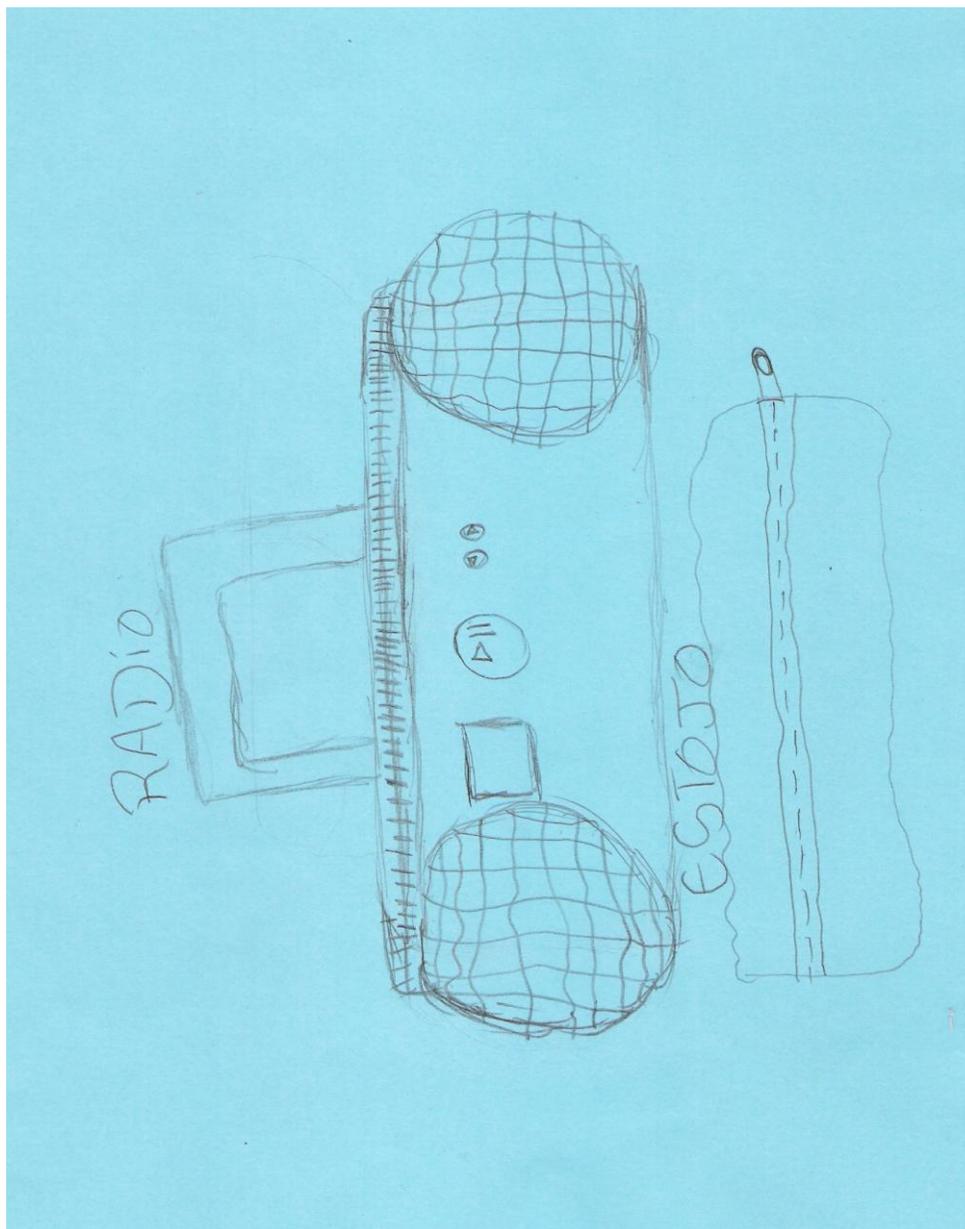
- ter minha família unida
- que todo mundo da que seja mais unido e que cada um possa realizar seus sonhos.
- que eu possa me converter e converter minha família e meus amigos.
- fazer faculdade
- Realizar meus sonhos
- ver cada uma pessoa que vive comigo ter sucesso.
- ter uma casa própria

Que objeto eu seria?

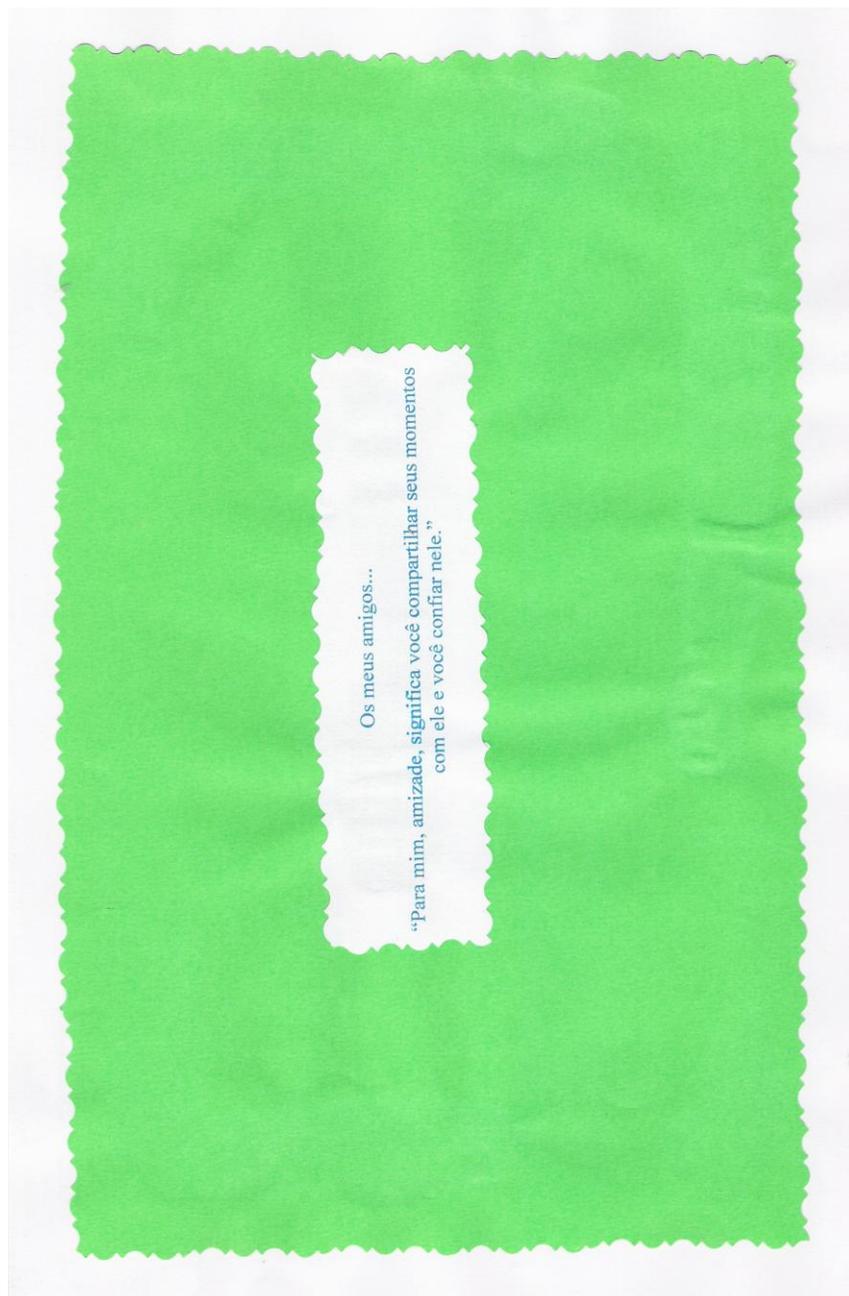
“Um estojo, porque as pessoas guardam coisas importantes,
coisas para ninguém mexer.

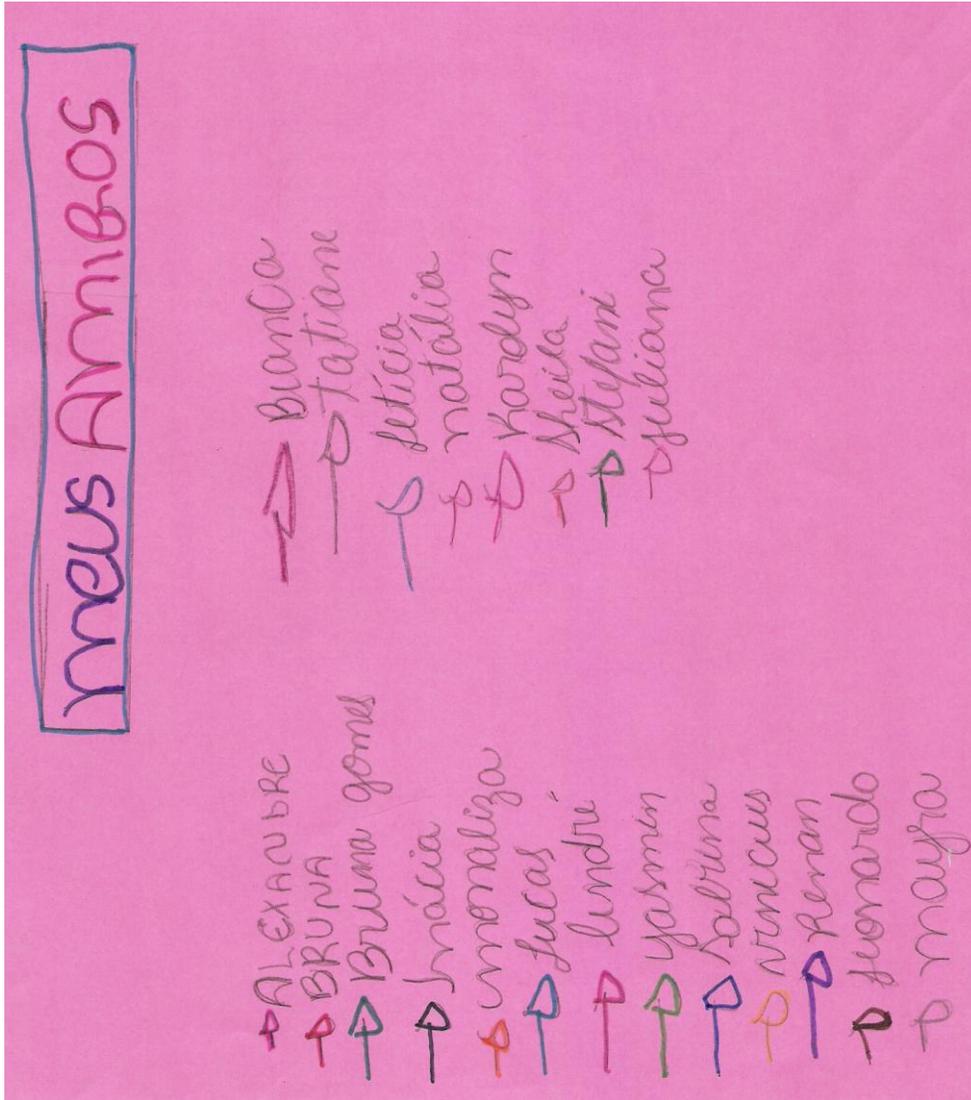
Um radio porque ele toca as musicas que eu gosto e eu queria
tocar as musicas que as pessoas mais gostam.”

HUPOMNĚMATA BELLA – PÁG. 06

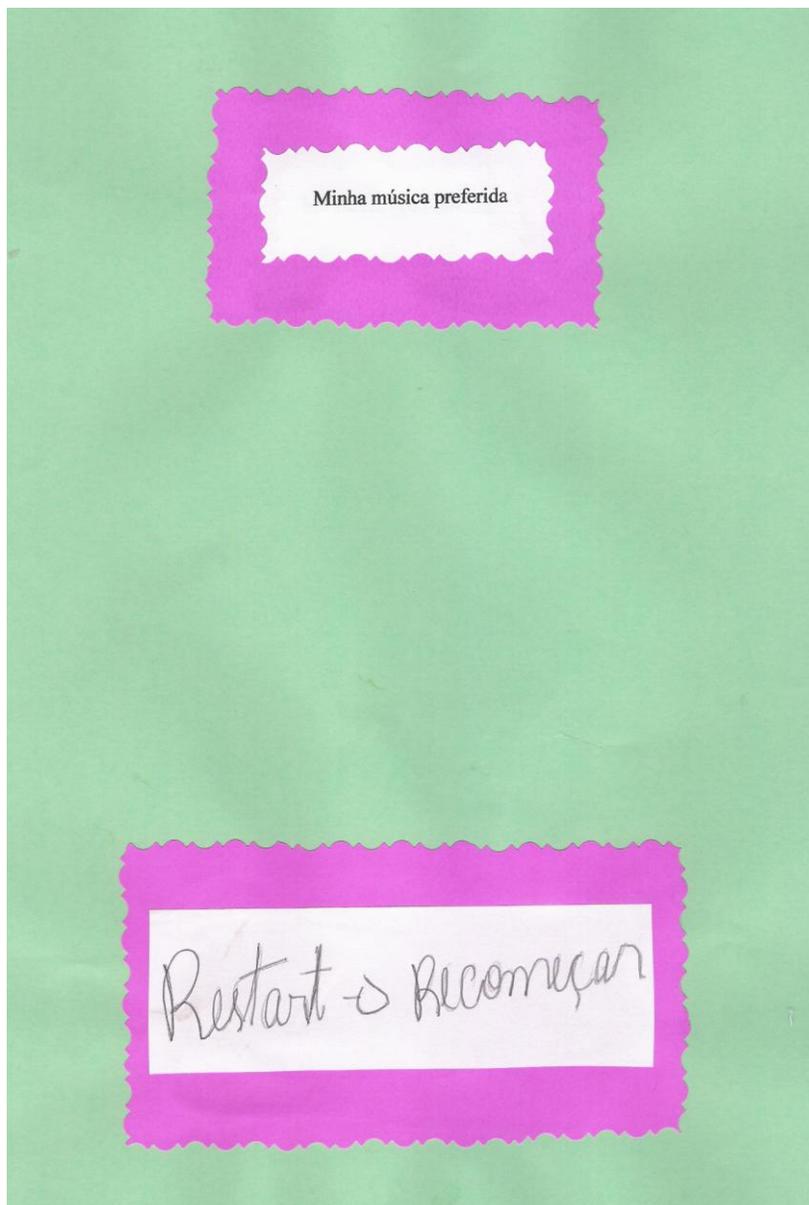


HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 07





HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 09



Recomeçar

Restart

E eu sei que assim talvez seja melhor
Mas não espero ver você voltar
E dizer que podemos recomeçar

E as noites que em claro eu passei
Só pra entender ou enxergar onde eu errei
E de nada valerem depois do fim

E hoje sei (eu sei)

E hoje sei ,sei, sei
Não importa mais
Porque não vai. vai. vai
Voltar atrás
E o que restou em mim

E não vou mudar e nem tentar entender
O que aconteceu ou vai acontecer
Nossa história teve um fim

Vai!

E eu sei que assim talvez seja melhor
Mas não espero ver você voltar
E dizer que podemos recomeçar

E hoje estava pensando em você
Em tudo que eu queria te dizer
Mas não tive coragem de falar

E hoje sei (eu sei)

E hoje sei ,sei, sei
Não importa mais
Porque não vai. vai. vai
Voltar atrás
E o que restou em mim

E não vou mudar e nem tentar entender
O que aconteceu ou vai acontecer
Nossa história teve um fim

E hoje sei (Eu tentei)
E hoje sei, sei, sei (Vou te amar)
E hoje sei (Voltar mais)
E hoje sei, sei, sei

E hoje sei , sei , sei
Não importa mais
Por que não vai vai vai
Voltar atrás
E o que restou em mim

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 11

E não vou mudar e nem tentar entender
O que aconteceu ou vai acontecer
Nossa história teve um fim

E hoje sei ,sei, sei
Não importa mais
Porque não vai voltar

E hoje sei , sei , sei
Não importa mais
Por que não vai vai vai
Voltar atrás
E o que restou em mim

E não vou mudar e nem tentar entender
O que aconteceu ou vai acontecer
Nossa história teve um fim
Nossa história teve um fim

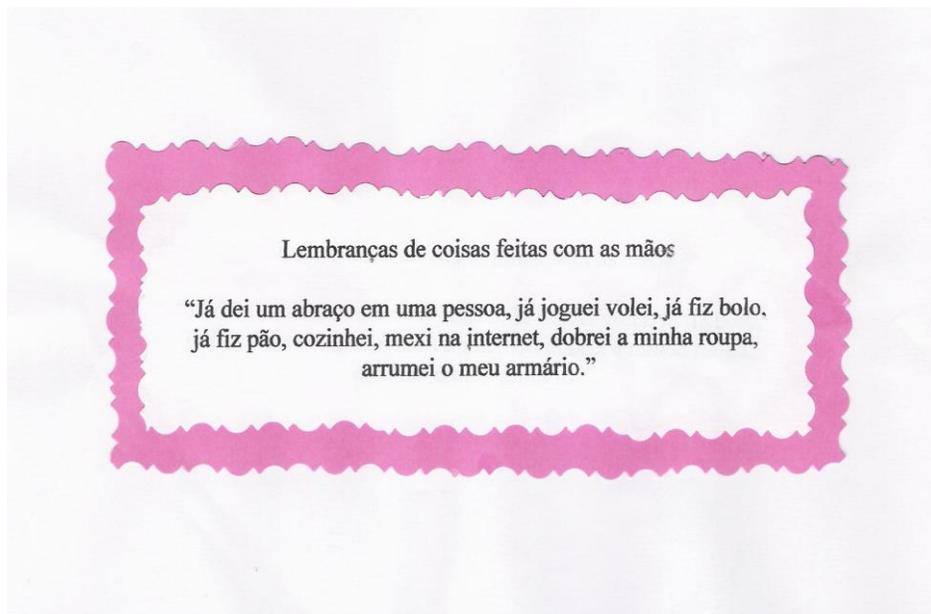


O que esta música significa para mim

Bom pra mim essa música,
ele está falando que ele teve um
relacionamento e terminou que pra ele
talvez fosse melhor, mas não que ele não
espera voltar.

E ele sabe que não vai ter meus
volta. E ele estava pensando em tudo
que ele queria dizer há pessoa
que ele ama mas não teve coragem.
E que pra ele não vai importar
pq está tudo acalado e há histórias
dos dois teve um fim

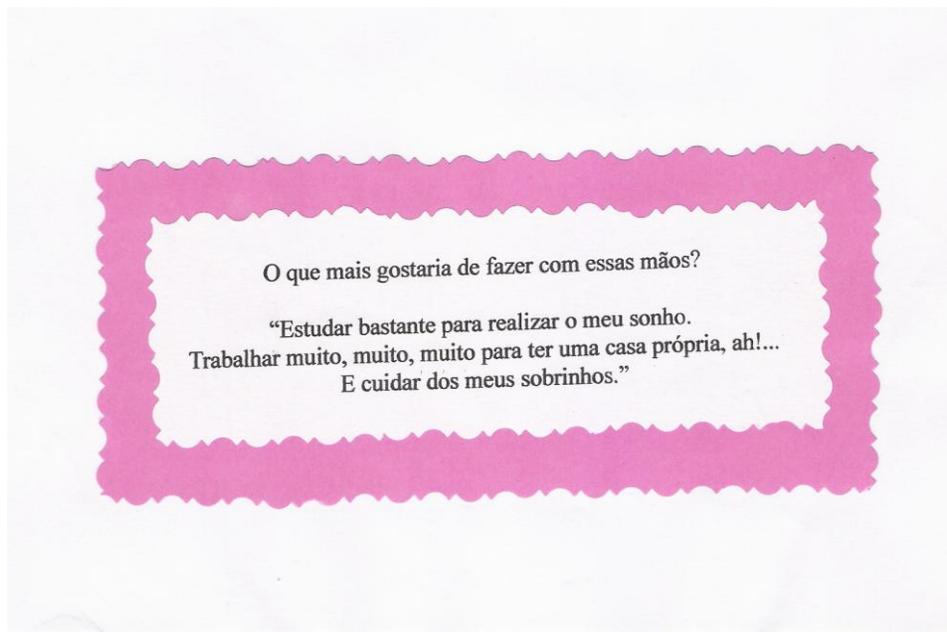
HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 13



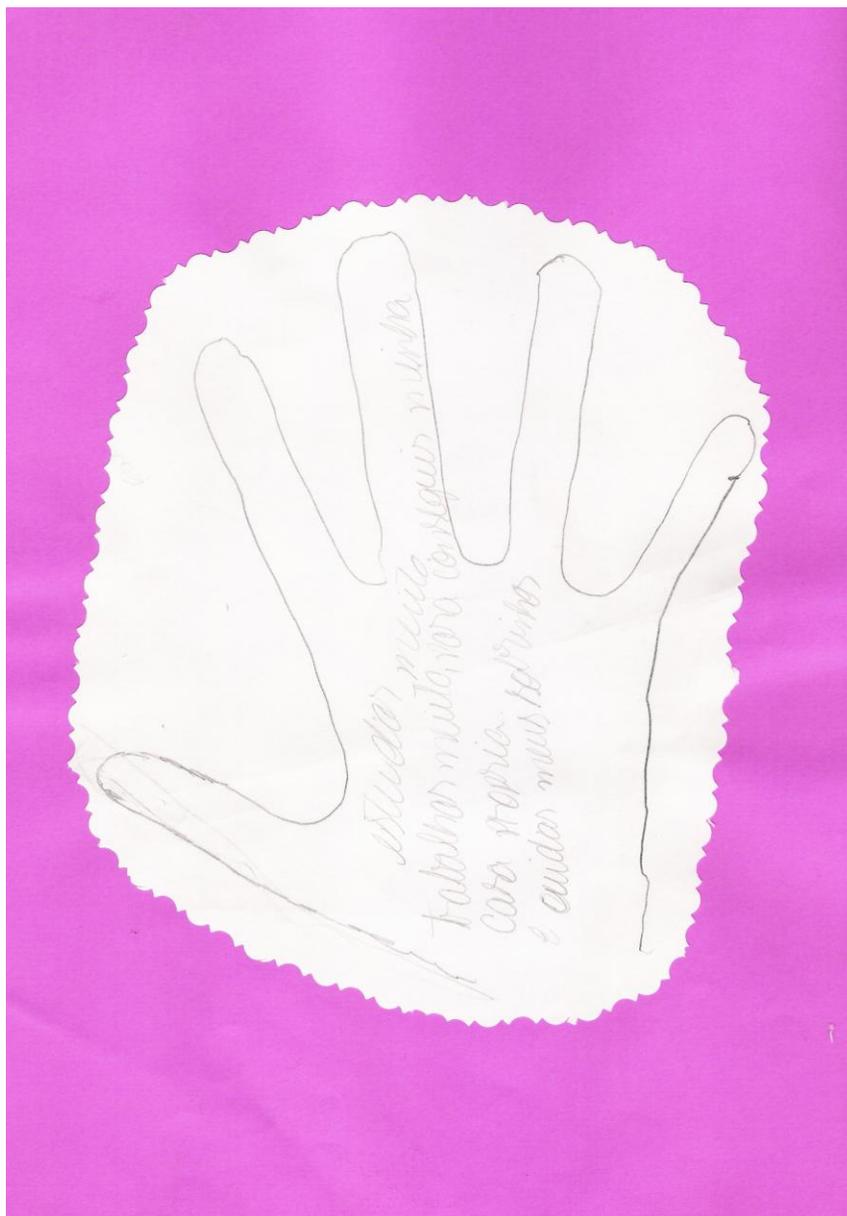
HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 14



HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 15



HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 16



HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 17

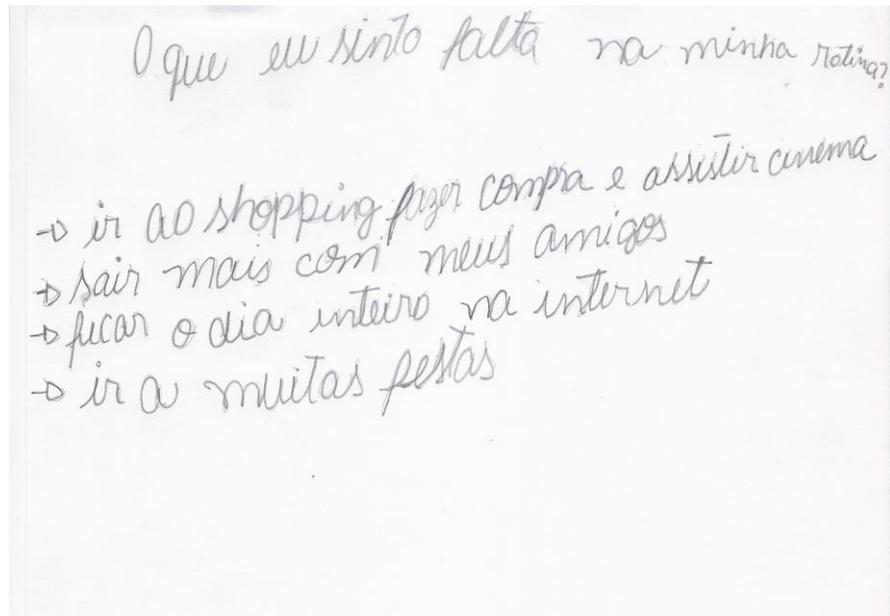
nos dias de aula

→ acordo de manhã não trabalhar até
4:30 e depois volto para casa me troco
& vou a escola

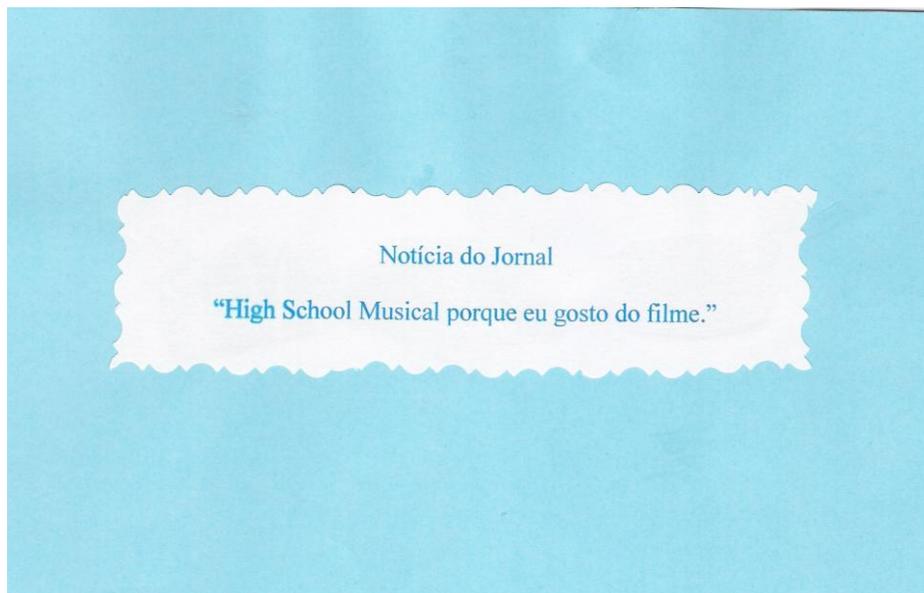
nas férias

- acordo, escovo meus dentes, lavo meu rosto, arrumo minha cama e tomo café
- depois ajudo a tia nêni na cozinha.
- almoço, vou descansar
- depois do descanso vou ajudar fazer o lanche da tarde e depois vou mexer na internet

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 19



HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 20



30 de janeiro de 2010



Três garotas entrevistam o elenco de "High School Musical - O Desafio"

SILVIA DE MOURA
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O ano letivo já começou no colégio High School Brasil. A novidade no início das aulas é um concurso de música. Esse é o tema principal do filme "High School Musical - O Desafio", que estreia nos cinemas no dia 5.

A ideia de participar do desafio envolverá toda a turma da escola, inclusive os garotos do time de futebol, liderados por Troy (oops, Olavo) — a história é um tanto familiar, não?

O filme é a versão brasileira do sucesso americano "HSM", e os atores foram selecionados em um reality show em 2008. Por isso os nomes dos atores e dos personagens são os mesmos.

Leia aqui a entrevista que o elenco deu a três repórteres mirins da **Folhinha**.



(CÉSAR RODRIGUES, diretor do filme)
Fotos: Divulgação



? Você prefere cantar em inglês ou português?
(**MARIANA VIEIRA PEREIRA**)
Muda o jeito de cantar. Tem música que prefiro cantar em português. E tem música que prefiro cantar em inglês. (**WANESSA CAMARGO, cantora**)

? Você gostou de fazer a parte em que canta 'bola no pé, bola no chão'? (**ISABELLE BELEI**)
Nossa, adorei. É o momento em que o Olavo está tentando começar o Moroni a entrar na banda. Foi muito divertido e muito difícil, porque tinha de cantar e fazer todas aquelas manobras [com a bola] ao mesmo tempo. (**MORONI CRUZ**)

? Você toca piano de verdade?
(**ISABELLE BELEI**)
Tocava bem pouquinho quando o "High School" surgiu. Mas, na preparação, tive aulas de piano. Eu toco, mas não tanto quanto a Bia, a minha personagem. (**BEATRIZ MACHADO, que faz a Kelsi do "HSM" americano**)

? Vai ter o "High School Musical 2"?
(**MARIANA VIEIRA PEREIRA**)
Se todas as suas amigas quiserem, vai ter! (**OLAVO CAVALHEIRO, o Troy brasileiro**)

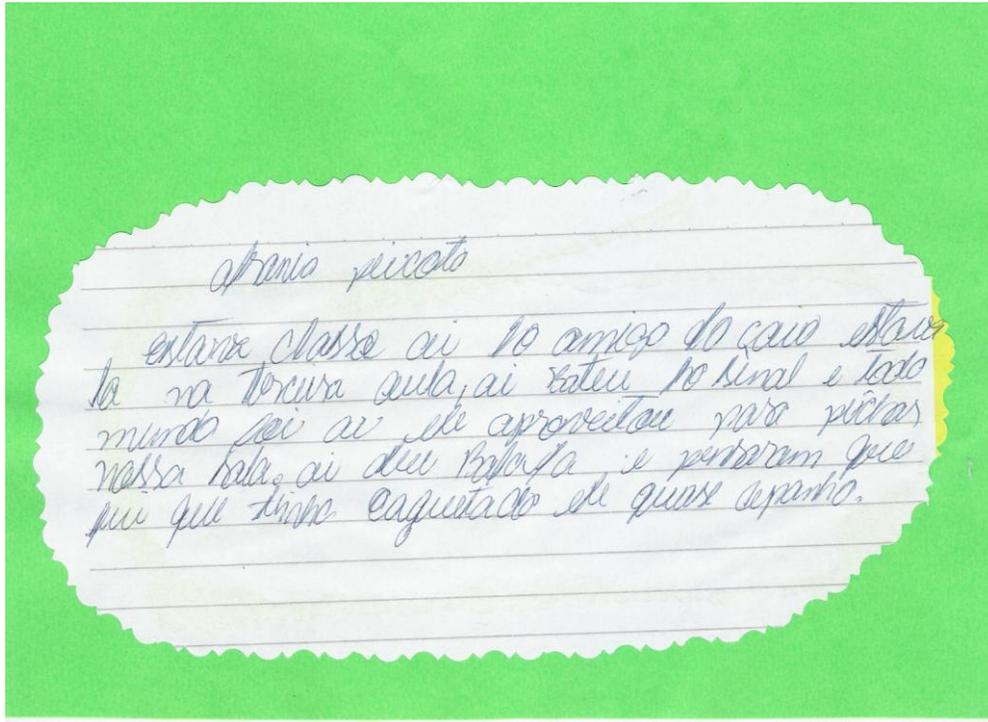
O que gosto na escola ?

- > nugget's
- > pão com carne
- > gosto do suco
- > Bolacha de leite
- > Bolacha recheada

HUPOMNĒMATA BELLA – PÁG. 24

na escola... (afonso peicoto)

esta eu, nana, monão e Brüh, ai nós
sempre fazemos festas as lições ai fui mostrar
o caderno pra professora de italiano ai ela falou
que eu esqueci de falar pra nana estava
ai eu falei de falar pra professora explicação e
pra nana se estava errado ai a pro pegou e falou
nossa não não sabe fazer uma conta não?



HUPOMNĒMATA BELLA – PÁG. 26

no Hotel... / cada noite / não
estava eu, Yasmim e Patrícia, nós andam
do ponto aí passou o Ramon e estava nos andam
tudo em mim, tá aí eu ia deitar com
porque seria que eu ia deitar com
eu queria que ele fosse um bom rapaz, mas
impossível não, aí ele não me deu um
poco na minha boca, tá que ele tá ameaçar
mas tem quem me deu um beco

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 27

uma escola... (na casa verde) muito
estante brincando / zurrando / com os meus
amigos, neste dia estava muito
ai começa nem conversa não, ai fui
pegar o papel no dico, e ai olhei pra trás a
cadeira pois estava cheia de sangue. muito
mico. sorte que minha prima estudava na
misma escola que eu.

HUPOMNĒMATA BELLA – PÁG. 28

Paroia
Eu estava pendurada na mesa da espelma
e eu o renam peguei um cartão de credito
na de crasso, ai peguei o bilho desta cartao, ai
eu colhi outras de (ele) so que não deu rentei na
mesa (mas de Tava Bencardo) mas eu não gosto
dessa musica d'iz. ai na hora que ele foi na
mesa mesa eu dei um tapo na cara dele.

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 29

Lidia e Marcus Weber

Para você menino, que mora na frente do internato, tem casa, flores e jardim
Para mim, que vivo dentro da instituição, só tem um corredor sem fim

Você é acordado com um beijo suave no rosto
Eu acordo com o som estridente da campainha do posto

Para você tem leite, yogurte e margarina
Para mim tem *chafé* e pão amanhecido na cantina

Depois do café você brinca com seu irmão
Eu pego o balde e a vassoura para limpar o chão

Você tem um quarto com *videogame* e computador em rede
Eu fico no quintal olhando as manchas na parede

Para você, sua mãe serve o almoço com bife, arroz e feijão
E eu, fico todos os dias na fila do *bandeirão*

No domingo sua mãe escolhe uma roupa especial
Aqui no internato nada é de ninguém, tudo é sempre igual

Você deita em seu quarto quando está cansado
Eu fico sentado na escada porque meu quarto tem cadeado

O teu pai, quando sai e quando volta, sempre te abraça
Eu sempre invento partidas e chegadas mas a tristeza não passa

Se você chora à noite sua mãe vem para te afagar
Se eu tenho um pesadelo, só tenho o travesseiro para abraçar

Para você tem dia das mães e dos pais sempre com festa
Para mim é só uma grande ausência que resta

Sua família leva você à escola, ao judô e para passear
A minha família, há três anos não vem me visitar

Você tem uma bela rotina de uma família em ação
Eu não tenho ninguém, sou filho da solidão

O seu maior desejo é o novo brinquedo da televisão
O meu maior sonho é ter uma família do coração

BELLA

Pra mim a maioria é mentira
e algumas verdades. nós tem a maioria
das coisas que o "menininho" tem né. então
não tem nada a declarar mais e não tem
o que reclama

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 31

DO QUE EU TENHO MEDO?

- 1º - não gosto de altura, tenho muito medo.
- 2º - tenho medo de levar um tiro.
- 3º - perder minha família.
- 4º - perder alguns dos meus amigos.

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 32

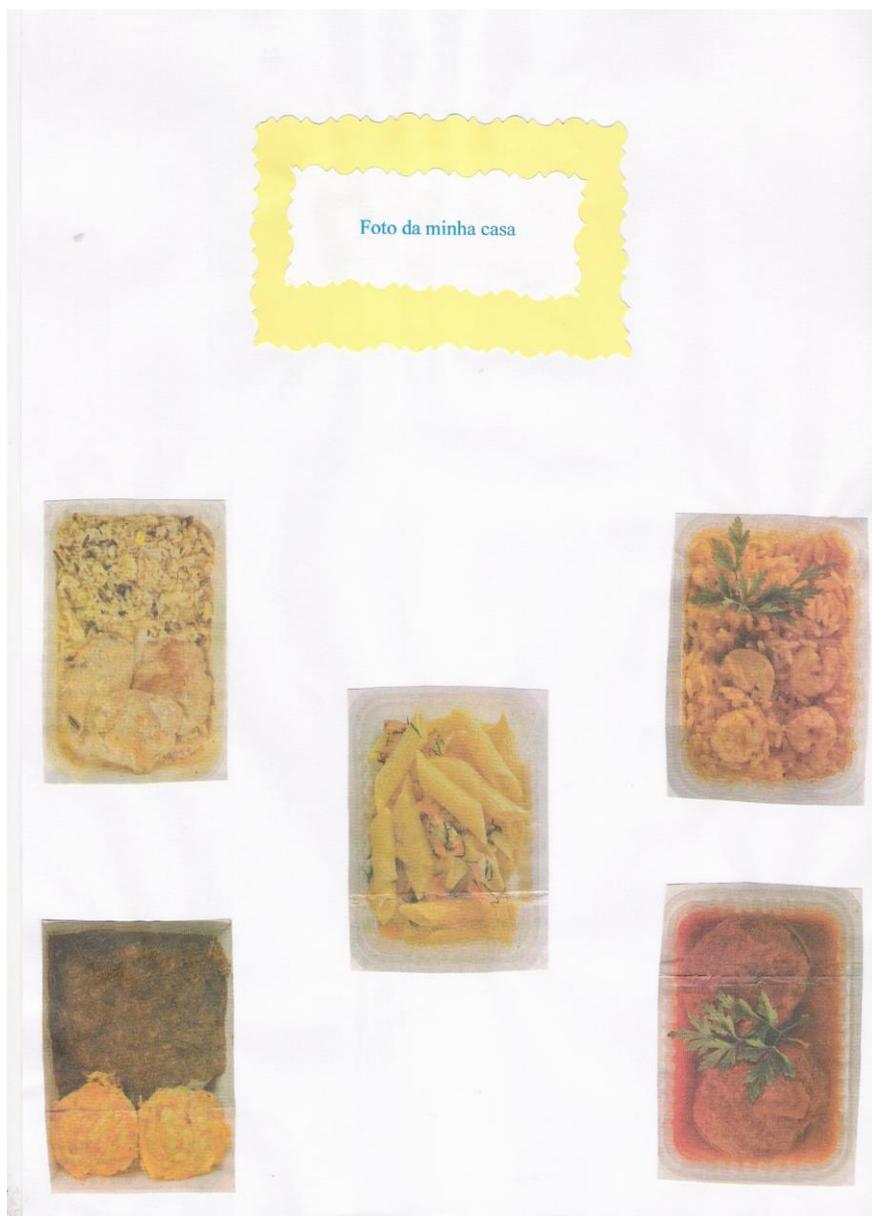


gosto muito da internet, ouvir
minha música etc...



EU AMO DEMAIS MINHA CAMA.
EU GOSTO DE FICAR LENDO NELA, OUVINDO
MUSICA NELA OU FICAR CONVERSANDO.

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 34





gosto DA COZINHA Pq
EU AJUDO A TIA NÊNÊ

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 36



eu gosto muito dessa mesa e puff, porque
eu sento para ler ou ficar esperando minha
vez na internet ou para conversar.



gesto da Pentecoste pq eu
me olho no espelho e também
me penturo

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 38



gosto da Brinquedoteca, pq acho
muito legal, fico lendo e aonde gosto de
ficar sozinho.

HUPOMNĚMATA BELLA – PÁG. 39



gosto da sala pq assisto meus
programas favoritos

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 40



HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 41

My life:

Meu nome é **BELLA**, tenho 16 anos, moro numa instituição
Estudo no 2º ano do (ensino médio).
Não moro com meus pais, por que minha mãe morreu e
Meu pai não sei na onde ele esta. Mas pretendo procurá-lo.



HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 42

Na instituição:

Moro a 11 anos na instituição. Todos meus irmãos passaram menos um que não passou. O nome Dessa instituição se chama solid rock church brasil. Os diretores se chamam Ryan e meagan. No total de crianças que moram são 20.



HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 43

My dreams:

Meu sonho desde criança foi ser atriz, mas agora não sei o
Que quero fazer. Estou meio confusa no que eu faço,
Se faço faculdade ou não. Por que agora atualmente não sei
O que quero da minha vida.



My family:

Tenho 5 irmãos contando comigo é 6, todos trabalham.
Os nomes dos meus irmãos são: Adriana, Orlando, Leandro,
Marlene e Anderson.
Atualmente meus dois irmãos moram com os amigos de
Infância. Um é casado, uma tem filho e minha outra irmã
morar com minhas tias, tios e primas (os).



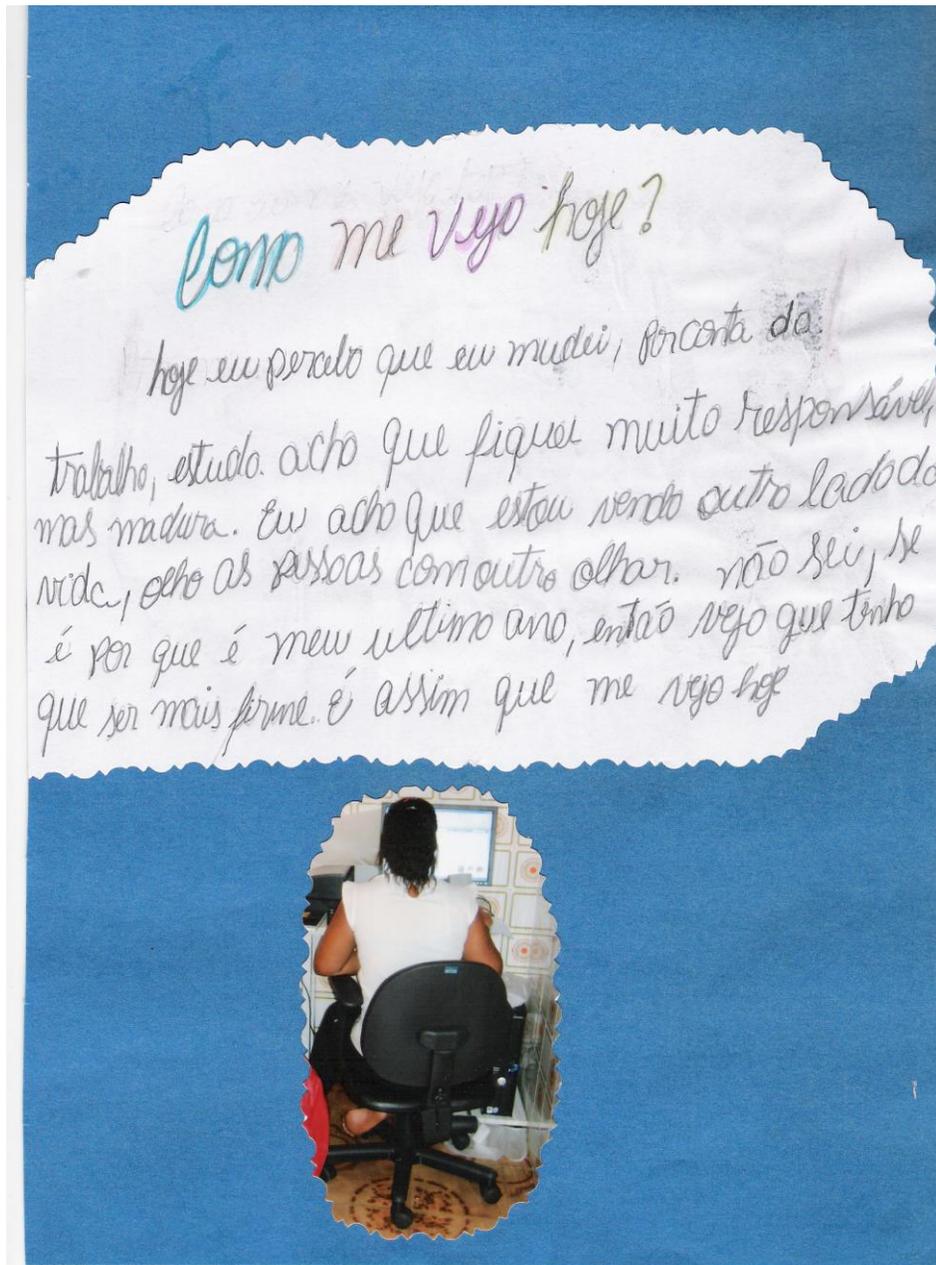
Edu e meu irmão Lê

HUPOMNÊMATA BELLA – PÁG. 45

Atualmente:

Estou trabalhando no mc donald's, fazendo curso do SENAC. E estou gostando muito, no trabalho estou adorando muito trabalhar, arranjei Amigas, e fui destaque do mês. No SENAC é bom estou aprendendo Mais. E é muito bom.





2.1. Transcrição Bella

Atividade: “Quem sou eu?” (1º encontro)

Bella: Quem sou eu? Sou Bella, 16 anos, moro numa instituição há muito tempo e sou um pouco tímida, as vezes sorridente, as vezes muito brincalhona gosto muito de ir ao shopping assistir um cinema ou tomar casquinha, gosto de ir ao Playcenter, ao hopi hari, ir para o clube, de sair com os amigos, etc. Também sou educada com quem é comigo, honesta, não gosto de mentira e falsidade. Gosto muito do meus irmãos e de quem mora comigo. Não gosto de quando estou lendo me atrapalhem ou quando ouço radio ou quando estou fazendo outra coisa, gosto as vezes de ficar sozinha. Gosto muito de mexer na internet e tirar muitas fotos. Gosto também de ir a praia.

Atividade: “Árvore da família” (2º encontro)

Bella: Família perfeita. Vinicius, Yasmin, Sabrina, Alexandre, Mirian, Paulo, Olivia, Zélia, Leandro, Bianca, Fernanda, Buna, Tereza, Ryan, Megan, Sandra, Lucas, André, Sabrina, Nana, Léo, Bruna.

Atividade: “Meus desejos e sonhos” (3º encontro)

Bella: Ter uma família, ser atriz e ser auxiliar de cozinha. Meus sonhos! Ter minha família

unida. Que todo mundo daqui seja mais unido e que cada um possa realizar seus sonhos. Que eu possa me converter e converter meus amigos. Fazer faculdade. Realizar meus sonhos. Ver cada das pessoas que vive comigo ter sucesso. Ter uma casa própria.

Pesquisadora: Se você fosse um objeto qual seria?

Um estojo, porque as pessoas guardam coisas importantes, coisas para ninguém ver. Um rádio porque ele toca as músicas que eu gosto e eu queria tocar as músicas que as pessoas mais gostam.

Atividade: “Meus amigos” (4º encontro)

Bella: Para mim amizade, significa você compartilhar seus momentos com ele e você confiar nele. Meus amigos, Alexandre, Bruna, Bruna Gomes, Inácia, Monalia, Lucas, André, Yasmin, Sabrina, Vinicius, Renan, Leonardo, Mayara, Bianca, Tatiane, Letícia, Natalia, Ana Clara, Bianca, Stefani, Juliana.

Atividade: “Minha música favorita” (5º encontro)

Bella: Restart- Recomeçar.

Pesquisadora: O que esta música significa para você?

Bella: Bom pra mim essa musica ela fala que ele teve um relacionamento e terminou que pra ele talvez fosse melhor, mas não que ele vai espera voltar. E ele sabe que não vai ter mais volta. E ele estava pensando em tudo que ele queria dizer para a pessoa que ele ama mais não teve coragem. E que para ele não vai emportar porque esta tudo acabado e a historia dos dois teve um fim.

Atividade: “Lembranças e expectativas” (6º encontro)

Bella: Já dei um abraço em uma pessoa, já joguei vôlei, já fiz bolo, já fiz pão, cozinhei, mexi na internet, dobrei a minha roupa, arrumei o meu armário.

Pesquisadora: O que mais gostaria de fazer com essas mãos?

Bella: Estudar bastante para realizar o meu sonho. Trabalhar muito para ter uma casa própria ah!...E cuidar dos meus sobrinhos.

Atividade: “O meu dia a dia” (7º encontro)

Bella: Nas férias, acordo, escovo meus dentes, lavo meu rosto, arrumo minha cama e tomo café, depois ajudo a tia nenê na cozinha, almoço vou descansar, depois do descanso vou ajudar fazer o lanche da tarde e depois vou mexer na internet. Nos dias de aula, acordo de manhã vou trabalhar até 4:30 e depois volto para casa me troco e vou a escola.

Pesquisadora: O que mais você gostaria de fazer no seu dia a dia?

Bella: O que eu sinto falta na minha rotina, ir ao shopping fazer compra e assistir cinema, sair mais com meus amigos, ficar o dia inteiro na internet, ir a muitas festas.

Atividade: “O que leio no jornal” (8º encontro)

Bella: 30 de janeiro de 2010, High School Musical porque eu gosto do filme.

Atividade: “Na escola...” (9º encontro)

Bella: O que eu gosto na escola? Nugget's, pão com carne, gosto de suco, bolacha de leite, bolacha recheada.

Atividade: “Poesia: menino que mora do outro lado da rua” (10 ° encontro)

Bella: Pra mim a maioria é mentira e algumas verdade. Nós tem a maioria das coisas que o “menininho” tem né. Então não tem nada a declarar mais e não tem o que reclama.

Atividade livre e espontânea - Casos da escola

Bella: Na escola... (afranio peixoto)

Bella: Esta eu, nana, monão e Brúh, aí nós sempre fazemos juntas as lições aí fui mostrar o caderno pra professora de matemática aí ela falou que estava errado o resultado aí tá bom. Eu esqueci de falar pra professora explicação e pra ver se estava errado aí a pro pegou e falou nossa você não sabe fazer uma conta não?

Bella: Afranio peixoto

Bella: estava classe ai o amigo do caio estava la na terceira aula, ai bateu o sinal e todo mundo foi ai ele aproveitou para pichar nossa sala. Ai deu bafafa e pensaram que fui que tinha caguetado ele quase apanho.

Bella: Na escola... / casa verde / barão

Bella: Estava eu, Yasmin e Sabrina, nós andando junto aí passou o renan e esbarrou com tudo em mim, tá ai eu ia deixar queto porque sabia que era uma brincadeira, mas eu queria até onde isso ia né, e dei um empurrão nele, ai ele virou e me deu um soco na minha boca, só que ele só ia ameaçar mas sem querer ele me deu um soco

Bella: Na escola... / na casa verde / barão

Bella: estava Brincando /Zuando com os meus amigos, nesse dia estava menstruada. Aí conversa vem conversa vai, ai fui jogar o papel no lixo, ai olhei pra trás a cadeira estava cheia de sangue. Muito mico. Sorte que minha irma estudava na mesma escola que eu.

Bella: Barão

Bella: Eu estava pendurada na mesa da Yasmin e aí o renan pegou um cartão de credito na de chaveiro, ou pegou e falou passa cartão, aí eu corri atrás dele só que não deu sentei na minha mesa e falei que eu ainda pegava ele (mas eu tava brincando) mas eu não gosto dessa brincadeira. Ai na hora que ele foi na minha mesa eu dei um tapão na cara dele.

Atividade: “Os meus medos” (11º encontro)

Bella: Do que eu tenho mais medo? 1º – não gosto de altura, tenho muito medo, 2º – tenho medo de levar um tiro, 3º – perder minha família, 4º – perder alguns dos meus amigos.

Atividade: “Fotos da minha casa” (12º encontro)

Bella: Gosto muito da internet, ouvir minhas musicas etc...Eu amo demais minha cama. Eu gosto de ficar lendo nela, ouvindo musica nela ou ficar conversando. Gosto da cozinha porque eu ajudo a tia Nêê. Eu gosto muito dessa mesa e Puff, porque eu sento para ler ou ficar esperando minha vez na internet ou para conversar. Gosto da penteadeira porque eu me olho no espelho e também me penteio. Gosto da brinquedoteca porque ouço radio, fico lendo é a onde gosto de ficar sozinha. Gosto da sala porque assisto meus programas favoritos.

Atividade: “A minha bandeira pessoal” (14º encontro)

Bella: Você é a razão de eu estar nesse país!!

Atividade livre e espontânea

Bella: My life:

Bella: Meu nome é Bella, tenho 16 anos, moro numa instituição. Estudo no 2º ano do (ensino médio). Não moro com meus pais, por que minha mãe morreu e Meu pai não sei onde ele esta. Mas pretendo procurá-lo.

Bella: Na instituição:

Bella: Moro a 11 anos na instituição. Todos meus irmãos passaram menos um que não passou. O nome dessa instituição se chama solid rock church brasil. Os diretores se chamam Ryan e meagan. No total de crianças que moram são 20.

Bella: My dreams:

Bella: Meu sonho desde criança foi ser atriz, mas agora não sei o que quero fazer. Estou meio confusa no que eu faço, se faço faculdade ou não. Por que agora atualmente não sei o que quero da minha vida.

Bella: My family:

Bella: Tenho 5 irmãos contando comigo é 6, todos trabalham. Os nomes dos meus irmãos são: Adriana, orlando, Leandro, marlene e Anderson.

Bella: Atualmente meus dois irmãos moram com os amigos de infância. Um é casado, uma tem filho e minha outra irmã mora com minhas tias, tios e primas (os). Edu e meu irmão lê.

Bella: Atualmente:

Bella: Estou trabalhando no mc donald's fazendo curso do SENAC. E estou gostando muito, no trabalho estou adorando muito trabalhar, arranjei amigas, e fui destaque do mês. No SENAC é bom estou aprendendo mais. E é muito bom.

Atividade: “Eu agora” (15º encontro)

Bella: Como me vejo hoje? Hoje eu percebo que eu mudei, por conta de trabalho, estudo, acho que fiquei muito responsável, mas madura. Eu acho que estou vendo outro lado da vida, olho as pessoas com outro olhar. Não sei se é porque é meu último ano, então vejo que tenho que ser mais firme. É assim que me vejo hoje.

3.5.2. Textualização Bella

Meu nome é Bella, tenho 16 anos, moro numa instituição há muito tempo. Sou um pouco tímida, às vezes sorridente, às vezes muito brincalhona. Gosto muito de ir ao shopping assistir um cinema ou tomar casquinha, gosto de ir ao Playcenter, ao Hopi Hari, ir para o clube, sair com os amigos, etc. Também sou educada com quem é comigo, honesta, não gosto de mentira e falsidade. Gosto muito dos meus irmãos e de quem mora comigo. Não gosto que me atrapalhem quando estou lendo, quando ouço rádio ou quando estou fazendo outra coisa. Gosto, às vezes, de ficar sozinha. Gosto muito de mexer na internet e tirar muitas fotos. Gosto também de ir à praia.

Minha família perfeita são: Vinicius, Yasmin, Sabrina, Alexandre, Mirian, Paulo, Olivia, Zélia, Leandro, Bianca, Fernanda, Bruna, Tereza, Ryan, Megan, Sandra, Lucas, André, Sabrina, Nana, Léo, Bruna.

Desejo ter uma família, ser atriz e ser auxiliar de cozinha. Sonho em ter minha família unida; que todo mundo daqui seja mais unido e que cada um possa realizar seus sonhos; que eu possa me converter e converter meus amigos; fazer faculdade; realizar meus

sonhos; ver cada uma das pessoas que vive comigo ter sucesso; ter uma casa própria.

Se eu fosse um objeto, seria um estojo, porque as pessoas guardam coisas importantes, coisas para ninguém ver, ou um rádio porque ele toca as músicas que eu gosto e eu queria tocar as músicas que as pessoas mais gostam.

Amizade, para mim, significa compartilhar seus momentos com um amigo e confiar nele. Meus amigos, Alexandre, Bruna, Bruna Gomes, Inácia, Monalia, Lucas, André, Yasmin, Sabrina, Vinicius, Renan, Leonardo, Mayara, Bianca, Tatiane, Letícia, Natalia, Ana Clara, Bianca, Stefani, Juliana.

Minha música favorita é Restart- Recomeçar. Para mim, esta música fala que ele teve um relacionamento e terminou, que para ele talvez fosse melhor, mas não que ele vai espera voltar; ele sabe que não vai ter mais volta, ele estava pensando em tudo que ele queria dizer para a pessoa que ele ama mas não teve coragem; também, que para ele não vai importar porque esta tudo acabado e a história dos dois teve um fim.

Lembro que já dei um abraço em uma pessoa, já joguei vôlei, já fiz bolo, já fiz pão, cozinhei, mexi na internet, dobrei a minha roupa, arrumei o meu armário. Espero estudar bastante para realizar o meu sonho, trabalhar muito para ter uma casa própria. Ah!... E cuidar dos meus sobrinhos.

Meu dia a dia nas férias é assim: acordo, escovo meus dentes, lavo meu rosto, arrumo minha cama e tomo café, depois ajudo a tia Nenê na cozinha, almoço vou descansar, depois do descanso vou ajudar a fazer o lanche da tarde e depois vou mexer na internet. Nos dias de aula, acordo de manhã vou trabalhar até 16:30, depois volto para casa, me troco e vou para a escola.

O que eu sinto falta na minha rotina é de ir ao shopping fazer compra e assistir

cinema, sair mais com meus amigos, ficar o dia inteiro na internet, ir a muitas festas.

No dia 30 de janeiro de 2010, li no jornal sobre o High School Musical, porque gosto do filme.

O que eu gosto na escola são os nuggets, pão com carne; gosto de suco, bolacha de leite, bolacha recheada.

Sobre a poesia Menino que mora do outro lado da rua, para mim a maioria das coisas é mentira e algumas são verdades. Nós temos a maioria das coisas que o “menininho” tem. Então, não tem nada mais a declarar e não tem do que reclamar.

Na escola Afranio Peixoto, estamos eu, Nana, Monão e Brúh. Nós sempre fazemos juntas as lições. Um dia fui mostrar o caderno para a professora de matemática e ela falou que estava errado o resultado. Tudo bem. Esqueci de falar para a professora a explicação e para ver se estava errado, então a “pro” falou: “Nossa! você não sabe fazer uma conta não?”. Noutra vez, estava na classe e o amigo do Caio estava lá na terceira aula, bateu o sinal e todo mundo saiu, ele aproveitou para pichar nossa sala. Deu “bafafá” e pensaram que fui eu que tinha caguetado, ele quase apanhou.

Na escola casa verde, barão, estávamos eu, Yasmin e Sabrina andando junto e passou o Renan; ele esbarrou com tudo em mim; eu ía deixar quieto porque sabia que era uma brincadeira, mas eu queria ver até onde isso ía e dei um empurrão nele; ele virou e deu um soco na minha boca, só que ele só ía ameaçar, mas sem querer me deu um soco

Noutra vez, na casa verde, barão, eu estava brincando, zuando com os meus amigos, e nesse dia estava menstruada. Conversa vem conversa vai, levantei e fui jogar papel no lixo, quando olhei para trás a cadeira estava cheia de sangue. Foi muito mico; sorte que minha irmã estudava na mesma escola que eu.

Um dia, na Barão, eu estava pendurada na mesa da Yasmin e o Renan pegou um cartão de crédito, ou pegou e falou “passa cartão”, eu corri atrás dele só que não deu para pegá-lo?; sentei na minha mesa e falei que eu ainda pegava ele, mas eu estava brincando; eu não gosto dessa brincadeira, na hora que ele foi na minha mesa eu dei um tapão na cara dele.

O que eu tenho mais medo são: 1º – não gosto de altura, tenho muito medo; 2º – tenho medo de levar um tiro; 3º – perder minha família; 4º – perder alguns dos meus amigos.

Tirei fotos da minha casa. Essa é porque eu gosto muito da internet, ouvir minhas músicas etc. Essa é porque eu amo demais minha cama, gosto de ficar lendo nela, ouvindo música ou ficar conversando. Essa é porque gosto da cozinha, porque eu ajudo a tia Nêê. Essa é porque eu gosto muito dessa mesa e puff, porque eu sento para ler ou ficar esperando minha vez na internet ou para conversar. Essa é porque gosto da penteadeira, porque me olho no espelho e também me penteio. Essa é porque gosto da brinquedoteca, porque ouço rádio, fico lendo é onde gosto de ficar sozinha. Essa é porque gosto da sala, porque assisto meus programas favoritos.

A minha bandeira pessoal seria: “Você é a razão de eu estar nesse país!”.

My life: meu nome é Bella, tenho 16 anos, moro numa instituição. Estudo no 2º ano do ensino médio. Não moro com meus pais, por que minha mãe morreu e meu pai não sei onde está. Mas pretendo procurá-lo.

Moro há 11 anos na instituição. Todos meus irmãos passaram por ela, menos um, que não passou. O nome dessa instituição é Solid Rock Church Brasil. Os diretores se chamam Ryan e Meagan. O total de crianças que moram são 20.

My dreams: meu sonho desde criança foi ser atriz, mas agora não sei o que quero fazer. Estou meio confusa sobre o que faço, se faço faculdade ou não, por que, atualmente, não sei o que quero da minha vida.

My family: tenho cinco irmãos, contando comigo são seis, todos trabalham. Os nomes deles são: Adriana, Orlando, Leandro, Marlene e Anderson. Atualmente, meus dois irmãos moram com os amigos de infância. Um é casado, uma tem filho e minha outra irmã mora com minhas tias, tios e primas(os). Estes são o Edu e meu irmão lê.

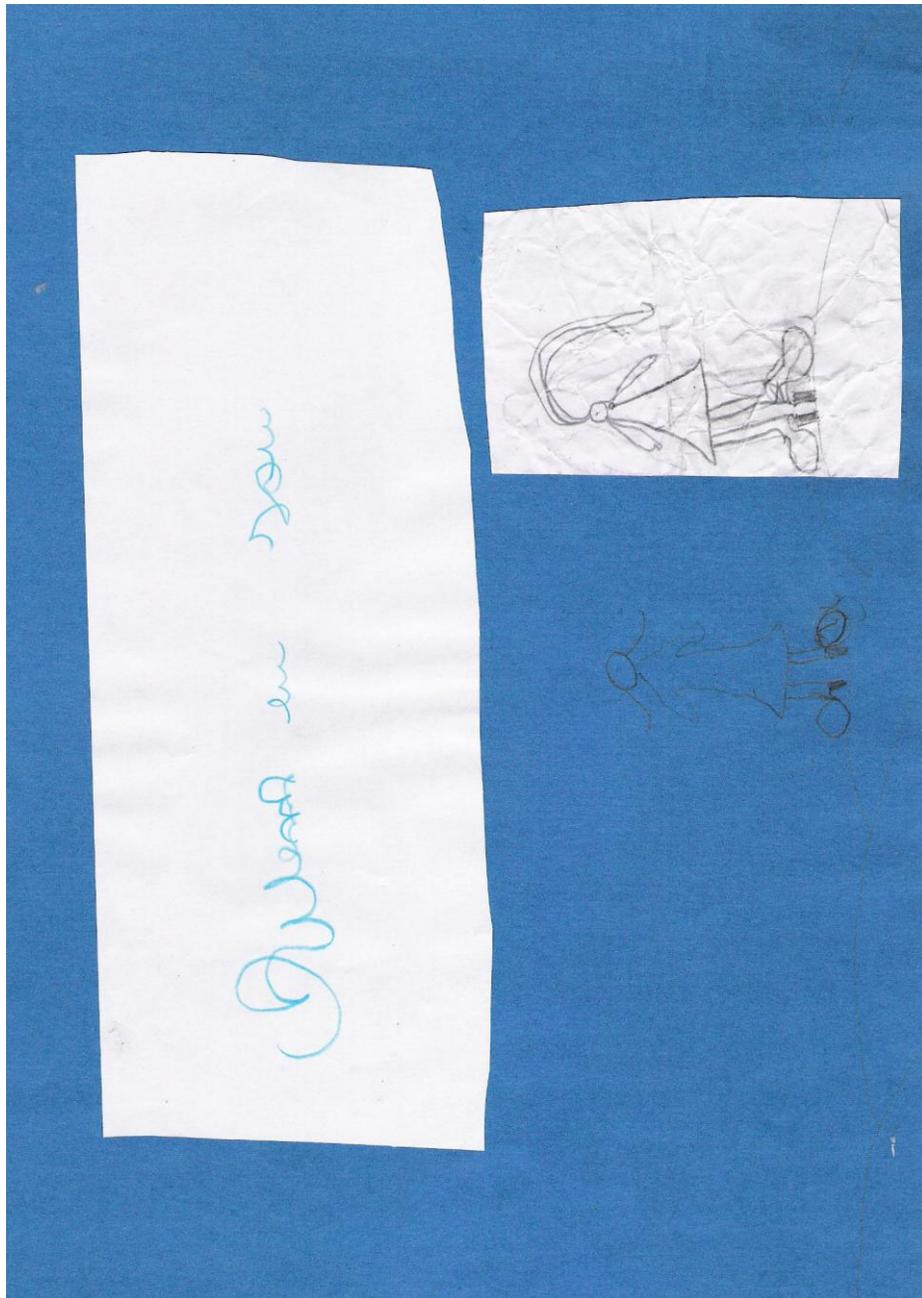
Atualmente estou trabalhando no McDonald's e fazendo curso do SENAC. Estou gostando muito, estou adorando muito trabalhar, arranjei amigas e fui destaque do mês. No SENAC é bom, estou aprendendo mais. É muito bom!

Hoje, percebo que eu mudei, por conta de trabalho e estudo. Acho que fiquei muito responsável, mais madura. Acho que estou vendo outro lado da vida, olho as pessoas com outro olhar. Não sei se é porque é meu último ano, então vejo que tenho que ser mais firme. É assim que me vejo hoje.

3. Hupomnêmata de Bianca

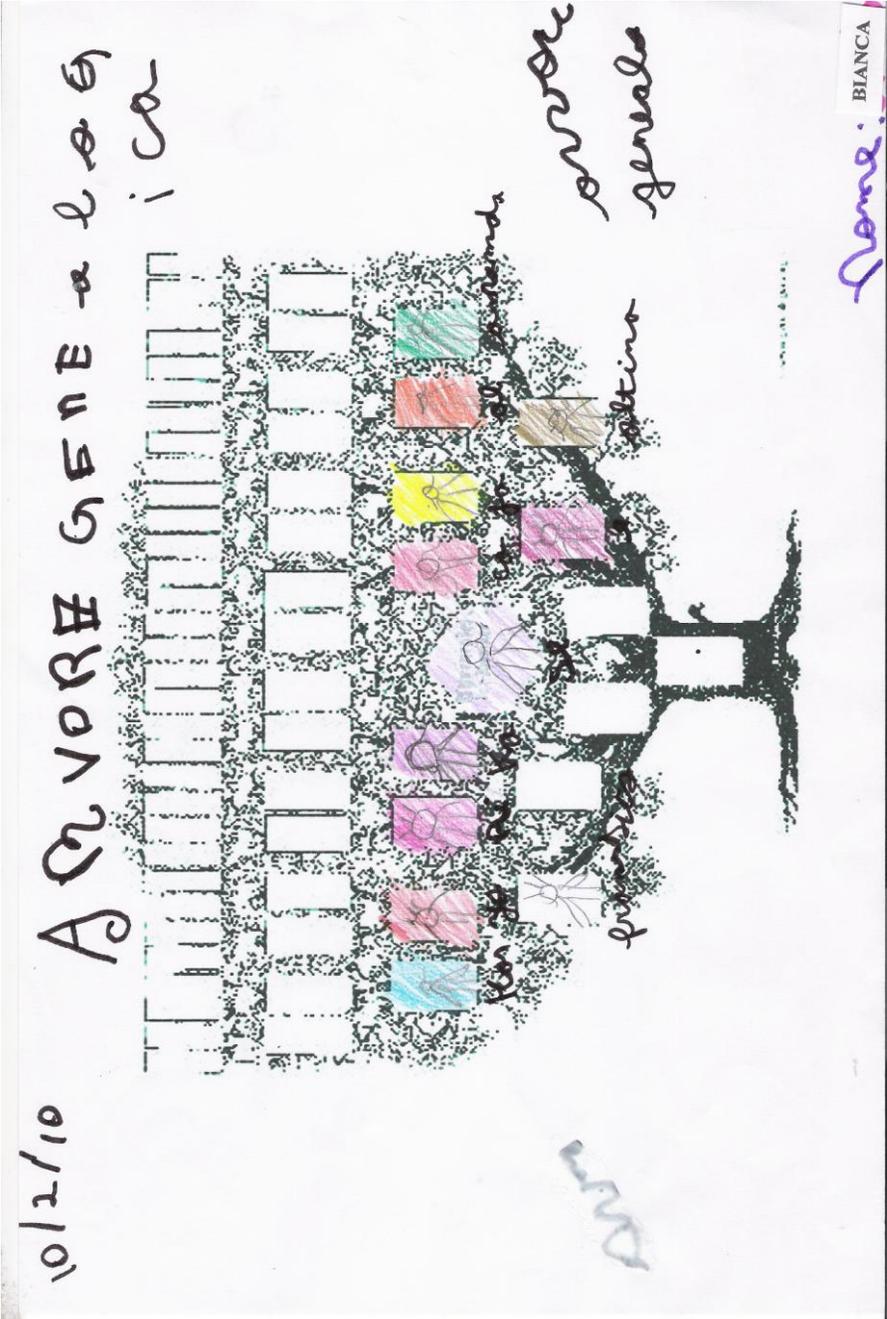


HUPOMNĚMATA BIANCA – PÁG. 01

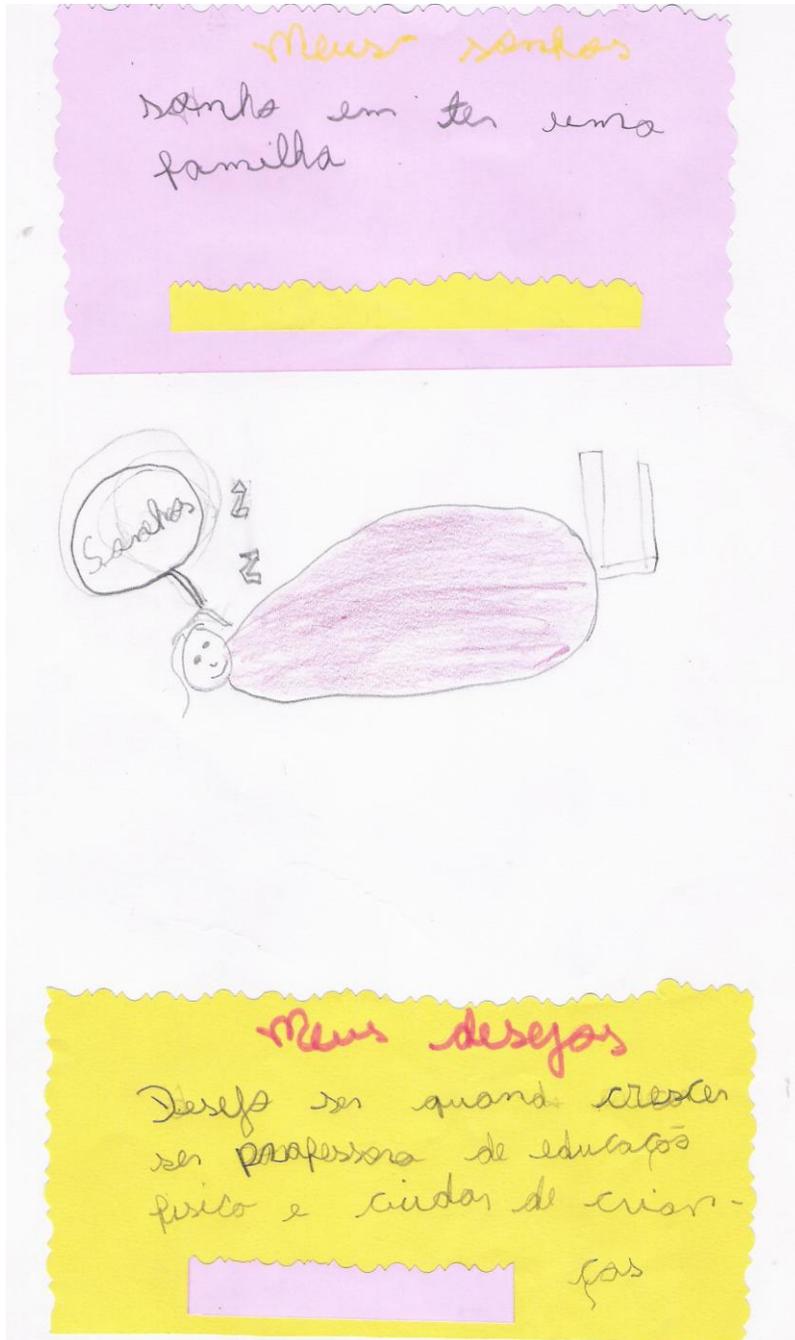


A minha família

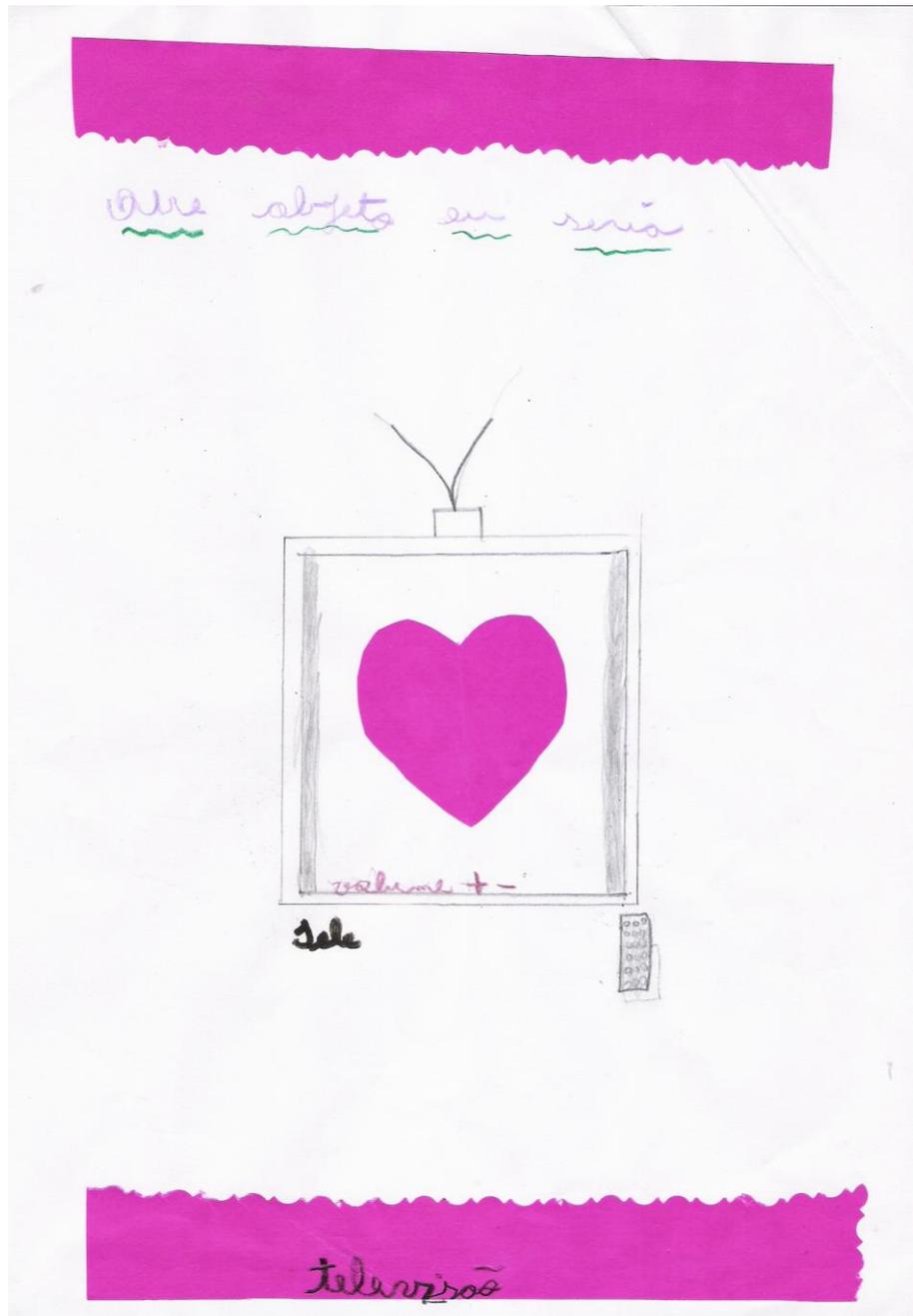
“No meio sou eu,
minha mãe Carmen Lucia,
meu irmão Josimar,
meu irmão Ricardo,
minha irmã ANA CLARA
minha irmã **THAÍS**
minha irmã Aline,
minha irmã Amanda,
Jaqueline,
aqui em baixo o meu pai Evenildo,
a minha avó Altina.
E o meu avô Francisco.”

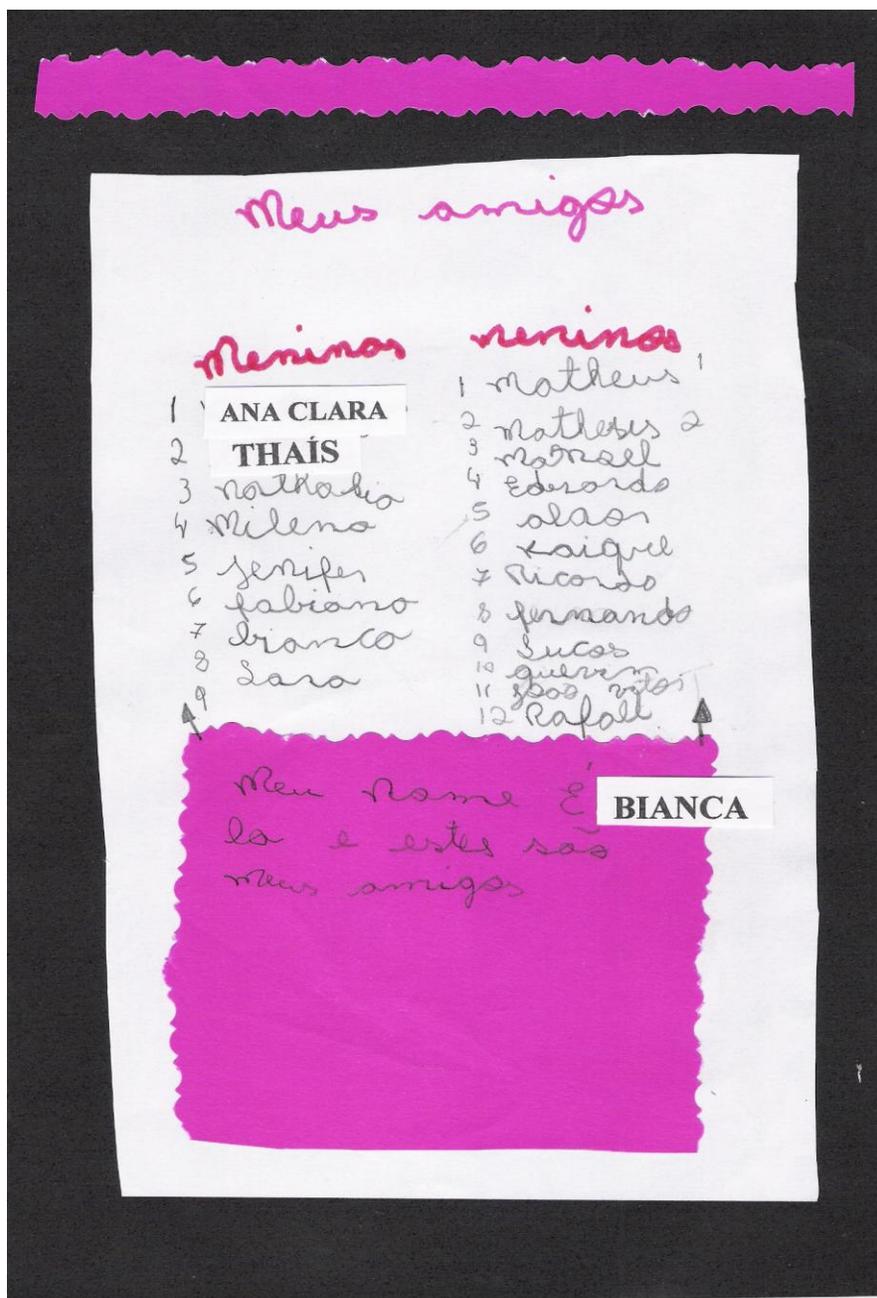


HUPOMNÊMATA BIANCA – PÁG. 04



HUPOMNĚMATA BIANCA – PÁG. 05





Meas tias e tios
amigos

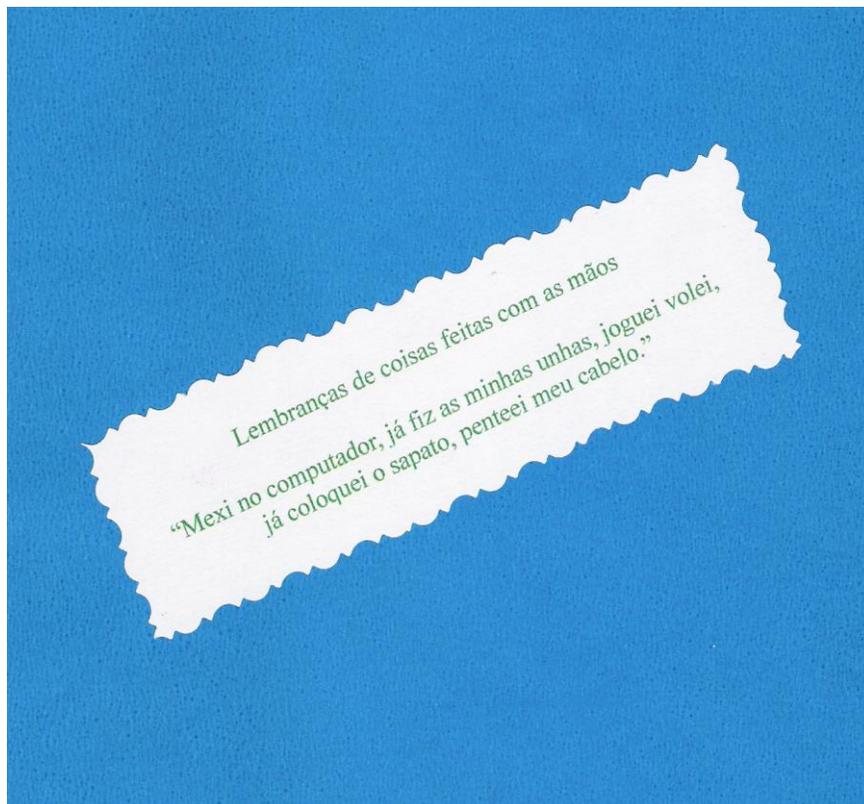
tias

- 1 Priscila 1
- 2 Bio
- 3 Ana
- 4 Luciana
- 5 Miriam
- 6 Lucia
- 7 Renata
- 8 Priscilla 2
- 9 Cristiana
- 10 Sorissa
- 11 Luana
- 12 Ana

tios

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14

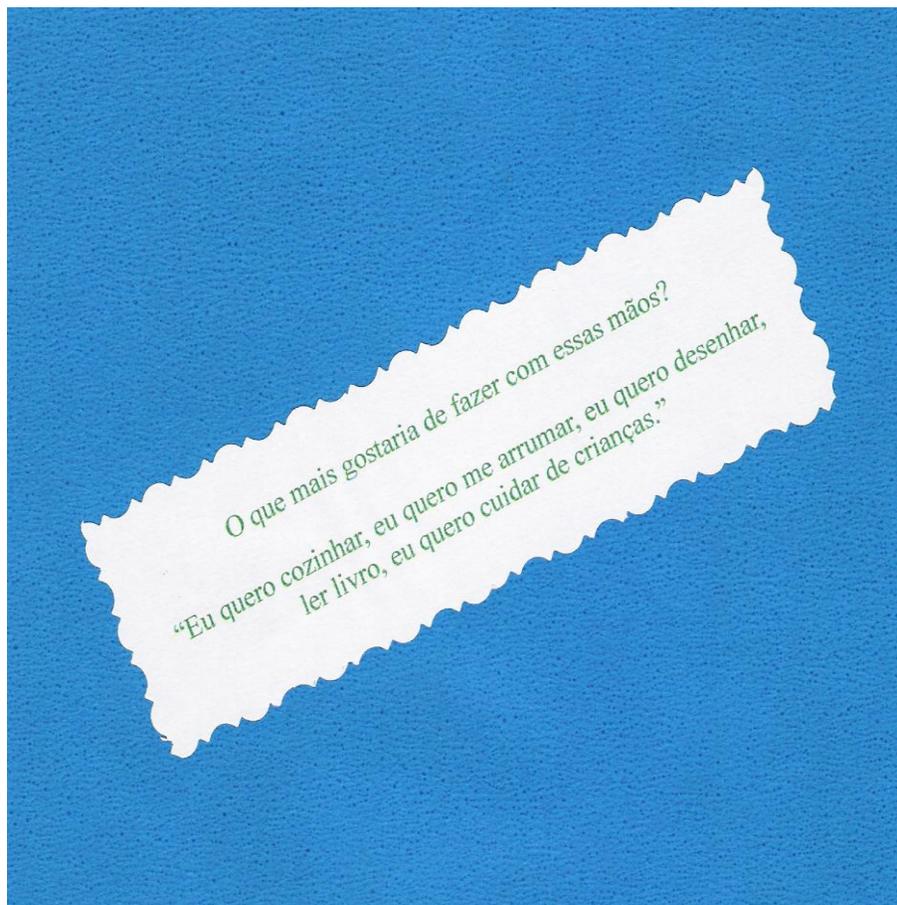
HUPOMNÊMATA BIANCA – PÁG. 08



HUPOMNÊMATA BIANCA – PÁG. 09



HUPOMNÊMATA BIANCA – PÁG. 10



HUPOMNÊMATA BIANCA – PÁG. 11



HUPOMNÊMATA BIANCA – PÁG. 12

Notícia do Jornal

“Foi antes de ontem que aconteceu isso. As pessoas ficaram assustadas por causa da crise.”

HUPOMNÊMATA BIANCA – PÁG. 13



Comidas que ~~me~~ eu gosto da
Escola

1. Nuggets
2. Mingau
3. Sorvete
4. Pão com carne
5. Sals
6. Pão doce

HUPOMNÊMATA BIANCA – PÁG. 15

Lidia e Marcus Weber

Para você menino, que mora na frente do internato, tem casa, flores e jardim
Para mim, que vivo dentro da instituição, só tem um corredor sem fim

Você é acordado com um beijo suave no rosto
Eu acordo com o som estridente da campainha do posto

Para você tem leite, yogurte e margarina
Para mim tem *chafé* e pão amanhecido na cantina

Depois do café você brinca com seu irmão
Eu pego o balde e a vassoura para limpar o chão

Você tem um quarto com *videogame* e computador em rede
Eu fico no quintal olhando as manchas na parede

Para você, sua mãe serve o almoço com bife, arroz e feijão
E eu, fico todos os dias na fila do *bandeirão*

No domingo sua mãe escolhe uma roupa especial
Aqui no internato nada é de ninguém, tudo é sempre igual

Você deita em seu quarto quando está cansado
Eu fico sentado na escada porque meu quarto tem cadeado

O teu pai, quando sai e quando volta, sempre te abraça
Eu sempre invento partidas e chegadas mas a tristeza não passa

Se você chora à noite sua mãe vem para te afagar
Se eu tenho um pesadelo, só tenho o travesseiro para abraçar

Para você tem dia das mães e dos pais sempre com festa
Para mim é só uma grande ausência que resta

Sua família leva você à escola, ao judô e para passear
A minha família, há três anos não vem me visitar

Você tem uma bela rotina de uma família em ação
Eu não tenho ninguém, sou filho da solidão

O seu maior desejo é o novo brinquedo da televisão
O meu maior sonho é ter uma família do coração

HUPOMNÊMATA BIANCA - PÁG. 16

- ① hoje em dia não se diz
internato e nem instituições
~~~~~ || ~~~~~
  - ② eu acordo com vontade  
levantar e eu não acordo com  
a campainha
  - ③ para mim || ~~~~~  
tem leite, iogurte  
e margarina
  - ④ Eu deito no quarto e  
depois vou para o quarto  
~~~~~ || ~~~~~
 - ⑤ Para mim te dias das
mães e dos pais
~~~~~ || ~~~~~
  - ⑥ eu gostaria de ganhar os  
meus brinquedos da televisão  
~~~~~ || ~~~~~
- nome: BIANCA

Nome: **BIANCA** / **em meus Medos** / ~~data~~ data 10/2/2010

tudo que eu tenho Medo

- 1 eu tenho Medo de alguém me atacar
- 2 eu tenho Medo de ser violentada
- 3 eu tenho Medo de me assaltarem minha casa
- 4 eu tenho Medo de a Lelê gesticular e a minha
Reinforcarem
- 5 tenho Medo de se ameaçar

Esta é o quarto



Esta é o meu quarto

este é o quarto das memórias
eu gosto dele por que eu durmo
e guardo as minhas roupas que
isso torna bom por que o
branco e feito com o
quarto

HUPOMNÊMATA BIANCA – PÁG. 19



Esta é a sala da casa



Esta é a minha sala ♥

Eu gosto da minha sala
porque eu assisto televisão
por videogames assisto filmes
e faço a roda de
conversa

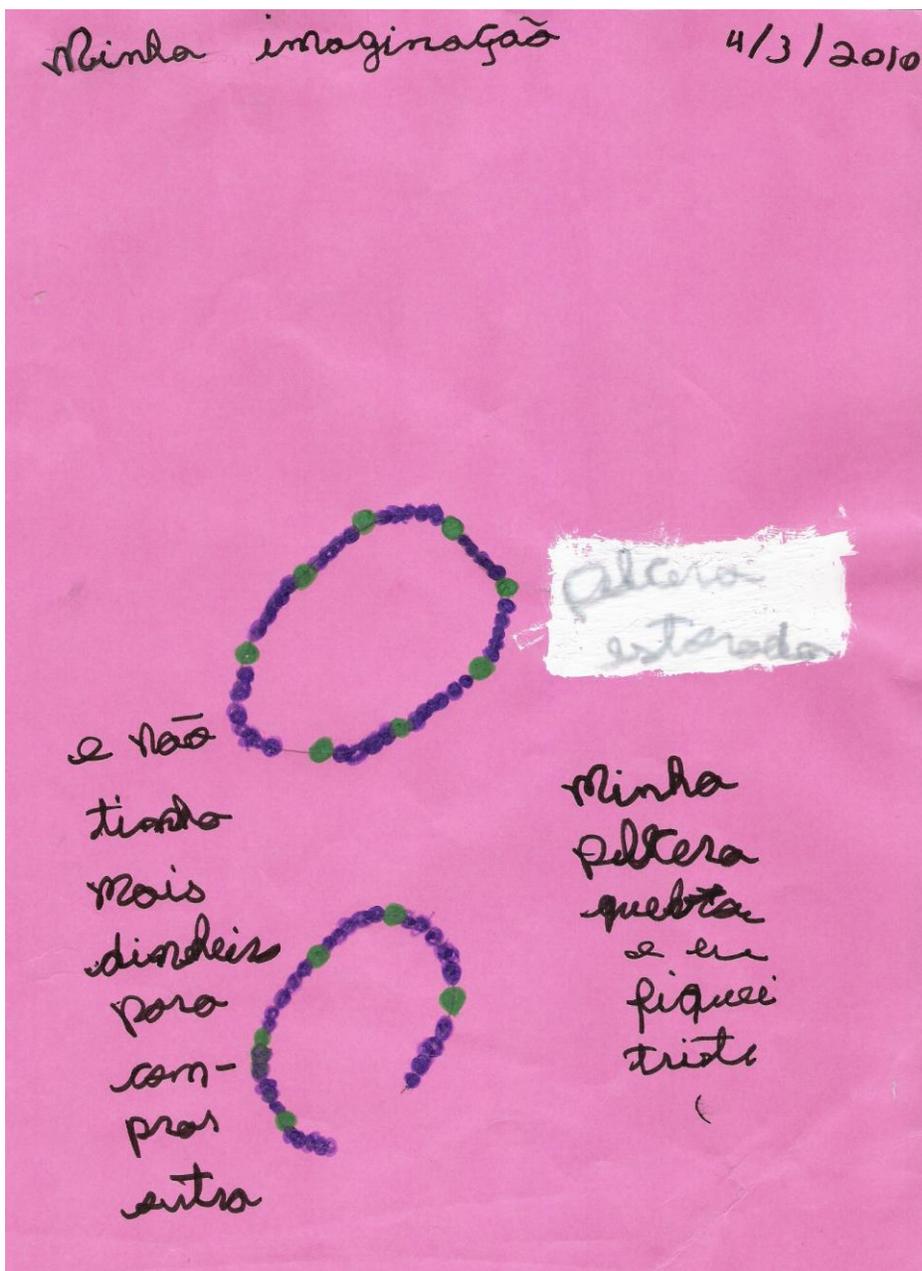
15/2/10

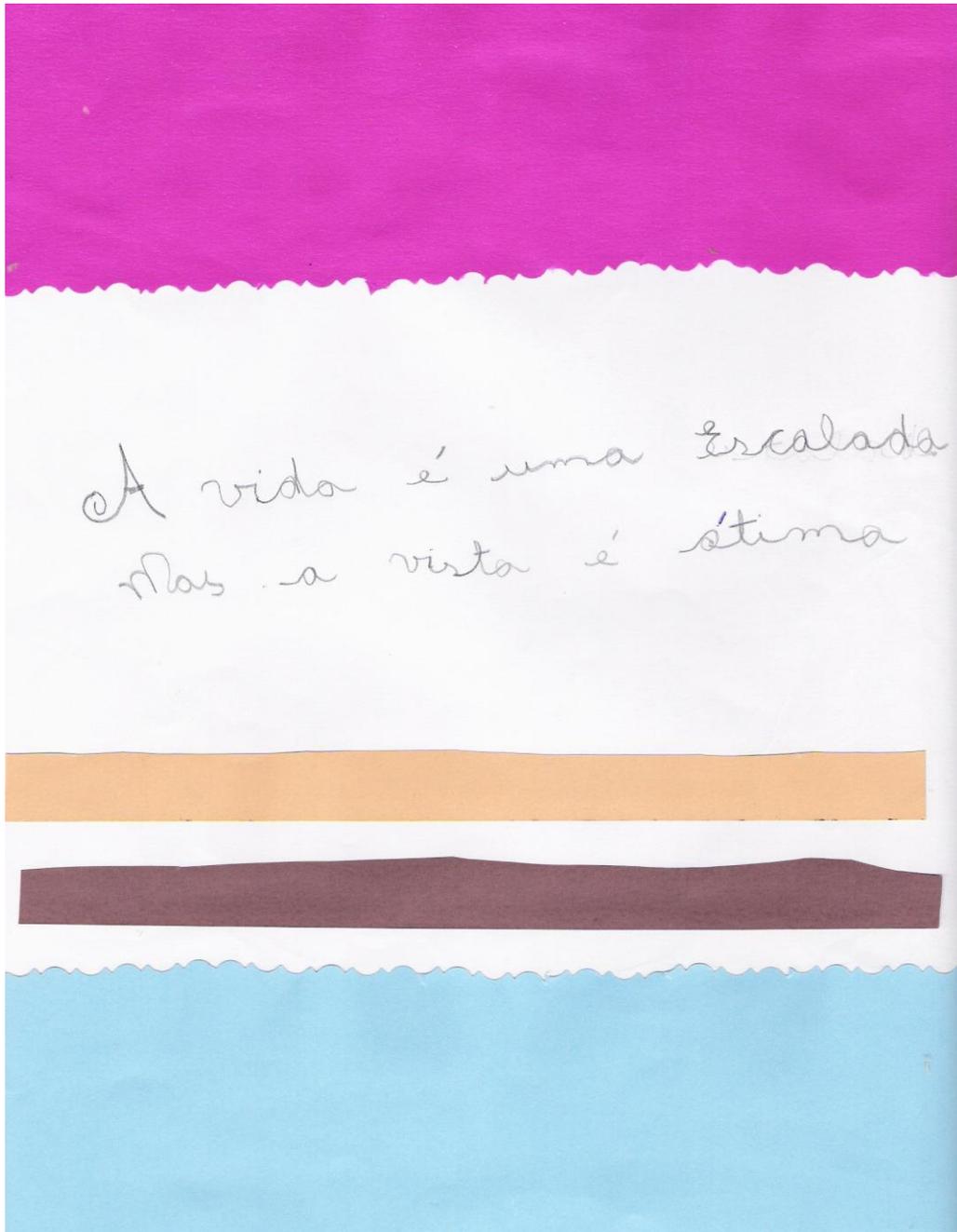
Esta é a biblioteca



Esta é a biblioteca

eu gosto dela porque a tia
tatisma de da aula e porque
eu leio livros e jogo no com-
putador





QUEM SOU EU.

Eu sou a BIANCA, filha de Jorge de F.

e eu considero desde uma primeira infância todos os anos e mais no abrigo fazer aniversários

dia 8 de dezembro eu estudo no João Cabala

bebendo e não pro bisco de gostoso muito

de comida meus irmãos e um abelha por

peças que me amam. eu pro psicólogo

e pro a igreja e tanto níveis de conforto -
muito e os olhos eu para casa de muito

matrícula e gente presente e eu pro site

e. Não vejo e muitas sem não vejo

3.1. Transcrição Bianca

Atividade: “Árvore da família” (2º encontro)

Bianca: Árvore Genealógica. A minha família, no meio sou eu, minha mãe Carmem Ruia, meu irmão Josimar , meu irmão Ricardo, minha irmã Ana Clara, minha Carol, minha irmã Amanda, Jaqueline, aqui em baixo meu pai Evinaldo, a minha avó Altina e o meu avô Francisco.

Atividade: “Meus desejos e sonhos” (3º encontro)

Bianca: Meus sonhos. Sonho em ter uma família. Meus desejos. Desejo ser quando crescer ser professora de Educação Física e cuidar de crianças.

Pesquisadora: Se você fosse um objeto qual seria?

Bianca: Que objeto eu seria -tele- televisão.

Atividade: “Meus amigos” (4º encontro)

Bianca: Meus amigos: 1-Ana Clara, 2-Thaís, 3-Nathalia, 4-Milena, 5-Jenifer, 6-Fabiano, 7-Bianca, 8-Sara. Meninos: 1-Matheus, 2-Matheus2, 3-Manoel, 4-Eduardo, 5-Alaor, 6-Kaique, 7-Ricardo, 8-Fernando, 9-Gabriel, 10-Quevin, 11-João Vitor, 12-Rafael. Meu nome é Bianca e estes são meus amigos. Meus tios e tias amigos (a) Tias: 1-Priscila, 2-Bia, 3-

Caio, 4-Acacia, 5-Lucia, 6-Sonia, 8-Prissila ,9-Cristiana, 10-Larissa, 11-Luana, 12-Ana.

Tios: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14.

Atividade: “Lembranças e expectativas” (6º encontro)

Bianca: Mexi no computador, já fiz as minhas unhas, joguei vôlei, já coloquei o sapato, pentiei meu cabelo.

Pesquisadora: O que mais gostaria de fazer com essas mãos?

Bianca: Eu quero cozinhar, eu quero me arrumar, eu quero desenhar, ler livro, eu quero cuidar de crianças.

Atividade: “O que leio no jornal” (8º encontro)

Bianca: 8/2/10, Foi antes de ontem que aconteceu isso. As pessoas ficaram assustadas por causa da crise.

Atividade: “Na escola...” (9º encontro)

Bianca: Comidas que eu gosto da escola, 1 nuggets, 2 mingau, 3 sorvete, 4 pão com carne, 5 suco, 6 roti dogue.

Atividade: “Poesia: menino que mora do outro lado da rua” (10º encontro)

Bianca: 1 hoje em dia não se diz internato e nem instituição, 2 eu acordo com vamos levantar e eu não acordo com a campainha, 3 para mim tem leite, yogurte e margarina, 4 eu deito no quarto e depois vou para o quintal, 5 para mim tem dia das mães e dos pais, 6 bom pra mim tudo que esta escrito nesta poesia pra mim tem coisa que é verdade tem coisa que é

mentira.

Atividade: “Os meus medos” (11º encontro)

Bianca: Os meus medos. Tudo que eu tenho medo, 1 eu tenho medo de alguém me matar, 2 eu tenho medo de ser violentada, 3 eu tenho medo de me assaltarem minha casa, 4 eu tenho medo de a cobra giboia e sucuri me inforcarem, 5 tenho medo de me ameaçar.

Atividade: “Fotos da minha casa” (12º encontro)

Bianca: Esta é a sala da casa, esta é a minha sala, eu gosto da minha sala porque eu assisto televisão jogo vidiogueime assisto filmes e faço a roda de converssa. Esta é a biblioteca, esta é a biblioteca eu gosto dela porque a tia tatiana me da aula e porque eu leio livro e mexo no computador, 15/2/10. Este é o quarto, este é o meu quarto este é o quarto das meninas, eu gosto dele por que eu durmo e gardo a minhas roupas que uso tomo banho por que o banheiro e junto com o quarto. Bianca/brinquedoteca, gosto da brinquedoteca porque eu faço o álbum.

Atividade: “Criando um personagem” (13º encontro)

Bianca: Minha imaginação não tinha mais dinheiro para comprar outra minha pulcera quebrou e fiquei triste.

Atividade: “A minha bandeira pessoal” (14º encontro)

Bianca: A vida é uma escalada mas a vista é ótima

Atividade: “Eu agora” (15º encontro)

Bianca: Quem sou eu 11 anos. Eu sou a Bianca C. j. de F. E me considero como uma pré adolescente tenho 11 anos e moro no abrigo faço aniversário no dia 8 de dezembro eu estudo na escola Toledo barbosa e sou pro biasi eu gostaria muito de conhecer meus irmãos e ser adotada por pessoas que me amém. Vou pra psicólogo e para a igreja e tenho níveis de comportamentos e as vezes vou para casa da minha madrinha e ganho presentes e vou pro sitio e tenho vizitas e muitas vem nós visitar.

3.2. Textualização Bianca

Meu nome é Bianca e essa é a árvore genealógica da minha família: no meio sou eu, minha mãe Carmem Ruia, meu irmão Josimar, meu irmão Ricardo, minha irmã Ana Clara, minha Carol, minha irmã Amanda, Jaqueline, aqui em baixo meu pai Evinaldo, a minha avó Altina e o meu avô Francisco.

Meu sonho é ter uma família. Quando crescer, desejo ser professora de Educação Física e cuidar de crianças.

Se eu fosse um objeto, seria uma televisão.

Meus amigos são: 1-Ana Clara, 2-Thaís, 3-Nathalia, 4-Milena, 5-Jenifer, 6-Fabiano, 7-Bianca, 8-Sara. Os amigos meninos são: 1-Matheus, 2-Matheus2, 3-Manoel, 4-Eduardo, 5-Alaor, 6-Kaique, 7-Ricardo, 8-Fernando, 9-Gabriel, 10-Quevin, 11-João Vitor, 12-Rafael.

Tenho tios e tias amigos(as). As tias são: 1-Priscila, 2-Bia, 3-Caio, 4-Acacia, 5-Lucia, 6-Sonia, 8-Prissila ,9-Cristiana, 10-Larissa, 11-Luana, 12-Ana. Os tios são: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14.

Lembro de quando mexi no computador. Já fiz as minhas unhas, joguei vôlei, já coloquei sapato, penteei meu cabelo.

Com essas mãos eu quero cozinhar, quero me arrumar, quero desenhar, ler livro, quero cuidar de crianças.

Antes de ontem eu li no jornal que as pessoas ficaram assustadas por causa da crise.

Na escola eu gosto dessas comidas: 1 nuggets, 2 mingau, 3 sorvete, 4 pão com carne, 5 suco, 6 hotdog.

Sobre a poesia: menino que mora do outro lado da rua: 1- hoje em dia não se diz internato e nem instituição; 2- eu acordo com “Vamos levantar!” e não acordo com campainha; 3- para mim tem leite, yogurte e margarina; 4- eu deito no quarto e depois vou para o quintal; 5- para mim tem dia das mães e dos pais; 6- bom, para mim, de tudo que está escrito nesta poesia, tem coisa que é verdade e tem coisa que é mentira.

Tudo que eu tenho medo é: 1- tenho medo de alguém me matar; 2- tenho medo de ser violentada; 3- tenho medo de assaltarem minha casa; 4- tenho medo de a cobra gibóia e sucuri me enforcarem; 5- tenho medo de ameaças.

Tirei fotos desses lugares da casa: esta é a sala da casa; esta é a minha sala, eu gosto da minha sala porque eu assisto televisão jogo videogame, assisto filmes e faço a roda de conversa. Esta é a biblioteca, eu gosto dela porque a tia Tatiana me dá aula e porque eu leio livro e mexo no computador. Este é o quarto, é o meu quarto, é o quarto das meninas, eu gosto dele por que eu durmo e guardo a minhas roupas, também tomo banho por que o

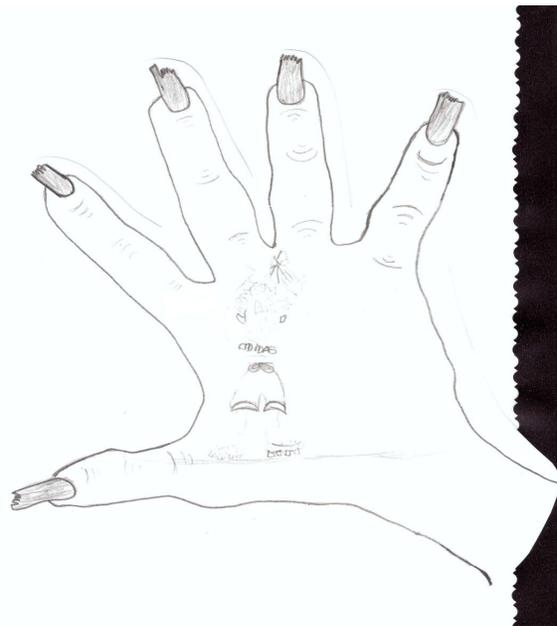
banheiro é junto com o quarto. Esta é a brinquedoteca, eu gosto da brinquedoteca porque faço o álbum.

Na minha imaginação, eu não tinha mais dinheiro para comprar outra e minha pulseira quebrou. Fiquei triste.

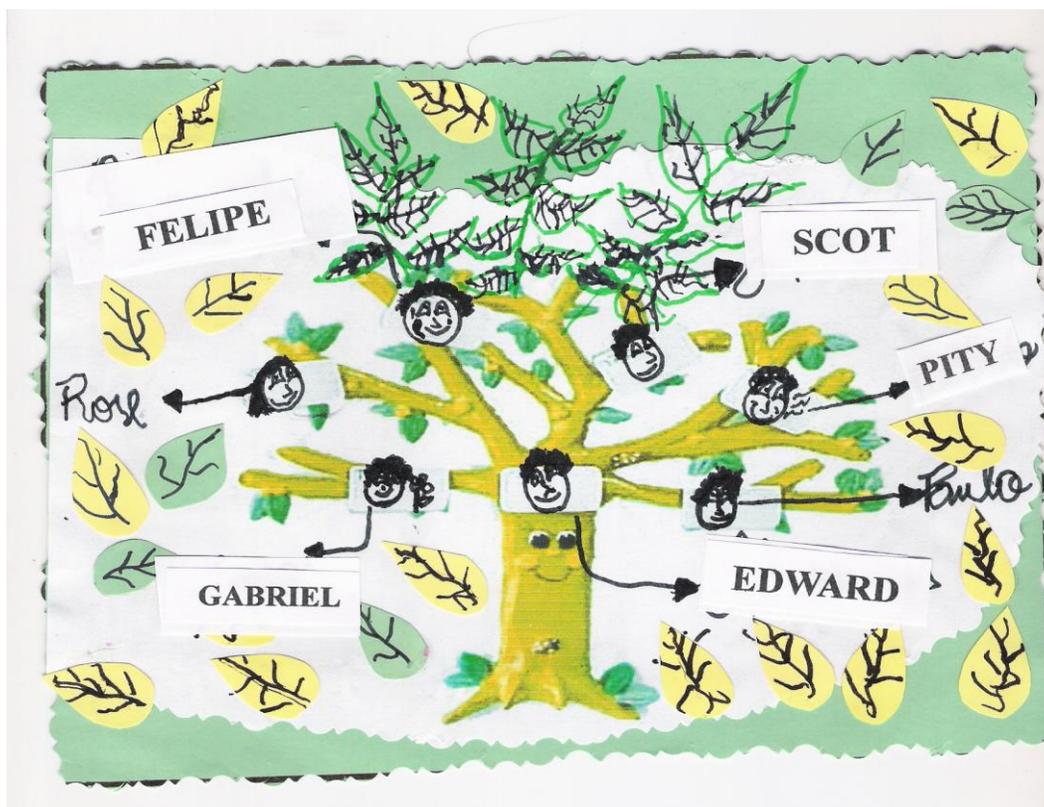
Minha bandeira pessoal seria: “A vida é uma escalada, mas a vista é ótima.”

Agora, eu sou Bianca C. J. de F. E. e tenho 12 anos. Me considero como uma pré-adolescente e moro no abrigo. Faço aniversário no dia 8 de dezembro e estudo na escola Toledo Barbosa. Vou para o Biasi. Gostaria muito de conhecer meus irmãos e ser adotada por pessoas que me amassem. Vou para psicólogo e para a igreja e tenho níveis de comportamentos. Às vezes vou para a casa da minha madrinha e ganho presentes. Vou para o sítio e tenho visitas. Muitas pessoas vem nos visitar.

4. *Hypomnēmata* de Edward



HUPOMNĚMATA EDWARD – PÁG 1



HUPOMNÊMATA EDWARD – PÁG 2

Meus sonho, meus desejos
“Ser jogador de futebol.”



Morumbi



Mineirão

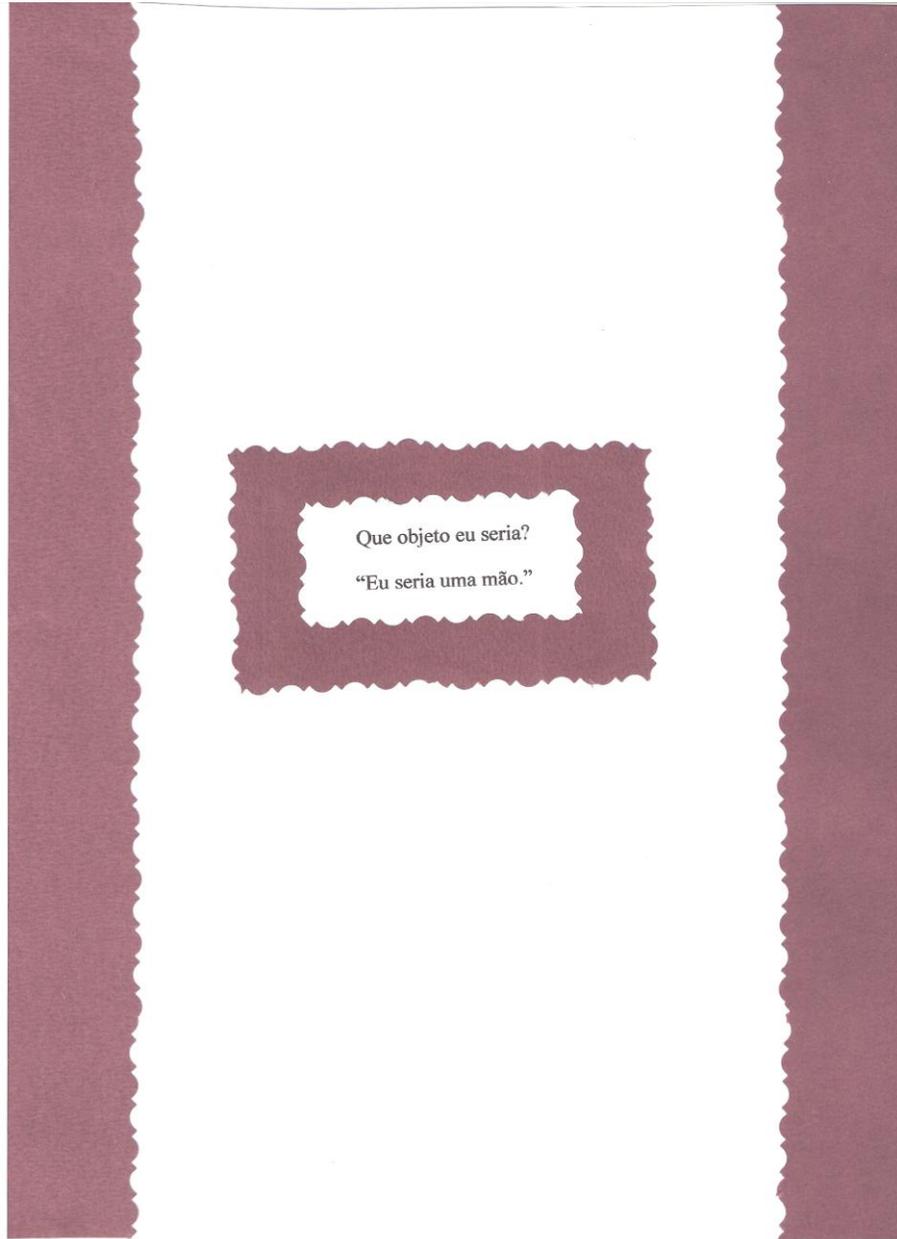


Mané Garrincha

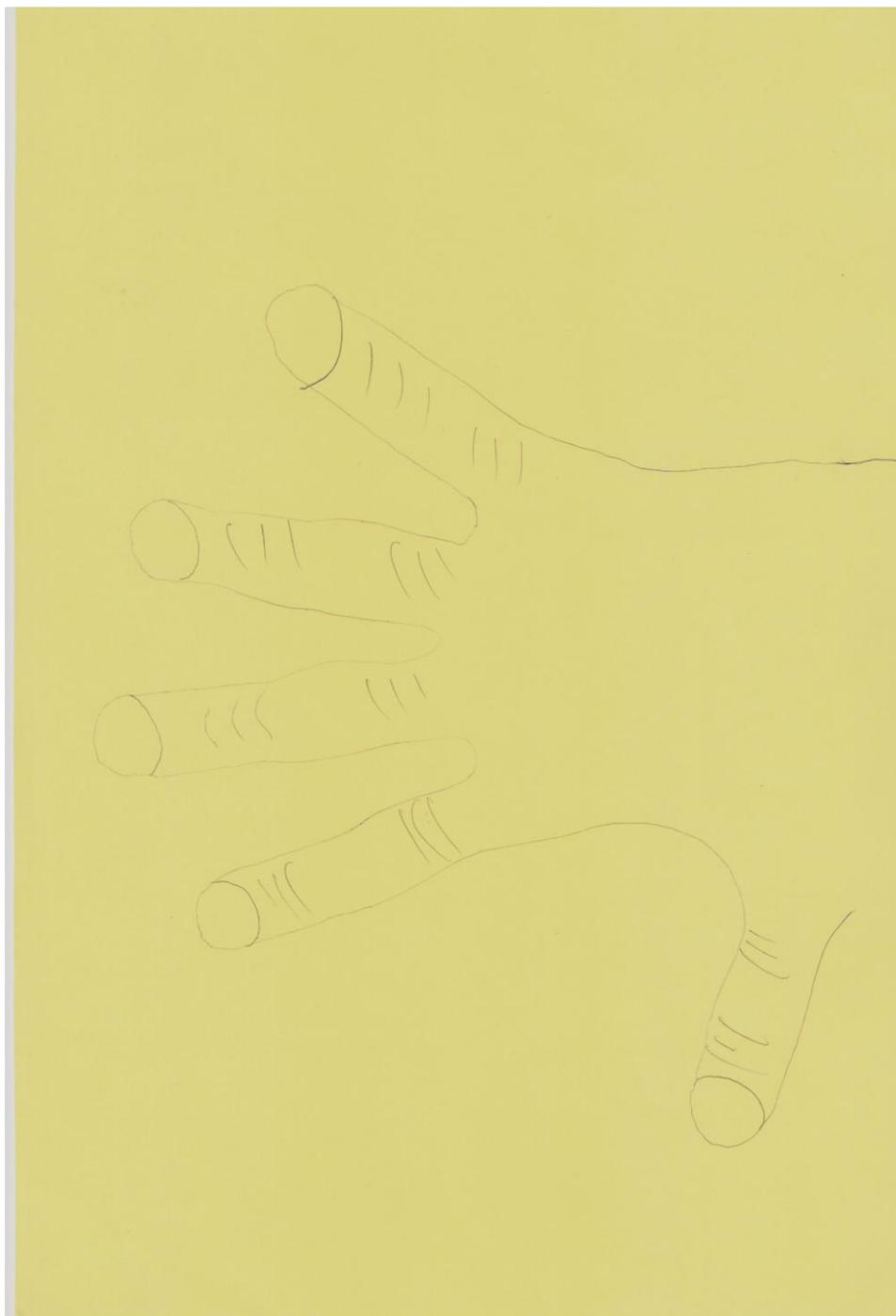
HUPOMNÊMATA EDWARD – PÁG 3



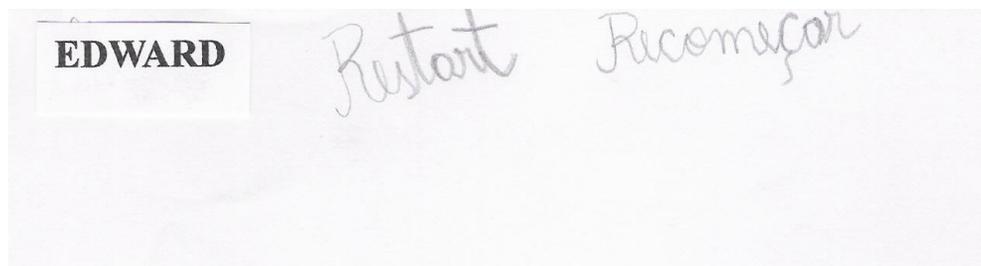
HUPOMNÊMATA EDWARD – PÁG 4



HUPOMNĚMATA EDWARD – PÁG 5



HUPOMNĚMATA EDWARD – PÁG 6



HUPOMNÊMATA EDWARD – PÁG 7

Recomeça

Restart

E eu sei que assim talvez seja melhor
Mas não espero ver você voltar
E dizer que podemos recomeçar
E as noites que em claro eu passei
Só pra entender ou enxergar onde eu errei
E de nada valeram depois do fim

E hoje sei (eu sei)

E hoje sei ,sei, sei
Não importa mais
Porque não vai, vai, vai
Voltar atrás
E o que restou em mim

E não vou mudar e nem tentar entender
O que aconteceu ou vai acontecer
Nossa história teve um fim

Vai!

E eu sei que assim talvez seja melhor
Mas não espero ver você voltar
E dizer que podemos recomeçar

E hoje estava pensando em você
Em tudo que eu queria te dizer
Mas não tive coragem de falar

E hoje sei (eu sei)

E hoje sei ,sei, sei
Não importa mais
Porque não vai, vai, vai
Voltar atrás
E o que restou em mim

E não vou mudar e nem tentar entender
O que aconteceu ou vai acontecer
Nossa história teve um fim

E hoje sei (Eu tentei)
E hoje sei, sei, sei (Vou te amar)
E hoje sei (Voltar mais)
E hoje sei, sei, sei

E hoje sei , sei , sei
Não importa mais
Por que não vai vai vai
Voltar atrás
E o que restou em mim

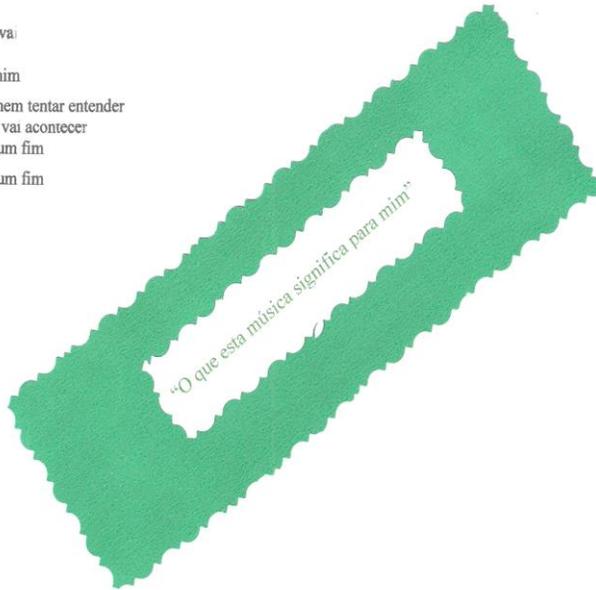
HUPOMNÊMATA EDWARD – PÁG 8

E não vou mudar e nem tentar entender
O que aconteceu ou vai acontecer
Nossa história teve um fim

E hoje sei ,sei, sei
Não importa mais
Porque não vai voltar

E hoje sei , sei , sei
Não importa mais
Por que não vai vai vai
Voltar atrás
E o que restou em mim

E não vou mudar e nem tentar entender
O que aconteceu ou vai acontecer
Nossa história teve um fim
Nossa história teve um fim



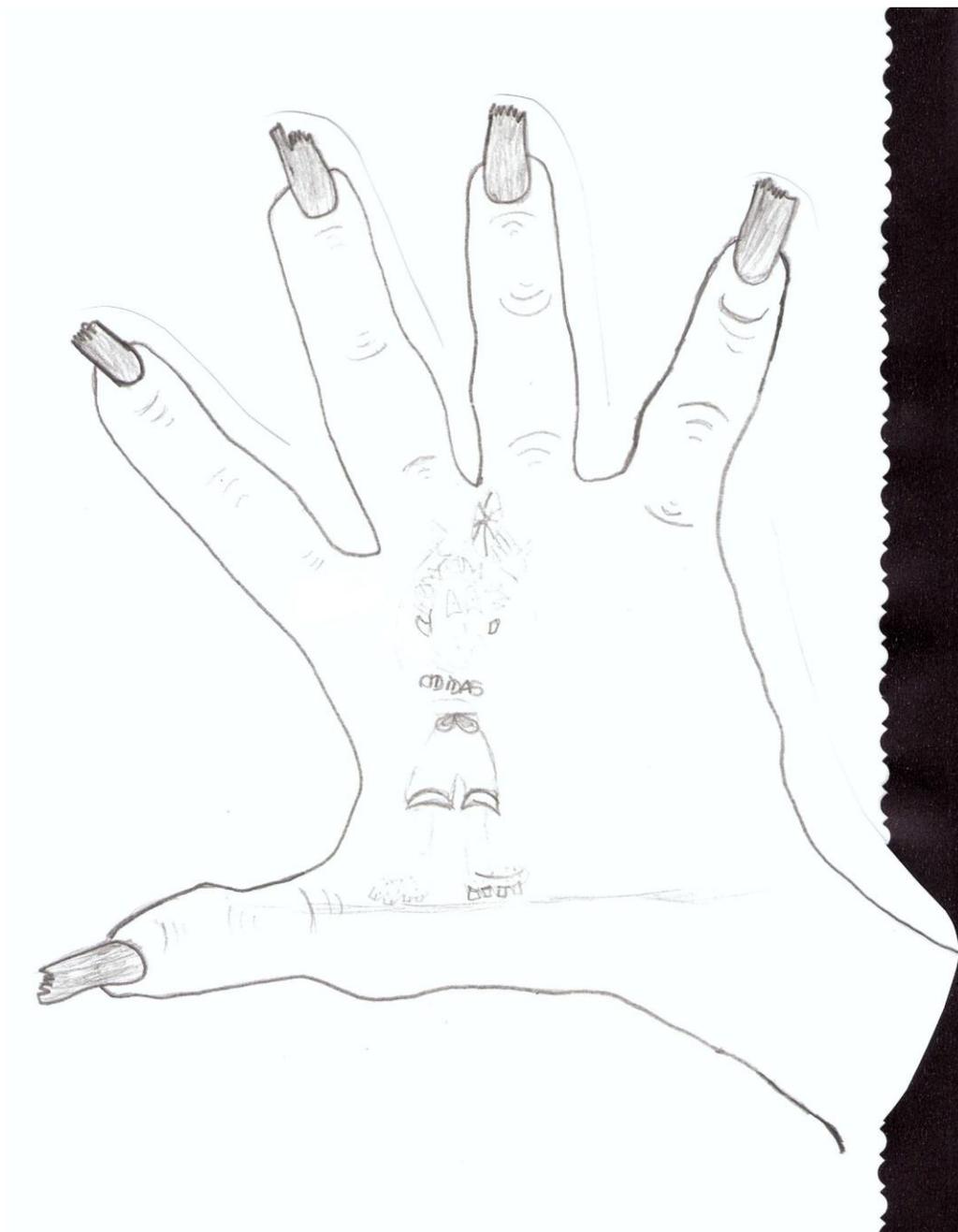
HUPOMNÊMATA EDWARD – PÁG 9



Lembranças de coisas feitas com as mãos

“Aprendi a cobrar lateral.”

HUPOMNÊMATA EDWARD – PÁG 10



O que mais gostaria de fazer com essas mãos?

“Quero andar de avião, para a Europa,
eu vou fechar contrato com a Europa para ir jogar lá.
Vou começar ganhando um salário mínimo
e depois vai aumentar.”



HUPOMNĚMATA EDWARD – PÁG 12



Notícia do Jornal



Orlando, zagueiro do Brasil na Copa de 1958, na Suécia

Orlando, 74, zagueiro completo, morre no RJ

QUINTA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 2010

Ele foi campeão mundial em 1958 e teve sucesso no Boca

SÉRGIO RANGEL
DASUCURSAL DO RIO

Um dos maiores zagueiros da história do futebol, Orlando Peçanha, 74, morreu ontem no Rio após sofrer parada cardíaca, um dia depois de ser internado em hospital da zona sul do Rio. Ele ficou conhecido por aliar habilidade, força física e capacidade de antecipação.

Orlando formou dupla com Bellini na primeira conquista da Copa do Mundo pela seleção brasileira, em 1958, na Suécia. Juntos, os dois jogaram no Vasco de 1955 a 1960.

O jogador teve retrospecto excelente na seleção brasileira. Além de conquistar um título mundial, perdeu só uma das 34 partidas que disputou com a camisa da equipe nacional.

Na carreira, Orlando colecionou 25 vitórias com o uniforme da seleção. O beque também participou da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, quando o Brasil não teve o mesmo sucesso —foi eliminado logo na primeira fase da competição.

Orlando só não disputou o Mundial de 1962 no Chile, quando o Brasil ganhou o bicampeonato, por ter se transferido para o Boca Juniors.

Na Argentina, foi também reverenciado por seu futebol, tendo sido contratado a pedido do treinador brasileiro Vicente Feola. Ele é considerado peça-chave nos títulos nacionais da equipe em 1962 e 1964.

O jogador foi capitão do tradicional e vitorioso clube argentino e, embora nunca tenha marcado um gol pelo Boca, era chamado pelos torcedores do time de "Senhor Futebol".

Orlando voltou ao Brasil ao deixar o Boca. Foi jogar no Santos, clube em que, ao lado de Pelé, foi campeão paulista nas temporadas de 1965 e 1967 e da Taça Brasil de 1965.

“É mais um cara lá no meu time.”

HUPOMNÊMATA EDWARD – PÁG 14

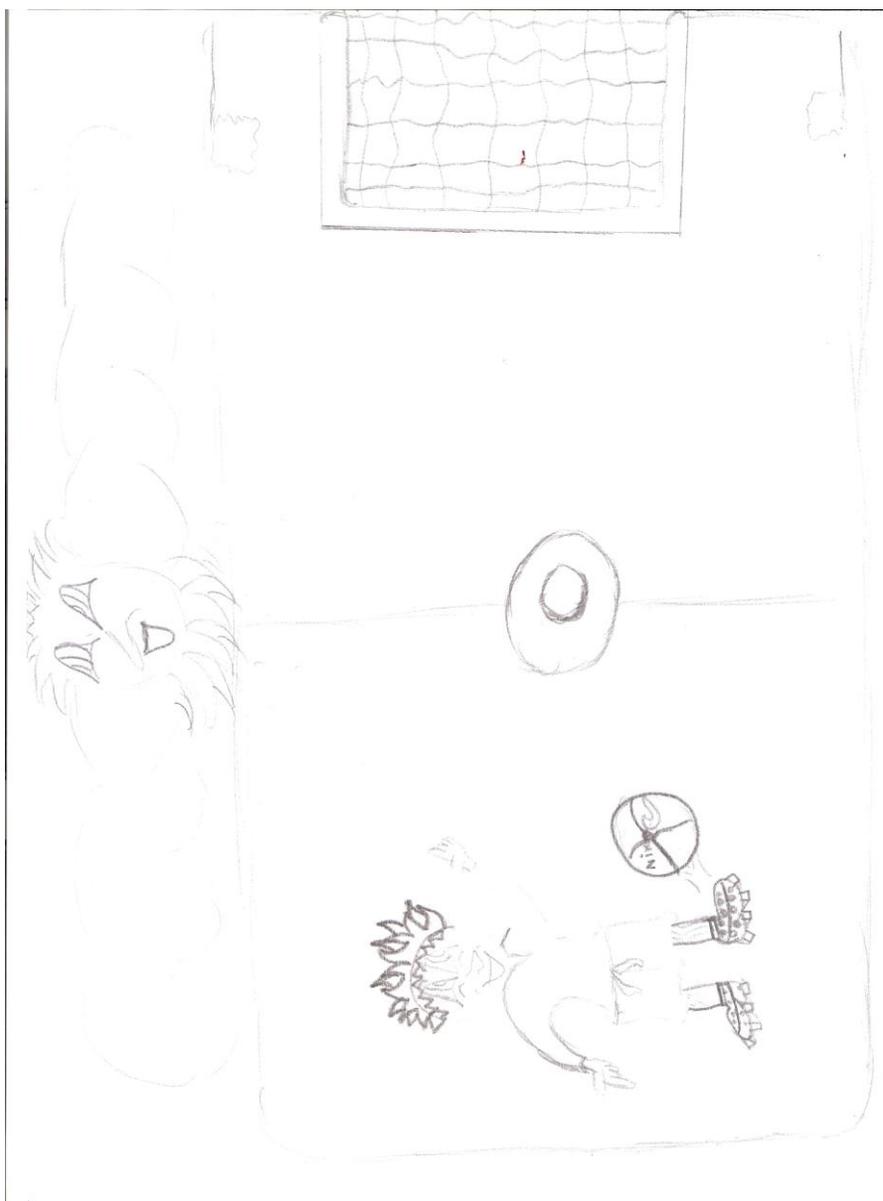
TERÇA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO DE 2010



» **PREPARADO**
Cléber Santana, apresentado ontem no São Paulo, corre em treino. Ele se diz pronto para atuar de volante ou meia. O time revela ter pago € 1 milhão por 50% dos direitos do atleta

EDWARD

HUPOMNĚMATA EDWARD – PÁG 15



4.1. Transcrição Edward

Atividade: “Árvore da família” (2º encontro)

Edward: Felipe, Scot, Rose, Pity, Gabriel, Paulo, Edward.

Atividade: “Meus desejos e sonhos” (3º encontro)

Edward: Ser jogador de futebol.

Pesquisadora: Se você fosse um objeto qual seria?

Eu seria uma mão.

Atividade: “Minha música favorita” (5º encontro)

Edward: Restart- Recomeçar.

Atividade: “Lembranças e expectativas” (6º encontro)

Edward: Aprendi a cobrar lateral. Quero andar de avião, para a Europa, eu vou fechar contrato com a Europa para ir jogar lá.

Pesquisadora: O que mais gostaria de fazer com essas mãos?

Edward: Vou começar ganhando um salário mínimo e depois vou aumentar.

Atividade: “O que leio no jornal” (8º encontro)

Edward: É mais um cara lá no meu time.

4.2. Textualização Edward

Minha família é formada por: Felipe, Scot, Rose, Pity, Gabriel, Paulo, Edward.

Sonho ser jogador de futebol.

Se eu fosse um objeto, seria uma mão.

Minha música favorita é Restart- Recomeçar.

Lembro de quando aprendi a cobrar lateral. Quero andar de avião, para a Europa, vou fechar contrato com a Europa para ir jogar lá. Vou começar ganhando um salário mínimo e depois vou aumentar.

Leio no jornal sobre mais um cara lá no meu time.

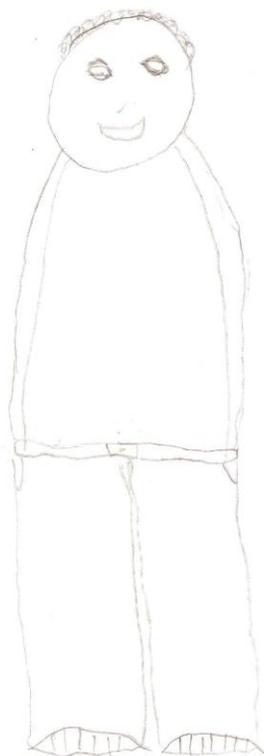
5. *Hupomnêmata* de Felipe



HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG 1

Meu nome é **FELIPE** de

tenho 15 anos, gosto de jogar
bola, andar de bicicleta e redivertir muito.
sou feliz, estuto, tou na 8.^o mora numa
instituição faz 13 anos, gosto da onde eu moro
e de mim mesmo.

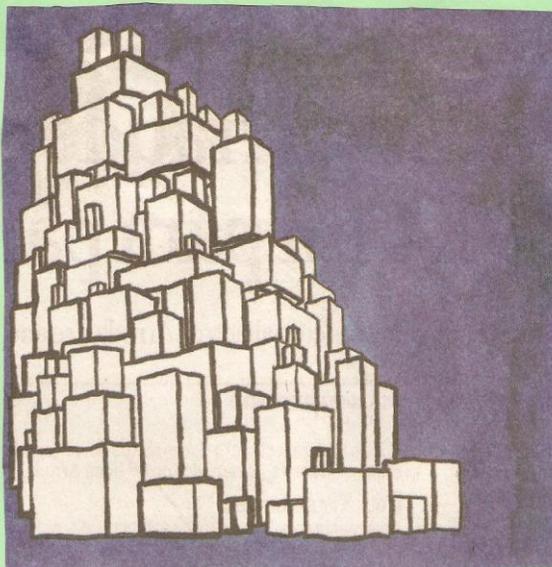


HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG 2

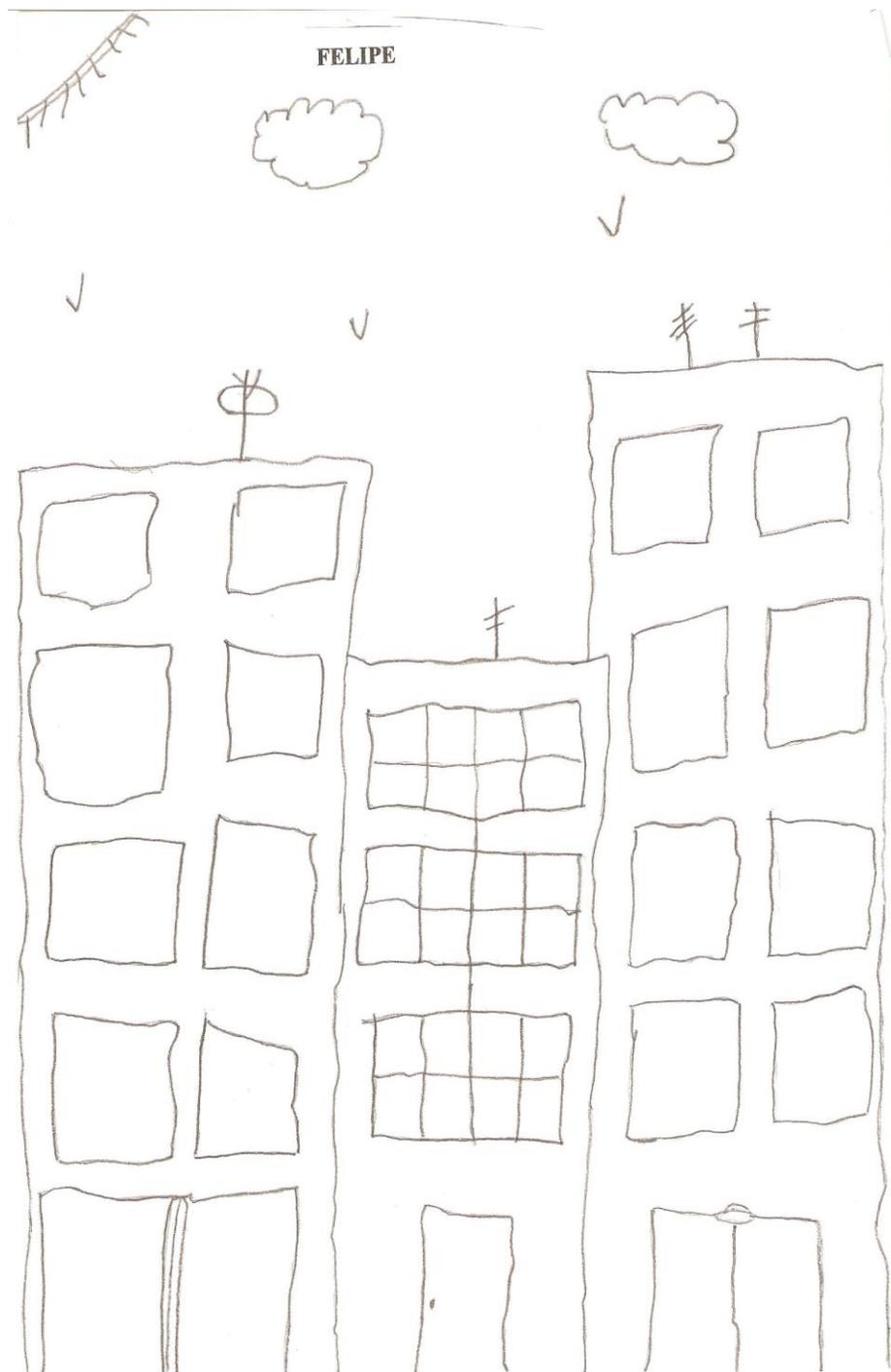


HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG 3

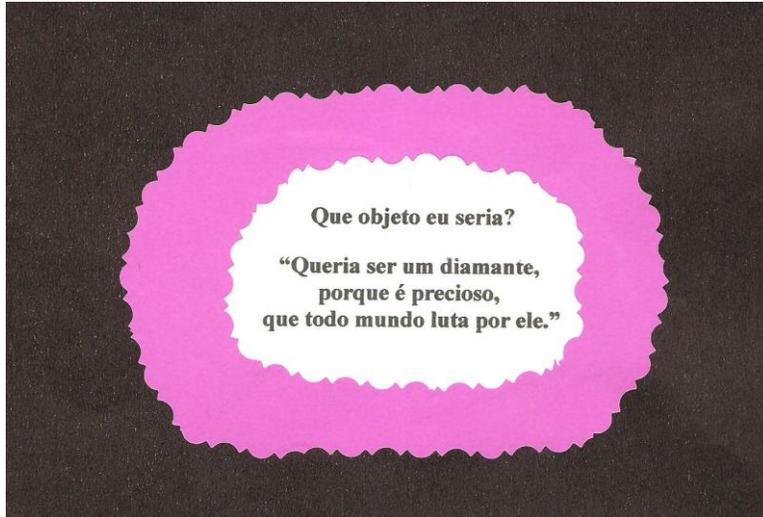
Meus sonho, meus desejos
"Meu sonho...
É ser feliz e ser Engenheiro Civil"



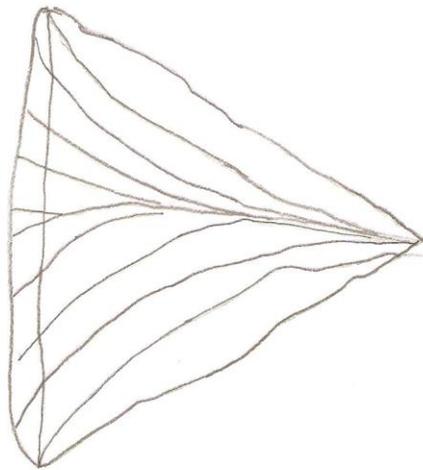
HUPOMNĚMATA FELIPE – PÁG 4



HUPOMNÊMATA FELIPE - PÁG 5



HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 6



HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 7

Meus amigos que nunca
vou esquecer.

nome: Wellington
apelido: cagão



nome: Bruno
apelido: Pilola



nome: Leonardo
apelido: mequinto

Escola: Pedro Souza

Escola: Ceca

nome: Paulo
apelido: neno



nome: Jefferson
apelido: chaves



nome: Ailton
apelido: Bai



nome: Paulo
apelido: gorducho

amigos de agora 2010

nome: Jefferson
apelido: Jara



nome: Leonardo
apelido: Leo



nome: Douglas
apelido: BD



HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG 8

Minha música preferida

Apocalypis 16 + melancolia
pregador Juss

HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG 9

Apocalipse 16

Melancolia

Compositor(es): **Pregador Luo**

A vida e simples mas é dura
Simples mas dura
So mesmo um sorrador para entender outro sorrador
Firmesa na rocha e fé no redendor

Depois do novo dia, tudo vai ser diferente
Só que o novo dia ainda não raiou
Enquanto espero a alva, fico na companhia do passado
mas sem a companhia dos meus antepassados
Melancolia não é obra do acaso
Ó bam. bam. bam da risada, enquanto o pobre amarga seu
fracasso
tudo misturado às lembranças do passado
desenhos que antes faziam sorrir, hoje fazem refletir no provir
Oh, que doce esperança no porvir
Eu gozarei do seu rico favor, meu Senhor
Mas por enquanto um cheiro, um gosto
Aciona o gatilho do gosto ou do desgosto
Meu Deus, quantos rostos que eu não vou voltar a ver
Minha avó, que saudade de você
Meu avô, um dia a gente se vê
Então vou poder ouvir as histórias de um homem que foi grande
Pena não ter nascido antes

Refrão:

Eu olho pra frente e sinto saudades
Do tempo bom da minha mocidade
No peito arde uma dor que me invade
Contagia tudo e sobe até a mente
Se não me cuida até fico doente
Neurose deprimente
Ontem, hoje e antigamente
Conforta saber que não vai para sempre
Depois do novo dia, vai ser diferente

Quem nasce antes morre mais cedo
Eu olho a morte com carinho e não com medo
Afinal, ela é a ponte que me ligará a eternidade
E é aí que tudo começa de verdade
Enquanto isso, a depressão invade

HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG 10

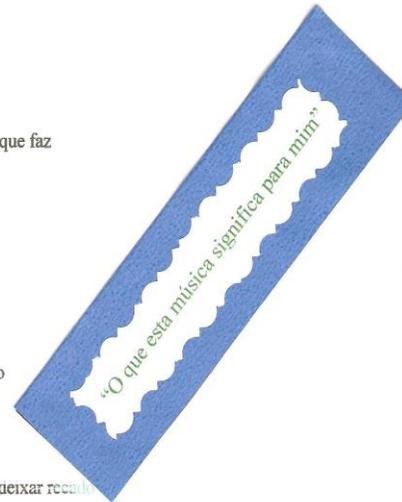
Eu to sozinho aqui, com tanta gente na cidade
Bom Deus, tende piedade, pega meu cálice e o afaste
Quem falou que nunca é tarde é porque não sabe a falta que faz
Aos doze, o carinho o afeto dos pais
Ninguém mais toma esse lugar
Paternidade adotiva é boa e até chega a consolar
Mas mãe é mãe, pai é pai, gene não dá para trocar
Família é presente ou maldição que vai perpetuar
Na Febem, tem moleque maníaco por um lar
Ok, até que eu to bem, não precisei passar por lá
Morreria mais depressa se ficasse trancado
Mesmo assim tive um duro aprendizado
Onde estão, cadê meus manos que andavam do meu lado

Refrão...

Cadê meus manos que andavam do meu lado
Édgar, Tinho, Ricardo, primos e amigos que foram sem deixar recado
Como não sentir saudade
Dos tempos da menor idade, onde tudo era vaidade
Tudo o que eu queria era que o sol brilhasse até mais tarde
Papai do céu, que os trocados na carteira de meu pai nunca acabem
Meu fliperama e meu sorvete
Meu falcon e meu pegasus vão durar para sempre
Mas o sempre ta sempre lá na frente
E a gente sempre cansa na metade
Quando eu partir irei com a impressão de que já fui tarde
Vou dar falta do Aquaplay e também do meu Atari
Do Genius que eu nunca ganhei mas sempre desejei
Mas para onde eu vou, serei filho do Rei
O príncipe latino voltará a ser menino
Se senti, ou se deixei saudades, tanto faz, é tudo passageiro
Mesmo assim, me leve flores no dia do meu enterro

Refrão...

Ontem, hoje, antigamente conforta saber não vai ser para sempre depois de um novo dia, vai ser diferente.
Oh meus manos, Oh meus manos...Creiam em Jesus, acreditem no Cristo.
O messias já passou por aqui e sabe como é se sentir sozinho, solitário.
Somente um sofredor pra entender a dor do outro sofredor.
A vida é simples porém dura. Dê-me flores enquanto posso aprecia-lás, porque depois elas só servirão para cobrir minha sepultura.
Irmãos, irmãs a vida é dura. Mas em breve toda lagrima será enxugada e toda tristeza será arrancada, por que se Ele prometeu, Ele há de cumprir. Se Ele começou Ele há de terminar toda boa obra. Fiquem firmes apesar de toda dificuldade, fiquem firmes!

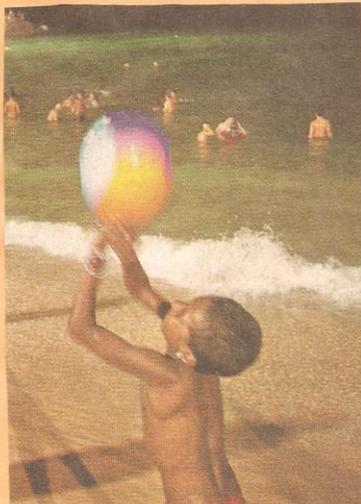


A música melancolia significa pra mim, é que a vida é simples, temos comida, casa, roupa, tecnologia e tudo que serve para o seu corpo, mais mesmo assim a vida é dura, tendo tudo isso as pessoas reclamam da vida pensando que não tem o suficiente para o agradável, então pensa que ela mesmo tá sofrendo, mais a música explica que só tem uma pessoa que entendi o sofrimento das pessoas, que é Jesus, porque ele sim sofreu de verdade, mais mesmo assim ele venceu o sofrimento e no dia certo ele vai vim nos levar para o céu e aí vai ser um no dia e aí todo sofrimento vai acabar.

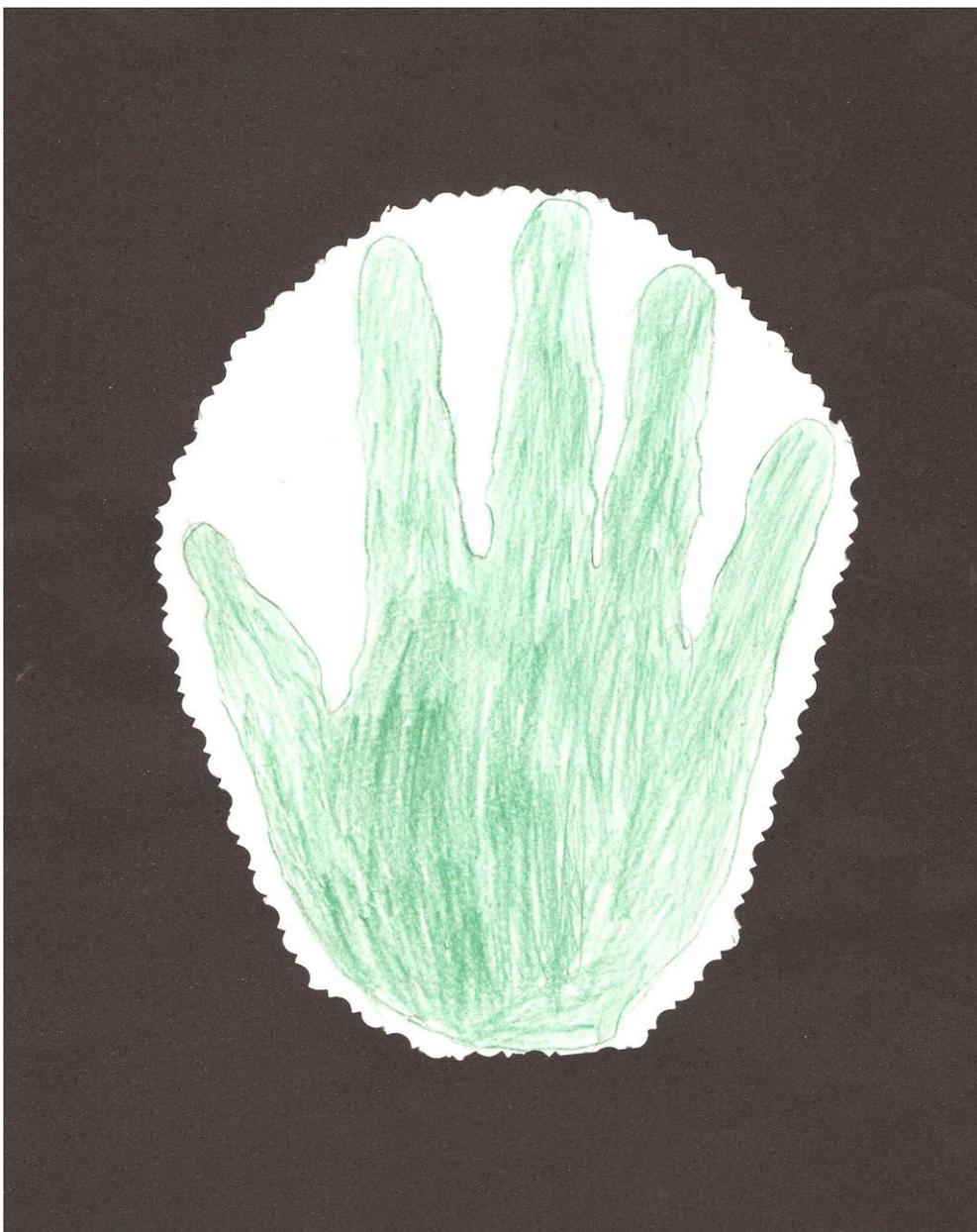
HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 12

Lembranças de coisas feitas com as mãos

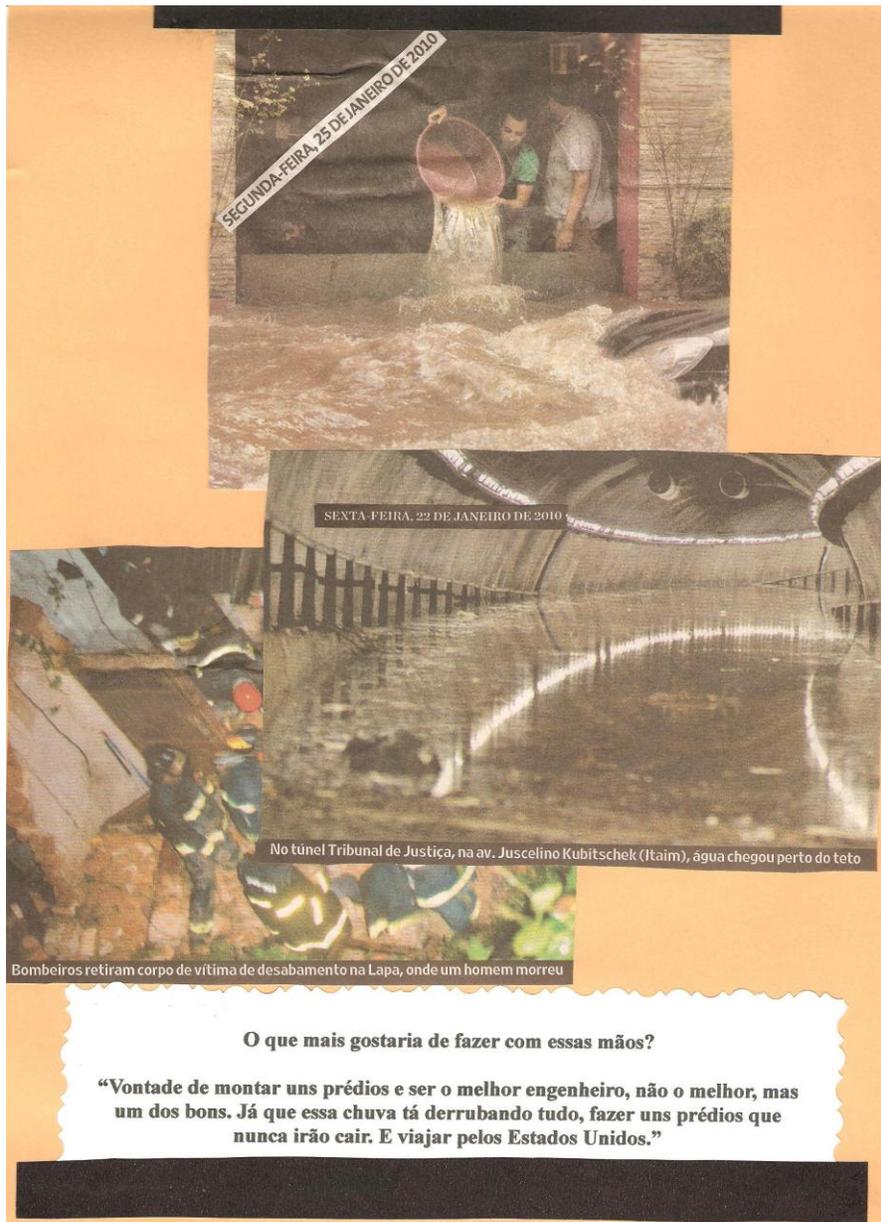
“Aprendi a escrever, joguei vôlei, aprendi a nadar, capoeira, luta, de boxe, fazer pão e a parada de mão. E a usar para eu ser feliz”



HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 13



HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 14



HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG 15



HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 16

As férias

no começo das férias eu saí com minha madrinha
passo até a metade das férias com ela e
depois volto para minha casa, na minha casa
a rotina é de manhã eu acordo uma 9 horas
se não tiver nada para fazer em casa eu saio
e procuro uma coisa para distrair a manhã, volto
tarde para almoçar que é quase 12:00 dia, depois do
almoço descanso e quando não descanso eu saio de
casa de novo 3:00 como uma coisa leve e as 6:00
eu janto, depois do jantar eu assisto TV até ficar
cansado e umas 10:30 vou pro quarto e espero o
sono para dormir.

Escola

de manhã vou para o curso e de tarde vou
para escola, volto da escola janto e depois
assisto TV até ficar cansado e depois vou dormir.

FELIPE

8 de Jan

{ a rotina tá boa para mim }

HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 17

As coisas que eu gostaria na minha
rotina, nas férias

aproveitar o dia sai de bicicleta meches
no computador e ser livre conforme o respeito

Escola

ir a escola quando eu quiser

O amor é tudo
só tem coisas boa
to faltando no mundo
e principalmente nas pessoas

Notícia do Jornal

“Escolhi esta notícia porque fala das férias e que eu gosto de férias e tem um monte de atividades legal. E tem o verão e eu gosto de verão e eu gosto bastante de férias.”



quarta-feira, 11 de fevereiro de 2010

F2 turismo

QUINTA-FEIRA, 11 DE FEVEREIRO DE 2010

FOIHA DE S.PAULO

FIM DE FÉRIAS, TRALHA EM ORDEM

» Guarda-sol, prancha de surf, casaco de inverno... Veja como conservar roupas e equipamento de viagem

Cuide bem para ter no ano que vem

ANA SOUSA
DA REPORTAGEM LOCAL
LUISA ALCANTARA ESILVA
PRISCILA PASTRE-ROSSI
DA REPORTAGEM LOCAL

As férias acabaram e, quem tem filho, volta para casa com o porta-malas cheio: guarda-sol, cadeiras de praia, prancha de surf, de bodyboard, brinquedos das crianças... Ou pode vir do aeroporto com o equipamento de esqui e uma mala cheia de roupas para enfrentar temperaturas abaixo de zero — algo bem longe de acontecer por aqui. Os mais aventureiros vêm com o equipamento de camping. E por aí vai...

Fim de férias normalmente implica em dar um fim — temporário, que seja — em alguns objetos. Mas como guardar e onde colocar esses equipamentos, usados porquissimas vezes por ano? Nesta edição, a Folha conversou com gente que trabalha em diferentes equipamentos de praia (pág. F2), de mergulho e surf (pág. F6) e ci-



Brito Jr./Folha Imagem

» **DICAS DE MANUTENÇÃO**
Presidente do Clube dos Amigos da Bike, o professor de educação física Sérgio Afonso fala dos cuidados essenciais com a magrela



Renato Boulos/Arquivo Pessoal

» **FRANCEIA**
Luiz Eduardo, que pratica bodyboard, recomenda manutenção dos materiais

» **NA NEVE**
Billy Scatena, que envolve prancha em plástico bolha antes de pôr na capa



Bates Andrade - 2. fev. 2010 / Folha Imagem

» **DICAS DE VERÃO**
Veja na pág. F6 como conservar roupa de banho e guarda-sol



Joel Silva/Folha Imagem

» **NO FUNDO DO MAR**
Pesquisador Alberto Lindner em Ilha Bela; veja, na pág. F6, importância de lavar equipamento de mergulho em água doce

clismo (pág. F7). Há ainda dicas sobre como armazenar as várias fotografias feitas nas viagens de férias (pág. F4).

Além dos equipamentos relativos a cada esporte, há as roupas (pág. F5). Quem volta de uma temporada na neve, por exemplo, não tem motivos para guardar o casaco no armário como guarda as roupas do dia a dia. Sobia, por exemplo, que casacos de couro devem ser tratados a cada seis meses?

» **Kit praia**

Há vindo a tralha da praia. Guarda-sol, cadeiras e brinquedos que costumam formar o "kit praia" ocupam bastante espaço quando não estão em uso. Para que as cadeiras não enferrujem, é bom guardá-las bem secas. Segundo a personal organizer Viviane Vecca, uma boa ideia é fazer um cantinho só com as coisas de praia.

Veja nesta e nas próximas páginas dicas de como conservar os acessórios das férias. Para que na próxima viagem tudo possa ser usado de novo!

Rafael Hupese/Folha Imagem

1º período
Eu gostei do pu porque brincar muito
aprendia muitas coisas e fazia muitas amizades.

2º e 3º período
Eu gostei da 1ª e 4ª porque nesse período
aprendi a ler e continuei a fazer amizades e
me diverti muito.

5º e 6º período
Eu gostei da 5ª e 8ª porque foi difícil aprender
e ficar mais legal e continuei a fazer amizades e
me diverti muito.

HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 22

Lidia e Marcus Weber

Para você menino, que mora na frente do internato, tem casa, flores e jardim
Para mim, que vivo dentro da instituição, só tem um corredor sem fim

Você é acordado com um beijo suave no rosto
Eu acordo com o som estridente da campainha do posto

Para você tem leite, yogurte e margarina
Para mim tem *chafé* e pão amanhecido na cantina

Depois do café você brinca com seu irmão
Eu pego o balde e a vassoura para limpar o chão

Você tem um quarto com *videogame* e computador em rede
Eu fico no quintal olhando as manchas na parede

Para você, sua mãe serve o almoço com bife, arroz e feijão
E eu, fico todos os dias na fila do *bandejão*

No domingo sua mãe escolhe uma roupa especial
Aqui no internato nada é de ninguém, tudo é sempre igual

Você deita em seu quarto quando está cansado
Eu fico sentado na escada porque meu quarto tem cadeado

O teu pai, quando sai e quando volta, sempre te abraça
Eu sempre invento partidas e chegadas mas a tristeza não passa

Se você chora à noite sua mãe vem para te afagar
Se eu tenho um pesadelo, só tenho o travesseiro para abraçar

Para você tem dia das mães e dos pais sempre com festa
Para mim é só uma grande ausência que resta

Sua família leva você à escola, ao judô e para passear
A minha família, há três anos não vem me visitar

Você tem uma bela rotina de uma família em ação
Eu não tenho ninguém, sou filho da solidão

O seu maior desejo é o novo brinquedo da televisão
O meu maior sonho é ter uma família do coração

Eu acho que pra mim não tem nada a ver o pai do V menino que mora do outro lado do rio, porque o que tem mãe e pai acontece as coisas boa e o que não tem mãe e nem pai ele é triste porque pensa que não tem nada de bom na vida dele mais só de ele ter onde morar e ter a vida q é muito bom e se os pais não nos amam e não nos amam eu tenho certeza que tem alguém que nos ama que é o nosso pai Deus.

Medo eu não tenho mais preocupações

Sim

elas não: eu não ser ninguém na
vida, e que as pessoas que eu amo
gesto ou conhea, seria muito ruim se
acontecesse uma coisa desagradável.



Esse lugar é bom porque eu gosto
de computadores.



Esse lugar eu brinco muito
que ia garagem, então ele é muito
bon porque é um lugar de lazer.

HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 27



Esse lugar é bom porque eu brinco,
converso e assisto TV, é muita bom ficar nesse
lugar que é a
sala.

HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 28



Esse lugar é bom porque eu tomo banho
escuro os dentes e me limpo para ficar bonito!

HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 29



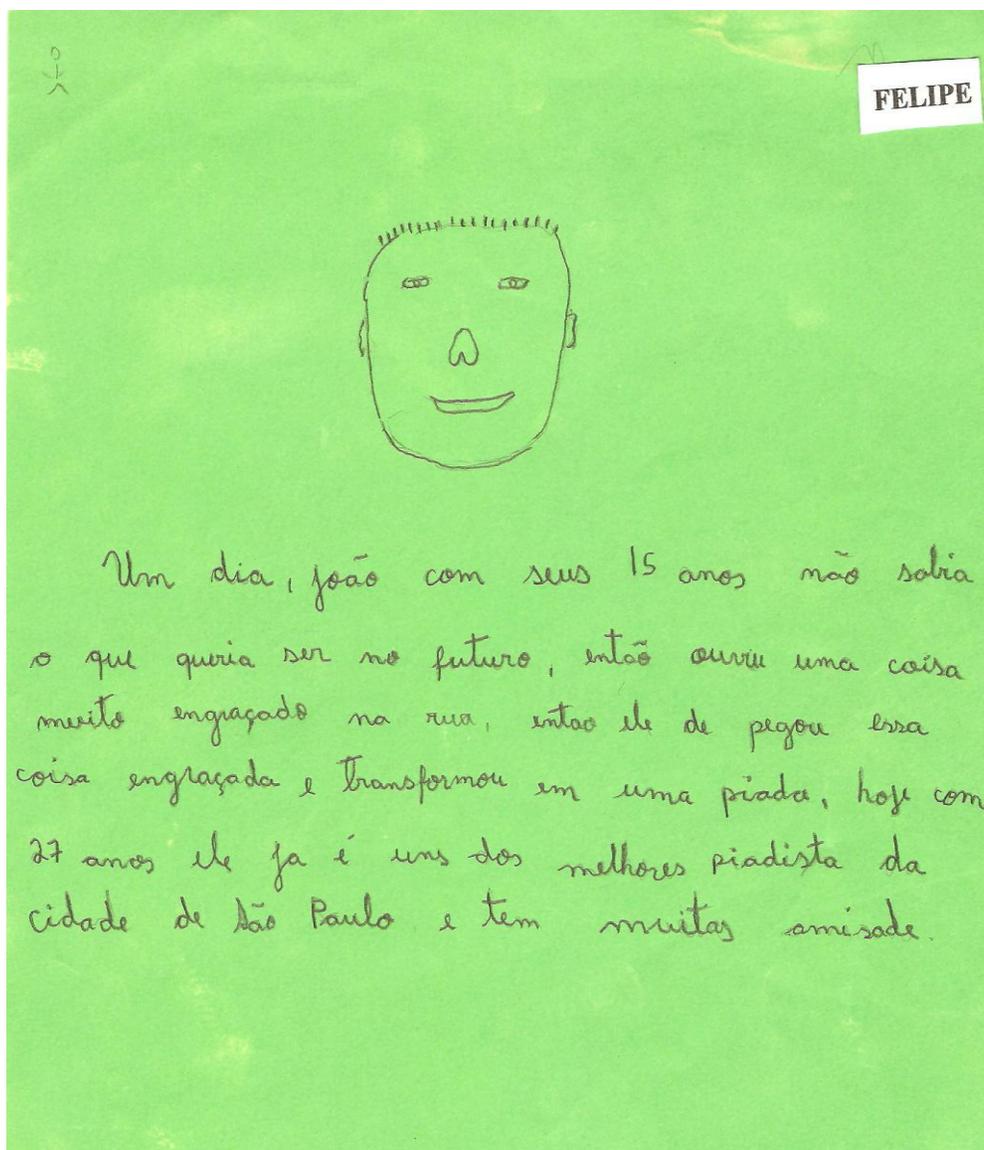
Esse lugar é bom porque eu descanso muito e faço meus lazes no quarto.

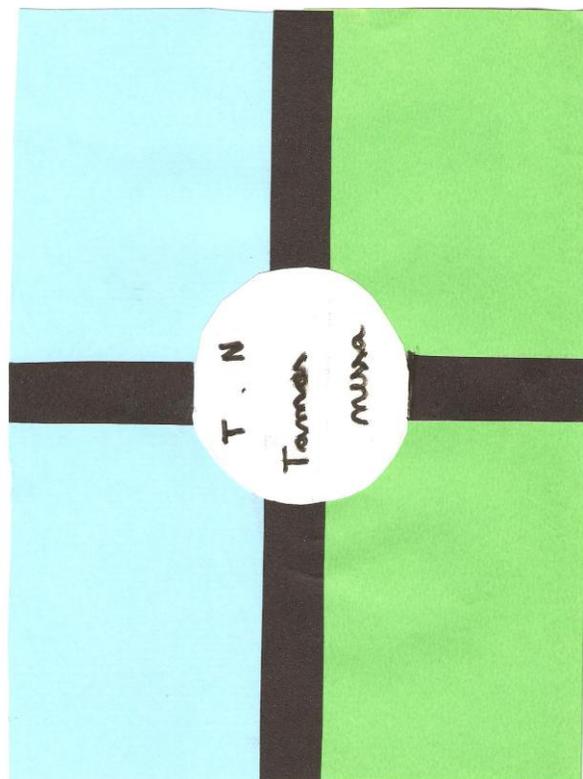


Esse lugar é bom porque eu
faço um tempo dele de lazer.



Esse lugar é bom porque eu faço uma atividade muito boa que é atividade de circo no circo eu faço parada de mão e eu gosto muito de isto, o meu grupo é heroi. Dones e o Rodrigo eu me divirto muito com eles e com o pessoal do circo e o circo fica lá no clube escola.





A amizade de quando
eu era criança.

Hoje dia 4/06/10 eu tenho 13 anos, e me-
lento de quando eu era criança. Tinha muitos
amigos, brincava muito e com tudo isso sempre
fui feliz. porque até hoje eu me considero
criança porque é muito bom ser feliz.

HUPOMNÊMATA FELIPE – PÁG. 34

Quem sou eu

Eu sou uma pessoa muito feliz, gosto de onde eu moro, gosto da minha família, amo muito a Deus.



4.1. Transcrição Felipe

Atividade: “Quem sou eu?” (1º encontro)

Felipe: Meu nome é Felipe, tenho 15 anos, gosto de jogar bola, andar de bicicleta e se divertir muito. sou feliz, estuto, tou na 8ª moro numa instituição faz 13 anos, gosto da onde eu moro e de mim mesmo.

Atividade: “Árvore da família” (2º encontro)

Felipe: A minha família: Felipe, Digão, Ana, Marcos, Eliana, Viti, Toni, Vilma.

Atividade: “Meus desejos e sonhos” (3º encontro)

Felipe: Meu sonho... É ser feliz e ser engenheiro civil.

Pesquisadora: Se você fosse um objeto qual seria?

Felipe: Queria ser um diamante, porque é precioso, que todo mundo luta por ele.

Atividade: “Meus amigos” (4º encontro)

Felipe: Meus amigos que eu nunca vou esquecer: nome: Welliton, apelido: Cagão, nome: Bruno, apelido: Risonho, nome: Leandro, apelido: Neguinho, Escola: Pedro Fonseca,

nome: Paulo, apelido: Meno, nome: Jeferson, apelido: Chaves, nome: Artu, apelido:Boi, Escola: CECA, nome: Paulo, nome: Gordinho, Amigos de agora 2010, nome: Jeferson, apelido: Jara, nome: Leonardo, apelido: Leo, nome: Douglas, apelido: Boi

Atividade: “Minha música favorita” (5º encontro)

Felipe: Minha música preferida é Apocalyps 16, Melancolia.

Pesquisadora: O que esta música significa para você?

Felipe: A música melancolia significa pra mim, é que a vida é simples. temos comida, casa, roupa, tecnologia e tudo que serve para o seu corpo, mais mesmo assim a vida é dura, tendo tudo isso as pessoas reclamam da vida pensando que não tem o suficiente para o agradala, então pensa que ela mesmo está sofrendo, mais a musica explica que só tem uma pessoa que entendi o sofrimento das pessoas, que é Jesus, porque ele sim sofreu de verdade, mais mesmo assim ele venseu o sofrimento e no dia certo eli vai vim nos levar para o céu e ai vai ser um no dia e aí todo sofrimento vai acabar.

Atividade: “Lembranças e expectativas” (6º encontro)

Felipe: Aprendi a escrever, joguei vôlei, aprendi a nadar, capoeira, luta, de boxe, pão e a parada de mão. E a usar para eu ser feliz. Vontade de montar uns prédios e ser o melhor engenheiro, não o melhor, mas um dos bons. Já que essa chuva tá derrubando tudo, fazer uns prédios que nunca irão cair. E viajar pelos Estados Unidos.

Atividade: “O meu dia a dia” (7º encontro)

Felipe: As férias. No começo das férias eu saí com minha madrinha passo até a metade das

ferias com ela e depois vou para minha casa, na minha casa a rotina é de manhã eu acordo uma 9 horas se não tiver nada para fazer em casa eu saio e procuro uma coisa para distrair a manhã, vou à tarde para almoçar que é quase 12:00 dia, depois do almoço descanso e quando não descanso eu saio de casa de novo 3:00 como uma coisa leve e as 6:00 eu janto, depois do jantar eu assisto TV até ficar cansado e umas 10:30 vou pro quarto e espero o sono para dormir. De manhã vou para o curso e de tarde vou para a escola, vou da escola janto e depois assisto TV até ficar cansado e depois vou dormir. de manhã vou para o curso e de tarde vou para escola, vou da escola janto e depois assisto TV até ficar cansado e depois vou dormir.

Pesquisadora: O que mais você gostaria de fazer no seu dia a dia?

Felipe: A rotina tá boa para mim. As coisas que eu gostaria na minha rotina, nas férias aproveitar o dia sair de bicicleta mecher no computador e ser livre conforme o respeito. Ir à escola quando eu quiser

Atividade livre e espontânea - Poesia

O amor é tudo, só tem coisas boas, tá faltando no mundo e principalmente nas pessoas

Atividade: “O que leio no jornal” (8º encontro)

Felipe: Escolhi esta notícia porque fala das férias e que eu gosto de férias e tem um monte de atividades legais. E tem o verão e eu gosto de verão e eu gosto bastante de férias.

Atividade: “Na escola...” (9º encontro)

Felipe: Eu gostava do pré porque eu brincava muito aprendia muitas coisas e fazia muitas

amizades. Eu gostava muito da primeira a quarta serie por que aprendi a ler e continuei fazendo muitas amizades e me divirto muito.

Atividade: “Poesia: menino que mora do outro lado da rua” (10 ° encontro)

Felipe: Eu acho que pra mim não tem nada a ver o põe do –O menino que mora do outro lado da rua, por que o que tem mãe e pai só acontece coisas boas e o que não tem mãe e nem pai ele é triste por que pensa que não tem nada de bom na vida dele mas só de ele ter aonde morar e ter a vida ja é muito bom e se os pais não nos aseitar e não nós amar eu tenho sertesa que tem alguem que nós ama que é o nosso pai Deus.

Atividade: “Os meus medos” (11° encontro)

Felipe: Medo eu não tenho mais preucupações sim. elas são: eu não ser ninguem na vida, e as pesoas que eu amo gosto ou conheça, seria muito ruim se acontecesse uma coisa desagradavel

Atividade: “Fotos da minha casa” (12° encontro)

Felipe: Esse lugar é bom por que eu gosto de computador. Esse lugar eu binco muito por que é a garage,então ele é muito bom por que é um lugar de laser. Esse lugar é bom por que binco, converso e assisto TV, é muito bom ficar nese lugar que é a sala. Esse lugar é bom por que eu tomo banho escovo os dente e me limpo para ficar bonitinho. Esse lugar é bom por que eu descanso muito e faço meus laser no quarto. Esse lugar é bom por que eu faço um tempo de laser. Esse lugar é bom por que eu faço uma ativida muito boa que é atividade de circo no circo eu faço parada de mão e eu gosto muito de isto, o meu grupo é

heroi .Dones e o Rodrigo eu me divirto muito com eles e com o pessoal do circo e o circo fica lá no clube escola.

Atividade: “Criando um personagem” (13º encontro)

Felipe: Um dia João com seus 15 anos não sabia o que queria ser no futuro então ouviu uma coisa muito engraçado na rua então ele de pegou essa coisa engraçada e transformou em uma piada, hoje com 27 anos ele já é um dos melhores piadistas da cidade de São Paulo e tem muitas amisade.

Atividade: “A minha bandeira pessoal” (14º encontro)

Felipe: t.n Tamos nessa

Atividade livre e espontânea

Felipe: A amizade de quando eu era criança. Hoje dia 4/06/10 eu tanho 15 anos, e me lembo de quando eu era criança. Tinha muitos amigo. brincava muito e com tudo isso sempre fui feliz. porque até hoje eu me considero criança porque é muito bom ser feliz.

Atividade: “Eu agora” (15º encontro)

Felipe: Quem sou eu. Eu sou uma pessoa muito feliz, gosto de onde eu moro, gosto da minha família, amo muito a Deus.

4.2. Textualização Felipe

Meu nome é Felipe, tenho 15 anos, gosto de jogar bola, andar de bicicleta e de muita diversão.

Sou uma pessoa feliz, estudo e estou na oitava série do ensino fundamental. Moro em uma instituição de acolhimento há treze anos. Gosto da casa que moro e gosto de mim mesmo. Fazem parte da minha família: Felipe, Digão, Ana, Marcos, Eliana, Viti, Toni, Vilma.

O meu sonho é ser feliz e ser engenheiro civil. Queria ser um diamante, pois, é precioso, todo mundo luta por ele.

Os meus amigos que eu nunca irei esquecer são o Wellington (Cagão), o Bruno (Risonho), o Leandro (Neguinho). Da escola Pedro Fonseca tenho os amigos Paulo (Menó), Jeferson (Chaves) e o Artur (Boi), já na escola CECA tem o Paulo (Gordinho). Os amigos de agora, ou seja, de 2010 são o Jeferson (Jara), o Leonardo (Leo) e o Douglas (Boi).

A minha música preferida se chama “Melancolia”, da banda *Apocalypse 16*. Esta música significa para mim o fato da vida ser simples, pois, temos comida, casa, roupa, tecnologia e tudo o que é necessário para o nosso corpo. No entanto, a vida é dura e, mesmo tendo tudo isso, as pessoas reclamam, pensando não ser o suficiente para agradá-los.

O fato é que só há uma pessoa que entende o sofrimento das pessoas, Jesus. Ele sim

sofreu de verdade, mas mesmo assim superou esse sofrimento. No dia certo ele nos buscará e nos levará para o céu, este será o dia em que todo o sofrimento do mundo acabará.

Aprendi a escrever, joguei vôlei, aprendi a nadar, capoeira, luta de boxe, fazer pão e a parada de mão. Uso isso para ser feliz. Tenho vontade de montar prédios e ser o melhor engenheiro, não o melhor, mas um dos bons. Já que essa chuva está destruindo tudo, quero fazer prédios que nunca irão cair. Quero também viajar pelos Estados Unidos.

Nas férias, logo no começo costumo sair com a minha madrinha, com quem fico até a metade desse período de recesso escolar. Volto para a minha casa e a rotina é: acordar por volta das 9h; quando não tenho nada para fazer, saio e procuro algo para me distrair no período da manhã; volto para almoçar mais ou menos meio dia, depois do almoço descanso; às 15h saio novamente e retorno por volta de 18h para jantar; à noite assisto a televisão até ficar cansado, 22h30 vou para o quarto e espero ter sono para dormir.

Quando estou em período de aula, pela manhã vou para o curso e à tarde para a escola. Quando volto da escola janto, assisto a televisão até me sentir cansado e ir dormir.

A rotina está boa para mim, as coisa que eu mais gosto nas férias são aproveitar o dia para sair de bicicleta e poder mexer no computador, sendo livre de acordo com o respeito das regras. Também gostaria de poder ir à escola quando eu quisesse.

O amor é tudo, só tem coisas boas, tá faltando no mundo e principalmente nas pessoas.

Escolhi a notícia do jornal que fala das férias, eu gosto de férias, tem um monte de atividades legais, além de ter o verão.

Eu gostava quando estava no pré porque brincava muito, aprendia muitas coisas e fazia muitas amizades . Também gostava muito da primeira à quarta série, pois, aprendi a

ler e continuei fazendo muitas amizades e me divertindo muito.

O poema *O Menino que Mora do Outro lado da Rua* para mim não tem nada a ver. Diz que para o menino que tem mãe e pai só acontecem coisas boas e que menino que não tem mãe e nem pai é triste por pensar que não tem nada de bom na vida dele. Mas, só dele ter onde morar e ter a vida já é muito bom. Se os pais não nos aceitarem e não nos amarem como nós somos eu tenho certeza que tem alguém que nos amará, esse alguém é o nosso pai Deus.

Não tenho medo, mas tenho preocupações, como eu não ter ninguém na vida. Também me preocupo que aconteça algo desagradável com as pessoas de quem eu gosto ou que conheço.

A biblioteca é boa porque gosto de computador. Essa é a garagem onde eu brinco muito, é um lugar muito bom, pois é um lugar de lazer. A sala é boa para ficar por que brinco converso e assisto à TV. O banheiro é bom por que é o local onde eu tomo banho e escovo os meus dentes, me limpo para ficar bonitinho. O quarto é bom porque eu descanso muito e tenho momentos de lazer.

No Clube Escola é um lugar legal por que eu faço uma atividade muito boa que é a aula de circo. No circo eu faço a parada de mão, gosto muito disto, pois o meu grupo é herói . Me divirto muito com o Dones e com o Rodrigo, também com o pessoal do circo.

Um dia, João, com seus quinze anos, não sabia o que queria ser no futuro, então ouviu uma coisa muito engraçada na rua e transformou em uma piada. Hoje, aos vinte e sete anos, é um dos melhores piadistas da cidade de São Paulo e tem muitos amigos.

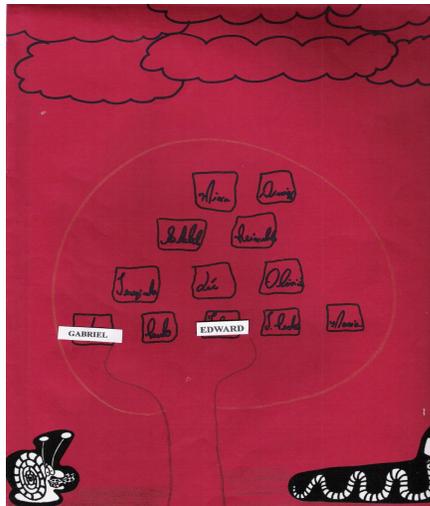
Estamos nessa.

Lembro que quando era criança tinha muitos amigos, hoje tenho quinze anos e me

lembro de brincar muito. Com tudo isso sempre fui feliz, pois, até hoje, eu me considero criança, porque é muito bom ser feliz.

Quem sou eu? Eu sou uma pessoa muito feliz gosto de onde moro, gosto da minha família, amo muito a Deus.

6. *Hypomnēmata* de Gabriel



HUPOMNÊMATA GABRIEL - PÁG. 01

Bom dia! Meu nome é **GABRIEL** Dos Santos tenho 12 anos, data de nascimento 31/03/1997.

Sou filho da Ana Paula dos Santos.
Nome do pai não sei.

Primeiro vou falar as minhas qualidades boas e ruins.

Sou uma pessoa inteligente.

Sou uma pessoa que sabe ouvir.

Sou uma pessoa sorridente, alegre.

Sou uma pessoa simpática.

Segundo vou falar as minhas qualidades ruins.

Sou uma pessoa que pede as coisas, tipo objetos.

Sou uma pessoa que não sabe ouvir o Não!!!.

Sou uma pessoa que não sabe ouvir!!!.

P.S: Tenho 4 irmãos **EDWARD** dos Santos 14 anos,

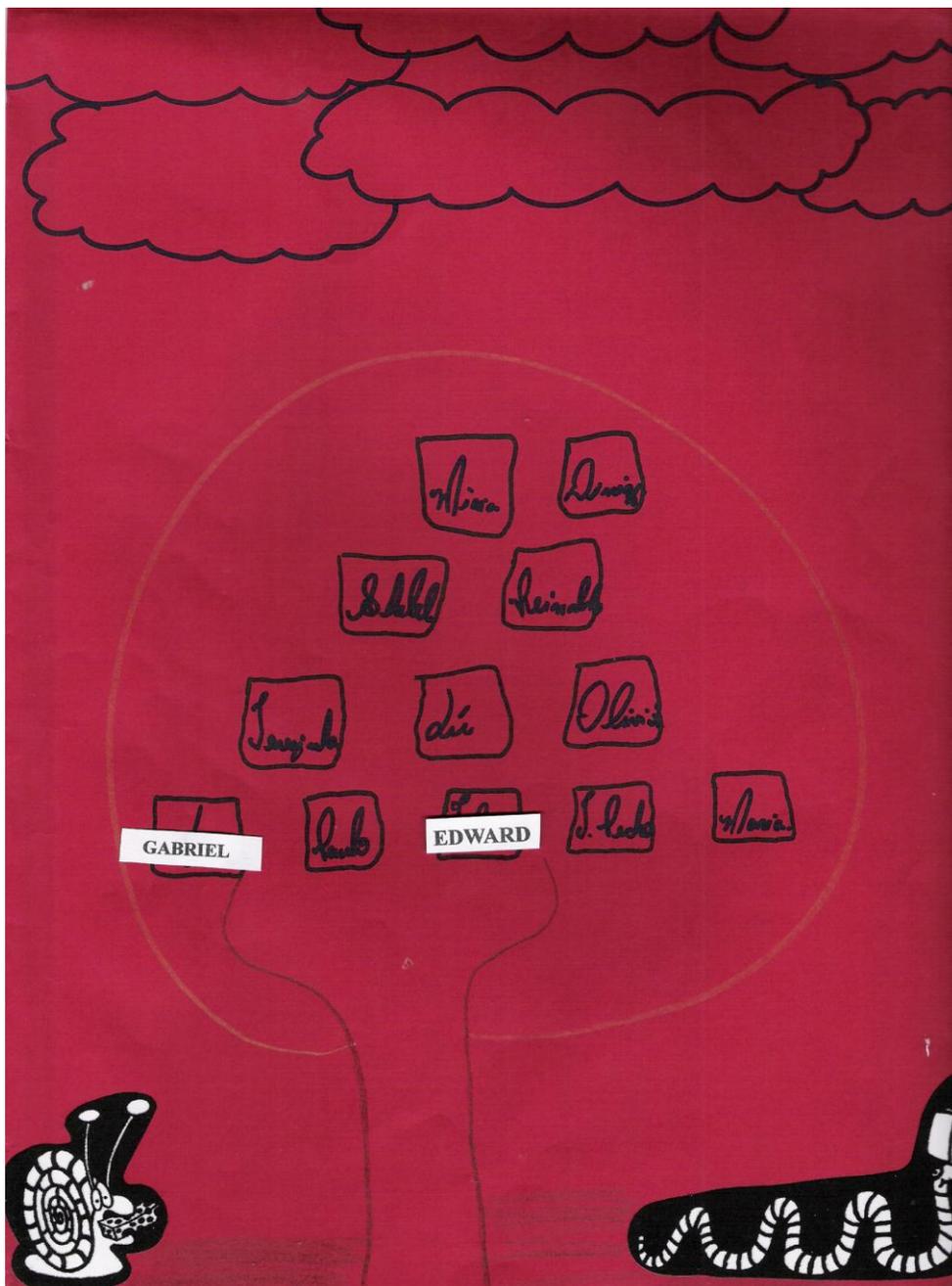
Paulo Trincas dos Santos 11 anos, João Pedro 5 anos,

Maria não sei o que 0 anos.

P.S: somos filhos de pai diferentes. só de mãe igual...

Jim! **GABRIEL**

HUPOMNĚMATA GABRIEL – PÁG. 02



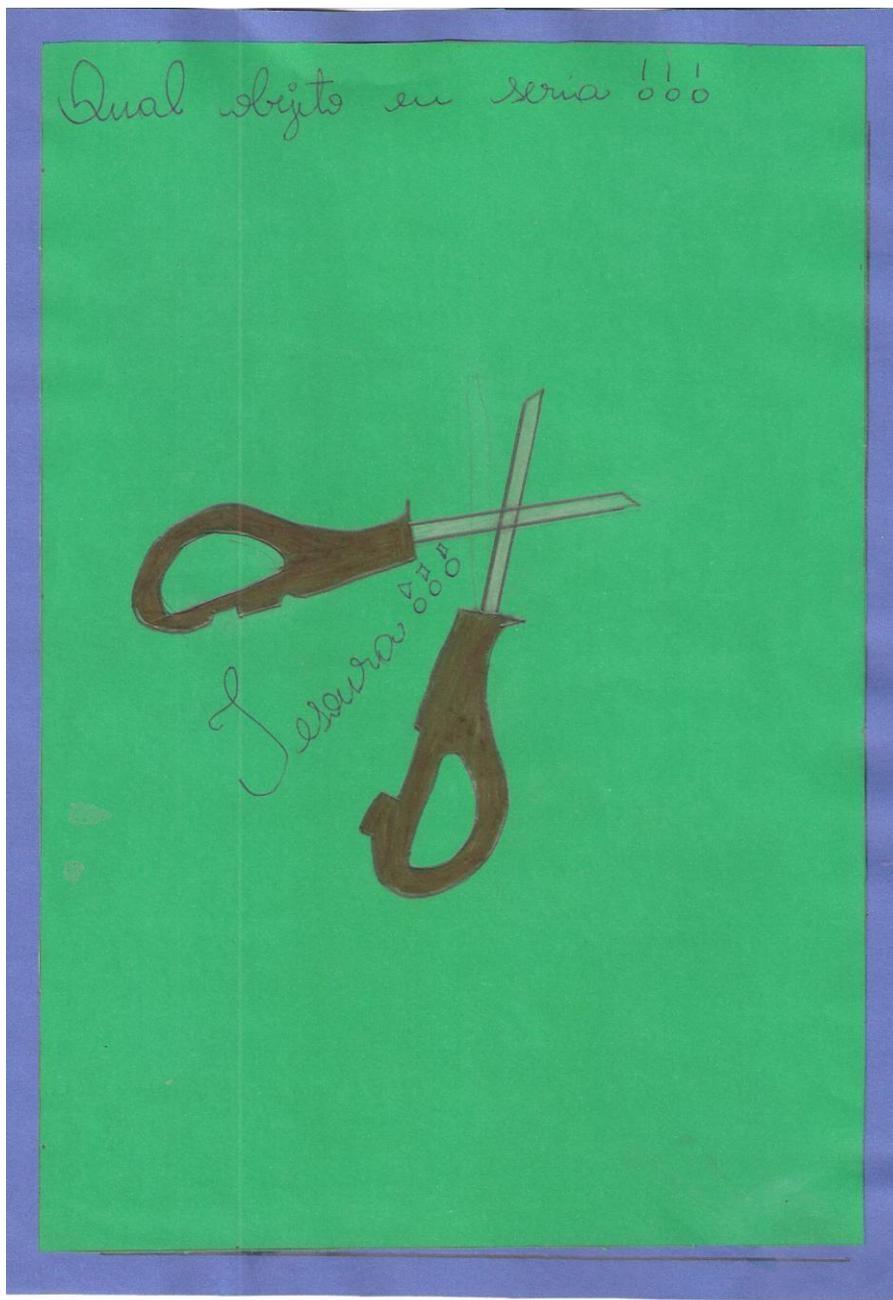
HUPOMNÊMATA GABRIEL – PÁG. 03

Desires e Sonhos ☐☐☐
○○○

Desires: Eu fazer uma faculdade de Educação Física, e ser alguém na vida e fazer muitos cursos, não sei qual eu vou fazer etc.

Sonhos: Eu ter pai e ter dois filhos, mulher e homem, Eu viver a minha mãe, e cuidar do meu pai "eu não sei quem é" etc.

HUPOMNĚMATA GABRIEL – PÁG. 04



Os meus amigos...

“Amigo é aquele que acompanha você quando

você tá passando algo difícil, diz:

'faz isso, faz aquilo...'

dá conselhos.”

HUPOMNĚMATA GABRIEL – PÁG. 06

26/04/21

Deus Amigos!

1. Eduardo.
2. Igor.
3. Mathias.
4. Arthur.
5. Maillon.
6. Paulo.
7. Shomay.
8. João Pedro.
9. Maria.
10. Miriam da Silva Rock.

HUPOMNÊMATA GABRIEL – PÁG. 07

O que eu fiz com a minha mão esquerda.



= tirei foto dela, peguei da roupa minha,
arrumei o meu material escrever, apertei o botão
e da tela sai isso

Rotina do dia a dia ...

8:30 eu acordo.
9:00 tomo café.
10:00 eu desço para brincar.
11:30 almoço.
12:2 descalço
3:00 tomo lanche.
5:00 jantar
7:30 compatilhar o nosso dia com as pessoas (redes sociais)
8:00 tomar banho.
9:00 lanche da noite
9:15 12 onas para baixo dormir.
11:00 12 para cima dormir.

Rotina da casa da minha Sita ...

11:00 tomar café

11:30 vejo televisão.

12:00 eu ajudo a minha vovó arrumar a casa.

2:00 eu almoço.

8:00 eu janto

11:00 eu tomo banho.

2:00 dormir.

Rotina da semana (escola).

5:30 em acordo para se trocar.

6:00 tomar café.

6:45 ir para escola.

7:00 hora de lota a hora para primeira aula.

7:10 terminar a escola ir embora.

8:00 tomar banho.

8:30 jantar

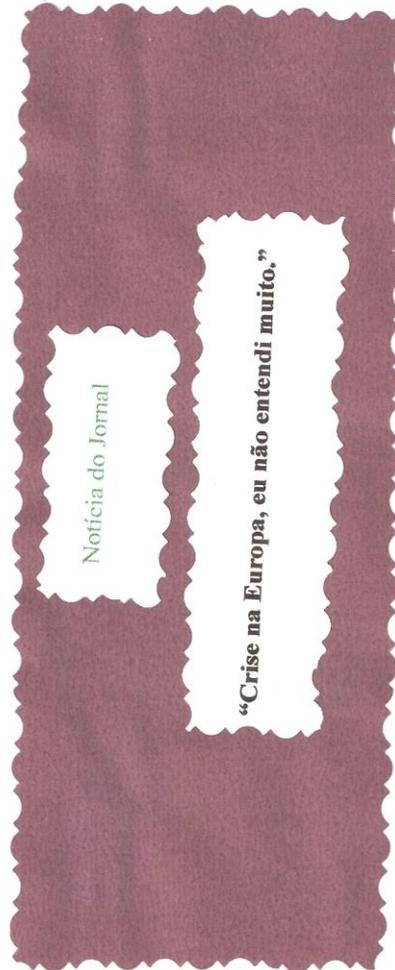
HUPOMNÊMATA GABRIEL – PÁG. 11

Que eu quero fazer mais coisas.

Eu mais para o M C Donalds.

E para o cinema.

E fazer compras.



Sexta-Feira, 5 de Janeiro de 2010!!! Lucas...

Crise na Europa e incerteza nos EUA derrubam Bolsas

Bovespa tem forte queda; dólar fecha em R\$ 1,884, alta de 8,09% neste ano, depois de chegar a R\$ 1,90

QUEDA GERAL
O resultado das Bolsas ontem, em %

| | |
|-------------------------|-------|
| Estados Unidos D. Jones | -2,61 |
| Grécia Composite | -3,33 |
| Brasil Bovespa | -4,73 |
| Portugal PSI | -4,86 |
| Espanha IEX | -5,94 |
| Itália Ftse Mib | -2,17 |

VINICIUS TORRES FREIRE
Especulação sobre calote da Grécia abala mercados até no Brasil

Os mercados enfrentaram turbulência ontem, causada pelo receto de calote de países da zona do euro — Grécia, Portugal e Espanha — e por dados ruins referentes ao emprego nos EUA.

Também pesou a possibilidade de que os EUA e o Reino Unido tenham avaliações rebaixadas pelas agências de classificação de risco pelo endividamento maior em decorrência dos planos para estimular a economia.

A instabilidade prejudicou particularmente o Brasil porque o país foi dos que mais receberam recursos estrangeiros nos últimos meses. Em 2009, pediu apenas para a América, segundo consultoria americana.

A Bolsa desceu ao menor patamar desde novembro e acumula baixa de 6,7% em 2010. O dólar chegou ontem a R\$ 1,90, mas a moeda americana fechou a R\$ 1,884, alta de 2,17%. No ano, a valorização é de 8,09%.

TERRA ARRASADA
Rua Caititu, em A.E. Carvalho (zona leste de SP), que perdeu asfalto na enxurrada, 44º dia seguido de chuva derrubou 50 árvores, alegou zoológico e deixou trechos de 17 bairros sem energia

HUPOMNÊMATA GABRIEL – PÁG. 14

I que em casa na grade...
pão com manteiga.
muzzets.
sowth.
Hot dog.

HUPOMNÊMATA GABRIEL – PÁG. 15

Resposta!!!

Lidia e Marcus Weher

Para você menino, que mora na frente do internato, tem casa, flores e jardim
Para mim, que vivo dentro da instituição, só tem um corredor sem fim *verdade.*

Você é acordado com um beijo suave no rosto
Eu acordo com o som estridente da campainha do posto *mentiroso.*

Para você tem leite, yogurte e margarina
Para mim tem *chafé* e pão amanhecido na cantina *mentira.*

Depois do café você brinca com seu irmão
Eu peço o balde e a vassoura para limpar o chão *mentira.*

Você tem um quarto com *videogame* e computador em rede
Eu fico no quintal olhando as manchas na parede *mentiroso.*

Para você, sua mãe serve o almoço com bife, arroz e feijão
E eu, fico todos os dias na fila do *bandeirão* *mentiroso.*

No domingo sua mãe escolhe uma roupa especial
Aqui no internato nada é de ninguém, tudo é sempre igual *mentira.*

Você deita em seu quarto quando está cansado
Eu fico sentado na escada porque meu quarto tem cadeado *mentiroso.*

O teu pai, quando sai e quando volta, sempre te abraça
Eu sempre invento partidas e chegadas mas a tristeza não passa *verdade.*

Se você chora à noite sua mãe vem para te afagar
Se eu tenho um pesadelo, só tenho o travesseiro para abraçar *mentira.*

Para você tem dia das mães e dos pais sempre com festa
Para mim é só uma grande ausência que resta *mentira.*

Sua família leva você à escola, ao judô e para passear
A minha família, há três anos não vem me visitar *mentira.*

Você tem uma bela rotina de uma família em ação
Eu não tenho ninguém, sou filho da solidão *mentira.*

O seu maior desejo é o novo brinquedo da televisão
O meu maior sonho é ter uma família do coração *verdade.*

meus Medos!

- * Perder minha mãe.
- * A Solid Rock ~~not~~ fechar.
- * O meu padrinho Jorge não quer ser meu padrinho
- * Minha tia não me adotar.

Ge...

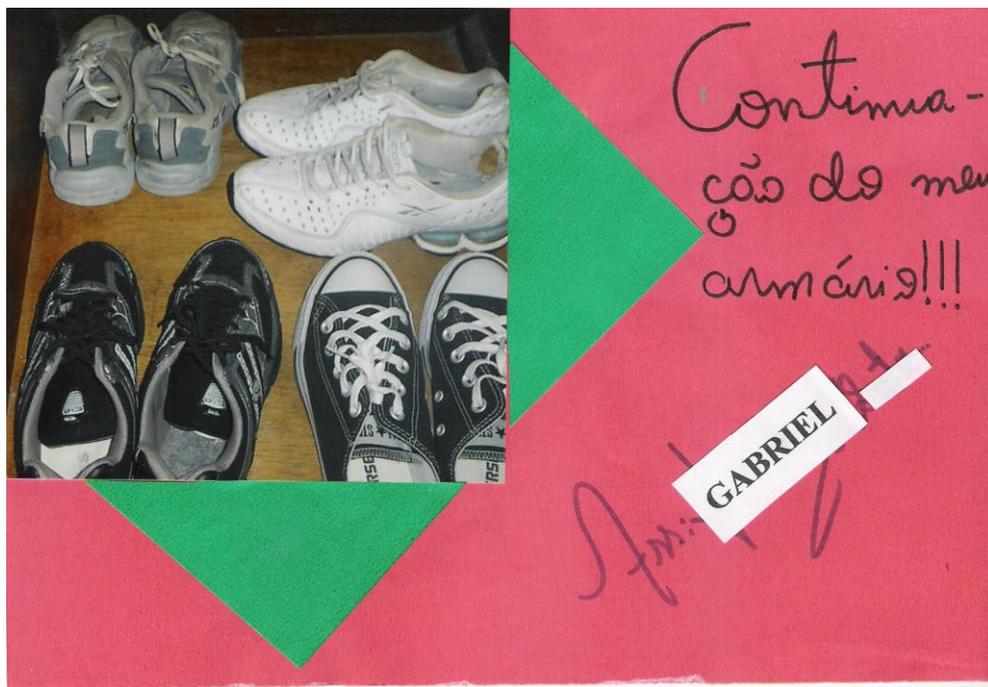


Eu tenho
5 contos
que eu
mais gos-
to e etc.
É o meu
primário
meu ar-
mário.

Porque eu gosto do meu armário e en-
tre quando às vezes não vou ao meu ar-
mário às vezes lá que eu não organizado
com as minhas coisas. É isso faz eu gosto
do meu armário.



HUPOMNĚMATA GABRIEL – PÁG. 18

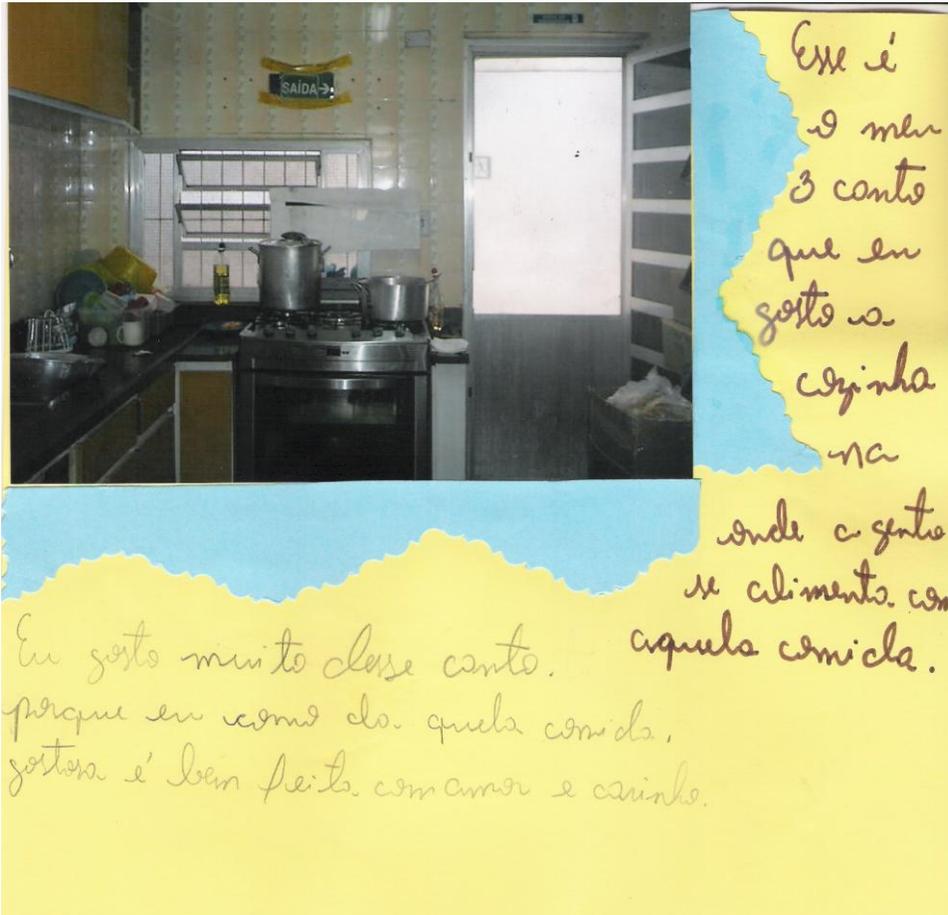


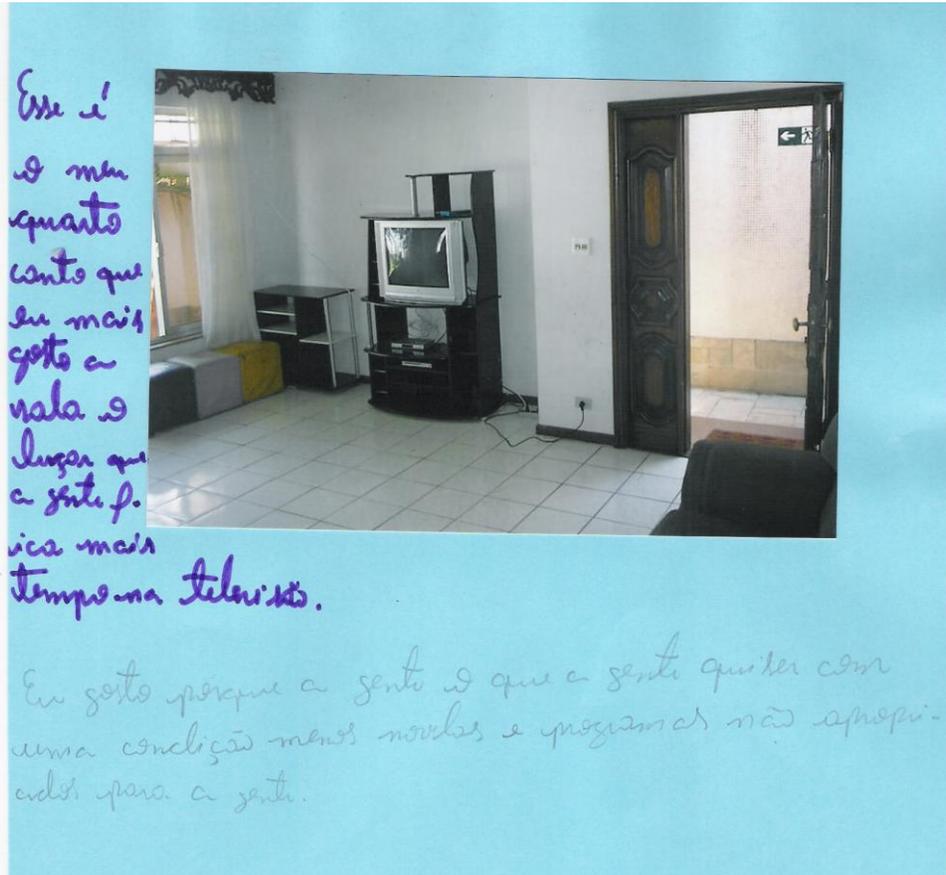
HUPOMNÊMATA GABRIEL – PÁG. 19



Como eu digo
eu tenho 5 ca-
ntos que eu
mais gosto é
esse e o segun-
do canto o
meu quarto.
"minha cama".

Porque esse é a minha cama na onde eu
dormi na onde eu convivo com as pessoas
quando eu estar triste.





HUPOMNÊMATA GABRIEL – PÁG. 22



Aqui é a parte da frente da casa e 5 lu-
gos que eu mais gosto e perfil da natureza. é tão
bonito e sempre bom não tem um ar fresco e san-
dável. e esse é o lugar que eu fico esperando
a minha tia chegar e meuquinho.

Handwritten signature in yellow ink
GABRIEL

“Carnaval eu fui lá para o sítio de Bertioga, daí tem um lago onde tem cisne e pato e a gente dá pão para eles.

E daí apareceu uma cobra preta e pegou o peixe pela cabeça e ficou balançando. A gente tirou foto.”

GABRIEL – 18.02.2010

Cada um tem seu gosto...





Quem sou eu hoje!

Eu sou **GABRIEL** [redacted] [redacted] Tenho 13 anos, moro no abrigo, minha mãe se chama Ana Paula dos Santos não conheço meu pai, mas com tanto caso de problemas eu já sou um adolescente, eu já tenho maturidade e muita.

Eu sou uma pessoa que não sabe escutar e não mas cada dia que passa eu tento escutar não pede, não faz, não vai, não vai sim etc.

Eu quero morar com meus pais, mais eu acredito que "Deus" quer que eu moro no abrigo, eu acho que cada um tem um propósito na Terra como eu eu não sei qual é o meu propósito na Terra você sabe qual é o seu?

6.1. Transcrição Gabriel

Atividade: “Quem sou eu?” (1º encontro)

Gabriel: Bom dia! Meu nome é Gabriel H. dos S. tenho 12 anos, data de nascimento 31/03/1997. Sou filho de Ana Paula dos Santo, Nome do pai não sei. Primeiro vou falar as minhas qualidades boas e ruins. Sou uma pessoa inteligente. Sou uma pessoa que sabe ouvir. Sou uma pessoa sorridente, alegri. Sou uma pessoa simpática. Segundo vou falar as minhas qualidades ruins. Sou uma pessoa que pedi as coisas, tipo objetos. Sou uma pessoa que não sabe ouvir!!! PS: Tenho 4 irmãos Edward R. dos S. 14 anos, P. V. dos S. 11 anos, J. P. 5 anos. M. não sei o que 0 anos. PS: somos filhos de pai diferentes, só de mãe igual... Fim!

Atividade: “Árvore da família” (2º encontro)

Gabriel: Gabriel, Paulo, Edward, J.Pedro, Maria, Terezinha, Lú, Olívia, Reinaldo, She, Mirian.

Atividade: “Meus desejos e sonhos” (3º encontro)

Gabriel: Desejos e Sonhos!!! Desejos: Eu fazer uma faculdade de Educação Física, e ser alguém na vida e fazer muitos cursos não sei qual eu vou fazer etc. Sonhos: Eu ser pai ter dois filhos: mulher e homem.Eu rever minha mãe e conhecer o meu pai “eu não sei quem é” etc.

Pesquisadora: Se você fosse um objeto qual seria?

Gabriel: Que objeto eu seria!!! Tesoura!!! Para pode podar as pessoas.

Atividade: “Meus amigos” (4º encontro)

Gabriel: Amigo é aquele que acompanha você quando você ta passando algo difícil, diz: faz isso, faz aquilo... dá conselhos. Meus amigos, Eduardo, Igor, Matheus, Arthur, Maillon, Paulo, Thomaz, João Paulo, Maria, Mirian da Solid rock.

Atividade: “Lembranças e expectativas” (6º encontro)

Gabriel: O que eu fiz com a minha mão esquerda, tirei foto dela, peguei às roupas minhas, arrumei o meu material escolar aperti o botão da televisão!!!

Atividade: “O meu dia a dia” (7º encontro)

Gabriel: Rotina do dia a dia... 8:30 eu acordo, 9:00 tomo café, 10:00 eu deixo para brincar, 11:30 almoço, 12:2 descalço, 3:00 tomo lanche, 5:00 jantar, 7:30 compartilho o nosso dia com as pessoas (roda de conversa), 8:00 tomo banho, 9:00 lanche da noite, 9:15 12 anos para baixo dormir, 11:00 12 anos para cima dormir. Rotina da semana (escola), 5:30 eu acordo para se trocar, 6:00 tomar café, 6:45 ir para a escola, 7:00 hora de bater a hora primeira aula, 4:10 terminar a escola ir embora, 5:00 tomar banho, 5:10 jantar. Rotina da casa da minha titia... 11:00 tomar café, 11:30 vejo televisão, 12:00 eu ajudo a minha vovó arrumar a casa, 2:00 eu almoço, 8:00 eu janto, 11:00 eu tomo banho, 2:00 dormir.

Pesquisadora: O que mais você gostaria de fazer no seu dia a dia?

Gabriel: O que eu quero fazer mais vezes, ir mais para o Mc Donald's e para o cinema e

fazer compras.

Atividade: “O que leio no jornal” (8º encontro)

Gabriel: Sexta feira, 5 de fevereiro de 2010, Crise na Europa, eu não entendi muito.

Atividade: “Na escola...” (9º encontro)

Gabriel: O que eu como na escola, pão com manteiga, nugget's, sorvete, hot dog.

Atividade: “Poesia: menino que mora do outro lado da rua” (10º encontro)

Gabriel: verdade, mentira, mentira, mentira, mentira, mentira, mentira, mentira, verdade, mentira, mentira, mentira, mentira, verdade.

Atividade: “Os meus medos” (11º encontro)

Gabriel: Perder a minha mãe; a Solid Rock fechar; O meu padrinho Jorge não querer ser meu padrinho; Minha Tia não me adotar. Etc...

Atividade: “Fotos da minha casa” (12º encontro)

Gabriel: Eu tenho 5 cantos que eu mais gosto e esse é o meu primeiro, meu armário. Porque eu gosto do meu armário e sempre quando as pessoas vão ver o meu armário as pessoas fala que eu sou organizado com as minhas coisas. E isso faz eu gosta do meu armário. Continuação do meu armário!!! Como eu dize eu tenho 5 cantos que eu mais gosto é esse o segundo canto o meu quarto “minha cama”. Porque esse e a minha cama na onde eu dormu na onde eu converso com as pessoas quando eu estou triste. Esse é o meu 3 canto

que eu gosto a cozinha onde a gente se alimenta com aquela comida. Eu gosto muito desse canto, porque eu como da aquela comida. Gostosa é bem feita com amor e carinho. Esse é o meu quarto canto que eu mais gosto a sala o lugar que a gente fica mais tempo na televisão. Eu gosto porque a gente o que a gente quiser com uma condição menos novelas e programas não apropriados para a gente. Aqui é a parte da frente da casa o 5 lugar que eu mais gosto o perfil da natureza. É tão bonito e sempre bom nois ter um ar puro e saudavel, e esse é o lugar que eu fico esprando a minha tia chegar é meu padrinho. Ass: Gabriel

Atividade livre e espontânea

Gabriel: Carnaval eu fui lá para o sítio de Bertiooga, daí tem um lago onde tem cisne e pato e a gente dá pão para eles. E daí apareceu uma cobra preta e pegou o peixe pela cabeça e ficou balançando. A gente tirou foto.

Atividade: “A minha bandeira pessoal” (14º encontro)

Gabriel: Cada um tem seu gosto...

Atividade: “Eu agora” (15º encontro)

Gabriel: Quem sou eu hoje! Eu sou Gabriel Henrique dos Santos tenho 13 anos, moro no abrigo, minha mãe se chama Ana Paula dos Santos não conheço meu pai, mas com tanto isso de problemas eu já sou um adolescente, eu já tenho maturidade e muita. Eu sou uma pessoa que não sabe escuta o não mas a cada dia que passa eu tento escuta não pode, não faz, não vai, não vai sim etc. Eu quero morar com meus pais, mais eu acredito que “Deus” quer que eu moro no abrigo, eu acho que cada um tem um proposito na terra como eu não

sei qual é meu proposito na terra você sabe qual e o seu?

6.2. Textualização Gabriel

Bom dia! Meu nome é Gabriel H. dos S. tenho 12 anos, data de nascimento 31/03/1997. Sou filho de Ana Paula dos Santos, não sei o nome do meu pai. Primeiro vou falar das minhas qualidades boas: sou uma pessoa inteligente, sou uma pessoa que sabe ouvir, sou sorridente, alegre, simpático. Em segundo lugar, vou falar as minhas qualidades ruins: sou uma pessoa que pede as coisas, tipo... objetos, sou uma pessoa que não sabe ouvir

Tenho quatro irmãos: Edward R. dos S., 14 anos; P. V. dos S., 11 anos; J. P., 5 anos; M. não sei o que, 0 anos. Somos filhos de pai diferentes, só de mãe igual... Fim!

Minha família é formada por: Gabriel, Paulo, Edward o, J.Pedro, Maria, Terezinha, Lú, Olívia, Reinaldo, She, Mirian.

Desejo fazer uma faculdade de Educação Física e ser alguém na vida, fazer muitos cursos. Não sei qual eu vou fazer. Sonhos ser pai, ter dois filhos: uma mulher e um homem. Sonho rever minha mãe e conhecer o meu pai, que “eu não sei quem é”, etc.

Se eu fosse um objeto, seria uma tesoura! Para poder podar as pessoas.

Eu acho que amigo é aquele que acompanha você quando você está passando algo difícil. Diz: “faz isso, faz aquilo...”, dá conselhos. Meus amigos são Eduardo, Igor, Matheus, Arthur, Maillon, Paulo, Thomaz, João Paulo, Maria, Mirian da Solid Rock.

Lembro do que eu fiz com a minha mão esquerda: tirei foto dela, peguei as minhas roupas, arrumei meu material escolar, apertei o botão da televisão!

Minha rotina no dia a dia é assim: às 8:30 eu acordo; 9:00 tomo café; 10:00 desço para brincar; 11:30 almoço; 12:20 descanso; 15:00 tomo lanche; 17:00 janto, 19:30 compartilho o nosso dia com as pessoas (roda de conversa); 20:00 tomo banho; 21:00 tomo o lanche da noite, 21:15 os que têm 12 anos para baixo vão dormir; 23:00 os que têm 12 anos para cima vão dormir. Na rotina semanal, na escola é assim: 5:30 eu acordo para me trocar; 6:00 tomo café; 6:45 vou para a escola; 7:00 bate o sinal da primeira aula; 16:10 termina a escola e vou embora; 17:00 tomo banho; 17:10 janto. A rotina na casa da minha tia é assim: 11:00 tomo café; 11:30 vejo televisão; 12:00 ajudo minha vovó a arrumar a casa; 14:00 almoço; 20:00 janto; 23:00 tomo banho; 2:00 vou dormir.

O que eu quero fazer mais vezes no meu dia a dia é ir mais para o McDonald's, para o cinema e fazer compras.

Li no jornal de sexta-feira, dia 5 de fevereiro de 2010, sobre a Crise na Europa. Eu não entendi muito.

Na escola como pão com manteiga, nuggets, sorvete, hot dog.

Na poesia: menino que mora do outro lado da rua” tem: verdade, mentira, mentira, mentira, mentira, mentira, mentira, verdade, mentira, mentira, mentira, mentira, verdade.

Tenho medo de perder a minha mãe; a Solid Rock fechar; o meu padrinho Jorge não querer ser meu padrinho; minha tia não me adotar, etc.

Tirei fotos de lugares que eu gosto, na casa. Eu tenho cinco cantos que mais gosto e esse é o meu primeiro, meu armário. Eu gosto dele porque sempre quando as pessoas vão

ver o meu armário falam que eu sou organizado com as minhas coisas, e isso faz eu gostar dele. Como eu disse, tem cinco cantos que eu mais gosto e esse é o segundo, no meu quarto, a “minha cama”. Porque essa é a minha cama, onde eu durmo, onde eu converso com as pessoas quando estou triste. Esse é o meu terceiro canto que mais gosto, a cozinha, onde a gente se alimenta com aquela comida. Eu gosto muito desse canto, porque eu como daquela comida gostosa, é bem feita, com amor e carinho. Esse é o meu quarto canto que eu mais gosto, a sala, o lugar que a gente fica mais tempo na televisão. Eu gosto porque a gente vê o que a gente quiser, com uma condição: menos novelas e programas não apropriados para a gente. Aqui é a parte da frente da casa o quinto lugar que eu mais gosto, o perfil da natureza. É tão bonito, é sempre bom nós termos um ar puro e saudável, e esse é o lugar que eu fico esperando a minha tia chegar e meu padrinho.

No Carnaval eu fui lá para o sítio de Bertiooga. Tem um lago onde tem cisne e pato e a gente dá pão para eles. Apareceu uma cobra preta e pegou o peixe pela cabeça e ficou balançando. A gente tirou foto.

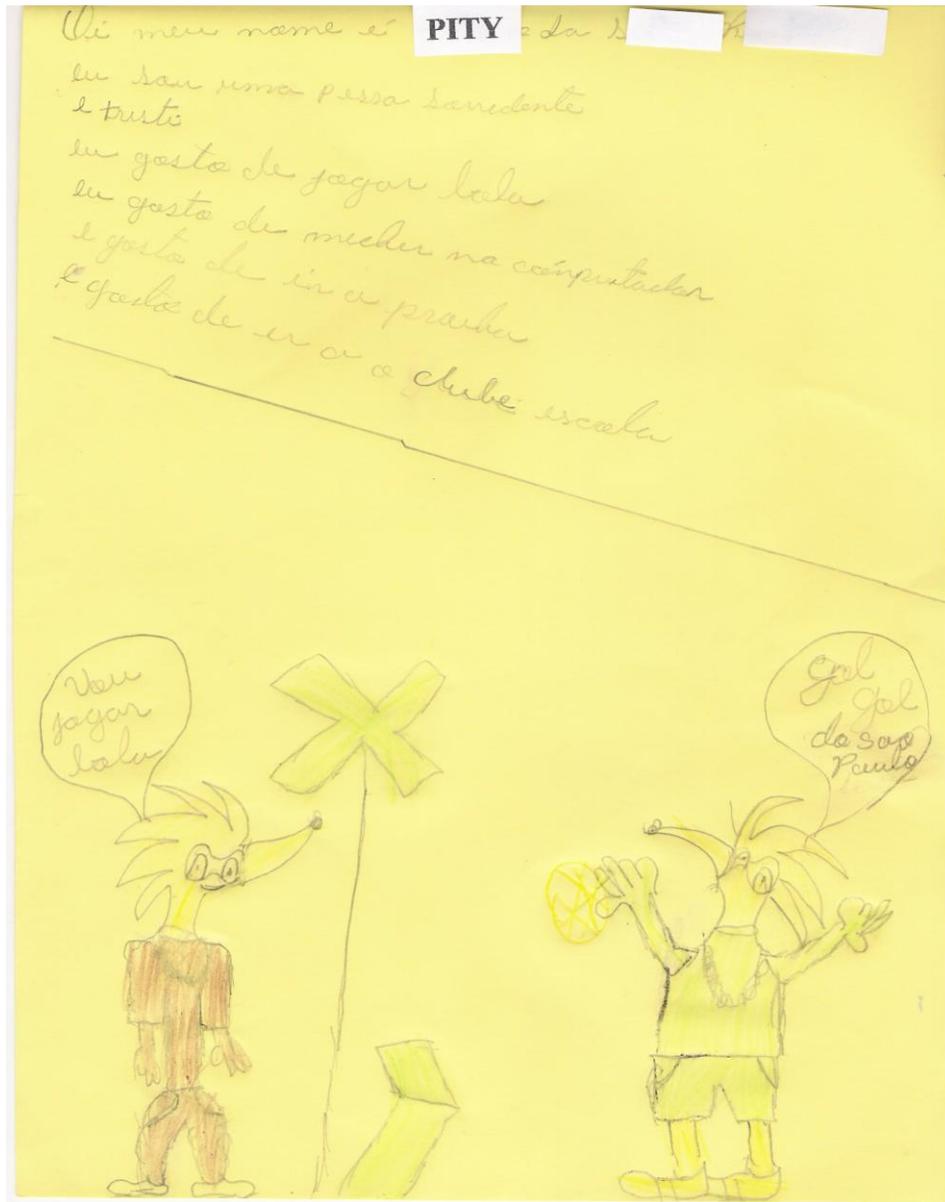
A minha bandeira pessoal seria: “Cada um tem seu gosto...”

Hoje eu sou Gabriel H. dos S., tenho 13 anos, moro no abrigo, minha mãe se chama Ana Paula dos Santos. Não conheço meu pai, mas, todos esses problemas, eu já sou um adolescente, já tenho maturidade e muita. Eu sou uma pessoa que não sabe escutar o não, mas a cada dia que passa eu tento escutar “não pode”, “não faz”, “não vai”, “não, vai sim”, etc. Eu quero morar com meus pais, mas eu acredito que “Deus” quer que eu more no abrigo. Eu acho que cada um tem um propósito na Terra. Como eu não sei qual é meu propósito na Terra... Você sabe qual é o seu?

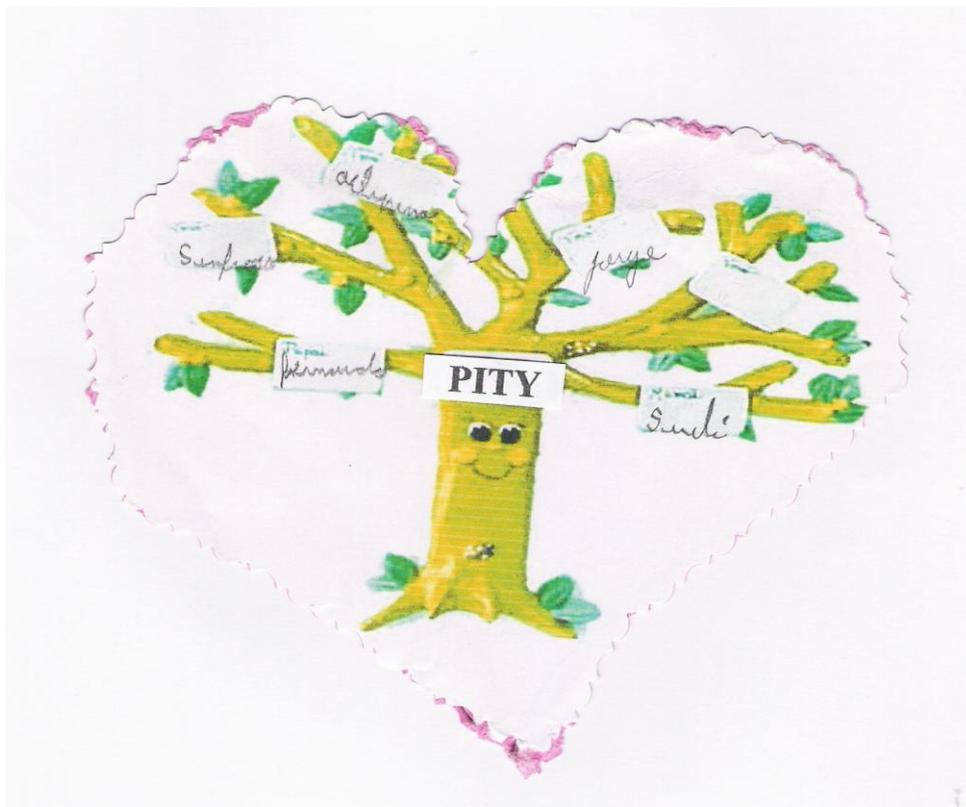
7. Hupomnēmata de Pity



HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 01



HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 02



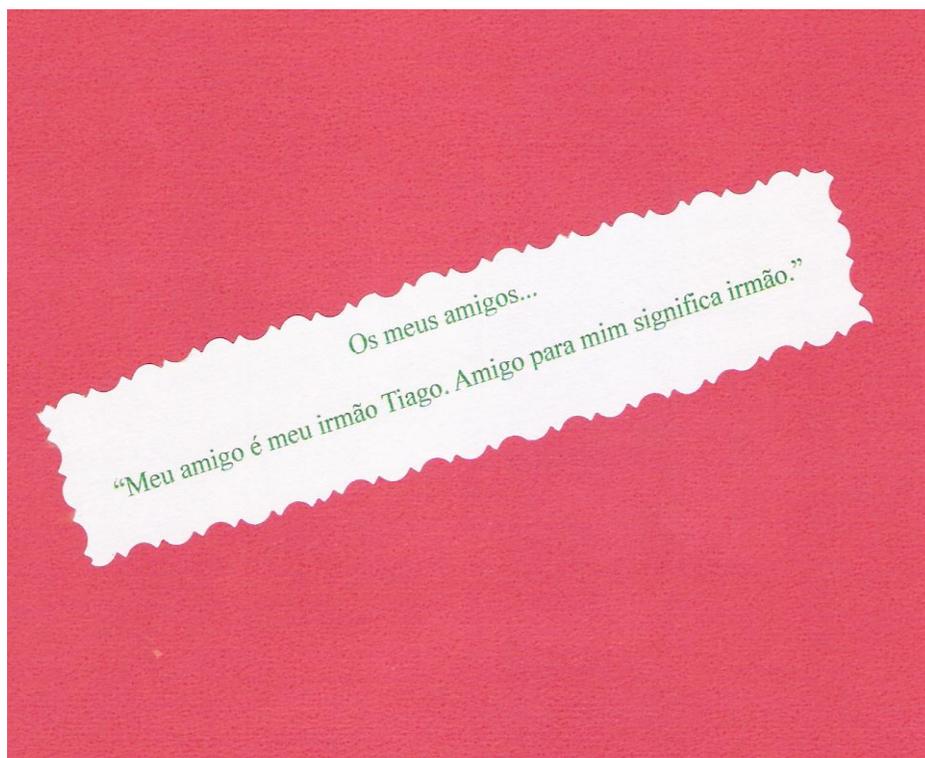
HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 03

MO sub Deseyo

Mo eu deseyo e ter um casarona e
ter um carro ter uma vida boa



HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 04



HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 05



Garota Radical

Cine

Who o ow
Who o o o ow
Who o oaaaa
Ye ye yeah

O simples torna ela demais
Quinta o shopping, domingo os pais
Tente entender por que ainda ligo pra você
Ela só me diz não, pra mim já tornou padrão e faz por querer

Te vejo na minha (Te vejo na minha)
Vai ser só minha (Vai ser só minha)
Falo tão sério, é sério você vai
Vai ser só minha (Vai ser só minha)
Vem ser só minha
Vai ser você
Aposto um beijo que você me quer

Who o ow
Who o o o ow
Who o oaaaa
Eu te completo baby
Who o ow
Who o o o ow
Who o oaaaa
Vem que é certo baby

Sempre escuta as bandas que eu nunca ouvi
Sempre de vestido pra sair
E quando ela sai, não importa pra onde vai
Sempre com o cartão do pai, compra tudo e se distrai

Te vejo na minha (Te vejo na minha)
Vai ser só minha (Vai ser só minha)
Falo tão sério, é sério você vai
Vai ser só minha (Vai ser só minha)
Vem ser só minha
Vai ser você
Aposto um beijo que você me quer

Who o ow
Who o o o ow
Who o oaaaa
Eu te completo baby
Who o ow
Who o o o ow
Who o oaaaa
Vem que é certo baby

HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 07

Te ver no sábado e escutar tudo que eu já sei, pode decorar
Não é fácil, eu não me faço
Egoísta, sim, eu não nego
Por isso insisto em ti e me entrego mais, mais, mais
Who o ow
Who o o o ow
Who o oaaaa
Vai ser você
Aposto um beijo que você me quer
O simples torna ela demais
Quinta o shopping, domingo os pais
Paguei pra ver por que é que eu liguei pra você?

O que esta música significa para mim:

“É da hora”

HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 08

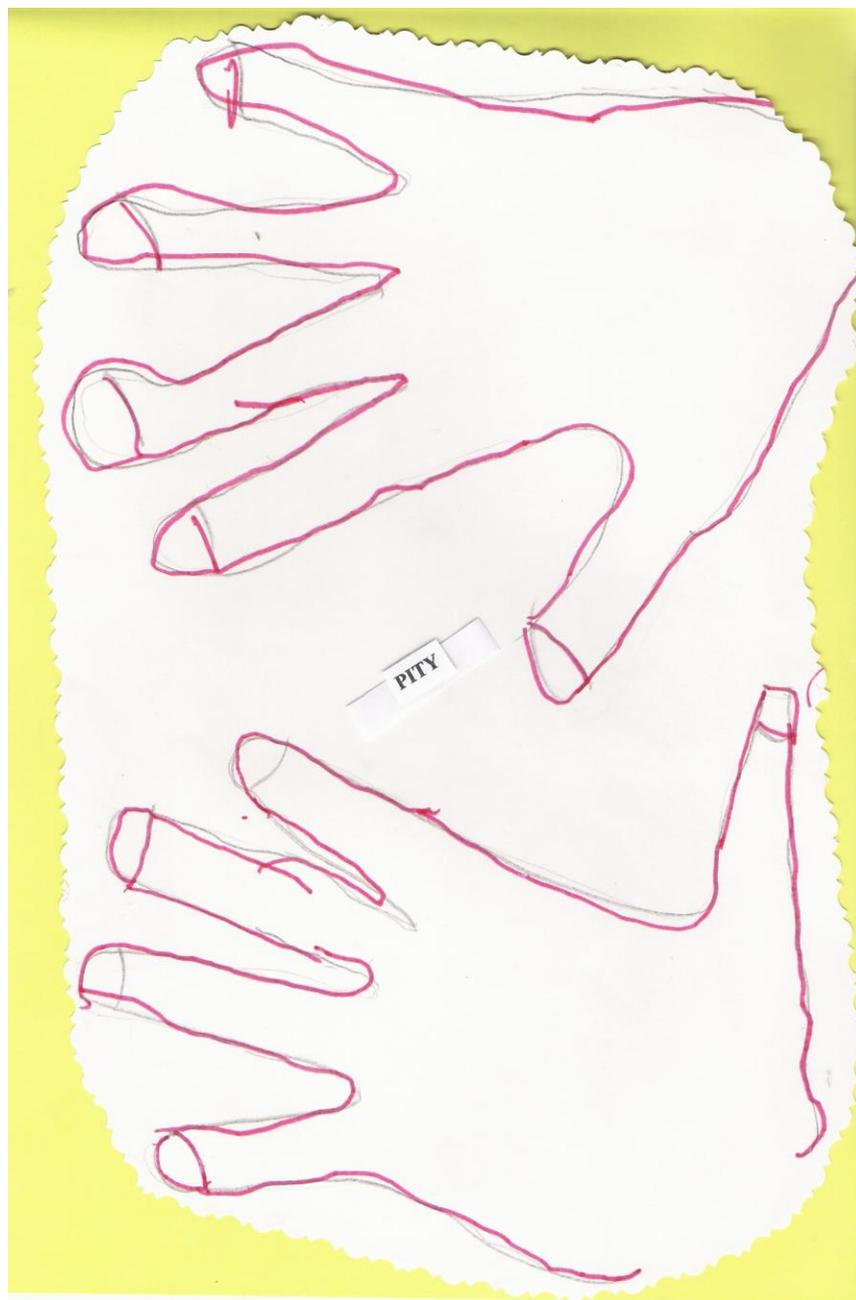
Lembranças de coisas feitas com as mãos

“Lavei louça, joguei pebolim, joguei bola...”

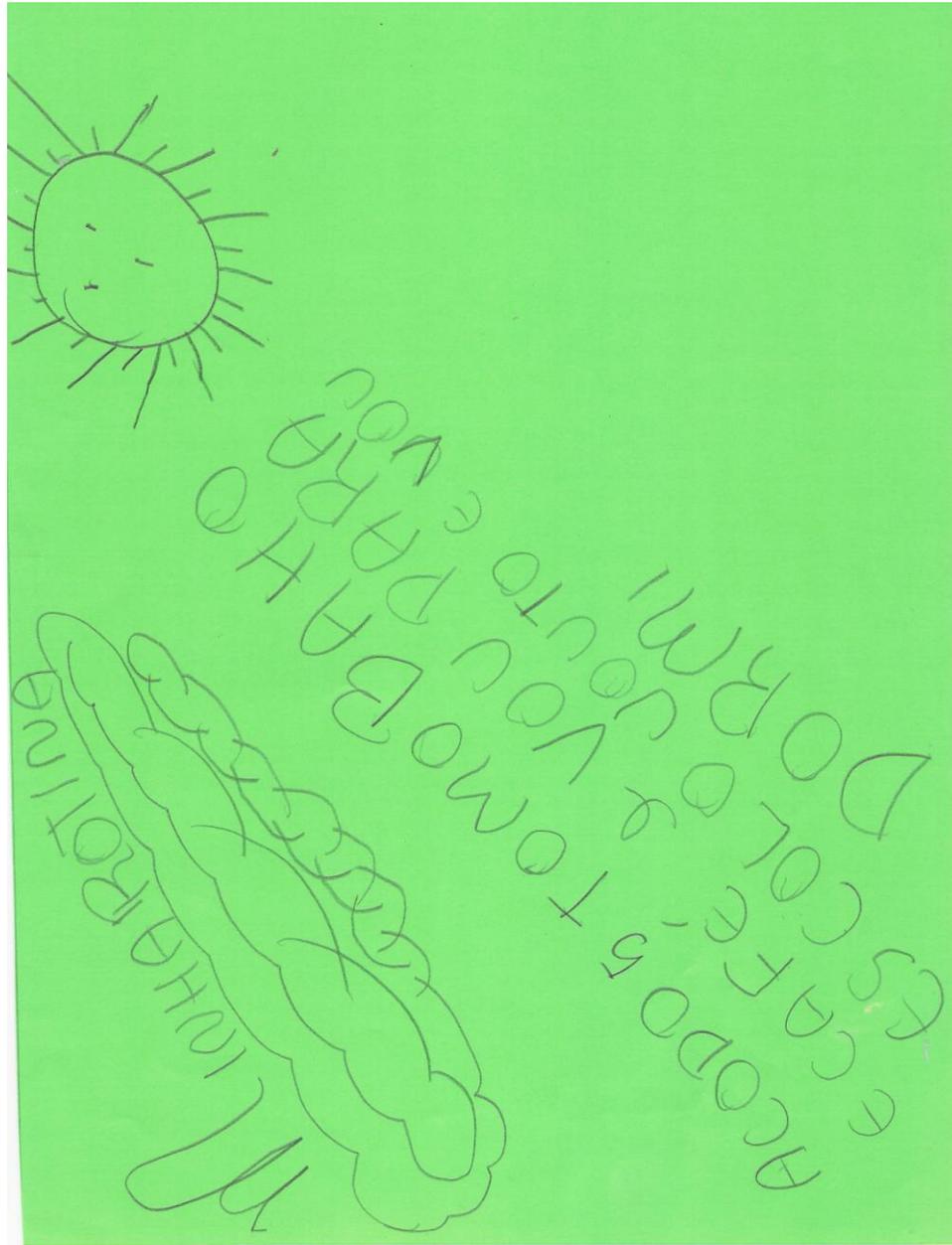
O que mais gostaria de fazer com as mãos

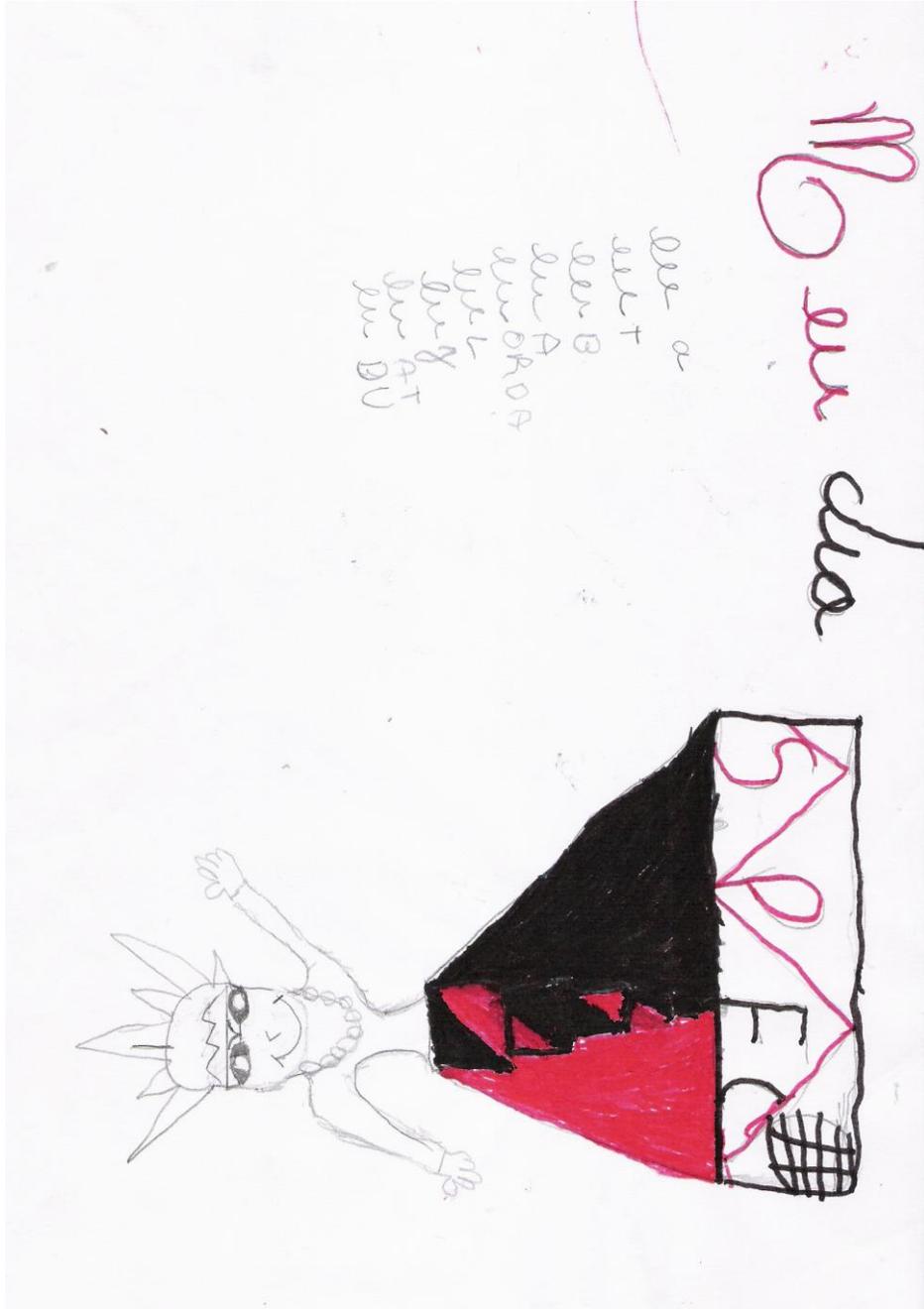
“Eu vou arrumar um carro.”

HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 09



HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 10



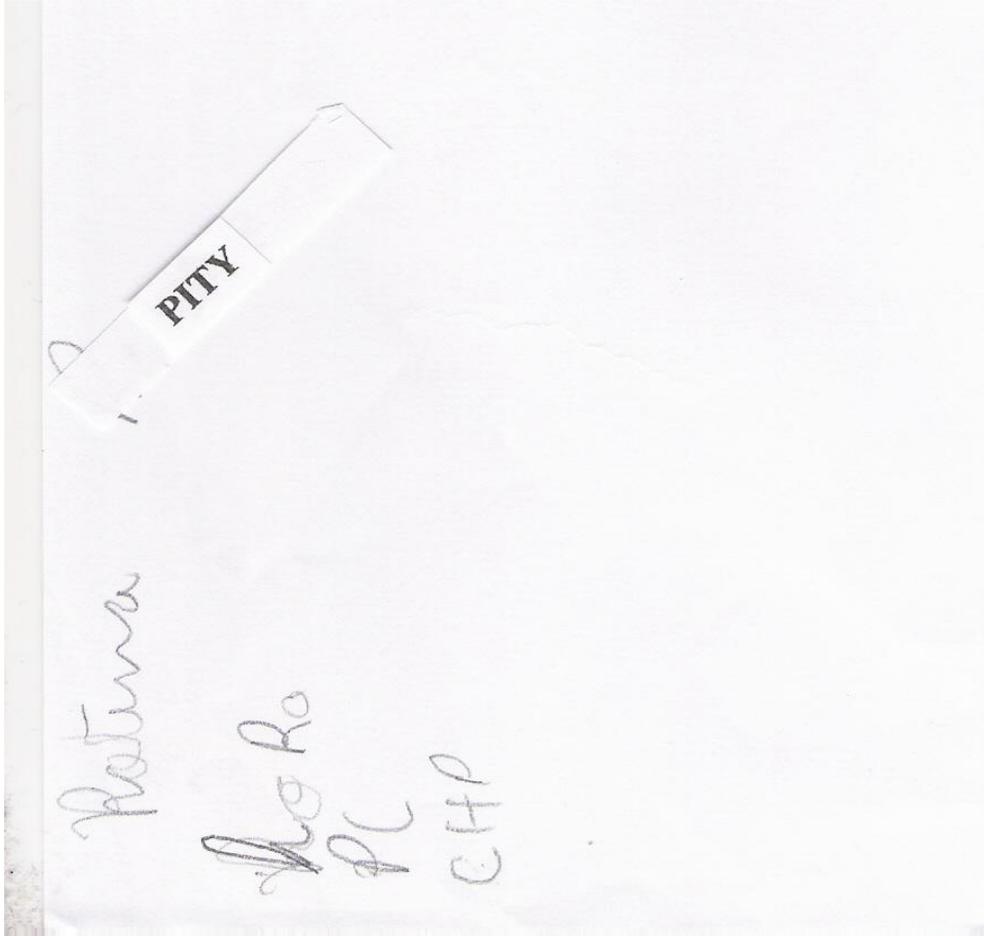


HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 12

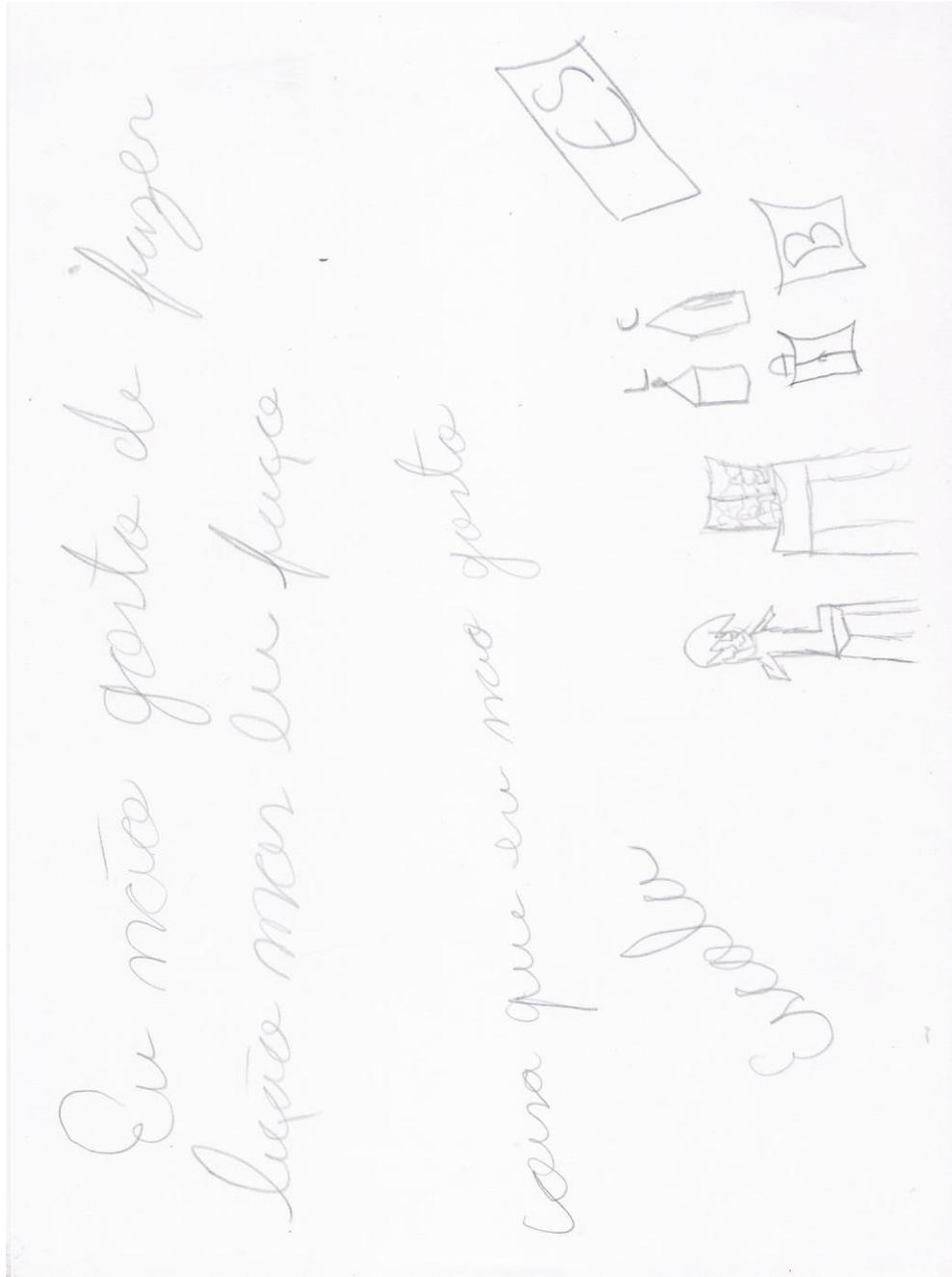
O que mais eu gostaria de
fazer no meu dia a dia?

“Hopi Hari, Playlandia, Shopping...”

HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 13







HUPOMNÊMATA PITY - PÁG. 16

Era uma vez a Dede estava em um arco
e eu também estava com um arco que me
comprada para ir lá.

Mas logo chegou um arco com algo de
doce, depois eu pedi um também pouco mais
e os homens não queria me dar, pois um

homem me reparou, eu falei que não porque
eu queria um pouco mais, aí os homens
compraram para mim, depois os homens me perguntaram
tão qual o nome da sua irmã e eu

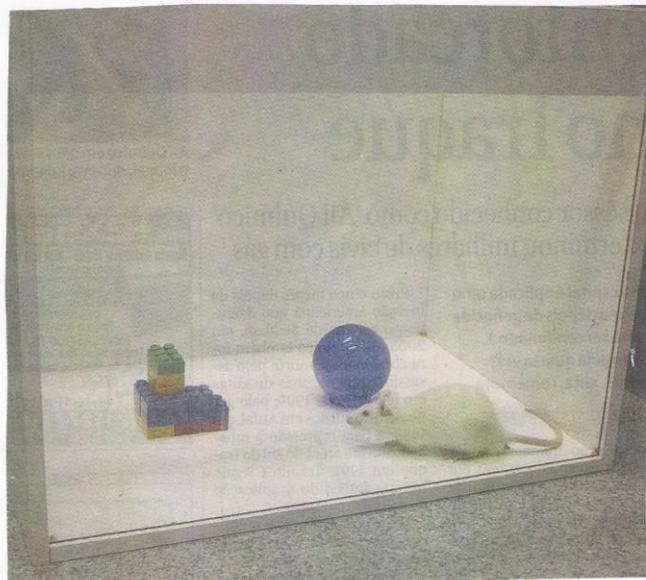
falei Dede, os homens me perguntaram
onde ela está e falei que ela estava
vindo a beladã guilher no arco.

Depois fomos para casa e os homens
chegaram na minha casa e falou que tinham
meu quer ir para o abigo e nós fomos
para o abigo.

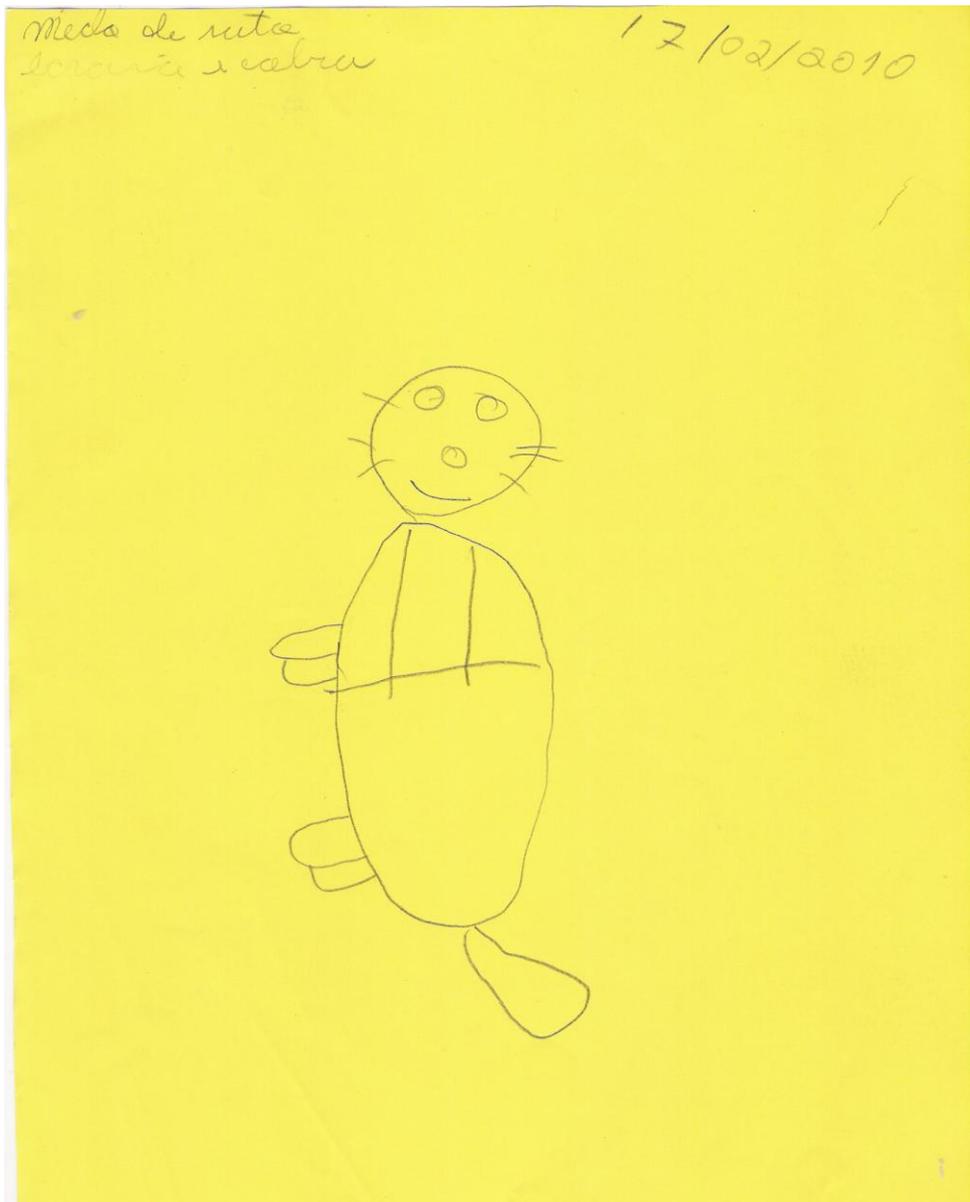
Fim.

HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 17

O que eu tenho mais medo...



HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 18



HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 19

POESIA / POEMA Ribeirão Preto

Homem com homem mulher com mulher faça sua parte
galanteza sem pi

De base uma mulher de um homem tudo de cada um
de ouro

HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 20



Porque é um grande lugar para
buscar água

HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 21



*Por que é um bom lugar para subir
na árvore*

HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 22

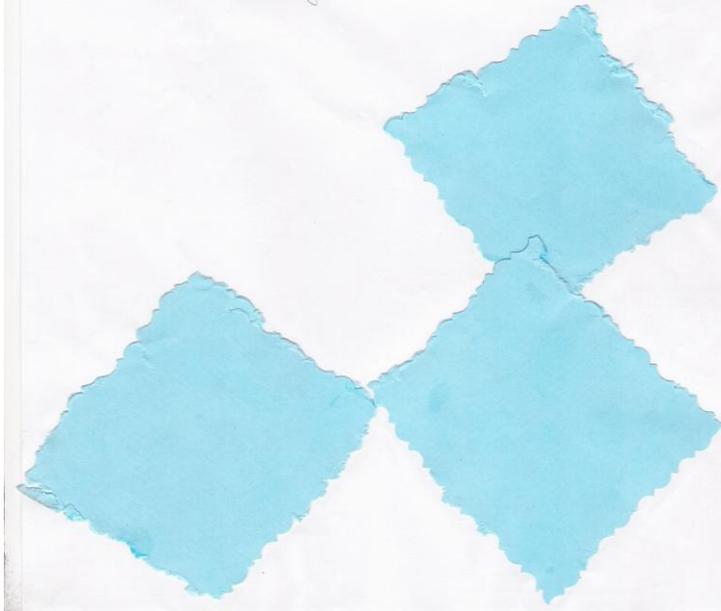


*e um bom lugar para poder a falar
Para o vizinho*

HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 23



é un lugar bon para tomar paper

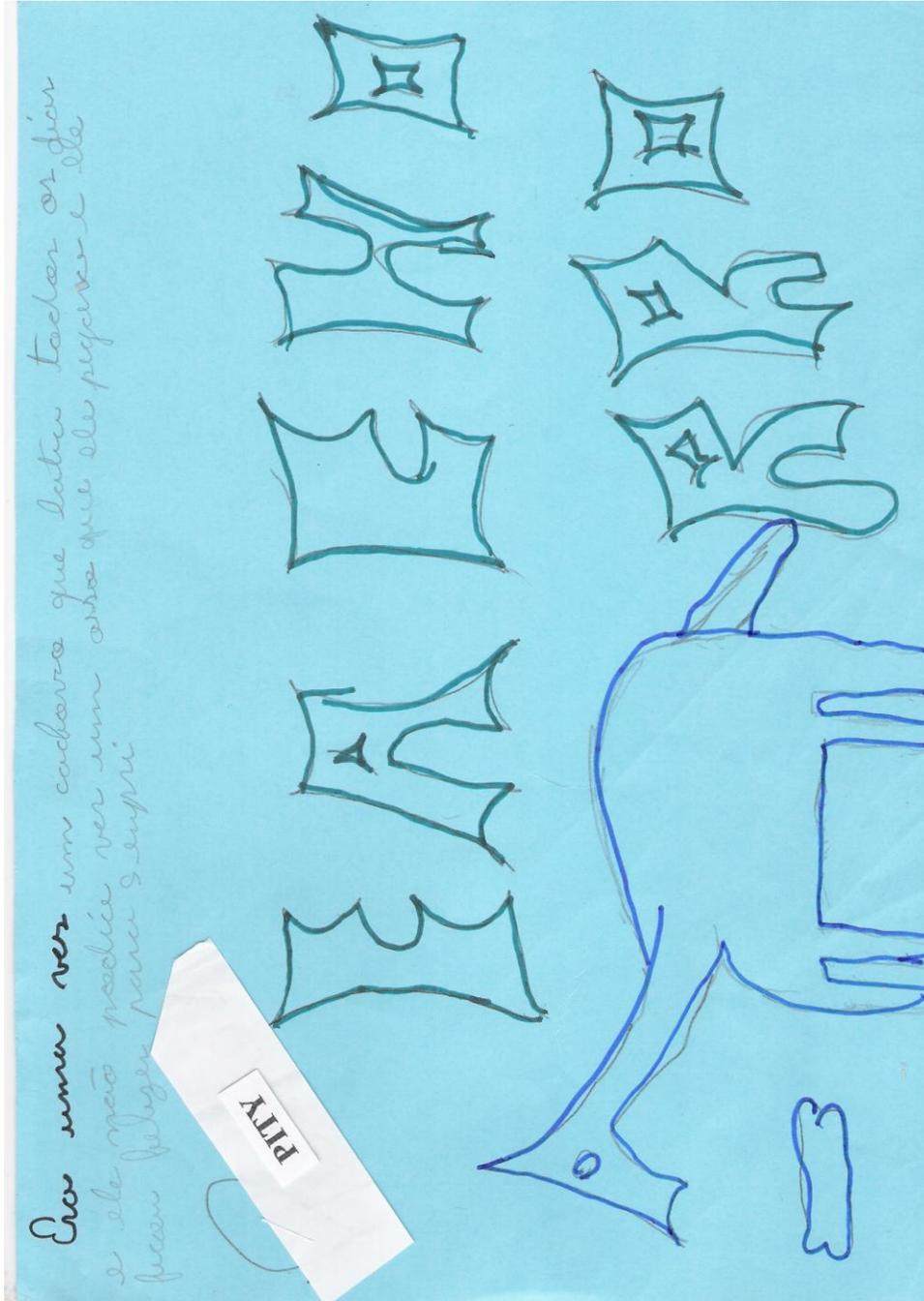


HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 24

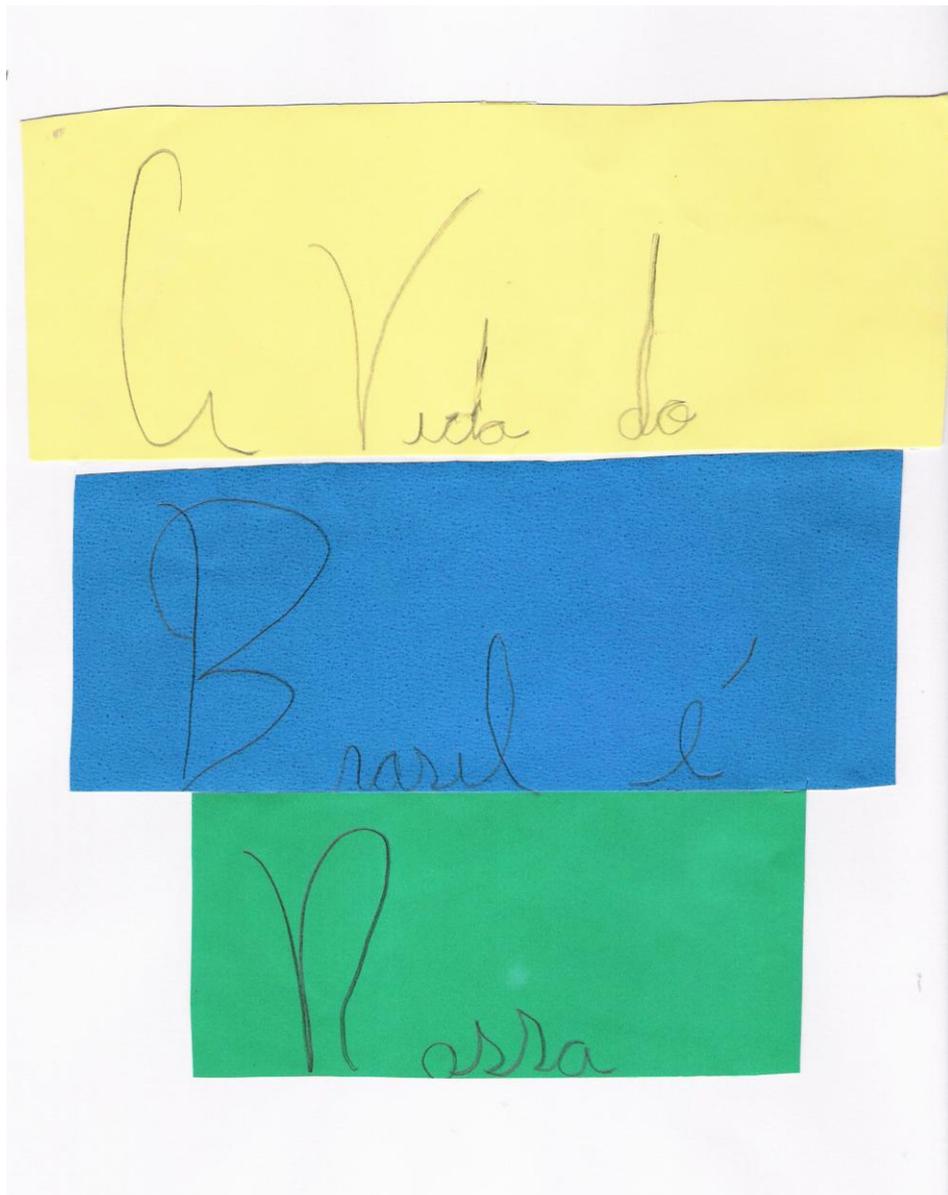


*e um bom lugar para falar com
a Srta. Miriam*

HUPOMNÊMATA PITY – PÁG. 25



HUPOMNĚMATA PITY – PÁG. 26



7.1. Transcrição Pity

Atividade: “Quem sou eu?” (1º encontro)

Pity: Oi meu nome é Pity da S. R. eu sou uma pessoa sorridente e triste. Eu gosto de jogar bola eu gosto de mexer no computador e gosto de ir a praia e gosto de ir ao clube escola.

Atividade: “Árvore da família” (2º encontro)

Pity: Pity, Fernando, Sueli, Sinfuro, Aclipina, Jorge.

Atividade: “Meus desejos e sonhos” (3º encontro)

Pity: Meus desejos-Meu desejo é ter um casaram e ter um carro e ter uma vida boa. Pity.

Atividade: “Meus amigos” (4º encontro)

Pity: Meu amigo é meu irmão Tiago. Amigo para mim significa irmão. “Eu sou o Tiago”.

Atividade: “Minha música favorita” (5º encontro)

Pity: Garota Radical – Cine.

Pesquisadora: O que esta música significa para você?

Thaís: É da hora.

Atividade: “Lembranças e expectativas” (6º encontro)

Pity: Lavei louça, joguei pebolim, joguei bola...

Pesquisadora: O que esta música significa para você?

Pity: Eu vou arrumar um carro.

Atividade: “O meu dia a dia” (7º encontro)

Pity: Meu dia, SPFC, eu a, eu T, eu B, eu A, eu OROA, eu L, eu J, eu AT, eu DU, Minha rotina, acodo 5 tomo banho e café e vou para escola vouto e vou dormi.

Pesquisadora: O que mais você gostaria de fazer no seu dia a dia?

Rotina, hoho, PC, CHP. Hopi Hari, Playlandia, Shopping.

Atividade: “Na escola...” (9º encontro)

Pity: Coisa boa que eu gosto, eu gosto de jogar bola eu gosto de comer, escola comer, eu não gosto de fazer lição mas eu faço, coisa que eu não gosto escola.

Atividade: “Poesia: menino que mora do outro lado da rua” (10º encontro)

Pity: Era uma vez a Dede estava em um circo e eu também estava com um moço que me convidou para ir lá. Mais tarde chegou um cara com algodão doce, depois eu pedi um também para mim e o homem não queria me dar, passou um homem e me ofereceu, eu falei que não porque eu queria um para mim, depois o homem me perguntou qual o nome da sua irmã e eu falei Dede, o homem me perguntou onde ela está e falei que ela estava vendo o balão subir no circo. Depois fomos para casa e o homem chegou na minha casa e falou que

tinhamos que ir para o abrigo e nós fomos para o abrigo. Fim

Atividade: “Os meus medos” (11º encontro)

Pity: Medo de rato e cobra.

Atividade livre e espontânea:

Poesia – homem com homem mulher com mulher faca sem ponta galinha sem pé.

Atividade: “Fotos da minha casa” (12º encontro)

Pity: Porque é um grande lugar para brincar. Por que e um bom lugar para subir na arvore.

É um bom lugar para perder a bola para o visinho. É um bom lugar para ipinar pipa. É um bom lugar para falar com a tia Miriam.

Atividade: “Criando um personagem” (13º encontro)

Pity: Era uma vez um cachorro que latia- todos os dias e ele não podia ver um osoo que ele pegava e ele ficou feliz para sempri. Pity. CACHORRO.

Atividade: “A minha bandeira pessoal” (14º encontro)

Pity: A vida do Brasil é nossa

7.2. Texualização Pity

Meu nome é Pity da S. R., eu sou uma pessoa sorridente e triste. Gosto de jogar bola, de mexer no computador, de ir à praia e gosto de ir ao clube escola.

Minha família é formada por: Pity, Fernando, Sueli, Sinfuro, Aclipina, Jorge.

Meu desejo é ter um casarão, um carro e ter uma vida boa.

Meu amigo é meu irmão Tiago. Amigo para mim significa irmão.

Lembro de quando eu lavei louça, joguei pebolim, joguei bola...

A minha música preferida é a Garota Radical, acho da hora.

Meu dia a dia. Na minha rotina, acordo cinco horas, tomo banho e café, vou para escola, volto e vou dormir.

Gostaria de ter mais na minha rotina: Hopi Hari, Playlandia, Shopping.

Na escola, uma coisa boa que eu gosto é jogar bola, gosto de comer. Não gosto de fazer lição, mas eu faço.

Sobre a poesia Menino que mora do outro lado da rua, me lembrou que uma vez a Dede estava em um circo e eu também estava com um moço que me convidou para ir lá. Mais tarde, chegou um cara com algodão doce, eu pedi um também para mim e o homem não queria me dar, passou um homem e me ofereceu, eu falei que não porque eu queria um para mim. Depois o homem me perguntou: “Qual o nome da sua irmã?”. Eu falei: “Dede”. O homem me perguntou: “Onde ela está?”. Falei que ela estava vendo o balão subir no circo. Depois fomos para casa e o homem chegou na minha casa e falou que tínhamos que ir para o abrigo. E nós fomos para o abrigo. Fim.

Tenho medo de rato e cobra.

Uma poesia ... homem com homem / mulher com mulher / faca sem ponta / galinha sem pé.

Tirei fotos desse lugar da casa porque é um grande lugar para brincar. Desse, porque é um bom lugar para subir na árvore. Esse é um bom lugar para perder a bola para o vizinho. Esse é um bom lugar para empinar pipa. E aqui, é um bom lugar para falar com a tia Miriam.

Eu imagino um personagem cachorro: Era uma vez um cachorro que latia, todos os dias, e ele não podia ver um osso que ele pegava e ele ficou feliz para sempre.

Se penso na minha bandeira pessoal, penso que “A vida do Brasil é nossa”.

8. *Hupomnēmata* de Scot





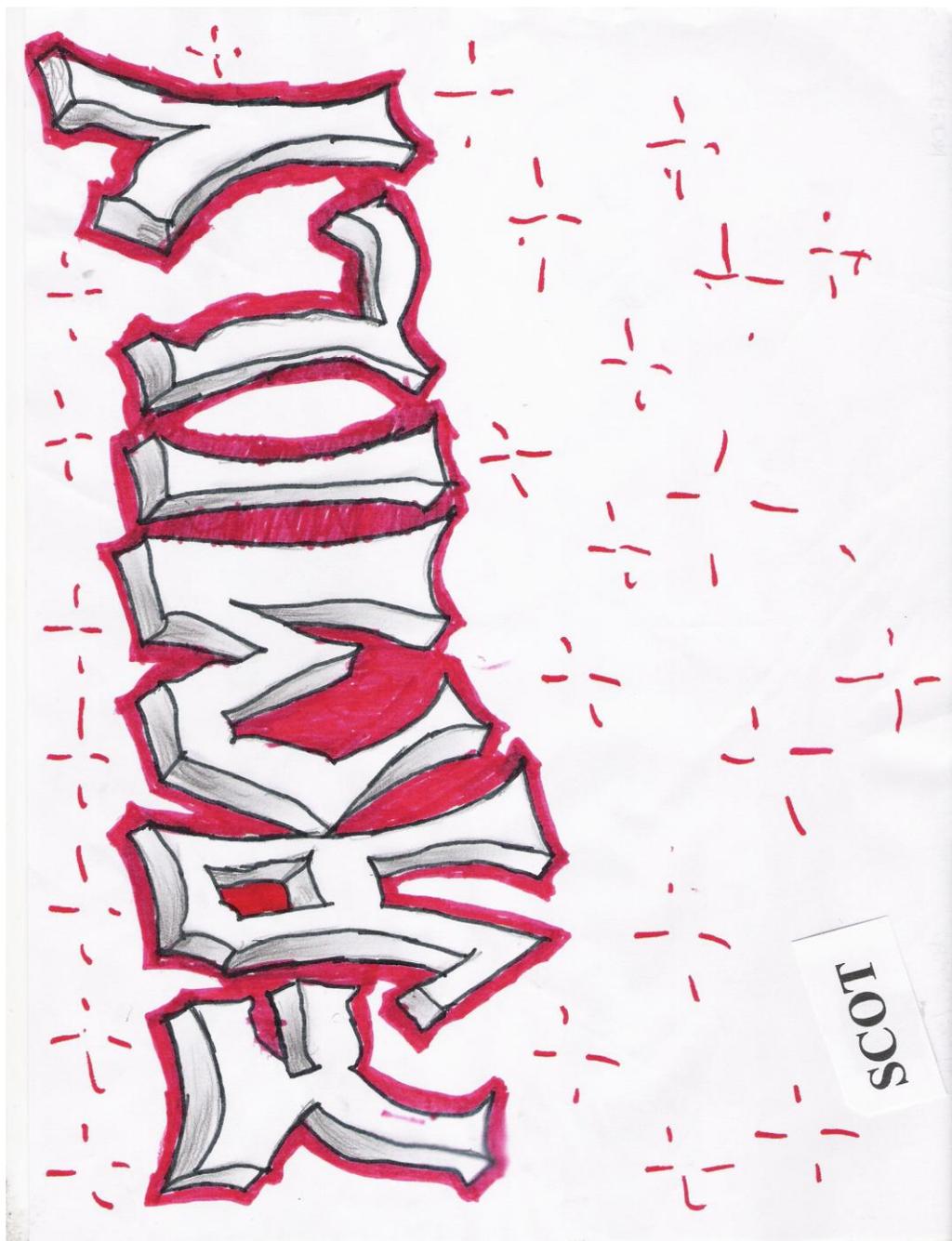
HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 02



Meus sonho, meus desejos

“Eu quero sair daqui e construir a minha própria família.”

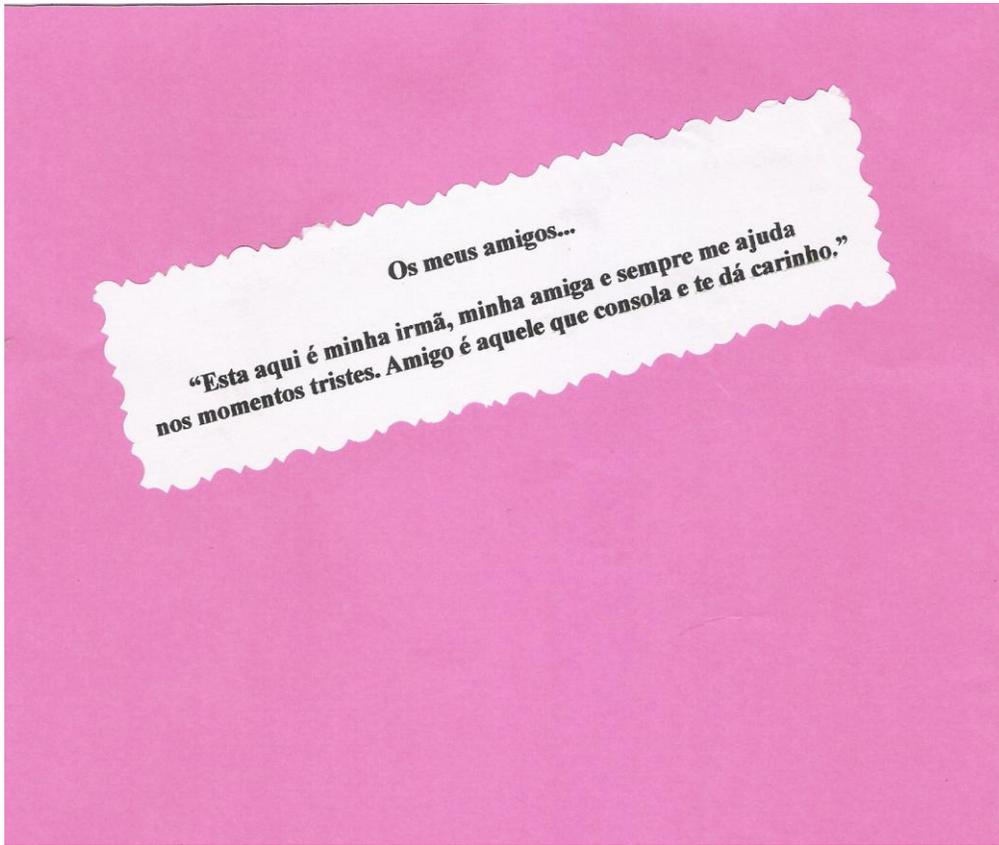
HUPOMNĚMATA SCOT – PÁG. 04



HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 05







Os meus amigos...

“Esta aqui é minha irmã, minha amiga e sempre me ajuda nos momentos tristes. Amigo é aquele que consola e te dá carinho.”

HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 08



HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 09

Minha música preferida

Aθ cubo
o homem chora.

Ao Cubo

O Homem Chora

Compositor(es): **Ao Cubo**

E só agora o homem chora e quando o homem chora precisa pedir o seu...

Chora o homem chora e quando o homem chora vai, vai,
implora seu último perdão

Um homem chora reza a hora pedindo a Deus a lagrima
rola no canto dos olhos em Glória há meu Deus
Minha vida inteira foi só pensar eu vou me dar bem
atirando em alguém ao invés de morrer ao gosto de
matar

Mas... eu exagerei tanta gente matei sem dó por causa de
pedra e pó uma bala no crânio e só

Hoje eu sei quanto mal eu causei cada tiro que eu dava
escutava um grito
Me perdoa meu Deus os tiros e as
dores hoje sou quem sinto

Numa cama em coma não reage não fala

Não só não esta morrendo contra o gatilho de uma bala

Aquele cara metia mó maia não tinha idéia com ele é a
bala

Desacreditou eu engatiinei o cara sacou então
atirei

A lei do cão foi ele quem fez segura ladrão chegou sua vez
Lembra do meu irmão você riscou do caderno mandou pro inferno agora tó sente a dor
Sempre haverá o melhor do pior pra quem se achar o terror.
Aham.

Deus alguém esta chamando o nome do Senhor pra
conseguir o último perdão

Me responda se puder me ouvir
Eu impioro
Deus meus
olhos se fecharam me de uma luz vinde a mim Jesus

Deus: EU SOU A LUZ QUE VEIO AO MUNDO PORQUE TODOS AQUELES QUE CREEM EM
MIM NÃO PERMANEÇAM NAS TREVAS
VAI LADRÃO ABRE SEU CORAÇÃO E CONQUISTA SEU último PERDÃO

HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 11

Deus eu matei tanta gente que nem consigo lembrar o
barulho do (tiro)
Travou minha mente feriu meu sub-consciente
estou aqui pedindo perdão e se é tarde ou não ouça a voz do meu coração porque meus lábios
não se mechem
Meu corpo esta totalmente paralisado precinto meu fim minha morte sem perdão me deixa sem
paz piedade de mim eu já perdoei quem me baleou e que
vale matança não quero vingança tanto matei sem ter
motivo e agora respeito a todo ser vivo talvez no
livro da vida meu nome esteja quase apagado em carinho
sem amor sem dó eu pratiquei o terror e só machuquei
muitas familias formei a própria quadrilha e agora me
sinto abandonado agora sim sou um pobre coitado servia
ao diabo e nem reparei que estava errado e que Deus é a
lei única que eu contrariei te imploro Senhor estou
entre a morte e a vida esta acabando minha respiração
pelo amor de Deus dei-me o último ... pipipipipipipi

Chora o homem chora e quando o homem chora vai, vai,
implora seu último perdão
E só agora o homem chora e quando o homem chora
precisa pedir seu último perdão.

O que esta música significa para mim

HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 12

Essa música é como um aviso para
ninguém entrar no mundo do crime
e fala de um traficante que depois
de ter feito muita coisa errada se
converte movendo mas sem corrigir
seu pecado

HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 13



Lembranças de coisas feitas com as mãos

**“Fiz pão, fiz pizza, pão, esfiha e baquete e bolo de prestígio,
fiz várias vezes. Minha vida é feita de pão.
Segunda feira já vou fazer curso de panificação de novo.”**

HUPOMNĚMATA SCOT – PÁG. 14



O que mais gostaria de fazer com essas mãos?

“Quero levantar uma padaria e fazer mais pães.”

HUPOMNĚMATA SCOT – PÁG. 16



HUPOMNÊMATA SCOT - PÁG. 17

Nas férias

eu acordo, tomo café de manhã e vou descer para
brincar, e a tarde as vezes eu sai eu vou para
a casa dos padrinhos.

Um dia de aula eu acordo tomo café
e vou para a escola volto almoço vou para o
curso volto janto ~~depois~~ assisto TV e depois
durmo

Comer umas besteiras
com o

Salgadinho

Pipoca

Pizza

Notícia no Jornal

“Eu escolhi 'a morte na estrada', me chamou a atenção o capotamento.”

QUARTA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO DE 2010

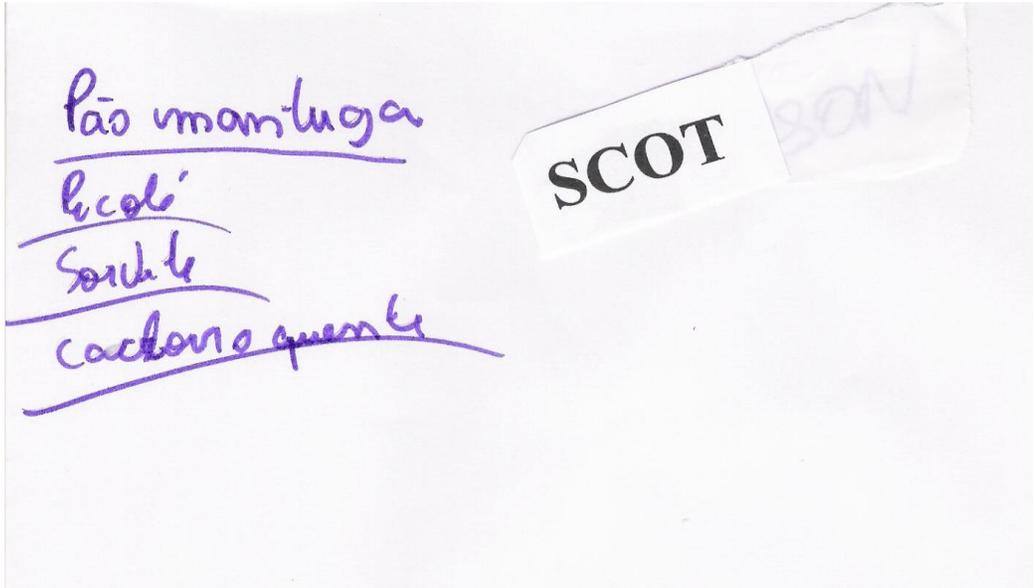
ANO 89 ★ Nº 29.526



» **MORTE NA ESTRADA**

Equipes trabalham no resgate das vítimas do capotamento de um ônibus na rodovia Fernão Dias, em Mairiporã (Grande SP), que deixou 8 mortos e mais de 30 feridos; o motorista perdeu a direção numa curva e ainda bateu em uma carreta e dois carros

HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 21



HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 22

Lidia e Marcus Weber

Para você menino, que mora na frente do internato, tem casa, flores e jardim
Para mim, que vivo dentro da instituição, só tem um corredor sem fim

Você é acordado com um beijo suave no rosto
Eu acordo com o som estridente da campainha do posto

Para você tem leite, yogurte e margarina
Para mim tem *chafé* e pão amanhecido na cantina

Depois do café você brinca com seu irmão
Eu pego o balde e a vassoura para limpar o chão

Você tem um quarto com *videogame* e computador em rede
Eu fico no quintal olhando as manchas na parede

Para você, sua mãe serve o almoço com bife, arroz e feijão
E eu, fico todos os dias na fila do *bandeirão*

No domingo sua mãe escolhe uma roupa especial
Aqui no internato nada é de ninguém, tudo é sempre igual

Você deita em seu quarto quando está cansado
Eu fico sentado na escada porque meu quarto tem cadeado

O teu pai, quando sai e quando volta, sempre te abraça
Eu sempre invento partidas e chegadas mas a tristeza não passa

Se você chora à noite sua mãe vem para te afagar
Se eu tenho um pesadelo, só tenho o travesseiro para abraçar

Para você tem dia das mães e dos pais sempre com festa
Para mim é só uma grande ausência que resta

Sua família leva você à escola, ao judô e para passear
A minha família, há três anos não vem me visitar

Você tem uma bela rotina de uma família em ação
Eu não tenho ninguém, sou filho da solidão

O seu maior desejo é o novo brinquedo da televisão
O meu maior sonho é ter uma família do coração

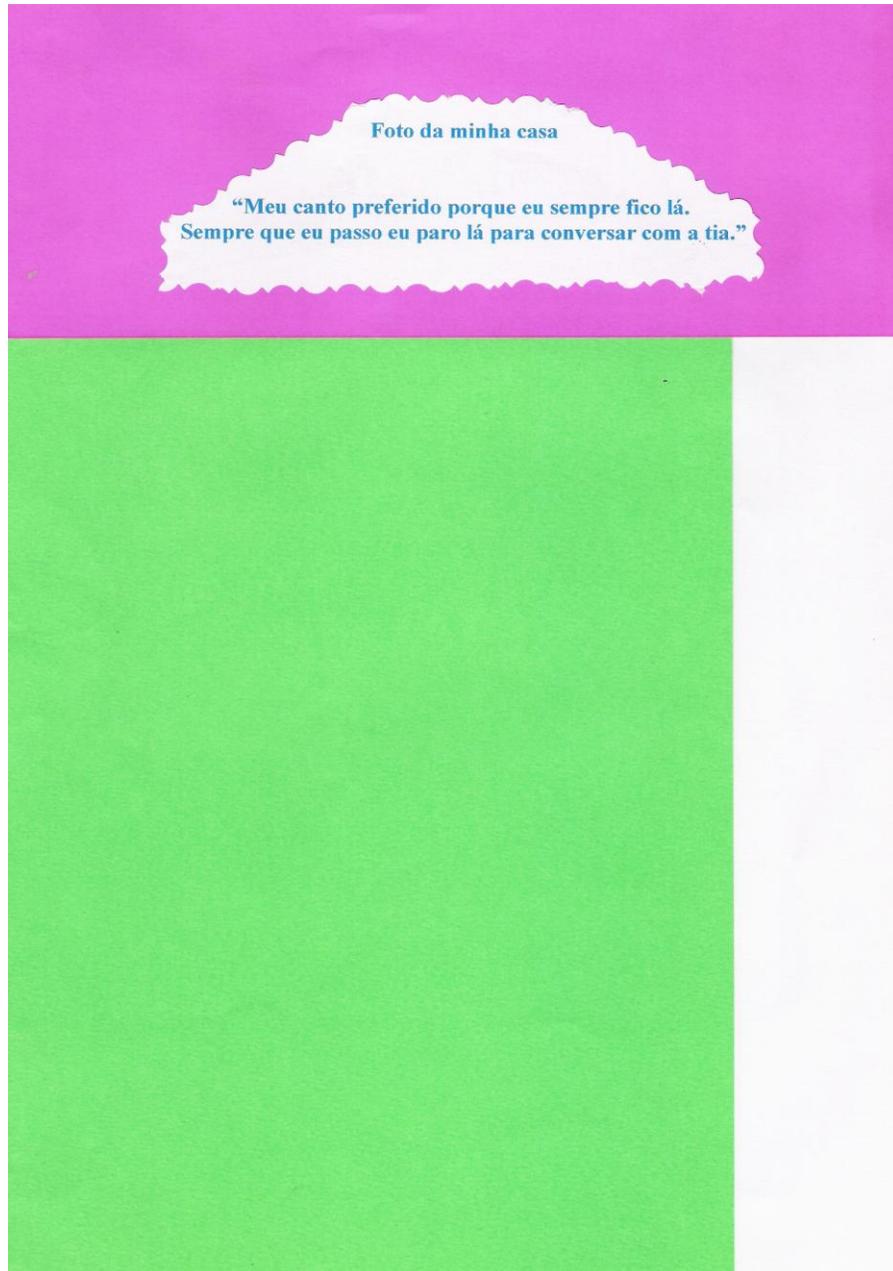
HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 23

Internato → palavra antiga, agora se fala
intituição

ofanato → intituição

- Esse poema me fez refletir muito
Sobre quando eu cheguei no ofanato

HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 24

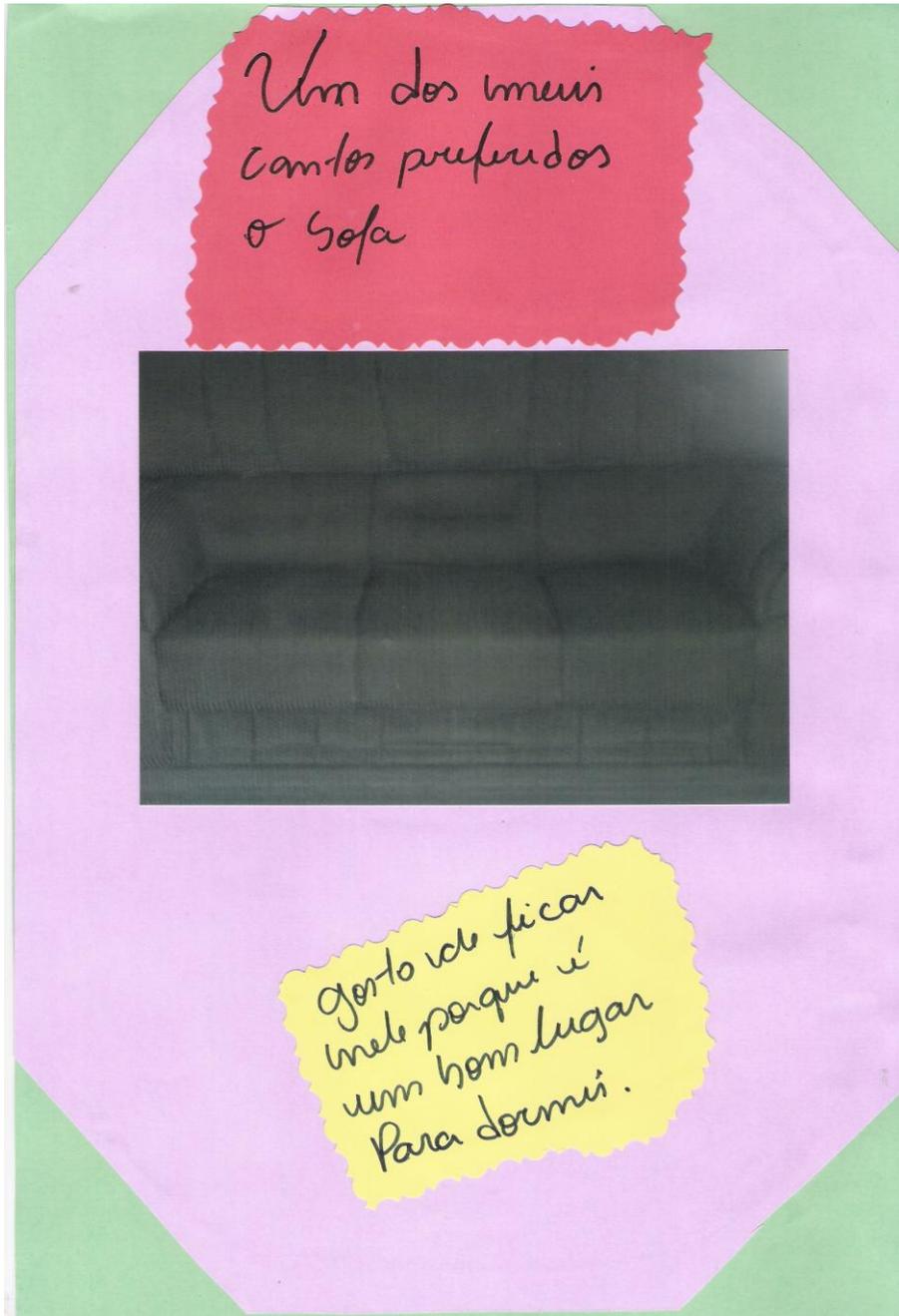




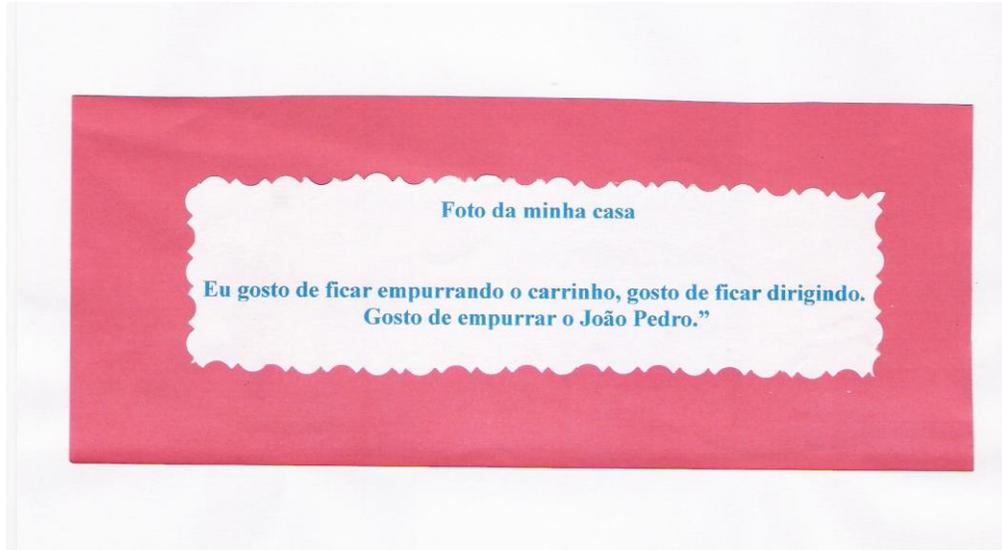
HUPOMNĚMATA SCOT – PÁG. 26



HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 27



HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 28



HUPOMNÊMATA SCOT – PÁG. 29





Esse lugar é só



Para tocar

Violão

HUPOMNĚMATA SCOT – PÁG. 32



8.1. Transcrição Scot

Atividade: “Quem sou eu?” (1º encontro)

Scot: Meu nome é Scot e gosto muito de desenhar

Atividade: “Árvore da família” (2º encontro)

Scot: Scot, Fernando, Sueli, Sinfuroso.

Atividade: “Meus desejos e sonhos” (3º encontro)

Scot: Eu quero sair daqui e construir a minha própria família.

Pesquisadora: Se você fosse um objeto qual seria?

Scot: Uma latinha de refrigerante para eu ficar tomando e ir passando de lata em lata como se fosse uma alma do refrigerante.

Atividade: “Meus amigos” (4º encontro)

Scot: Esta aqui é minha irmã, que sempre me ajuda nos momentos tristes. Amigo é aquele que te consola e te dá carinho.

Atividade: “Minha música favorita” (5º encontro)

Scot: Ao cubo - o homem chora.

Pesquisadora: O que esta música significa para você?

Scot: Essa musica é como um aviso para ninguém entrar no mundo do crime e fala de um traficante que depois de ter feito muita coisa errada se corrigi morrendo mais sem conseguir seu perdão.

Atividade: “Lembranças e expectativas” (6º encontro)

Scot: Fiz pão, fiz pizza, pão, esfiha e baguete e bolo de prestígio, fiz varias vezes. Minha vida é feita de pão. Segunda-feiras já vou fazer curso de pão de novo.

Pesquisadora: O que esta música significa para você?

Scot: Quero levantar uma padaria e levantar mais pães.

Atividade: “O meu dia a dia” (7º encontro)

Scot: Nas férias eu acordo, tomo café de manhã eu desço ára brincar e a tarde as vezes eu sai ou vou para a casa dos padrinhos. Nos dia de aula eu acordo tomo café e vou para o curso volto almoço vou para o curso volto janto assisto TV e depois durmo.

Pesquisadora: O que mais você gostaria de fazer no seu dia a dia?

Scot: Comer mais besteiras como salgadinho, pipoca, pizza. Scot

Atividade: “O que leio no jornal” (8º encontro)

Scot: Eu escolhi a 'morte na estrada', me chamou a atenção o capotamento.

Atividade: “Na escola...” (9º encontro)

Scot: Pão manteiga, picolé, sorvete, cachorro quente.

Atividade: “Poesia: menino que mora do outro lado da rua” (10º encontro)

Scot: Internato – palavra antiga, agora se fala instituição, Orfanato – instituição. Esse problema me faz refletir muito sobre quando eu cheguei no orfanato.

Atividade: “Fotos da minha casa” (12º encontro)

Scot: Poesia – Amor é uma flor que nasce entre espinhos. Amor é fogo que arde sem se ver. Meu canto preferido, portinha da cozinha. Meu canto preferido porque eu sempre fico lá. Sempre que eu passo eu paro lá para conversar com a tia. Um dos meus cantos preferidos o sofa, gosto porque nele porque é um bom lugar para dormir. Esse é o lugar que eu empurro os bebês lindos de mais. Eu gosto de ficar empurrando o carrinho, gosto de ficar dirigindo. Gosto de empurrar o João Pedro. Esse lugar é só para tocar violão.

Atividade: “Eu agora” (15º encontro)

Scot: Hoje eu posso dizer “sim eu venci na vida. Sou uma pessoa feliz Estudando fazendo curso e tudo o que gosto de fazer. Eu tenho orgulho de chegar a uma pessoa com necessidades e perguntar se ela precisa de ajuda, por que com certeza eu vou fazer o melhor.

8.2. Textualização Scot

Meu nome é Scot e gosto muito de desenhar.

Fazem parte da minha família Scot, Fernando, Sueli, Sinfuroso. Meu desejo é sair daqui e construir a minha própria família.

Se eu fosse um objeto, seria uma latinha de refrigerante para eu ficar tomando e ir passando de lata em lata como se fosse uma alma do refrigerante.

Minha irmã é minha amiga, que sempre me ajuda nos momentos tristes. Amigo é aquele que te consola e te dá carinho.

Minha música favorita é Ao cubo -o homem chora. Essa música é como um aviso para ninguém entrar no mundo do crime e fala de um traficante que depois de ter feito muita coisa errada se corrige morrendo, mas sem conseguir seu perdão.

Lembro de quando fiz pão, pizza, esfiha, baguete e bolo prestígio. Fiz várias vezes. Minha vida é feita de pão. Segunda-feira já vou fazer curso de pão de novo. Quero levantar uma padaria e levantar mais pães.

Nas férias eu acordo, tomo café de manhã, desço para brincar e à tarde, às vezes eu saio ou vou para a casa dos padrinhos. Nos dia de aula, eu acordo, tomo café e vou para o curso, volto almoço, vou para o curso, volto, janto, assisto TV e depois durmo.

Eu gostaria de comer mais besteiras no meu dia a dia, como salgadinho, pipoca, pizza.

No jornal eu escolhi a reportagem “Morte na estrada”, me chamou a atenção o capotamento.

Na escola tem pão, manteiga, picolé, sorvete, cachorro quente.

Na poesia “Menino que mora do outro lado da rua” o que me chamou a atenção foram as palavras Internato –palavra antiga, agora se fala instituição, Orfanato –instituição. Esse problema me fez refletir muito sobre quando eu cheguei no orfanato.

Essas fotos eu tirei da casa. Uma é de uma poesia: Amor é uma flor que nasce entre espinhos / Amor é fogo que arde sem se ver. O meu canto preferido é a portinha da cozinha, porque sempre fico lá. Sempre que eu passo eu paro lá para conversar com a tia. Um dos meus cantos preferidos é o sofá, gosto porque nele é um bom lugar para dormir. Esse é o lugar em que eu empurro os bebês, lindos demais. Eu gosto de ficar empurrando o carrinho, gosto de ficar dirigindo. Gosto de empurrar o João Pedro. Esse lugar é só para tocar violão.

Hoje eu posso dizer “sim eu venci na vida”. Sou uma pessoa feliz, estou estudando, fazendo curso e tudo mais o que gosto de fazer. Eu tenho orgulho de chegar a uma pessoa com necessidades e perguntar se ela precisa de ajuda, por que com certeza eu vou fazer o melhor.

9. *Hupomnêmata* de Thaís



HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 01

ESCOLA

THAÍS

Minha madrinha é legal
com amigos, gosto da minhas irmãs,
da minha escola e das tias, gosto de
que eu vou começar a trabalhar, eu
vou de pérua para a escola, gosto de
todos, gosto da minha professora, de toda
do pessoal do balé de mãe de ouvir
música, fazer volim.

HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 02



HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 03

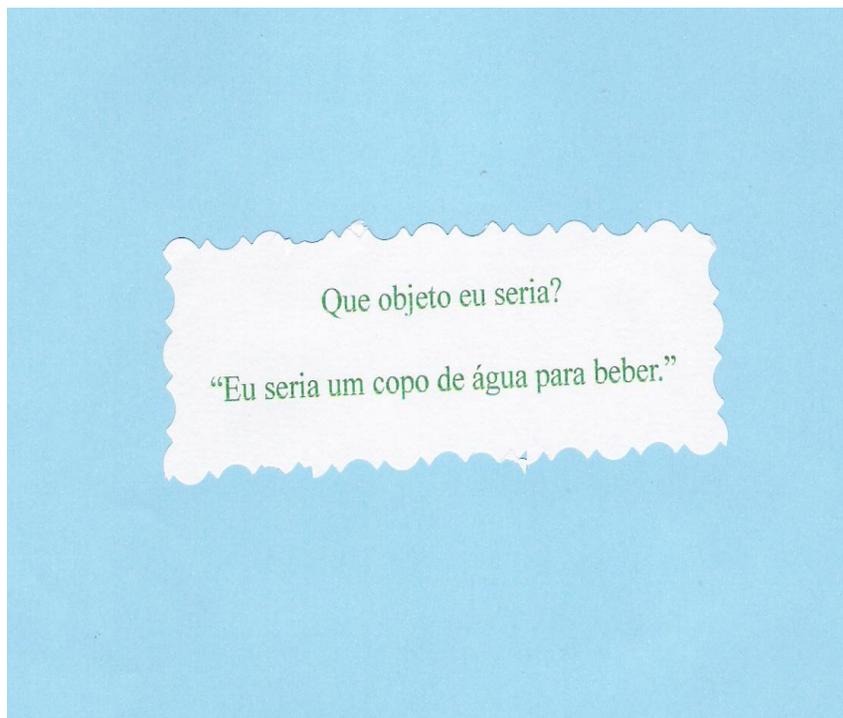


Meus sonho, meus desejos

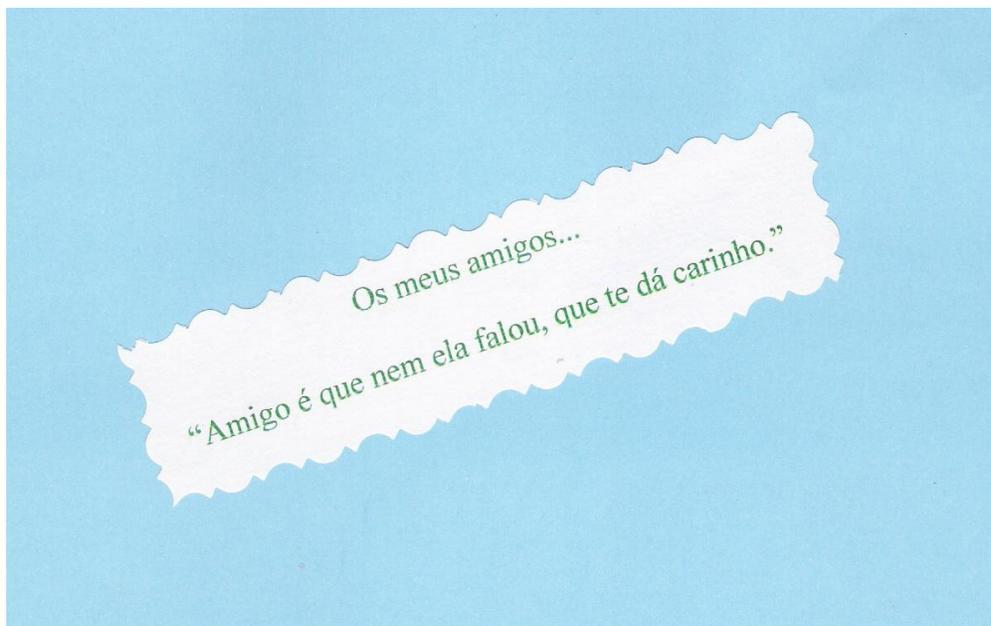
“Ter uma família e trabalhar como auxiliar de cozinha.”



HUPOMNÊMATA THAÍIS – PÁG. 04







Amigo é que nem ele falou te da carinho

**Fernanda
Fabíola
Thaís
Tainá
Ingrid
Jalfa
João
Sheila
Erik
Gustavo
Fernando
Audrey
Pamela
Andressa
Jaqueline
Amanda
Josimar
Ricardo
Aline
Karolyn
Jessica
Tia nenê
Nega
Tia Kessy
Tia Teresa
Jade
Josele
Gustavo**

HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 08

Beautiful

Akon

[Akon]
When I see you
I run out of words to say (oh oh)
I wouldn't leave you
'Cause you're that type of girl to make me stay
(oh oh)
I see the guys tryna' holla
Girl I don't wanna bother you
'Cause you're independent and you got my
attention
Can I be your baby father
Girl I just wanna show you
That I love what you are doin' hun
I see you in the club
You gettin' down good
I wanna get with you, yeah
I see you in the club
You showin' thugs love
I wanna get with you
You're so beautiful
So damn beautiful
Said you're so beautiful
So damn beautiful
[Akon & Colby O'Donis]
You're so beautiful
beautiful
beautiful
beautiful
You're so beautiful
beautiful
beautiful
beautiful
You're so beautiful
[Colby O'Donis]
Like the clouds you
Drift me away, far away (yeah)
And like the sun you
Brighten my day, you brighten my day (yeah)
I never wanna see you cry cry cry
And I never wanna tell a lie lie lie
Said I never wanna see you cry cry cry
And I never wanna tell a lie lie lie
[Akon]

I see you in the club
You gettin' down good
I wanna get with you, yeah
I see you in the club
You showin' thugs love
I wanna get with you
You're so beautiful
So damn beautiful
Said you're so beautiful
So damn beautiful
[Akon & Colby O'Donis]
You're so beautiful
Beautiful
Beautiful
Beautiful
You're so beautiful
Beautiful
Beautiful
Beautiful
[Kardinal Offishall]
Kardinal told you
Whether the sky blue or yellow
This fella ain't that mellow
If it ain't about you (you)
Hourglass shape make the place go (ooohhh)
Waistline makes my soldier salute
I'mma brute (brute)
High from your high heel game
High heels push up ya ass last name
And you livin' in the fast lane
Eyes like an angel (goddess)
Watch my yellin' as she undress
Spotless (otless) bad to the bone
Make me wanna go put me in the triple X zone
(zone)
Lames don't know how to talk to you
So let me walk with you, hold my hand
I'mma spend them grands, but after you undress
Not like a hooker, but more like a princess
Queen, empress, president
Pull any way ya got my love
'Cause your beautiful (okay??)
[Akon]

HUPOMNÊMATA THAÍΣ – PÁG. 09

I see you in the club
You gettin' down good
I wanna get with you (ohh yeah)
I see you in the club
You showin' thugs love
I wanna get with you
You're so beautiful
So damn beautiful
Said you're so beautiful (so beautiful)
So damn beautiful (so beautiful)

[Akon & Colby O'Donis]

You're so beautiful
beautiful
beautiful
beautiful
You're so beautiful
beautiful
beautiful
beautiful
You're so beautiful

[Akon]

Where'd you come from you're outta this world
To me (ohh ohh)
You're a symbol of what every beautiful woman
should be (oooh wee) (ohh ohh)

[Colby O'Donis]

I never wanna see you cry cry cry (don't cry)
And I never wanna tell a lie lie lie (oh yeah)
Said I never wanna see you cry cry cry (ohhhh)
And I never wanna tell a lie lie lie (lieee)

[Akon]

I see you in the club
You gettin' down good
I wanna get with you (ooh yeah)
I see you in the club
You showin' thugs love
I wanna get with you

You're so beautiful
So damn beautiful
Said you're so beautiful
So damn beautiful
You're so beautiful

HUPOMNÊMATA THAÍIS – PÁG. 10

[Bonita]

Akon
Quando eu vejo você,
eu fico sem palavras para dizer
Eu não deixaria você, porque você é aquela
garota que me faz ficar

Eu vejo os caras tentando dar em cima
Menina não quero incomodá-la,
Porque você é independente e
você chamou a minha atenção.
Será que eu posso ser o pai do bebê?
Menina, eu só quero te mostrar
Que eu amo o que você está fazendo

Vejo você na boate,
você está mandando muito bem
Eu quero ficar com você
Vejo você no clube,
Mostrando amor para os bandidos
Eu quero ficar com você

Você é tão bonita (oh yeah)
Tão bonita (oh yeah)
Disse que é tão bonita (tão bonita)
Tão bonita (tão bonita)

Você é tão bonita...
linda...
linda...
linda...
Você é tão bonita...
linda...
linda...
linda...
Você é tão bonita...

Colby O' Donis
Como as nuvens
Você me faz flutuar pra longe. muito longe (sim)
E como o sol você
Você ilumina meu dia, você ilumina meu dia
(sim)
Eu nunca quero te ver chorar, chorar, chorar
E eu nunca quero dizer uma mentira, mentira,
mentira
Disse que nunca quero te ver chorar, chorar,
chorar
E eu nunca quero dizer uma mentira, mentira,
mentira

Vejo você na boate,
você está mandando muito bem
Eu quero ficar com você
Vejo você no clube,
Mostrando amor para os bandidos
Eu quero ficar com você

Você é tão bonita (oh yeah)
Tão bonita (oh yeah)
Disse que é tão bonita (tão bonita)
Tão bonita (tão bonita)

Akon e Colby
Você é tão bonita...
linda...
linda...
linda...
Você é tão bonita...
linda...
linda...
linda...
Você é tão bonita...

Kardinal Offishall

Kardinal já disse
Esteja o céu azul ou amarelo
Esse cara que não é meloso
Se não é sobre você (você)
Corpo de violão faz o lugar todo ir (ooohh)
A linha da cintura faz minha saudação soldado
Eu sou bruto
Alto por causa do jogo do seu salto alto
Saltos altos erguem como seu sobrenome
E você está vivendo a mil
Olhos de anjo (deusa)
Observa os meus gritos enquanto se despe
Perfeita, sacana por inteira
Faça-me querer ir pôr-me na zona do triplo X
(zona)
Manés não sabem como falar com você
Então deixe-me andar com você, segura minha
mão
Eu vou gastar aos milhares, mas só depois que
você se despir
Não como uma prostituta, mais como uma
princesa
Rainha, imperatriz, presidente
De qualquer jeito você tem o meu amor
Porque você é maravilhosa, ok?

HUPOMNÊMATA THAÍIS – PÁG. 11

Akon

Veio você na boate.
você está mandando muito bem
Eu quero ficar com você
Vejo você no clube,
Mostrando amor para os bandidos
Eu quero ficar com você

Você é tão bonita (oh yeah)
Tão bonita (oh yeah)
Disse que é tão bonita (tão bonita)
Tão bonita (tão bonita)

Akon e Colby
Você é tão bonita...
linda...
linda...
linda...
Você é tão bonita...
linda...
linda...
linda...
Você é tão bonita...

De onde você veio?
Para mim você é de outro mundo
Você é o símbolo do que toda mulher deveria ser

Colby

Eu nunca quero te ver chorar, chorar, chorar
E eu nunca quero dizer uma mentira. mentira.
mentira
Disse que nunca quero te ver chorar, chorar,
chorar
E eu nunca quero dizer uma mentira. mentira.
mentira

Veio você na boate.
você está mandando muito bem
Eu quero ficar com você
Vejo você no clube,
Mostrando amor para os bandidos
Eu quero ficar com você

Você é tão bonita (oh yeah)
Tão bonita (oh yeah)
Disse que é tão bonita (tão bonita)
Tão bonita (tão bonita)

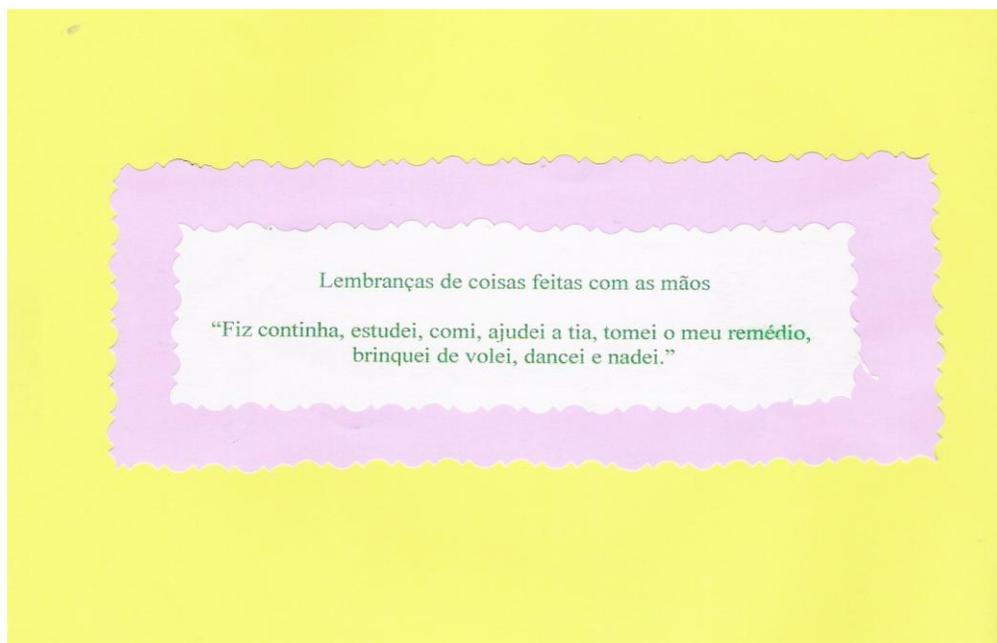


O que esta música significa para mim

HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 12



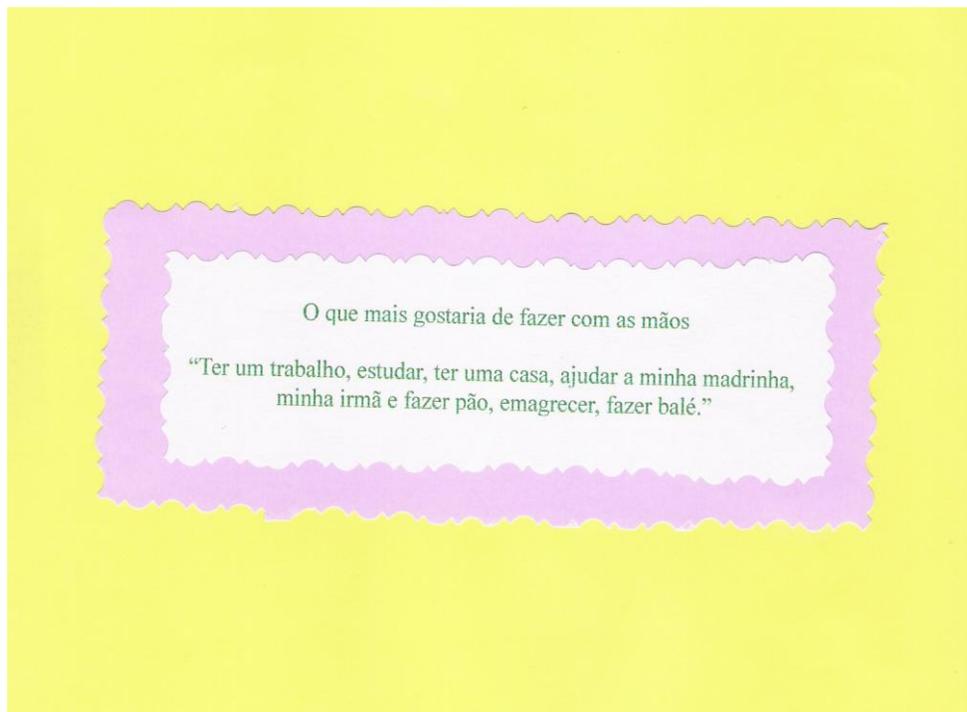
HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 13



HUPOMNÊMATA THAÍΣ – PÁG. 14



HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 15



HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 16



Acordo cedo e é maior ruim e vou para a minha escola aí eu tomo meu banho, arrumo eu, aí eu tomo meu lanche e escovo o meu dente, aí eu vou para a escola de perua da escola, aí eu chego lá faço a lição e aí a hora do meu recreio e daí 11h30 por aí já estou chegando.

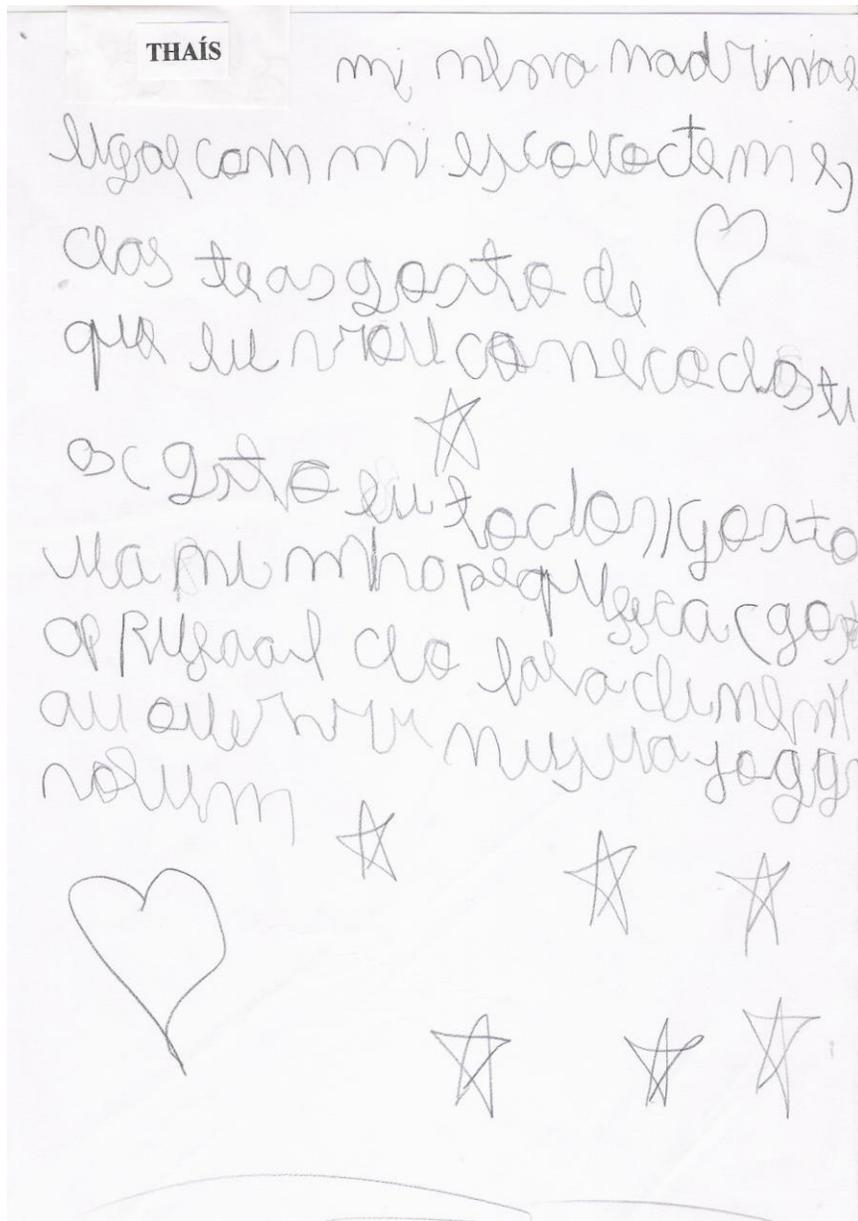
Aí eu espero o João chegar, ele leva o meu amigo e ele leva eu. Eu me troco, lavo a mão vou para o meu curso e lá no curso eu vou conhecer meus amigos que chegaram e aí quando eu chego eu tomo lanche lá e subo para a minha sala para falar com meus amigos. E eu janto lá, depois eu venho para cá e escovo o meu dente, depois tomo o meu remédio. Depois do almoço tenho que tomar o meu remédio aí a tia chega aí eu tomo o meu banho o tio faz a roda de conversa, a gente fala sobre o nosso dia aí depois eu tomo outro remédio aí tomo o meu lanche.

Tem alguns dias que eu ouço música, passo roupa. Tem alguns dias que eu passo a minha roupa, pinto a minha unha, peço para a Fabiana pintar a minha unha.

HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 18



HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 19



Teve meus amigos, falei com eles amanhã a minha amiga vai ficar no mesmo coral que eu.

Eu tive hoje sala de computador, eu vi quais são as regras, amanhã eu vou ter coral e eu vou ficar feliz porque a minha amiga vai fazer coral comigo na mesma sala, a Thaís.

Gosto de cantar a música do Roberto Carlos “...como é grande o meu amor por você...”. E também gostei porque a minha amiga Fernanda come no mesmo horário que eu e aí eu fico feliz, e eu gostei porque troquei eu de nível, fui para o nível quatro.

Eu tenho duas professoras e a minha professora já passou continha de menos e de mais e ela achou legal eu e meus amigos também.

Hoje fui na pediatra e na minha psicóloga, mas é perto da minha escola e da próxima vez que eu for falar com ela, ela irá levar o som para eu ouvir música com ela. A minha professora vai me dar uma caixa de lápis, um anel e um branquinho. Ela falou se eu gostava de anel e eu falei que sim e aí ela vai me dar.

E no ano que vem eu vou começar a trabalhar lá de “pão”. E daí eu vou poder falar com os meus amigos e falar com eles e brincar com eles.

Hoje eu fiz bastante lição.

HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 21

Lidia e Marcus Weher

Para você menino, que mora na frente do internato, tem casa, flores e jardim
Para mim, que vivo dentro da instituição, só tem um corredor sem fim

Você é acordado com um beijo suave no rosto
Eu acordo com o som estridente da campainha do posto

Para você tem leite, yogurte e margarina
Para mim tem *cháfé* e pão amanhecido na cantina

Depois do café você brinca com seu irmão
Eu peço o balde e a vassoura para limpar o chão

Você tem um quarto com *videogame* e computador em rede
Eu fico no quintal olhando as manchas na parede

Para você, sua mãe serve o almoço com bife, arroz e feijão
E eu, fico todos os dias na fila do *bandeirão*

No domingo sua mãe escolhe uma roupa especial
Aqui no internato nada é de ninguém, tudo é sempre igual

Você deita em seu quarto quando está cansado
Eu fico sentado na escada porque meu quarto tem cadeado

O teu pai, quando sai e quando volta, sempre te abraça
Eu sempre invento partidas e chegadas mas a tristeza não passa

Se você chora à noite sua mãe vem para te afaçar
Se eu tenho um pesadelo, só tenho o travesseiro para abraçar

Para você tem dia das mães e dos pais sempre com festa
Para mim é só uma grande ausência que resta

Sua família leva você à escola, ao judô e para passear
A minha família, há três anos não vem me visitar

Você tem uma bela rotina de uma família em ação
Eu não tenho ninguém, sou filho da solidão

O seu maior desejo é o novo brinquedo da televisão
O meu maior sonho é ter uma família do coração

Achei que ele tá falando no horário e que cada um tem que ter a sua família, que cada um tem que ter o seu quarto e também que ter uma família juntos, unidos.

Só lembrei de ter uma família.

**Eu tenho medo de alguma pessoa passar em cima de mim,
que nem carro, ônibus.**

Tenho medo de alguma pessoa me enforcar e me machucar...

Tenho medo de alguma pessoa aproveitar de mim.

Tenho medo de alguma pessoa me pegar e me machucar.

Tenho medo de pessoas estranhas.

**Tenho medo de barata, de cobras, de formigas, de
mosquito da dengue.**

E a minha comida hoje foi boa, comi bastante berinjela.

HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 24



**Porque eu gostei do meu urso e gostava da música dele
que ele cantava. Ele não canta mais porque quebrou.**



**Porque eu gosto da Branca de Neve
por causa do filme.**



**A cama porque eu gosto da cama porque
é minha, porque eu gosto do ursinho.**

HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 27



**Porque eu gosto do meu cachorro que
eu ganhei de presente de uma tia.**

HUPOMNĚMATA THAÍŠ – PÁG. 28



mista Tcheco exhibe a bandeira de seu novo clube

HUPOMNÊMATA THAÍS – PÁG. 29

Eu tô com a perna machucada, o pernilongo me picou e eu cocei e fica sangrando. Todas essas marcas é porque eu apanhei de cinta.

Meu aniversário é dia 04 de setembro, eu gostaria de ir em show do Akon.

Estas outras bolinhas eu queimei no ferro e essas outras eu queimei fritando ovo.

A minha professora perguntou o que eu queria fazer no carnaval e eu falei que vou dançar aqui mesmo.

9.1. Transcrição Thaís

Atividade: “Quem sou eu?” (1º encontro)

Thaís: Quem sou eu. Thaís minha madrinha é legal comigo, gosto das minhas irmãs, da minha escola e das tias, gosto de que eu vou começar a trabalhar, eu vou de pirua para a escola, gosto de todos, gosto da minha professora, de nada do pessoal do bola de neve de ouvir música, jogar vôlei.

Atividade: “Árvore da família” (2º encontro)

Thaís: Aline, Ana Clara, Thaísine, Ricardo, Jaqueline, Bianca.

Atividade: “Meus desejos e sonhos” (3º encontro)

Thaís: Thaís ganhar uma família trabalhar de cozinheira.

Pesquisadora: Se você fosse um objeto qual seria?

Thaís: Eu queria ser um copo de água para beber.

Atividade: “Meus amigos” (4º encontro)

Thaís: Amigo é que nem ele falou te da carinho. Fernanda, Fabíola, Thais, Tainá, Ingrid, Jalfa, João, Bianca, Erik, Gustavo, Fernando, Audrey, Pamela, Andressa, Jaqueline, Amanda, Josimar, Ricardo, Aline, Ana Clara, Jessica, Tia Nenê, nega, Tia kessy, Tia Teresa,

Jade, Josele, Gustavo.

Atividade: “Minha música favorita” (5º encontro)

Thaís: Beautiful- Akon.

Pesquisadora: O que esta música significa para você?

Thaís: Ótimo, bom, legal.

Atividade: “Lembranças e expectativas” (6º encontro)

Thaís: Fiz continha, estudei, comi, ajudei a tia, tomei o meu remédio, brinquei de vôlei, dancei e nadei.

Pesquisadora: O que esta música significa para você?

Thaís: Ter um trabalho, estudar, ter uma casa, ajudar a minha madrinha, minha irmã, fazer pão, emagrecer, fazer balé.

Atividade: “O meu dia a dia” (7º encontro)

Thaís: Acordo cedo e é maior ruim e vou para a minha escola aí eu tomo meu banho, arrumo eu, aí eu tomo meu lanche e escovo o meu dente, aí eu vou para a escola de perua da escola, aí eu chego lá faço a lição e aí a hora do meu recreio e daí 11h30 por aí já estou chegando. Aí eu espero o João chegar, ele leva o meu amigo e ele leva eu. Eu me troco, lavo a mão vou para o meu curso e lá no curso eu vou conhecer meus amigos que chegaram e aí quando eu chego eu tomo lanche lá e subo para a minha sala para falar com meus amigos. E eu janto lá, depois eu venho para cá e escovo o meu dente, depois tomo o meu remédio. Depois do almoço tenho que tomar o meu remédio aí a tia chega aí eu tomo o meu

banho o tio faz a roda de conversa, a gente fala sobre o nosso dia aí depois eu tomo outro remédio aí tomo o meu lanche. Tem alguns dias que eu ouço música, passo roupa. Tem alguns dias que eu passo a minha roupa, pinto a minha unha, peço para a Fabiana pintar a minha unha.

Atividade: “Na escola...” (9º encontro)

Thaís: Teve meus amigos, falei com eles amanhã a minha amiga vai ficar no mesmo coral que eu. Eu tive hoje sala de computador, eu vi quais são as regras, amanhã eu vou ter coral e eu vou ficar feliz porque a minha amiga vai fazer coral comigo na mesma sala, a Thaís. Gosto de cantar a música do Roberto Carlos “...como é grande o meu amor por você...”. E também gostei porque a minha amiga Fernanda come no mesmo horário que eu e aí eu fico feliz, e eu gostei porque troquei eu de nível, fui para o nível quatro. Eu tenho duas professoras e a minha professora já passou continha de menos e de mais e ela achou legal eu e meus amigos também. Hoje fui na pediatra e na minha psicóloga, mas é perto da minha escola e da próxima vez que eu for falar com ela, ela irá levar o som para eu ouvir música com ela. A minha professora vai me dar uma caixa de lápis, um anel e um branquinho. Ela falou se eu gostava de anel e eu falei que sim e aí ela vai me dar. E no ano que vem eu vou começar a trabalhar lá de “pão”. E daí eu vou poder falar com os meus amigos e falar com eles e brincar com eles. Hoje eu fiz bastante lição.

Atividade: “Poesia: menino que mora do outro lado da rua” (10º encontro)

Thaís: Achei que ele tá falando no horário e que cada um tem que ter a sua família, que cada um tem que ter o seu quarto e também que ter uma família juntos, unidos. Só lembrei

de ter uma família.

Atividade: “Os meus medos” (11º encontro)

Thaís: Eu tenho medo de alguma pessoa passar em cima de mim, que nem carro, ônibus. Tenho medo de alguma pessoa me enforcar e me machucar... Tenho medo de alguma pessoa aproveitar de mim. Tenho medo de alguma pessoa me pegar e me machucar. Tenho medo de pessoas estranhas. Tenho medo de barata, de cobras, de formigas, de mosquito da dengue. E a minha comida hoje foi boa, comi bastante berinjela.

Atividade: “Fotos da minha casa” (12º encontro)

Thaís: Porque eu gostei do meu urso e gostava da música dele que ele cantava. Ele não canta mais porque quebrou. Porque eu gosto da Branca de Neve por causa do filme. A cama porque eu gosto da cama porque é minha, porque eu gosto do ursinho. Porque eu gosto do meu cachorro que eu ganhei de presente de uma tia.

Atividade: “A minha bandeira pessoal” (14º encontro)

Thaís: Porque é segredo, meu amigo que pediu, o Fernando da escola, ele é corinthiano.

Atividade: “Eu agora” (15º encontro)

Thaís: Eu tô com a perna machucada, o pernilongo me picou e eu cocei e fica sangrando. Todas essas marcas é porque eu apanhei de cinta. Meu aniversário é dia 04 de setembro, eu gostaria de ir em show do Akon. Estas outras bolinhas eu queimei no ferro e essas outras eu queimei fritando ovo. A minha professora perguntou o que eu queria fazer no carnaval e eu

falei que vou dançar aqui mesmo.

9.2. Textualização Thaís

Eu me chamo Thaís. Minha madrinha é legal comigo, gosto das minhas irmãs, da minha escola e das tias. Gosto de que vou começar a trabalhar. Vou de peruca para a escola, gosto de todos, gosto da minha professora, do pessoal do Bola de Neve, de ouvir música, jogar vôlei.

A minha família é essa: Aline, Ana Clara, Thaísine, Ricardo, Jaqueline, Bianca.

Sonho ganhar uma família e trabalhar de cozinheira.

Se eu fosse um objeto, queria ser um copo de água para beber.

Amigo é quem te dá carinho. Meus amigos e amigas são: Fernanda, Fabíola, Thais, Tainá, Ingrid, Jalfa, João, Bianca, Erik, Gustavo, Fernando, Audrey, Pamela, Andressa, Jaqueline, Amanda, Josimar, Ricardo, Aline, Ana Clara, Jessica, Tia Nenê, Nega, Tia Kessy, Tia Teresa, Jade, Josele, Gustavo.

Minha música favorita é Beautiful, do Akon. Para mim ela significa ótimo, bom, legal.

Lembro de quando fiz continha, estudei, comi, ajudei a tia, tomei o meu remédio, brinquei de vôlei, dancei e nadei.

Espero ter um trabalho, estudar, ter uma casa, ajudar a minha madrinha, minha irmã, fazer pão, emagrecer, fazer balé.

No meu dia a dia, acordo cedo e é muito ruim. Tomo meu banho; me arrumo; tomo meu lanche e escovo o meu dente; vou para a escola com perua de lá; quando chego lá faço a lição; tem a hora do recreio; quando é 11h30 mais ou menos, já estou chegando. Espero o João chegar, ele leva o meu amigo e me leva. Eu me troco, lavo a mão vou para o meu curso e lá no curso eu vou conhecer meus amigos que chegaram e aí quando eu chego eu tomo lanche lá e subo para a minha sala para falar com meus amigos. E eu janto lá, depois eu venho para cá e escovo o meu dente, depois tomo o meu remédio. Depois do almoço tenho que tomar o meu remédio aí a tia chega aí eu tomo o meu banho o tio faz a roda de conversa, a gente fala sobre o nosso dia aí depois eu tomo outro remédio aí tomo o meu lanche. Tem alguns dias que eu ouço música, passo roupa. Tem alguns dias que eu passo a minha roupa, pinto a minha unha, peço para a Fabiana pintar a minha unha.

Na escola tenho meus amigos. Falei com eles, amanhã a minha amiga vai para o mesmo coral que eu. Hoje eu tive sala de computador, vi quais são as regras. Amanhã vou ter coral e vou ficar feliz porque a minha amiga, a Thaís, vai fazer coral comigo, na mesma sala. Gosto de cantar a música do Roberto Carlos: "...como é grande o meu amor por você...". E também gostei porque a minha amiga Fernanda come no mesmo horário que eu, fico feliz. Gostei porque troquei de nível, fui para o nível quatro. Tenho duas professoras, minha professora já ensinou continha de menos e de mais. Ela achou legal, eu e meus amigos também. A minha professora vai me dar uma caixa de lápis, um anel e um branquinho. Ela perguntou se eu gostava de anel e falei que sim, então ela vai me dar. E no ano que vem vou começar a trabalhar lá, fazendo "pão". Então vou poder falar com os meus amigos e brincar com eles. Hoje eu fiz bastante lição.

Hoje também fui na pediatra e na minha psicóloga, mas é perto da minha escola. Da

próxima vez que eu for falar com ela, irá levar o som para eu ouvir música com ela.

Sobre a poesia Menino que mora do outro lado da rua, achei que ele tá falando sobre o horário e que cada um tem que ter a sua família, que cada um tem que ter seu quarto, com uma família, juntos, unidos. Só lembrei de ter uma família.

Eu tenho medo de alguma pessoa passar em cima de mim, que nem carro ou ônibus. Tenho medo de alguma pessoa me enforcar e me machucar... Tenho medo de alguma pessoa se aproveitar de mim. Tenho medo que alguma pessoa me pegue e me machuque. Tenho medo de pessoas estranhas. Tenho medo de barata, de cobras, de formigas, de mosquito da dengue.

Tirei fotos da minha casa. Essa é porque eu gostei do meu urso e gostava da música dele que ele cantava. Ele não canta mais porque quebrou. Essa é porque eu gosto da Branca de Neve, por causa do filme. Essa é da cama porque eu gosto dela, porque é minha, porque eu gosto do ursinho. Essa é porque eu gosto do meu cachorro, que eu ganhei de presente de uma tia.

A minha bandeira pessoal é segredo, meu amigo que pediu, o Fernando da escola, ele é corinthiano.

Hoje eu estou com a perna machucada, o pernilongo me picou e eu cocei, fica sangrando. Todas essas marcas são porque eu apanhei de cinta. Estas outras bolinhas eu queimei no ferro e essas outras eu queimei fritando ovo.

Minha comida hoje foi boa, comi bastante berinjela.

Meu aniversário é no dia 04 de setembro, eu gostaria de ir em um show do Akon. A minha professora perguntou o que eu queria fazer no carnaval e eu falei que vou dançar aqui no abrigo mesmo.

CAPÍTULO IV

Histórias de vida como escrita de si

Meu nome é **FELIPE** de
tenho 15 anos, gosto de jogar
bola, andar de bicicleta e redivertir muito.
Sou feliz, estuto, tou na 8.^a mesa numa
instituição faz 13 anos, gosto da onde eu moro
e de mim mesmo.

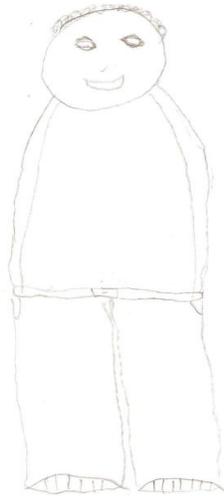


Fig. 16 – Texto e desenho de Felipe

No segundo capítulo, mencionei brevemente como a teoria de Michel Foucault sobre a escrita de si e a construção dos *hupomnêmata* é pertinente ao trabalho de registro de histórias de vida a partir da construção de um livro individual, constituído de lembranças, expectativas, medos, coisas ouvidas, lidas, pensadas e faladas.

Para Foucault (2006a), a escrita de si constitui uma prática de si ou um treinamento de si como a escrita dos movimentos interiores, como o registro dos pensamentos, desejos e ações de quem os descreve. É na forma de um cuidado de si que a escrita de si se revela como uma prática de subjetivação.

Foucault (1985) entende que o cuidado de si (*epiméleia heautoû*) é a ação de ocupar-se consigo mesmo. É a ética que envolve o si e também o outro:

(...) o cuidado de si implica também relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si (FOUCAULT, 2006c, p. 271).

É o princípio ético que leva as pessoas a cultivarem a si, trabalharem para melhorar a si mesmas; é o cuidado de si que estabelece as suas necessidades, preside seu desenvolvimento e organiza suas práticas.

O cuidado de si não é um cuidado individual ou egocêntrico. O “si” para Foucault

não significa “si” como indivíduo ou “si” identitário, mas o “si” como sujeito que se constitui em sua relação com os outros. Esse é o ponto que me permite embasar a ideia de construção dos livros em um processo coletivo. Os grupos com os adolescentes permitiram o diálogo, a escuta, a percepção do outro e, também, a sua exposição para o outro. Nessas relações, cada adolescente trouxe o que lhe pertencia e o que pertencia ao grupo na forma de escrita ou de desenho.

Para Antonio Carlos Favaretto (2004, p.25), o “si” mesmo é a “alma enquanto sujeito de ação instrumental, sujeito de comportamentos, e ainda, sujeito de relações consigo mesmo”.

Favaretto (2004) realizou um estudo detalhado sobre o cuidado de si em sua dissertação de mestrado *A noção da “conversão a si”*. Segundo suas afirmações, a partir do momento em que o sujeito acaba por voltar-se a si mesmo, deslocando o olhar, escapando de todos os modos de sujeição, ocorre a conversão a si. O sujeito convertido em si mesmo está protegido por sua ética, constituída por meio da liberdade.

O trabalho de si por si mesmo permite a criação de um espaço para as práticas de liberdade. Algumas perguntas puderam balizar minha avaliação sobre se este exercício de práticas de liberdade ocorreu no processo com o grupo de adolescentes. De que forma o espaço de escrita e construção dos livros viabilizou práticas de si? Pode-se dizer que o trabalho com estes adolescentes caracterizou uma tecnologia de si, criando possibilidades para a prática da liberdade? É possível conceber que este trabalho permitiu a escrita dos movimentos interiores dos jovens abrigados? Essas foram as problematizações que

permearam a prática e a discussão teórica desta dissertação e que acabaram por assumir lugar central na proposta deste trabalho.

Para a conversão a si o sujeito precisa de tempo no qual possa observar, analisar, escrever, ler e reler seus escritos com o objetivo de alcançar a tranquilidade da alma. É um movimento que busca, de acordo com Foucault, “cuidar da própria alma” (1985, p. 51). Foucault cita Plutarco em um trecho que diz: “Aqueles que querem salvar-se devem viver cuidando-se sem cessar” (Ibid). Essa é a busca incessante da tranquilidade da alma.

Michel Foucault em seu livro *O cuidado de si* (1985) dedicou um capítulo à Cultura de si e a descreve como uma ação que implica um labor, um trabalho em ter cuidados consigo mesmo.

A cultura de si revela o princípio segundo o qual é preciso “ter cuidados consigo” (Foucault 1985). É a partir do cuidado de si que, historicamente, Foucault voltou sua atenção para a forma segundo a qual o sujeito passou a ocupar-se consigo mesmo em seus comportamentos, em sua forma de viver e como isso perpassava o espaço individual e social “dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições...” (FOUCAULT, 1985, p. 50). O filósofo descreve o cuidado de si como uma ação contínua do sujeito dele para com ele mesmo e também para com os outros. Para cuidar do outro é necessário primeiro cuidar de si.

O cuidado de si é composto por exercícios, procedimentos, práticas a serviço da alma capazes de possibilitar “um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas” (FOUCAULT, 1985, p. 59).

Foucault pensou nas novas possibilidades de relacionamento do homem consigo mesmo e com o mundo, considerando a idéia de estética da existência, já suposta na Grécia antiga como “a procura de um estilo de comportamento e não de uma adequação às leis” (Foucault apud GUIMARÃES, 2009, p. 76).

Michel Onfray remete à idéia de subversão a regras propondo a busca de novas formas de existência a partir do conceito de escultura de si. O artista que esculpe a sua própria estátua “quer fazer de sua vida uma obra de arte” (1995, p. 68).

Neste processo de escultura de si, o artista precisa ser capaz de reconhecer a si mesmo e, também, como descreve o autor, de: “evocar a matéria em estado de parição” (Ibid., p.77), ou seja, trazer à tona o que está latente. Afirma Onfray: “Aquilo que se revela toma forma e consistência no momento em que surge” (Ibid.). Para tanto, é necessário que o artista possa se conhecer profundamente.

Foucault, por sua vez, considerando a construção das técnicas de si influenciadas pela cultura, relatou diferenças nas técnicas associadas ao cuidado de si em diferentes tempos históricos.

Na Antiguidade, o cuidado de si estava intrinsecamente relacionado ao conhecimento de si. Para isso, o sujeito deveria ocupar-se de si, por si mesmo: “deve-se ser, para si mesmo e ao longo de toda sua existência, seu próprio objeto (FOUCAULT, 1997, p. 123). Para os Gregos, as técnicas relativas ao cuidado de si não estão dissociadas do cuidado dos outros e buscam transformar a vida em uma obra de arte, criando uma estética da existência.

Por outro lado, no mundo contemporâneo, o cuidado de si se converte em um fim em si mesmo, pois ao distanciar-se do cuidado dos outros, torna-se, como diria Ortega (1999, p.131), “ensimesmado”. No entanto, Foucault afirma que “nada se pode fazer sem o outro” (2006e, p. 482), detalhando o cuidado de si como uma prática ao mesmo tempo pessoal e social (1985, p. 57).

Se nada se pode fazer sem o outro, a convivência é necessária. A troca de experiências, o cuidado consigo e com o próximo são imprescindíveis para a existência do “eu indivíduo”, que só se constitui através do contato com esse outro. Esta interdependência e interação caracteriza a alteridade que permite a experiência coletiva e a subjetivação dos processos vividos. Para Moura:

...a alteridade promove a constituição de subjetividades com base em um governo de si mesmo e em uma luta constante consigo mesmo. Os processos de subjetivação ou modos de existência são as várias maneiras de se inventar subjetividades, segundo regras facultativas em uma luta contra todas as formas de sujeição, contra a submissão da subjetividade (MOURA, [200-], p.6).

As regras impostas pelo abrigo e pelo jogo de regras na convivência com o grupo tornam-se formas de sujeição para os jovens que lá vivem. É possível, então, que o processo experienciado na construção de registro de histórias de vida permita o aparecimento dos sujeitos, uma vez que nele nem sempre estes adolescentes estão assujeitados às regras?

Foucault afirma que o sujeito se constitui a partir das práticas de liberdade e que, na Antiguidade:

...a busca de uma estética da existência era principalmente um esforço para afirmar sua liberdade e para dar à sua própria vida certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo. (FOUCAULT, 2006d, p.289-290)

Quando identificamos comportamentos doutrinados por um modelo disciplinar, como, por exemplo, os “Níveis de Comportamento” do abrigo, observamos como estes jovens se assujeitam a condições e a sanções para sobreviverem neste sistema. No entanto, ao mesmo tempo em que se assujeitam ao controle sobre seus corpos, pensamentos e desejos, são nas entrelinhas e nas linhas de fuga que se revelam as possibilidades que eles encontram de vivenciar formas de liberdade.

A partir do momento em que alguns adolescentes revelam que mesmo sendo proibido ouvir músicas no abrigo eles conseguem driblar as regras e ouví-las no rádio da cozinha ou no rádio do carro, estão expondo as maneiras que encontram para se relacionar com estas regras, se reconhecendo ou não na obrigação de colocá-las em prática. Para Francisco Ortega (1999, p.70), o modo de sujeição é justamente esta forma de relacionamento e reconhecimento. O autor descreve ainda que para Foucault é necessário libertar-se dessas sujeições como forma de tornar possível o trabalho de si. A conversão a si, *conversio ad se*, é uma maneira de voltar-se a si mesmo como um ponto de referência, seguro, livre de dependência e dos modos de sujeição em relação à sociedade em que se vive.

O cuidado de si é, então, uma prática social, não solitária, que envolve o “cuidado que se tem com o cuidado que os outros devem ter consigo mesmos” (FOUCAULT, 1985,

p. 58). Para Foucault, “alguém que conseguiu, finalmente, ter acesso a si próprio é, para si, um objeto de prazer. Não somente contenta-se com o que se é e aceita-se limitar-se a isso, como também 'apraz-se' consigo mesmo”. (1985, p. 70-71).

É por meio da razão que o homem se torna capaz de cuidar-se, de servir-se quando e como convém, das outras faculdades: “É na medida que é livre e racional – e livre de ser racional – que o homem é na natureza o ser que foi encarregado do cuidado de si próprio.” (FOUCAULT, 1985, p, 53).

O sujeito ocupa seu tempo com exercícios, com tarefas práticas e atividades que se voltam para os cuidados do corpo e da alma. Foucault (1985, p. 56) encontra nos escritos do imperador romano Marco Aurélio o significado para a “anacorese em si próprio”, que se define como um “longo trabalho de reativação dos princípios gerais e de argumentos racionais que persuadem a não deixar-se irritar com os outros nem com os acidentes, nem tampouco com as coisas.” (p.57, 1985).

Trata-se de um trabalho de disciplina interior realizado por meio de ações racionais e exercícios permanentes que devem ser realizados para o desenvolvimento da ética. Foucault (1995, p.272) afirma que “Nenhuma habilidade técnica ou profissional pode ser adquirida sem exercício, nem se pode aprender a arte de viver, a *technê tou biou*, sem uma ascese que deve ser tomada como um treinamento de si por si”.

A constituição do sujeito, para Foucault (2006a), pode ocorrer tanto por intermédio das práticas de sujeição, como de maneira mais autônoma, pela liberdade, condição ontológica da ética. Desta forma, esta prática de produção de subjetividade configura uma

estética da existência, uma ação política.

A escrita de si contempla uma parte de um conjunto, denominado por Foucault de “artes de si mesmo”, “estética da existência” e “domínio de si”. Onfray reconhece a escultura de si como a maneira de fazer de sua vida uma obra de arte. Foucault, por meio da escrita, e Onfray, por meio da escultura, buscam tecer suas ideias sobre formas de constituição do sujeito.

Para Foucault (2006d, p.291), a busca pela estética da existência consistiria em uma prática ética de produção de subjetividade que tanto pode se dar de forma assujeitada, como de maneira autônoma, através de liberdade, constituindo-se por isso num gesto que Revel (2005, p.44), inspirado em Foucault, considera “eminente político”.

A estética da existência possui um caráter ético político e, de acordo com Revel (2005, p.43), é para Foucault uma maneira de inventar a si, fazendo de sua vida uma obra de arte. Para o pensador francês, está relacionada à possibilidade de constituição de novos estilos de vida baseados em uma ética capaz de criar subjetividades mais libertárias e, a partir delas, novas formas de sociabilidade. Neste sentido, vale a pena citá-lo, mais uma vez, para esclarecer que as “artes da existência” são:

...práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 2006b, p. 198-199)

A construção dos livros buscou possibilitar momentos de uma escrita de si que permitisse a “prática da liberdade”, na forma de um exercício pessoal e grupal. Em alguns momentos, conteúdos espontâneos como pequenos poemas, pequenas histórias começaram a surgir nos encontros, fazendo emergir “práticas de si”.

A escrita de si é um registro dos movimentos interiores, daquilo que é dito e ouvido, do que é observado, lembrado, como forma de pensar e repensar a sua constituição como sujeito em relação a si e ao outro. A escrita permite tornar-se companheiro de si mesmo, afastando o sentimento de solidão. Solidão que corriqueiramente permeia a vida destes adolescentes. Para Foucault, a escrita é uma “prática da ascese como trabalho não somente dos atos, porém mais precisamente sobre o pensamento” (2006a, p. 145).

Segundo Foucault (1992), a escrita de si era, para os filósofos gregos, uma das atividades que contribuíam para o “auto-adestramento”, uma prática essencial no aprendizado da arte de viver, incitando os sujeitos a criarem novos modos de vida. O cuidado de si aparece na função “etopoiética” da escrita de si, ou seja, um exercício de si que transforma a si e ao mundo em que se vive. A escrita de si revela duas formas de expressão: a *Correspondência* e os *hupomnêmata*.

Esse treino de si mesmo, denominado pelos gregos de *askêsis*, aparece associado à meditação, à escrita, à releitura do que foi escrito e à meditação, formando um ciclo. De acordo com Foucault (2006a, p.147), a escrita constitui uma etapa essencial para o processo de elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação.

Em Plutarco, citado por Foucault (2006a, p. 147), a escrita etopoiética dos séculos I e II é operadora da transformação da verdade em *êthos*, a verdade que provoca o trabalho sobre si.

Em Sêneca, a carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que envia e sobre aquele que recebe (FOUCAULT, 2006a). Já os *hupomnêmata*, de acordo com Foucault, “podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda” (FOUCAULT, 1992, p. 134-135). Em outras palavras, eram registros diários reunidos em cadernos, constituídos de elementos heterogêneos, tais como apontamentos, lembranças e reflexões do próprio autor ou de outros, e funcionavam como um registro material da memória do que foi lido, ouvido ou pensado. Nas palavras do próprio autor:

Há que re-situar os *hupomnêmata* no contexto de uma tensão muito sensível naquela época: no interior de uma cultura muito fortemente marcada pela tradicionalidade, pelo valor reconhecido ao já dito, pela recorrência do discurso, pela prática “citacional” com a chancela da antigüidade e da autoridade, desenvolvia-se uma ética muito explicitamente orientada pelo cuidado de si para objetivos definidos como: retirar-se para o interior de si próprio, alcançar-se a si próprio, viver consigo próprio, bastar-se a si próprio, tirar proveito e desfrutar de si próprio. (FOUCAULT, 1992, p. 137-8)

Em determinadas circunstâncias eram elaborados com o objetivo de lutar contra uma falta, ou para superar momentos difíceis. Se utilizados algumas vezes para superar momentos difíceis, poderiam os abrigos serem lugares bastante acolhedores para estes *hupomnêmata*. As perdas e a falta de uma família oferecem um vasto arcabouço de

histórias doloridas, tanto para quem as vive, como para quem as ouve.

A técnica dos *hupomnêmata* como registro de histórias de vida de adolescentes em acolhimento institucional, pode ser também um exercício que revitalize as relações entre os jovens e os educadores que trabalham com eles. Além de revelar suas maiores angústias traz não somente momentos de alívio como, também, possibilidades de expressão e de questionamentos envolvendo todas as vozes que circulam por esse espaço.

Os *hupomnêmata* não são apenas diários, ou simples registros de memórias, são um tesouro acumulado inscrito na alma. Para Foucault (1992, p.135), constituíam “uma memória material de coisas lidas, ouvidas ou pensadas” que no exercício da escrita é registrado da maneira daquele que leu, que ouviu, permitindo a transformação do sujeito.

Foucault (2006a) descreve os *hupomnêmata* como um material composto a partir de uma série de exercícios frequentemente executados como leitura, releitura, meditação, conversa consigo e com os outros, e deixa claro que esses livros não poderiam ser considerados como simples suportes de memória, mas sim um material constituído por um sujeito em sua relação consigo e com o mundo. Trata-se, portanto, de conjunto de ideias e impressões que inscritos na alma, “(...) não estejam simplesmente colocados em uma espécie de armário de lembranças, mas profundamente implantados na alma, nela arquivados(...) que a alma os faça não somente seus, mas si mesmos.” (Foucault, 2006a, p. 148).

Os *hupomnêmata* constituem uma junção do que se pode ouvir ou ler, é a captação do já dito e pelo reconhecimento deste já dito.

O “reconhecimento deste já dito” é o ponto que aguça o meu interesse em relação a estes adolescentes, o que é ouvido, reconhecido e escrito por eles. Este é o motivo pelo qual não busquei a história oficial de cada um. A história oficial é aquela que está detalhadamente descrita nos prontuários do abrigo ou no processo judicial situado na Vara da Infância e da Juventude.

A história que me interessa aqui é a história contada pelos adolescentes. São as lembranças deles a partir do que é realmente significativo para eles, pois só desta forma poder-se-á registrar em suas almas esta história de vida. Os *hupomnêmata* destes adolescentes foram propostos com o objetivo de constituir um material construído por eles em um movimento que para Foucault é caracterizado por uma ética orientada para o cuidado de si com objetivos definidos como “recolher-se em si, atingir-se a si mesmo, viver consigo mesmo, bastar-se a si mesmo, aproveitar e gozar de si mesmo.” (1992, p.149).

A escrita de si permitiria ao sujeito ater-se àquilo que realmente interessa, sem dispersar-se em uma quantidade infinita de informações. Foucault descreve esta capacidade de concentração, como uma forma de opor-se ao “efeito da *Stultitia* possivelmente favorecida pela leitura interminável” (1992, p.150):

Stultitia se define pela agitação da mente, pela instabilidade de atenção, pela mudança de opiniões e vontades, e conseqüentemente pela fragilidade diante de todos os acontecimentos que se podem produzir. Caracteriza-se também pelo fato de dirigir a mente para o futuro, tornando-a ávida de novidades e impedindo-a de dar a si mesmo um ponto fixo na posse de uma verdade adquirida. (2006a, p. 150).

Para Jean Hebrad a escrita pessoal é uma forma de “por em ordem os atos dispersos da existência” (2000, p. 39), uma ação que se desenvolve para possibilitar o refúgio do eu. Já para Foucault, os *hupomnêmata* permitem que a mente retorne ao passado, que se mostra mais seguro, recusando o pensamento voltado para o futuro, afastando desta forma o pensamento da agitação e preocupação com esse futuro, desviando-o em direção a uma reflexão do já visto, do já ouvido, do já lido.

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso (FOUCAULT, 2006a, p. 151).

A escrita composta por fragmentos escolhidos forma um corpo, constituído e constituinte de si, que se apropriou de trechos lidos, frases ouvidas e compôs seu próprio formato a partir das escolhas feitas pelo sujeito. Aquilo que se revelou importante, ou o que se fez perceber de maneira mais interessante, passou a fazer parte deste constituído escrito e inscrito em si.

Foucault afirma que “... não se deve elaborar o que se guarda de um autor, de maneira que este possa ser reconhecido, não se trata de criar nas notas que se toma e na maneira com que se constitui por escrito o que se leu...” (2006a, p. 152). Desta forma, aquele que copia cria a sua própria identidade, coletando coisas novas e transformando-as em novos escritos: “É sua própria alma que é preciso criar no que se escreve; porém, assim como um homem traz em seu rosto a semelhança natural com seus ancestrais, também é

bom que se possa perceber no que ele escreve a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma” (FOUCAULT, 1992, p. 152).

Neste sentido, os *hupomnêmata* permitem a constituição de si a partir do discurso dos outros através das coisas lidas e ouvidas, fazendo com que o sujeito perceba a “si mesmo como objeto de ação racional pela apropriação, unificação e subjetivação de um já dito fragmentário e escolhido” (FOUCAULT, 2006a, p. 162).

Foi a história contada dos adolescentes que permitiu essa transformação em registro. Poderíamos, então, pensar que estes adolescentes transcriam suas histórias de vida nestes *hupomnêmata*? Que os *hupomnêmata* elaborados pelos jovens, ao serem transpostos para este trabalho, foram transcritos por mim?

Acredito que a transcrição dos adolescentes ocorreu quando, ao se lembrarem de cada história e fatos que lhes foram relatados sobre suas vidas, registraram no papel aquilo que entenderam e perceberam. Não se trata da história oficial, mas da transcrição dessa história oficial, ouvida através de diferentes falas e fontes, mas reunidas e transpostas em papel na forma de *hupomnêmata*. A transcrição também permeou o momento em que passei a registrar, em meu caderno de campo, as falas e histórias contadas pelos jovens. Ao transpor essas falas para o papel, não fui capaz de ser totalmente imparcial ao entender as palavras e escrevê-las conforme pronunciadas por eles.

Para a escrita da dissertação, corriji alguns erros de português, principalmente aqueles que comprometiam a compreensão do que estava sendo expressado. Coloquei as falas abaixo de cada imagem, acrescentei pequenos detalhes nos livros, como imagens de

revistas e jornais e, em alguns casos, escolhi as cores de folha de fundo para os desenhos. Tudo isso tornou-se para mim um processo de transcrição que foi se desenvolvendo no decorrer dos encontros, durante o processo de construção dos *hupomnêmata*.

Considerações finais

Para Meihy (1991), conforme descrito no segundo capítulo, o registro da História Oral passa por quatro etapas: a entrevista, a transcrição, a textualização, para, finalmente, chegar à transcrição. Esta última fase revela como o autor se apropriou do que foi ouvido e registrou a maneira como aquele já dito reverberou nele mesmo. O registro assume, então, uma nova forma, imbuída de impressões e contribuições do entrevistador, ou como diria Meihy, do autor.

Não realizei a transcrição poética ou literária encontrada na teoria de Meihy, mas dentro da minha condição de criadora destes encontros, criei outra forma de transcrição, uma vez que a textualização foi realizada após as “transcrições transcritas”, ocorrendo fora da ordem proposta por Meihy. As textualizações significaram, para mim, uma maneira de resumir cada *hupomnêmata*.

Escrever esta dissertação significou para mim viver um processo que viabilizou o registro do já vivido e já ouvido, mesclado com as impressões pessoais. É neste ponto que identifico este trabalho como uma tentativa de criar um espaço para o surgimento de uma “prática de si” por meio da construção dos *hupomnêmata*, construção essa entendida como

uma prática de liberdade que permite, em determinados momentos, a “escolha livre e razoável do sujeito” (Foucault, 1985, p. 69).

Tanto o resultado do trabalho como o processo de construção dos *hupomnêmata*, ao reunir um conjunto heterogêneo de coisas ouvidas e vividas, foi muito significativo para mim, provocando efeitos em meu processo de singularização. A cada encontro com esses jovens, uma diferença se inscrevia no meu corpo, no meu modo de pensar, de ler, de organizar o mundo em que vivo.

Cada momento de participação destes jovens foi primordial para a existência deste processo e por isso entendo que merecem um lugar de destaque no texto, reconhecendo que este trabalho fomenta, em algumas situações, com alguns dos adolescentes, uma prática de si.

Esse processo, que se constituiu a partir da relação com a minha história de vida, com a universidade, com o abrigo, mas, principalmente, com os adolescentes, vislumbrou a criação de um espaço de escrita de si para eles e também para mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Sonia. **Crepúsculo da alma: a psicologia no Brasil no século XIX**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos da Criança**. 20 de novembro de 1959.

ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança**. Resolução 44/25 de 20 de novembro de 1989.

BAPTISTA, M. V. **Abrigo: Comunidade de acolhida e socioeducação**. São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006. (Coletânea Abrigar; 1)

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL. **Código de Menores**. Decreto 7.943-A. Rio de Janeiro/RJ, 1927.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais de n 1, de 1992, a 32, de 2001, e pelas Emendas Constitucionais de Revisão de n 1 a 6, de 1994. Brasília/DF, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília/DF, 1990.

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária** – Brasília/DF, 2006.

BRASIL. **Orientações Técnicas: serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**. Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) & Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), Resolução Conjunta n 1 de 18 de junho de 2009 Brasília/DF, 2009a.

BRASIL. **Lei 12.010 de 03 de agosto de 2009**. Brasília/DF, 2009b.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**: para Ler História Oral. São Paulo: Loyola, 1999. 133 p.

FAVARETTO, Antonio Carlos. **A noção da “conversão a si”**: uma leitura da abordagem de Michel Foucault a respeito da relação subjetividade e verdade na filosofia antiga / Antonio Carlos Favaretto. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas: 2004.

FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada**: da Renascença ao século das luzes, vol. 3. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1997. p. 331-369

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: O cuidado de si. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 246 p.

_____. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992. p.129-160

_____. Sobre a genealogia da ética. Uma revisão do trabalho. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 319 p.

_____. Les techniques de soi. In: **Dits et écrits : 1954-1988** / Michel Foucault. Daniel Defert, François Ewald (orgs.). Jacques Lagrange (colaborador). Paris: Gallimard, 2001b. 2 v.

_____. A escrita de si. In: _____. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política**. Vol V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006^a. p. 144-162

_____. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: _____. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política**. Vol V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política**. Vol V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c. p. 264-287

_____. Uma estética da existência. In: _____. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade e política**. Vol V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006d. p. 288-293

_____. **A hermenêutica do sujeito**; edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução de Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006e. 680 p.

FREINET, Celéstin. **As técnicas de Freinet da escola moderna**. Lisboa: Estampa, 1973.

FONTES, Fátima. **A força do afeto na família**: uma possibilidade de interrupção da prática infracional de Adolescentes em Liberdade Assistida. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUC/SP, 2004.

GUIMARÃES, Áurea Maria. O imaginário da violência e as possibilidades de um “trabalho sobre si mesmo” como uma tarefa política na e pela escola. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de, SOUZA, Regina Maria de; MARIGUELA, Márcio (orgs.). **Que escola é essa?**: anacronismos, resistências e subjetividades. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2009. p. 75-87.

HEBRAD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escrita pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org). **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29-62

IPEA/DISOC (2003). **O direito à convivência familiar e comunitária**: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil / Enid Rocha Andrade da Silva (Coord). Brasília: IPEA/CONANDA, 2004. 416 p.: il.

KUHLMANN JÚNIOR, MOYSÉS & ROCHA, JOSÉ FERNANDO TELES DA. **Educação no Asilo dos Expostos da Santa Casa em São Paulo**: 1896-1950. Cadernos de Pesquisa, 2006, v. 36, n. 129, p.597-617, set/dez. 2006.

MARCÍLIO, Maria Luiza **História social da criança abandonada**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARICONDI, Maria Angela (Coord.). **Falando de abrigo**. São Paulo: FEBEM, 1997.

MASIERO, André Luís. **A psicologia racial no Brasil (1918-1929)**. Estudos de Psicologia, 2005, 10(2), 199-206. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte de Kaiowá**: História oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. Definindo história oral e memória. São Paulo: **Cadernos CERU** nº 05, série 2, p. 52-60, 1994.

_____. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996/2005.

MOTTA, Maria Antonieta Pisano & ALMEIDA, Tatiana Lima de. **As marcas do**

abandono e da institucionalização em crianças e adolescentes. In: Dialogando com abrigos. SHREINER, G. (org.) – São Paulo: CeCIF, 2004.

MOURA, Carmen Brunelli de. **A arte de governar:** a escrita de si constituindo subjetividades. Natal: Departamento de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, (200-). Disponível em: www.cchla.ufrn.br/.../artigos/.../Humanidades%202008%20texto.pdf. Acesso em 11/07/2010.

ONFRAY, Michel. **A escultura de si:** a moral estética. Trad. Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1999. p.184

PASSETI, Edson. **Crianças carentes e políticas públicas.** In: DEL PRIORE, (Org.) M. História das crianças no Brasil. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

PIETRO, Heloísa (org.). **O livro dos medos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PINTO, Ziraldo Alves. **O menino maluquinho.** 92 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: PERELMUTTER e ANTONACCI (orgs.). **Ética e História Oral - Projeto História**, nº 15, São Paulo: Educ, abril, p. 13-33, 1997.

TELLES, Norma. A escrita como prática de si. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). **Para uma vida não fascista.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 291-303

REVEL, Judith. **Michel Foucault:** Conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIZZINI, Irene & RIZZINI, Irma. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

SCHARF, Rafael F. Depoimento sobre Janusz Korczak. In: ALVES, Rubem. **Como amar uma criança.** Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/comoamarumacrianca.htm>. Acesso em 10/03/2010.

SHIMIZU, Dayse Maria Alonso. **O método natural de Freinet,** a pedagogia alternativa para alfabetização. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas: 1984.

SHUTZEMBERGER, Anne-Ancelin. **Meus antepassados:** vínculos transgeracionais, segredos de família, síndrome de aniversário e prática do genossoiograma. São Paulo:

Paulus Editora, 1997.

SPOSATI, Aldaíza. **Desafios para fazer avançar a política de Assistência Social no Brasil.** Serviço Social & Sociedade. Assistência e proteção social. Nº 68. Ano XXII. São Paulo: Cortez, p. 54-82. 2001.

WEBER, Lídia Natalia Dobrianskyj; WEBER, Marcus. O menino que mora do outro lado da rua ou o lamento de uma criança que mora do outro lado da rua. In: WEBER, Lídia Natalia Dobrianskyj. **Laços de ternura:** pesquisas e histórias de adoção. Curitiba: Editora Juruá, 1999.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ARTIÈRES, Phillipe. **Arquivar a própria vida.** Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em 11/07/2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. 176 p.

_____. A hermeneutica do sujeito. In: _____. **Resumos dos cursos do Collège de France** (1970-1982). Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p.119-134

_____. Cours du janvier 1982: Première heure. In: **L'hermeneutique du sujet** : cours au College de France, 1981-1982 / Michel Foucault; François Ewald, Alessandro Fontana, Frederic Gros (orgs) Paris : Gallimard : Seuil, 2001^a. 540 p.

ROSA, Susel Oliveira da. **A escrita de si na situação de isolamento:** as cartas de Manuel Raimundo Soares. Rev. História, imagem e narrativas. Nº 7, ano 3, set/out/2008. Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br>. Acesso em 11/07/2010.

REFERÊNCIAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Asilo dos Expostos Sampaio Viana

Foto tirada em 30 de abril de 2010, no Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo por Tatiana Lima de Almeida.

Figura 2 - Roda dos Expostos – São Paulo

Foto tirada em 30 de abril de 2010, no Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo por Tatiana Lima de Almeida.

Figura 3 – Roda dos Enjeitados - Salvador

Foto tirada em 25 de abril de 2010, no Convento Nossa Senhora do Desterro em Salvador por Suely Machado.

Figura 4 - Amas de Leite da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

Foto tirada em 30 de abril de 2010, no Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo por Tatiana Lima de Almeida.

Figura 5 - Ilustração de uma mãe colocando o filho na Roda

<http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:EuPizelntISszM:http://www.correiodopovo.com.br/jornal/A113/N256/Imagens/54FOTO2.JPG>

Figura 6 – Bilhete deixado pela mãe

Foto tirada em 30 de abril de 2010, no Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo por Tatiana Lima de Almeida.

Figura 7– Livro de “Matrícula dos Expostos”

Foto tirada em 30 de abril de 2010, no Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo por Tatiana Lima de Almeida.

Figura 8 – Folha de “Matrícula do Exposto”

Foto tirada em 30 de abril de 2010, no Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo por Tatiana Lima de Almeida.

Figura 9 – Livros de Matrícula dos Expostos na prateleira do Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo

Foto tirada em 30 de abril de 2010, no Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo por Tatiana Lima de Almeida.

Figura 10 – Janusz Korczak

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/72/Janusz_Korczak.PNG

Figura 11 – Monumento em homenagem à Janusz Korczak

http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:pMMqfo_ID5QPzM:http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Warszawa_pomnik_Janusz_Korczak_02.jpg

Figura 12 - Foto das mãos dos adolescentes durante atividade de registro de histórias de vida

Foto tirada por Tatiana Lima de Almeida em fevereiro de 2010

Figura 13 - Desenhos das mãos dos adolescentes 1

Foto tirada por Tatiana Lima de Almeida em fevereiro de 2010

Figura 14 – Desenho das mãos dos adolescentes 2

Foto tirada por Tatiana Lima de Almeida em fevereiro de 2010

Figura 15 – Mosaico de *hupomnêmata*

Imagem montada por Tatiana Lima de Almeida em fevereiro de 2011

Figura 16 – Texto e desenho de Felipe

Desenho realizado por Felipe durante o mês de janeiro de 2010

ANEXO I



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação
Pós Graduação – Faculdade de Educação - Unicamp
Rua Bertrand Russell, 801 – Barão Geraldo/Campinas-SP/CEP: 13081-970
Tel. (019) 3521-5634/ 3521-5696
e-mail: academfe@unicamp.br

À Diretora Sra. **Miriam da Silveira Martins Oliveira**

Lar Solid Brasil
Solid Rock Churc Brasil

CARTA DE INFORMAÇÃO

SUJEITO DE PESQUISA

O presente trabalho procedeu-se através de atividades grupais com crianças e adolescentes assistidos pelo Lar Solid Brasil, durante o primeiro semestre de 2010. As atividades consistiram em relatos de experiências pessoais e grupais dos acolhidos.

O objetivo do trabalho consistiu em permitir que as crianças e adolescentes registrassem aspectos de sua história de vida como forma de uma “escrita de si” e um “cuidado de si”. O produto final das atividades será entregue a cada sujeito autor. Para o trabalho de pesquisa serão utilizadas cópias coloridas das atividades.

Tendo em vista o rico material expressivo contido nas atividades confeccionadas, propõe-se a publicação de pesquisas científicas e artigos científicos vinculados à área da Infância e Juventude e ao seu Sistema de Garantia de Direitos, viabilizando assim, a divulgação da experiência e resultados obtidos, permitindo que outros profissionais tenham acesso à essas informações. As publicações e pesquisas científicas têm como prioridade à conduta ética prevista no Código de Ética do Psicólogo, no que se refere ao sigilo absoluto em relação á divulgação de nomes, datas de nascimento, ou outras informações que possam expor a criança ou o adolescente envolvidos no trabalho, tendo como alternativa a utilização de nomes fictícios.

São Paulo, 12 de fevereiro de 2010.

Tatiana Lima de Almeida
Mestranda em Educação
Faculdade de Educação – UNICAMP

ANEXO II



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação
Pós Graduação – Faculdade de Educação - Unicamp
Rua Bertrand Russell, 801 – Barão Geraldo/Campinas-SP/CEP: 13081-970
Tel. (019) 3521-5634/ 3521-5696
e-mail: academfe@unicamp.br

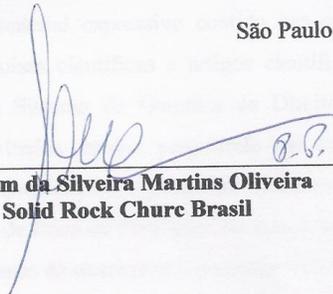
TERMO DE CONSENTIMENTO

LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, a senhora Miriam da Silveira Martins Oliveira, representante legal dos sujeitos de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO DE SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos procedimentos, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou o seu representante legal podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa e fica ciente que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

São Paulo, 12 de fevereiro de 2010.


Miriam da Silveira Martins Oliveira
Solid Rock Churc Brasil